



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**EDUC(AÇÃO): A EXPERIÊNCIA DO VERBO
(RELATÓRIO FINAL)**

CECÍLIA AUGUSTA VIEIRA PINTO

GABRIELLA LIGOCKI PEDRO

Florianópolis, 2012.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
MEN 7002 - ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA II
ORIENTADORA ISABEL DE OLIVEIRA E SILVA MONGUILHOTT**

**EDUC(AÇÃO): A EXPERIÊNCIA DO VERBO
(RELATÓRIO FINAL)**

Relatório de Estágio de Docência apresentado ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras.

CECÍLIA AUGUSTA VIEIRA PINTO

GABRIELLA LIGOCKI PEDRO

Florianópolis, 2012.

À Universidade Federal de Santa Catarina, pelo ensino gratuito e de qualidade.

À orientadora, pela dedicação, presença e auxílio.

Ao Colégio de Aplicação, por ter nos acolhido.

Dedicamos e agradecemos.

A teoria sem a prática é puro verbalismo inoperante, a prática sem a teoria é um atavismo cego.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	12
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	13
2.1.1 O Regimento Escolar.....	16
2.1.2 Caracterização das Turmas	20
2.1.3 Entrevistas - Perfil do Quadro Funcional.....	22
3. OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATOS.....	30
3.1 OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATO ESTAGIÁRIA CECÍLIA	31
3.1.1 Relato Cecília 13/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 1 Aula de Português – Aulas 1 e 2.....	31
3.1.2 Relato Cecília 15/03/2012 das 9h30 às 11h10 - Observação 2 Aula de Português – Aulas 3 e 4.....	32
3.1.3 Relato Cecília 20/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 3 Aula de Português – Aulas 5 e 6.....	34
3.1.4 Relato Cecília 22/03/2012 das 9h30 às 11h10 - Observação 4 Aula de Português – Aulas 7 e 8.....	35
3.1.5 Relato Cecília 27/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 5 Aula de Português – Aulas 8 e 9.....	36
3.1.6 Relato Cecília 29/03/2012 das 9h30 às 10h10 - Observação 6 Aula de Português – Aula 10	37
3.1.7 Relato Cecília 12/03/2012 das 8 às 11 horas - Observação 1 da Reunião de Disciplina	37
3.1.8 Relato Cecília 19/03/2012 das 8 às 11 horas - Observação 2 da Reunião de Disciplina	38
3.1.9 Relato Cecília 11/04/2012 das 9 horas às 9h45 e das 10h50 às 11h35 - Observação da Recuperação das sextas séries do Ensino Fundamental – Aulas 1 e 2.....	38
3.2 OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATO ESTAGIÁRIA GABRIELLA.....	41
3.2.1 Relato Gabriella 13/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 1 Aula de Português – Aulas 1 e 2.....	41
3. 2.2 Relato Gabriella 15/03/2012 das 9h30 às 11h10 - Observação 2 Aula de Português – Aulas 3 e 4.....	42
3. 2.3 Relato Gabriella 20/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 3 Aula de Português – Aulas 5 e 6.....	44
3. 2.4 Relato Gabriella 22/03/2012 das 9h30 às 11h10 - Observação 4 Aula de Português – Aulas 7 e 8.....	45

3. 2.5 Relato Gabriella 27/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 5 Aula de Português – Aulas 8 e 9.....	46
3. 2.6 Relato Gabriella 29/03/2012 das 9h30 às 10h10 - Observação 6 Aula de Português – Aula 10.....	48
3.2.7 Relato Gabriella 12/03/2012 das 8 às 11 horas - Observação 1 da Reunião de Disciplina	49
3.2.8 Relato Gabriella 19/03/2012 das 8 às 11 horas - Observação 2 da Reunião de Disciplina	49
3. 2.9 Relato Gabriella 11/04/2012 das 9 horas às 9h45 e das 10h50 às 11h35 - Observação da Recuperação das sextas séries do Ensino Fundamental – Aulas 1 e 2.....	49
3.3 REFLEXÃO CRÍTICA DAS AULAS OBSERVADAS - RELATO ESTAGIÁRIA CECÍLIA	52
3.4 REFLEXÃO CRÍTICA DAS AULAS OBSERVADAS - RELATO ESTAGIÁRIA GABRIELLA	56
4. PROJETOS E PLANOS DE AULA	63
4.1 PROJETO DE DOCÊNCIA – VIAJAR É PRECISO, RELATAR NÃO É PRECISO: EXPLORANDO OS RELATOS DE VIAGENS	64
4.1.1 Introdução.....	64
4.1.2 Referencial Teórico.....	67
4.1.3 Objetivos Gerais.....	74
4.1.4 Metodologia	75
4.1.5 Recursos	76
4.1.6 Avaliação.....	76
4.2 PLANOS DE AULA PROJETO DE DOCÊNCIA	78
4.2.1 Plano de Aula 1- Aulas 1 e 2.....	79
4.2.2 Plano de Aula 2: Aulas 3 e 4.....	81
4.2.3 Plano de Aula 3: Aulas 5 e 6.....	83
4.2.4 Plano de Aula 4: Aulas 7 e 8.....	85
4.2.5 Plano de Aula 5 – Aulas 9 e 10.....	87
4.2.6 Plano de Aula 6 – Aulas 11 e 12.....	89
4.2.7 Plano de Aula 7 – Aulas 13 e 14.....	91
4.2.8 Plano de Aula 7 (reserva) – Aulas 13 e 14.....	93
4.2.9 Plano de Aula 8 – Aulas 15 e 16.....	95
4.3.1 Plano de Trabalho Projeto Extraclasse (Recuperação de Estudos)	97

4.4 PLANOS DE AULA PROJETO EXTRACLASSE.....	100
4.4.1 Plano de Aula 1	101
4.4.2 Plano de Aula 2	103
4.4.3 Plano de Aula 3	105
5. RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS	107
5.1 RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO DE DOCÊNCIA	107
5.1.1 Relato Exercício da Docência – Projeto de Docência.....	107
5.1.2 Relato Processo de Aprendizagem dos Alunos - Projeto de Docência	114
5.2 RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO EXTRACLASSE.....	117
5.2.1 Relato Exercício da Docência – Projeto Extraclasse – Aulas Estagiária Cecília.....	117
5.2.2 Relato Exercício da Docência – Projeto Extraclasse – Aulas Estagiária Gabriella	118
5.2.3 Relato Processo de Aprendizagem dos Alunos - Projeto Extraclasse	121
6. ENSAIO CRÍTICO	122
6.1 ENSAIO CRÍTICO ESTAGIÁRIA CECÍLIA	122
6.2 ENSAIO CRÍTICO ESTAGIÁRIA GABRIELLA	126
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
8. REFERÊNCIAS.....	131

ANEXOS

9. ANEXOS	133
9.1 DOCUMENTAÇÃO DO ESTÁGIO	133
9.1.1 Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório – Estagiária Cecília.....	133
9.1.3 Registro de Observação de Aulas de Português – Ensino Médio - Estagiária Cecília.....	135
9.1.4 Registro de Observação de Aulas de Português – Ensino Médio - Estagiária Gabriella	136
9.2 ANEXOS DA SEÇÃO DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO.....	137
9.2.1 Fotos da observação	137
9.3 ANEXOS DA SEÇÃO OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATOS	140
9.3.1 Primeira versão da crônica de alunos da turma 1C.....	140
9.3.2 Texto <i>Uma visão da Vida</i> , de Ignácio de Loyola Brandão	144
9.3.3 Texto <i>“Vô” Volpe</i> , de Luís Fernando Veríssimo.....	145
9.3.4 Texto <i>Proust e Big Bertha</i> , de Luís Fernando Veríssimo.....	147
9.3.5 Capas de livros de crônicas lidos pelos alunos	149
9.3.6 Roteiro de leitura da crônica	150
9.3.7 Amostras de questionários preenchidos pela turma 1C.....	151
9.3.8 Texto usado na recuperação de estudos da sexta série (sétimo ano)	156
9.3.9 Textos feitos pelos alunos das sextas séries (sétimos anos).....	158
9.4 ANEXOS DA SEÇÃO PROJETOS E PLANOS DE AULA	162
9.4.1 Trecho do livro <i>A Fantástica Volta ao Mundo</i> , de Zeca Camargo.....	162
9.4.2 Orientação de pesquisa de blogs.....	173
9.4.3 Atividade sobre o texto - aulas 1 e 2.....	174
9.4.4 Trecho do livro <i>Paratii: entre dois polos</i> , de Amyr Klink.....	175
9.4.5 Atividade sobre a aula – aulas 3 e 4.....	186
9.4.6 Orientação de escrita em sala	187
9.4.7 Orientação de escrita em casa	188
9.4.8 Trecho do livro <i>Carta a El Rei D. Manuel</i> , de Pero Vaz de Caminha	189
9.4.9 Atividade sobre o texto – aulas 7 e 8.....	195
9.4.10 Orientação de escrita primeira versão.....	196

9.4.11 Orientação de escrita segunda versão	197
9.4.12 Simulação de Análise Linguística	198
9.4.13 Orientação de digitação do texto em casa.....	201
9.4.14 Texto <i>Chapeuzinho Vermelho</i> , de Jacob & Wilhelm Grimm	202
9.4.15 Atividade 1 – Recuperação de estudos	205
9.4.16 Texto <i>Chapeuzinho Vermelho de Raiva</i> , de Mário Prata.....	206
9.4.17 Atividade 2 – Recuperação de estudos	207
9.4.18 Texto <i>Fita Verde no Cabelo</i> , de Guimarães Rosa	208
9.4.19 Atividade 3 – Recuperação de estudos	209
9.5 ANEXOS DA SEÇÃO RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS	210
9.5.1 Pesquisa de blogs feita pelos alunos da turma 1C	210
9.5.2 Fotos aulas 2 e 3	214
9.5.3 Atividade das aulas 1 e 2 feita pelos alunos da turma 1C	215
9.5.4 Atividade das aulas 3 e 4 feita pelos alunos da turma 1C	220
9.5.5 Relato de viagem segundo um personagem feito pelos alunos da turma 1C.....	223
9.5.6 Orientações para a viagem.....	230
9.5.7 Roteiro de atividade sobre a viagem.....	231
9.5.8 Relato de viagem feito pelos alunos da turma 1C.....	232
9.5.9 Fotos alunos no passeio para as fortalezas	239
9.5.10 Fotos Bahia dos Golfinhos.....	240
9.5.11 Fotos Fortaleza de Santo Antônio de Ratoes	240
9.5.12 Foto das três turmas de primeiro ano do Esino Médio do Colégio de Aplicação.....	241
9.5.13 Fotos Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim.....	242
9.5.14 Texto de um aluno da turma 1C usado para análise linguística	243
9.5.15 Primeira versão dos textos dos alunos da turma 1C corrigida	244
9.5.16 Segunda versão dos textos dos alunos da turma 1C corrigida	251
9.5.17 Fotos aulas 15 e 16.....	258
9.5.18 Blog da turma.....	258
9.5.19 Auto-avaliação feita pelos alunos da turma 1C	260

9.5.20	Textos dos alunos publicados no Blog da turma	265
9.5.21	Atividade 1 feita pelos alunos da Estagiária Cecília – Turma da Recuperação de estudos	267
9.5.22	Atividade 2 feita pelos alunos da Estagiária Cecília – Turma da Recuperação de estudos	272
9.5.23	Atividade 3 feita pelos alunos da Estagiária Cecília – Turma da Recuperação de estudos	276
9.5.24	Atividade 1 feita pelos alunos da Estagiária Gabriella – Turma da Recuperação de estudos.....	282
9.5.25	Atividade 2 feita pelos alunos da Estagiária Gabriella – Turma da Recuperação de estudos.....	286
9.5.26	Atividade 3 feita pelos alunos da Estagiária Gabriella – Turma da Recuperação de estudos.....	290

1. INTRODUÇÃO

O Estágio, realizado em dupla por nós, estagiárias Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro, no Colégio de Aplicação da UFSC, aconteceu no âmbito da disciplina Estágio de Ensino em Língua Portuguesa e Literatura II (252 horas/aula), ministrada pela Professora Doutora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

A etapa de observação da escola, que se deu entre os dias 7 e 29 de março de 2012, foi um período de coleta de dados para entendimento de qual realidade estávamos nos inserindo e que tipo de trabalho construiríamos e exerceríamos durante o período de inserção na escola, imbuídas do nosso conhecimento de formação intelectual e de ideologias como futuras educadoras.

O projeto “Viajar é preciso, relatar não é preciso: explorando os relatos de viagens”, direcionado para o primeiro ano do ensino médio, foi executado em 16 horas/aula (entre os dias 24 de abril a 31 de maio) divididas em 8 planos de aula, em que cada estagiária ficou responsável por 8 horas/aula.

O projeto extraclasse “Recuperando leituras: o que os contos nos contam” foi executado para alunos da Recuperação de Estudos da sexta série do ensino fundamental (sétimo ano), em 12 horas/aula (entre os dias 2 e 16 de maio) divididas em três planos de aula, em que cada estagiária ficou responsável por 6 horas/aula.

A etapa da docência constituiu uma importante fase do conteúdo programático da disciplina, o qual consiste em formar o professor no espaço de trabalho, com a imersão na instituição de ensino para acompanhamento cotidiano do trabalho de docentes de língua portuguesa e de atividades na escola que envolvam o campo da linguagem e o próprio exercício da docência como forma de treinar os futuros professores.

O presente relatório está dividido em cinco seções nas quais apresentaremos a descrição do campo de estágio, os relatos das observações das aulas, os projetos de docência e extraclasse com seus respectivos planos de aula, os relatos dos exercícios de docência e processo de aprendizagem, além da nossa visão sobre toda experiência.

2. DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

O espaço escolar está aqui registrado conforme a organização entre as características estruturais e funcionais da escola, a ideologia política e pedagógica presentes no Regimento Escolar, a caracterização das turmas trabalhadas e trechos das entrevistas realizadas com os funcionários da escola.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

O Colégio de Aplicação foi criado em 1961, sob a denominação de Ginásio de Aplicação e com o objetivo de servir de campo de estágio destinado à prática docente dos alunos matriculados nos cursos de Didática (Geral e Específica) da Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF). Nesse período, o funcionamento das Faculdades de Filosofia Federais foi regulamentado pelo decreto-lei nº 9.053 de 12/03/46 que determinava que as mesmas tivessem um ginásio de aplicação destinado à prática docente dos alunos matriculados naqueles cursos.

O funcionamento do curso ginásial foi requerido em 31/07/59, pelo então diretor da FCF, Professor Henrique da Silva Fontes e em 15 de março de 1961 foi concedida a autorização para o funcionamento condicional por meio do Ato nº 5 da Inspeção Seccional de Florianópolis. No entanto, somente em 17 de julho, o ofício nº 673 do Diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura ratifica o Ato nº 5 da Inspeção Seccional de Florianópolis e autoriza o funcionamento condicional do Ginásio de Aplicação, pelo período de quatro anos e passa a se integrar ao Sistema Federal de Ensino.

Inicialmente, foi implantada apenas a 1ª série ginásial, e a cada ano subsequente, foi sendo acrescentada uma nova série até completar as quatro séries do ciclo ginásial. O número de turmas por série manteve-se constante até 1967, quando foram compostas três turmas da 1ª série ginásial. Em 1968, foram formadas duas turmas de 1ª e 2ª séries ginásiais, e por implementação progressiva, em 1970, havia duas turmas por série.

No ano de 1970 foi substituído o nome Ginásio de Aplicação para Colégio de Aplicação, e o colégio passou a ter a primeira série do segundo ciclo, com os cursos Clássico e Científico. As demais séries do Ensino Médio foram implementadas gradativamente nos anos seguintes.

Em 1980, foi acrescentado aos cursos já existentes o Ensino Fundamental com a implementação de oito turmas, duas (turno matutino e vespertino) para cada uma das quatro séries iniciais.

Os alunos que frequentavam, até então, o Colégio de Aplicação eram filhos de professores e servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina.

A partir da Resolução nº 013/CEPE/92, ficou estabelecido o número de três turmas por série, com 25 alunos cada uma. O ingresso de alunos no Colégio passa a ocorrer via sorteio aberto à comunidade.

Enquanto escola experimental, o Colégio tem proporcionado o desenvolvimento de experiências pedagógicas e estágios supervisionados para os cursos de Licenciatura e Educação, segundo as exigências da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB).

O Colégio de Aplicação segue a política educacional adotada pela Universidade Federal de Santa Catarina que visa atender à trilogia de Ensino, Pesquisa e Extensão.

No presente momento, o Colégio de Aplicação está em processo de implementação do seu Projeto Político-Pedagógico, que foi concebido a partir de uma proposta de gestão participativa.

A estrutura pedagógica e administrativa do Colégio de Aplicação é constituída de: Colegiado, Diretor Geral, Diretor de Ensino, Assessoria Pedagógica, Coordenadoria Administrativa, Supervisão Escolar, Orientação Educacional, Coordenadorias de Apoio Administrativo ao Ensino Fundamental e Médio, Coordenadoria de Estágio, Coordenadoria de Pesquisa e Extensão, Coordenadoria de Comunicação, Divulgação e Eventos, Biblioteca, Secretaria escolar, Corpo docente, Corpo Discente, Serviço técnico-administrativo.

A direção é eleita, por um período de quatro anos, pela comunidade do Colégio de Aplicação, formada pelos quatro segmentos: servidores docentes, servidores técnico-administrativos, alunos e pais. A gestão de 2008 a 2012 é ocupada pelo Diretor Geral Romeu Augusto de Albuquerque Bezerra e a Diretora de Ensino Professora Sylvia Terezinha Damiani.

O corpo docente do Ensino Fundamental e Médio do Colégio de Aplicação é constituído por docentes habilitados, aprovados em Concurso Público a ser realizado pelos órgãos responsáveis da Universidade Federal de Santa Catarina. Dentre algumas atribuições do docente pode-se citar: participar do Planejamento Geral do Colégio de Aplicação; cumprir e fazer cumprir o Regimento do Colégio de Aplicação, a legislação e decisões superiores na esfera de suas atribuições; elaborar e apresentar, no tempo previsto, planos de ensino e ementas em conformidade com a filosofia do Colégio; ministrar as aulas para as quais tenha sido contratado, executando o plano de ensino de acordo com as diretrizes metodológicas recomendadas.

A Biblioteca Setorial do Colégio de Aplicação é subordinada à Biblioteca Universitária e tem a finalidade de atuar como órgão auxiliar e complementar da Escola, facilitando aos usuários o acesso ao material bibliográfico e as informações para suas necessidades de pesquisa. O bibliotecário tem como atribuições: coordenar e administrar a biblioteca; atender e orientar o usuário; processar tecnicamente a preparação de documentos bibliográficos; auxiliar o usuário na pesquisa bibliográfica; emprestar o material bibliográfico; reservar as salas da biblioteca; coordenar, planejar e executar as atividades de leitura na biblioteca; atender o setor Áudio-visual; executar os serviços administrativos (expedientes, emissão de relatórios, etc); registrar e organizar os periódicos e folhetos, entre outras.

A alimentação no colégio acontece com recursos vindos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Inclusive os professores podem usufruir da alimentação que é oferecida. Segundo o diretor da escola, o próprio colégio investe para dobrar os valores vindos do FNDE.

Os funcionários da cozinha são terceirizados e toda semana é atualizado o cardápio da merenda que será servida no site¹ do Colégio. Ex:

Segunda-feira 12/03	Terça-feira 13/03	Quarta-feira 14/03	Quinta-feira 15/03	Sexta-feira 16/03
Pão doce com farofa Bebida láctea de pêssago	Vitamina de banana e Bolacha	Pão de milho com queijo Achocolatado Banana	Frutas: banana, laranja, maçã e melancia	Pão de trigo com manteiga Suco de uva Maçã

O colégio possui mais de dez projetos em andamento. Entre eles, o projeto Córdoba, que visa possibilitar o estreitamento de relações culturais através de intercâmbio entre professores e estudantes da Escuela Manuel Belgrano de UNC e do Colégio de Aplicação da UFSC.

O objetivo do projeto é conhecer elementos específicos de cada cultura em particular e, através do acesso a estes conhecimentos, possibilitar a professores e estudantes envolvidos, a discussão e reflexão a respeito de uma identidade latino-

¹ <http://www.ca.ufsc.br/merenda-escolar-2/>

americana e, especificamente, da Argentina e do Brasil; possibilitar a reflexão a respeito de elementos comuns, e, portanto integradores, não deixando de reconhecer e de identificar os aspectos plurinacionais e pluriculturais das referidas sociedades.

O Projeto de Educação Inclusiva tem como objetivo desenvolver uma política de Inclusão, buscando possibilidades de intervenções pedagógicas, capacitando o corpo docente e a equipe pedagógica do Colégio de Aplicação da UFSC para a inclusão de alunos com história de deficiência no ensino regular.

A Constituição Brasileira e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei n 9394/96, asseguram às pessoas com história de deficiência, igualdade de condições para seu acesso e permanência na escola através de atendimento especializado

A Iniciação Científica Júnior constitui um projeto de Ensino e Pesquisa que propõe o desenvolvimento de um programa de Iniciação Científica junto aos alunos das 8^{as} séries do Colégio de Aplicação – CED/UFSC, aplicando a metodologia da Pesquisa Orientada, decorrente das condições criadas pela investigação de temáticas e pelo confronto direto observados em pesquisa de campo, em cada uma das etapas do “Projeto Pés na Estrada do Conhecimento”. Dessa forma estimula o desenvolvimento do pensamento, da criatividade e da reflexão crítica do ambiente histórico-social. A formação inicial de um jovem pesquisador é uma entre as várias ações de fortalecimento de um ensino que se quer crítico, reflexivo e por fim, democrático.

O projeto Pés na Estrada do Conhecimento caracteriza-se como atividade de caráter permanente na estrutura pedagógica do Colégio de Aplicação – CED/UFSC. Constitui experimento no campo do Ensino, Pesquisa e Extensão e tem como objetivo estimular a prática da pesquisa orientada no Ensino Fundamental – mais especificamente junto aos estudantes das 8as séries. Desenvolve ações de estímulo à Iniciação Científica, através da prática sistemática de pesquisa de campo. Nesse sentido, propõe uma maior articulação entre os campos do saber escolar, na perspectiva do trabalho interdisciplinar e contribui para a formação do cidadão crítico, reflexivo e produtor de conhecimento.

2.1.1 O Regimento Escolar

A fim de compreender os princípios políticos pedagógicos que norteiam e estruturam o Colégio de Aplicação, é que se procurou extrair alguns pontos relevantes do Regimento Escolar da instituição, o qual se faz necessário para registrar o espaço escolar e refletir sobre a prática docente de língua portuguesa. O Regimento Escolar e a organização Didática do Colégio de Aplicação (CA) são frutos do Projeto Político Pedagógico, construído democraticamente com a participação ativa de docentes, alunos, servidores e famílias. Após dez anos de construção do documento oficial, hoje esse se encontra aprovado pelo Colegiado do Colégio de Aplicação. Como retrato de um momento escolar, esses documentos refletem o pensamento institucional e sua concepção de homem, sociedade e mundo.

O Colégio de Aplicação, inserido na Universidade Federal de Santa Catarina, se propõe a ser um Colégio Experimental onde se desenvolvem práticas e se produzem conhecimentos em função de uma melhor qualidade de ensino, exercendo assim, a função de campo de estágio supervisionado para acadêmicos dos cursos de Licenciatura e Educação.

A filosofia norteadora da ação pedagógica do Colégio de Aplicação tem sua origem e seu fim na prática social concreta. O contexto histórico-social no qual vivem docentes e educandos constitui o fundamento do trabalho do Colégio de Aplicação.

O Colégio de Aplicação tem como objetivo geral proporcionar a transmissão, produção e apropriação crítica do conhecimento com o fim de instrumentalizar a responsabilidade social e a afirmação histórica dos educandos. Os objetivos específicos visam: propiciar os conhecimentos necessários para instrumentalizar o educando na sua atuação, tornando-o crítico e produtivo no processo de transformação no mundo e na conseqüente construção de uma sociedade justa, humanitária e igualitária; possibilitar ao educando a vivência de práticas democráticas concretas para que este possa desenvolver-se como sujeito livre, consciente e responsável na construção coletiva de sua realidade histórica; proporcionar e desenvolver atividades de pesquisa e extensão que contribuam para a melhoria do ensino, como para a formação continuada dos docentes.

Os níveis de ensino ministrados pelo Colégio de Aplicação são no Ensino Fundamental, de 1ª a 8ª série e Séries Iniciais: Ciclo de Alfabetização, 2ª a 4ª série e Séries Finais: 5ª a 8ª série e Ensino Médio. Os níveis de ensino funcionam em séries anuais, nos períodos matutino e vespertino.

No que tange aos Planos de Ensino, esses são organizados anualmente pelos professores das atividades e/ou disciplinas constantes da grade curricular, de acordo com os seus objetivos, com os princípios norteadores do Projeto Político Pedagógico e com as fases do desenvolvimento do educando, devendo ser posteriormente analisados pela Supervisão Escolar. Os Planos de Ensino devem ser revistos e alterados para atualizações e/ou outras adequações necessárias e deve ser encaminhado pelo Coordenador da Disciplina à Supervisão Escolar. As alterações nos planos de ensino somente entrarão em vigor no ano letivo seguinte.

O acesso ao preenchimento das vagas no Colégio de Aplicação, no Ciclo de Alfabetização e nas demais séries, quando existem, se dão pelo sistema de sorteio público, de acordo com a resolução número 013/CPE, de 13 de março de 1992. As vagas que vierem a ocorrer durante o ano letivo serão preenchidas até o final do segundo trimestre letivo, não se admite ingresso do educando comprometido com a dependência no estabelecimento de origem e não há ingresso de educandos na terceira série do Ensino Médio.

A avaliação do rendimento escolar é um processo contínuo e cumulativo que envolve o educando, o docente e a escola a fim de verificar o desempenho escolar frente aos objetivos previstos. Sua verificação, para fins de promoção, compreende a avaliação do aproveitamento do educando, bem como a apuração da assiduidade. O sistema de avaliação do processo de ensino-aprendizagem é trimestral para o Ensino Fundamental e Médio.

O rendimento escolar é avaliado pelo aproveitamento do educando, através de técnicas e instrumentos de avaliação diversos, tais como: observação diária do docente; trabalhos de pesquisa individual ou coletiva; testes, provas orais ou escritas; resoluções de exercícios; planejamento, execução e apresentação de experiências ou projetos; relatórios; trabalhos práticos; outras técnicas e/ou instrumentos que o docente julgar conveniente.

O colégio proporciona Recuperação de Estudos durante o ano letivo com a finalidade de melhorar o desempenho escolar dos educandos. A Recuperação é entendida como processo didático-pedagógico que visa oferecer novas oportunidades ao educando para superar defasagens ao longo do processo de ensino-aprendizagem. No decorrer do trimestre, o professor deve diagnosticar as deficiências do educando e

convocá-lo para as atividades de Recuperação de Estudos sempre que sua nota for inferior a seis em qualquer avaliação.

A Recuperação de Estudos é oferecida de forma paralela, e em horário oposto ao período de estudo do educando e é realizada no decorrer do trimestre. Ao educando em Recuperação de Estudos que não atingir média trimestral igual ou superior a seis, será concedida a oportunidade de realizar Prova de Recuperação de Estudos abrangente sobre todo o conteúdo do trimestre, em data e horário fixados pela Direção da Escola, por série, por disciplina e, preferencialmente, de forma espaçada. A nota obtida pelo educando na Prova de Recuperação de Estudos substituirá a nota trimestral quando for maior.

O Colégio de Aplicação possui um guia de Princípios de Convivência na escola, que tratam dos direitos e deveres do educando, assim como as consequências do não cumprimento das normas previstas. Os princípios de convivência tratam de questões referentes à: tolerância mútua, cordialidade, respeito à autoridade, cumprimento dos direitos e deveres e produção escolar. Os princípios que norteiam os direitos e deveres na escola são: Democracia, Organização, Ética e valores, Respeito.

São alguns dos direitos dos educandos: participar ativamente do processo ensino-aprendizagem e recuperação de estudos; participar das atividades curriculares oferecidas pelo Colégio; organizar-se no Grêmio Escolar; participar do Colegiado e do Conselho de Classe; apresentar sugestões à Direção do Colégio; requerer documentos, cancelamento, trancamento ou transferência de matrícula nos termos desde Regimento; ser atendido pelo corpo administrativo e pedagógico do Colégio; ser tratado de forma respeitosa; tomar conhecimento do resultado das avaliações e frequência escolar através do boletim; representar por escrito e, em termos, contra atos que firam seus direitos; requerer revisão das avaliações; ter reconhecido seu direito de organização estudantil e coletiva, como cidadão.

São alguns dos deveres do educando: comparecer à escola, munido da Agenda Escolar, respeitando pontualmente os horários definidos para início e término de aulas, cumprindo a carga horária prevista na grade curricular; comparecer às aulas e às avaliações de Recuperação de Estudos quando for convocado pelo docente; conservar todo o material escolar recebido da escola; preservar o patrimônio físico (pátios, jardins, mobiliários e materiais didáticos da escola); tratar a todos de forma respeitosa; apresentar justificativa na Agenda Escolar e/ou atestados médicos, nos prazos

estipulados, nas situações previstas no Regimento Escolar; comparecer à escola portando exclusivamente seu material escolar; aguardar o docente em sala de aula nos momentos de troca de aula; solicitar autorização do docente, do inspetor ou do Coordenador de Apoio Administrativo de Ensino para retirar-se da sala de aula ou da escola; trazer autorização dos pais ou responsáveis, na Agenda Escolar, em caso de necessidade de afastamento da escola, e outros.

De acordo com as normas e a gravidade da infração cometida pelo educando, serão tomadas as seguintes medidas: advertência oral; advertência escrita; penalidades alternativas; suspensão parcial ou total das atividades didático-pedagógicas, podendo ser progressiva. No caso de suspensão total não será permitida a presença, no ambiente escolar, do educando no período de suspensão. O educando que tiver cometido excesso de infrações terá sua matrícula condicional e em casos extremos será indicada a transferência do mesmo.

As instâncias para aplicação das medidas previstas e as respectivas competências, de acordo com a gravidade, são as seguintes: Coordenadoria de Apoio Administrativo ao Ensino: advertência oral, escrita, penalidades alternativas e suspensão parcial; Direção: suspensão total e transferência. Quando julgar necessário, a Direção pode convocar o Conselho de Classe para manifestar-se a respeito do assunto.

2.1.2 Caracterização das Turmas

2.1.2.1 Caracterização da turma 1C

A turma 1C, do primeiro ano do Ensino Médio é composta por 24 alunos, entre os quais 12 são meninas e 12 são meninos.

Parte da turma está um pouco atrasada em relação à seriação, pois repetiram em algum ano no decorrer do período de estudos no colégio. A faixa etária compreende entre 14 e 16 anos de idade.

Em geral, os alunos demonstraram atenção e participação nas atividades propostas pela professora. Eles têm o comportamento próprio da idade como querer conversar, mandar mensagem pelo celular, ouvir música, mas não deixam de dar respostas ao trabalho que está sendo proposto em sala.

A conversa entre os alunos é constante e, muitas vezes, a professora tem que interromper a explicação para chamar atenção.

Através da observação, pode se perceber que os alunos não possuem sérios problemas de escrita. Seus textos têm sentido, começo, meio e fim e quase não há problemas ortográficos e estruturais. Percebemos sim, uma deficiência na escritura do gênero crônica em si. Isso ocorreu, talvez, pelo fato de termos analisado as primeiras atividades dos alunos escritas no gênero. O encaminhamento a ser dado pela professora regente, depois do nosso período de observação, seria justamente focar mais no gênero crônica.

2.1.2.2 Caracterização da turma de Recuperação

A Recuperação de Estudos é uma proposta que não tem a finalidade de recuperar nota, e sim o conteúdo que foi trabalhado.

O aluno é convocado para comparecer nas aulas de recuperação, não é obrigada a sua presença nas aulas. Como é uma nova proposta, em que o retorno não é quantitativo, há certa relutância de parte dos alunos e até mesmo dos pais. Sendo assim, a frequência nas recuperações em geral não é assídua.

Segundo a professora das três sextas séries, a dificuldade de escrita é grande, apresentando problemas de ortografia, coesão e coerência. A dificuldade é vista também em leitura e interpretação de textos. Os alunos ainda estão muito imaturos e não conseguem trabalhar sozinhos, sem o auxílio da professora.

As duas turmas de Recuperação das sextas séries iniciaram as atividades apenas em 11 de abril, depois da primeira avaliação do trimestre. A maioria dos alunos foi convocada por apresentar dificuldade em tal avaliação. Alguns deles foram convocados por conta do comportamento em sala.

Nas aulas de recuperação, os alunos se mostraram tranquilos, participando das atividades propostas. Na turma em que contém a 6ª série C, foram convocados 12 alunos e compareceram 7. Na turma em que contém as 6ªs séries A e B, foram convocados 18 alunos e compareceram 14. Os alunos possuem entre 11 e 13 anos.

Nas duas turmas, há a conversa entre os alunos, mas não ao ponto de interromper a aula.

2.1.3 Entrevistas - Perfil do Quadro Funcional²

2.1.3.1 Nara – professora da turma de primeiro ano do Ensino Médio observada

Meu nome é Nara Caetano Rodrigues, me formei em 1989, em uma faculdade que não existe mais. Ela chamava Faculdade de Filosofia e Ciências de Letras Imaculada Conceição, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Meu mestrado foi em Análise do Discurso, aqui na UFSC, de 1995 a 1997. Meu doutorado foi em Linguística Aplicada, também na UFSC, de 2005 a 2009.

Eu trabalho na área da educação há 20 anos. Somente no período de formação é que fiquei afastada. Logo que eu me formei, trabalhei em algumas escolas particulares de Florianópolis (Energia, Colégio Catarinense, Evolução). Trabalhei também com supletivo, com Ensino Fundamental e Médio.

Aqui no Colégio de Aplicação, minha carga horária é de 40 horas, dedicação exclusiva, que são divididas da seguinte maneira: 26 horas para Ensino - 12 horas em sala, mais o fator multiplicador de 12 horas e mais 2 horas para recuperação de estudos; 2 horas para a coordenação da disciplina; 2 horas para o colegiado; e o restante fica para os projetos de Pesquisa e Extensão. O máximo que podemos locar para Pesquisa e Extensão são 14 das 40 horas, mas se formos somar toda a nossa dedicação aos projetos, extrapola um pouco. Por isso, registramos 2 horas em um certo projeto, 3 horas em um outro, e assim vai.

Atualmente, eu coordeno um projeto que se chama “A pesquisa em Linguística Aplicada na Escola Básica”; participo de um outro núcleo de pesquisa e extensão da Língua Portuguesa, que é um projeto que tem no CED e discute questões de alfabetização e ensino de Língua Portuguesa; estou envolvida também em um projeto que se chama AME (Acervo da Memória Educacional), que é de professores de história e possui uma parceria do Colégio com o CED.

Além disso, temos um grupo de estudos na disciplina que se chama Gelca, que tem professores dos anos iniciais, do ensino fundamental e Médio e a nossa ideia é constituir três núcleos: um mais voltado para iniciação científica, um para práticas de

² As entrevistas foram gravadas e serão usados trechos pra a construção deste texto que contribui para a caracterização do espaço escolar.

leitura e um para práticas de linguagem oral e escrita. Eu coordeno este terceiro núcleo. Nós ainda estamos nos organizando.

Na minha vida profissional, eu vou apagando incêndios. Vejo o que é mais urgente fazer primeiro. Sempre, a prioridade é a sala de aula. Depois vêm as reuniões com hora marcada (as de colegiado, de disciplina, de série). A parte da Pesquisa e Extensão é mais flexível. Acabo fazendo à noite e em fim de semana.

O tempo que eu tenho para corrigir as atividades e planejar as aulas está inserido no fator multiplicador, que eu tenho a liberdade de trabalhar em casa.

Para trabalhar no colégio, o professor não necessita ter mestrado e/ou doutorado. Os concursos aceitam inscrição de graduados. Mas é mais difícil de concorrer com os doutores, por exemplo, porque tem uma prova de títulos. O doutor, neste caso, já sai com uma pontuação maior do que o graduado.

Sobre o salário, na rede federal, o professor que entra com mestrado recebe próximo de 4 mil reais. Com doutorado, deve estar em torno de 7 mil reais. O graduado deve receber em torno de 2 ou 3 mil reais.

Temos uma questão mais interna do colégio que chama política de formação. Na disciplina de português, os professores mais antigos têm a preferência de sair em licença formação primeiro. Geralmente, conseguimos ter uma pessoa afastada em formação. Somos um grupo de 8 pessoas. Agora, temos uma professora que está fazendo mestrado e retorna no meio do ano. Quando ela voltar, o professor dos terceiros anos sairá para o pós-doc. Tudo isso é um acordo na disciplina para viabilizar as saídas. No período em que o professor está afastado, ele continua recebendo seu salário.

Eu entrei aqui no Colégio em 1992, como substituta. Depois disso, teve um concurso em 1995 e outro em 1998. Apenas em 2010, quando já estávamos com quase 50% do quadro de substitutos, foi ter outro concurso. Foram contratados neste ano, 35 professores. Com frequência, sai concurso para substituto, que é contratado durante 2 anos e, depois disso, não pode voltar a ser professor substituto na rede federal durante outros dois anos.

No ano passado, eu trabalhei com as oitavas séries. Para essa série, tem o projeto, que já é curricular, “Pés na estrada”. Tem duas horas, na grade, que o projeto ocupa. É um projeto que envolve saídas e muitas atividades extra. Neste ano, meu envolvimento está sendo com o PIBIC do CNPq, que começou ano passado, mas conseguimos nos organizar melhor somente neste ano. Eu estou orientando duas alunas.

Além disso, a própria escola decidiu ampliar essas bolsas e criou o “Programa de Iniciação à Pesquisa”. Neste, estou orientando mais duas alunas.

Quando eu entrei como efetiva em 1998, eu propus um projeto que se chamava “Redação Nota Dez”. A ideia era avaliar os critérios de avaliação do vestibular. Desenvolvi este projeto por dois anos.

Em 2002, montei um projeto que chamava “O trabalho com produção textual na escola: o previsto e o construído”, cuja intenção era analisar a proposta dos documentos oficiais e aquilo que conseguíamos fazer na escola. A minha inquietação era: temos um conjunto de condições aqui no Colégio de Aplicação. E, por que, é tão difícil mudar? Nós temos formação, sabemos o que está publicado nos documentos oficiais, sabemos as novas propostas de ensino. Mas, por que, é tão difícil mudar? Nós discutíamos neste projeto especificidades da disciplina. Foi a partir disso que eu elaborei o meu projeto de doutorado. E parte da tese está sendo publicada em um livro. Com a pesquisa, deu para entender um pouco a complexidade que é mudar uma forma de trabalho que está consolidada a mais de duzentos anos. Existe uma construção cultural em torno do que seja o ensino da língua portuguesa, não é apenas o professor pegar o material e decidir que agora irá trabalhar de acordo com esta nova perspectiva. Na escola, tem uma série de forças que contribuem ou barram essa mudança. Com a pesquisa, eu consegui explicitar um pouco do que é esta complexidade.

Quando eu voltei do doutorado, propus o projeto “A pesquisa em Linguística Aplicada na Escola Básica”, cuja ideia é ver o tipo de pesquisa que está sendo feita na escola. Por muito tempo, os pesquisadores entraram na escola para apontar o que estava errado. Isso fez com que os professores ficassem mais resistentes à entrada de pesquisadores na sala de aula. A intenção, então, é ver sobre o que são as pesquisas, o tipo delas (qualitativas ou quantitativas) e, em que medida o professor que está na escola é visto como participante, e não só como objeto que está sendo observado sem ser ouvido efetivamente pelo pesquisador.

Eu já tive fases em que abominava o livro didático. Hoje, estou num momento de ressignificar este material. Até por conta de que existe todo um programa nacional, os livros já não são produzidos aleatoriamente, existe um direcionamento para que eles estejam mais sintonizados com os documentos oficiais e com as novas teorias sobre o ensino de língua. Depois do livro pronto, ele ainda é avaliado. O material que chega na escola hoje não é mais um material tão desavisado, fora do contexto previsto para o

trabalho. A minha postura, então, é usar em algumas situações e não ficar somente nele. O livro, muitas vezes, é o ponto de partida porque tem um texto, ou exercício que está muito legal. Do livro, eu acrescento e vou para a minha elaboração de aula. Ou, então, eu monto um trabalho com outros materiais e depois eu chego no livro para ver como está sistematizado ali.

Eu gosto muito de trabalhar com jornal e revista, porque é a linguagem que está circulando e está muito viva. E, além disso, trabalho muito com os livros de literatura. A biblioteca da escola tem assinatura do Jornal Catarinense. Mas eu só posso levar os alunos para lerem lá no espaço, não posso levar o jornal para a sala de aula. Utilizo bastante a Folha de São Paulo e a Istoé que tenho assinatura em casa. Vez ou outra, acabo comprando a Superinteressante e A Carta.

Um grande diferencial no trabalho, que podemos fazer aqui na escola, é a liberdade que o professor tem de fazer a sua elaboração didática. É claro que temos um programa a ser seguido. Mas este programa é desenvolvido nas reuniões de disciplina e o professor é ouvido. Dar aula desta forma dá muito trabalho. Quando eu pego um texto de um jornal e monto perguntas para este texto, eu não tenho as respostas certas. Eu monto tentando focar em determinados aspectos. Mas, muitas vezes, a compreensão que o aluno tem da pergunta que eu fiz, não é aquela que eu imaginava.

As reuniões de disciplina são ótimas. Os professores trocam muitas ideias e trazem suas dúvidas para discussão. Nós discutimos questões administrativas, mas discutimos muitas questões pedagógicas também. Neste momento, estamos em uma fase de atualização dos planos de ensino. Mas, nas reuniões seguintes, vez ou outra, a pauta é leitura, escrita, avaliação. E cada um vai falando como está trabalhando, as dificuldades que está tendo e etc.

Até o ano passado, tínhamos cota para xerox, eram 400 cópias por professor. Essa cota saía de um valor cobrado dos pais. No início de cada ano, a APP cobrava uma taxa no ato da matrícula. Agora, a APP foi proibida de cobrar essa taxa. Por isso, deu problema na licitação da empresa que fazia as cópias e agora temos apenas uma impressora aqui no andar dos professores. Não temos mais cota, podemos tirar à vontade. Mas, por ser uma impressora para tanta gente, nunca tem papel e nem tinta. É uma questão bem complicada que ainda está sendo vista junto à Reitoria.

Eu tento sempre não trazer aos meus alunos um posicionamento político muito fechado. Por exemplo, no projeto “Pés na estrada”, trabalhávamos muito com a questão

da terra. Nós líamos jornais e revistas que apresentavam uma versão. Depois, nós íamos com os alunos aos assentamentos de terra e eles conheciam outra versão. Neste caso, eu não defendia, não militava o movimento sem terra. Mas, ao problematizar a situação, os alunos acabavam percebendo a minha posição. Penso que o professor não pode doutrinar uma posição política. Mas, ao mesmo tempo, ele não pode se isentar. O professor é também um sujeito situado no mundo, ele tem que se posicionar. Mas este posicionamento deve ser ético.

Durante a minha tese, eu trabalhei muito com Bakhtin e me encantei bastante com a concepção de linguagem como forma de interação. Quanto mais eu fui lendo e me apropriando desta teoria, mais fui vendo o quanto ela faz sentido. Eu procuro sempre trabalhar com a perspectiva de que o aluno é um outro que deve ser considerado o tempo todo. A aula tem que ser um espaço de interação em que tanto o professor quanto o aluno tenham voz. Quando o aluno faz uma leitura de literatura é muito importante entender a partir de que lugar ele faz aquela leitura. A leitura dele vai ser diferente da minha. Nós temos idades diferentes, trajetórias de vidas diferenciadas umas das outras. Cada um atribui sentido ao que lê, a partir dos seus horizontes e das suas vivências. Falta material que nos indique como trabalhar vendo o aluno como sujeito e vendo as questões de linguagem que interessam para que aquela interação funcione, para que o aluno dê sentido à notícia, à crônica, ao que estamos trabalhando em sala. A dificuldade, então, é articular isso. O que é leitura, o que é gramática, o que é produção textual foram tão separados, historicamente, e para nós, professores, juntarmos tudo isso agora é um desafio.

Além de Bakhtin, gosto muito do trabalho do Geraldi. Penso que sua proposta de leitura e produção de texto como conteúdos de ensino é como um divisor de águas. Antes, se trabalhava com leitura e produção, mas não se ensinava efetivamente. A concepção de análise linguística também é outra. Quando Geraldi propõe que se trabalhe a partir do texto do aluno, é algo que muda tudo. Gosto muito também da Ângela Kleimman, da Ana Raquel Machado, da Irlandé Antunes, além de outros.

2.1.3.2 Rafaela – professora da turma de Recuperação observada

Eu me formei em Letras Português - Espanhol na UNESP (Universidade Estadual Paulista) de 2006 a 2010. Um semestre da Faculdade eu fiz intercâmbio na

Argentina. Desde o segundo ano da faculdade, dei aula de espanhol em escola de idioma e como ACT.

Quando vim para Florianópolis, a intenção era fazer o mestrado. Mas, como eu não consegui bolsa, tive que procurar emprego. Comecei trabalhando no Projeto Mais Educação de uma escola em Barreiros como professora de reforço de língua portuguesa. No mesmo ano de 2010, fiz o concurso para o Colégio de Aplicação. Como era uma vaga apenas e, eu tinha ficado em segundo lugar, não tinha mais esperança de que fossem me chamar.

Em 2011, consegui bolsa do mestrado e acabei ficando longe da sala de aula. Eu só dava aula de espanhol, como professora voluntária, no cursinho do Pet de História.

Em setembro de 2011, fui chamada para trabalhar aqui no Aplicação. Sou professora substituta e estou cobrindo a licença gestação de uma professora, meu contrato vai sendo renovado de acordo com a necessidade dela.

Tive a oportunidade de me dedicar muito ao mestrado, quando dava aula só no cursinho, já que era apenas uma aula semanal. Dessa forma, pude qualificar no fim do ano e agora, quero defender no meio de 2012.

É a primeira vez que estou dando aula de Português e estou considerando como um desafio. Sempre achei que escrevia e me expressava melhor em espanhol. Tinha receio de ensinar português, tem coisas que eu não sei da minha própria língua. A proposta que o colégio tem é bem diferente da que eu tive.

Na faculdade, estudei todas as vertentes do ensino, desde a mais tradicional. Estudei as novas propostas, mas nunca com a visão de qual era a melhor. A prática de sala de aula é uma outra concepção.

Aqui no colégio, eu não tenho que seguir uma apostila como em colégios particulares. Não é engessado, aqui eu tenho liberdade no meu trabalho.

Ano passado, foi bem difícil. Eu dava aula para três turmas de primeiro ano e três turmas de sexta série. Eu não tinha tempo para preparar as aulas e, além disso, era minha primeira vez em sala de aula como professora de português. Dessa forma, eu não consegui trabalhar todo o conteúdo que era para ser trabalhado. Passei, então, o que precisava ser trabalhado ao professor de português deste ano.

Eu tenho 19 horas/aula, mais o fator multiplicador, somando 40 horas. Como professora substituta, não posso trabalhar com atividades de pesquisa e extensão. Tenho uma turma de 1º ano e três turmas de 6ª série.

O professor substituto graduado ganha em torno de 2.100 reais. Conforme o nivelamento, o salário aumenta. Não tem muita diferença para o salário do professor efetivo. Além disso, tem auxílio alimentação e transporte.

É bem difícil eu usar o livro didático nas minhas aulas, eu não gosto de ficar presa. Acabo usando outros materiais para preparar minhas aulas. Uso os livros de literatura e pesquisa planos de aula em sites como o da Nova Escola, em que me baseio para montar a minha aula. Troco muita ideia com a Nara também. Gosto de trabalhar com outros recursos como músicas, e tento sempre voltar para a realidade mais próxima do aluno.

Para eu conseguir me organizar, anoto tudo em um caderninho, como se fosse um diário. Planejo minhas aulas, geralmente, no dia anterior. Não tenho costume de escrever a aula, monto na minha cabeça. A aula vai se dando na hora mesmo. Enquanto estou lendo o texto em sala, por exemplo, percebo algo que não tinha me dado conta antes e acabo trabalhando na hora. Não demoro muito para planejar minhas aulas quando elas já estão em andamento. Demoro mais quando vou mudar o conteúdo.

Em relação ao posicionamento político, eu tento ser o mais imparcial possível em sala. Deixo bem claro para eles que exponho certa posição, mas não tenho a intenção de dizer se ela é certa ou errada. Na 6ª série, por exemplo, expliquei sobre a manipulação das notícias que saem nos jornais e mostrei as diferentes visões das revistas.

Não sigo uma concepção de língua em específico. Fui apresentada a certas concepções e retiro o que acho de ruim de cada uma delas.

2.1.3.3 Lourdes – coordenadora da Biblioteca Setorial

Meu nome é Maria de Lourdes e eu sou coordenadora aqui na biblioteca.

Nosso acervo é composto de livros infantis, materiais didáticos, livros de literatura, vídeos, além de revistas e jornais que a biblioteca central tem assinatura e nos envia.

Nós recebemos doações, mas no momento, não estamos aceitando porque temos muitos livros para serem catalogados. Todo livro que chega aqui na biblioteca é enviado para catalogação na biblioteca central e cadastrado no sistema que agora é único. Antes, nós tínhamos um programa próprio e apenas os alunos do Colégio podiam emprestar os

livros. Como agora é o mesmo sistema, os alunos da graduação, inclusive, podem pegar livros emprestado.

Normalmente, quando o professor precisa de certos livros para trabalhar em sala de aula, é feito pedido e o governo manda. Mas, anualmente, são enviados apenas os livros didáticos.

Os alunos de 1ª a 4ª série podem pegar até 4 livros e, os outros até 5. Eles podem ficar com o livro durante até sete dias.

Nós temos um projeto da hora do conto para as turmas de 1ª a 4ª série. Todas essas turmas têm horários semanais marcados para vir na biblioteca. Elas faziam trabalhos manuais, nós líamos histórias, dávamos orientações sobre o uso da biblioteca e etc. Eu trabalhei durante oito anos no projeto planejando e aplicando as aulas. Agora, como estamos em poucos funcionários, os próprios professores orientam os alunos aqui no espaço.

Temos uma sala na parte de cima da biblioteca em que os professores podem marcar horário para trazer suas turmas. Tem uma outra sala menor que funcionava como sala de vídeo. Com a queda no número de funcionários, a outra coordenação transformou a salinha em um depósito e trouxe o vídeo para a sala de cima. Mas, como agora temos, no colégio, outras salas com televisões maiores e mais confortáveis, quase não é usado o vídeo aqui na biblioteca.

Aqui no Colégio, não temos nenhum bibliotecário contratado na função. Somos todos técnicos administrativos. Mas, temos a sorte de três das funcionárias serem formadas em biblioteconomia.

3. OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATOS

O período de observação é pré-requisito para o cumprimento da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, o qual consiste em formar o professor no espaço de trabalho, com a imersão na instituição de ensino para acompanhamento cotidiano do trabalho de docentes de língua portuguesa e de atividades na escola que envolvam o campo da linguagem e o exercício da docência.

Pelo fato do presente estágio ter se dado em dupla, a seguir, apresentamos os relatos das aulas observadas nas visões das duas estagiárias.

3.1 OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATO ESTAGIÁRIA CECÍLIA

3.1.1 Relato Cecília 13/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 1 Aula de Português – Aulas 1 e 2

Chegamos na sala de aula e os alunos estavam um pouco agitados.

Eu e Gabriella nos apresentamos na frente da sala e explicamos como seria o nosso período na escola.

A aula começa e a professora recolhe, de muitos alunos, uma atividade que deveria ter sido entregue há uma semana. Alguns nem entregam neste dia e a professora diz que podem entregar até quinta feira, dia 15, sendo que a nota máxima valerá oito.

Tal atividade, era sobre memórias de leitura. A professora pergunta aos alunos como foi o processo de escrita. Várias respostas foram surgindo: "difícil", "nostálgico", "chato", "ruim". Alguns alunos comentam que pediram ajuda para os pais e outros dizem que fizeram tudo sozinhos. A professora explica aos alunos que precisará de um mês para corrigir estas atividades. Se justifica por ter 3 turmas de 25 alunos.

A professora chama a atenção dos alunos no decorrer de toda aula. A conversa é constante.

Há 23 alunos em sala. A sala de aula é quente, embora possua dois ventiladores. Há também um ar-condicionado, que ainda não está instalado. Na parede direita, há dois murais de aviso (uma para a turma da manhã e outro para a turma da tarde). Na frente, um quadro verde grande em que os professores escrevem com giz. A sala é bem iluminada por conta das grandes janelas.

A professora pergunta o que estavam fazendo na última aula de português e uma aluna responde que estavam começando a escrever uma crônica a partir de uma reportagem de revista. A professora pede, então, para se sentarem nas mesmas duplas da aula passada, pois hoje deverão entregar a primeira versão do texto (anexa na seção 9.3.1, p. 140). Ela explica que esta primeira versão vai contar para a nota de tarefas e que a versão final valerá de zero a dez.

Os alunos ficam agitados e o barulho é grande por conta das carteiras sendo arrastadas. A professora distribui as mesmas revistas com as quais eles já estavam trabalhando.

A professora explica a tarefa para uma das duplas que parecia não saber sobre a atividade. Ela descreve que eles devem dar um tom irônico e debochado ao texto e que ressaltem os detalhes do ocorrido. Diz para eles imaginarem alguém que vivenciasse ou que tivesse visto a situação que é descrita na reportagem. Deixa claro que a reportagem é só um ponto de partida, que eles não precisam se prender a ela.

A maioria dos alunos começa a atividade, mas a sala continua barulhenta.

A professora vai pedindo atenção aos poucos, fazendo algumas alunas se sentarem em seus lugares, alguns alunos guardarem seus celulares e aproveita para ir de mesa em mesa auxiliando nas dúvidas.

A chamada é feita depois que bate o sinal para a segunda aula.

Os alunos continuam produzindo e conversando. A professora fica até o fim da aula auxiliando individualmente.

Há um pouco de barulho fora da sala por conta da instalação dos aparelhos de ar-condicionado.

Os alunos entregam suas atividades e a professora diz para que os que não terminaram entregarem na aula seguinte.

A aula acaba e todos saem.

3.1.2 Relato Cecília 15/03/2012 das 9h30 às 11h10 - Observação 2 Aula de Português – Aulas 3 e 4

A turma estava agitada quando chegamos na sala. A professora vai orientando para pegarem o material de português e guardarem o de matemática.

Ela recolhe as crônicas que não foram entregues na aula passada e explica que, na primeira aula, eles vão ler uma crônica em sala e, na segunda aula, farão atividade de leitura na biblioteca.

Ela entrega aos alunos a crônica de Ignácio Loyola Brandão, “Uma visão da vida” (anexo na seção 9.3.2, p. 144), mas não chega a usá-la em sala.

A professora começa a aula perguntando aos alunos por onde circula a crônica e comenta sobre os suportes em que o texto aparece. Os alunos prestam atenção. Alguns conversam no decorrer da aula e a professora precisa chamar a atenção deles.

Ela mostra a estrutura de um jornal, “Folha de São Paulo”, aos alunos. Pergunta a eles em qual caderno do jornal eles acham que a crônica irá aparecer. Uma

aluna responde que é no caderno intitulado “Cotidiano”. A professora diz que é no caderno “Ilustrada” em que é publicada, todos os dias, alguma crônica.

Depois, mostra que no “Diário Catarinense” as crônicas do Veríssimo são publicadas aos domingos no caderno “Dona”. Apresenta a eles uma crônica do Veríssimo intitulada “Vô” *Volpe* (anexa na seção 9.3.3, p. 145). Lê apenas o título e pergunta aos alunos sobre o que eles acham que é a crônica. Depois de várias respostas, ela inicia a leitura em voz alta. Às vezes, interrompe a leitura para chamar a atenção de alguns alunos.

Terminando o texto, a professora apresenta outra crônica do autor (anexa na seção 9.3.4, p. 147), publicada em outro exemplar do jornal de Santa Catarina e faz o mesmo exercício de ler apenas o título. Desta vez, ela apenas conta a história e não lê a crônica na íntegra. Ao ir contando, vai perguntando aos alunos o que eles imaginam que iria acontecer depois na história.

Uma aluna é bem participativa e mostra bastante conhecimento sobre jornais e sobre o próprio gênero. Ela cita um livro, “As cem melhores crônicas brasileiras”, que possui em casa e que a professora, coincidentemente, havia trazido para a aula. A aluna continua falando sobre o livro e cita vários autores que publicaram nele. A professora aproveita a situação e fala sobre o livros e sobre os vários autores. Sempre pergunta aos alunos se conhecem os autores, se conhecem textos destes autores.

O sinal bate para o intervalo e todos saem.

Ao voltarmos, a professora explica que irão para a biblioteca e que lá encontrarão livros de crônicas em cima das mesas. Eram vários exemplares de “Comédias para se ler na Escola” e “As mentiras que os homens contam”, de Luiz Fernando Veríssimo.

Na biblioteca, alguns alunos ficaram na área central, outros na sala infantil e outros na área reservada. Poucos alunos conversavam baixinho. A maioria fazia a leitura dos livros. A professora ia andando de grupo em grupo conversando sobre os textos.

Depois de um tempo, os alunos que estavam na sala infantil começaram a se distrair com os livros que ficam expostos. Eles conversam e lembram que gostavam de ler tais livros quando eram pequenos.

O tempo da aula chega ao fim e todos voltam para a sala de aula.

3.1.3 Relato Cecília 20/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 3 Aula de Português – Aulas 5 e 6

Ao chegarmos na sala, poucos alunos estavam presentes.

A professora chegou e, junto dela, o restante da turma.

Pedimos para que eles se apresentassem um por um, pois nós, estagiárias, estávamos sentindo dificuldade de identificarmos os nomes, já que a professora faz a chamada em silêncio na maioria das vezes.

A professora pede para pegarem a crônica que entregou na aula passada e pergunta se eles responderam às questões que ela passou. Os alunos dizem que não foram passadas as questões. Dessa forma, ela começa a escrevê-las no quadro.

Os 24 alunos presentes copiam as questões com tranquilidade, em meio a comentários sobre o texto lido.

Análise da crônica “Uma visão da vida” de Ignácio de Loyola Brandão:
1. Qual é o tema/assunto do texto?
2. Vamos pensar sobre o modo como o texto foi construído. Diga o que é abordado em cada parágrafo.
3. Segundo o autor, que características deve ter um cronista?
4. O que diz o autor sobre o assunto da crônica?
5. Como o autor define a crônica?
6. Quais as diferenças apontadas pelo autor entre crônica e conto?
7. Você concorda com o que diz o autor nas últimas linhas da crônica? Justifique.

Depois de copiarem, a professora diz que podem se sentar em duplas para responder.

Muitos deles não trouxeram a crônica em questão e a professora fala da importância de colarem os textos no caderno. Enquanto eles faziam a atividade, a professora conversou conosco, estagiárias, sobre nossa proposta de aula.

Os alunos se agitam e a professora vai de mesa em mesa orientá-los.

Faltando meia hora para acabar a aula, a professora começa a correção. Ela lê as perguntas, eles respondem e ela complementa.

No decorrer de toda a aula, a professora teve que chamar a atenção de certos alunos que estavam ouvindo música e conversando com os colegas.

Enquanto respondiam às questões, a professora destacava as diferenças entre crônica e conto, de acordo com a comparação que o autor faz no texto.

Destaca também, a diferença entre "olhar" e "contemplar". Explica que o autor da crônica pega uma situação pontual e contempla, faz uma reflexão.

Os alunos participam da discussão e mostram que estão entendendo o gênero.

Terminando os exercícios, a professora vai escrevendo no quadro os títulos das crônicas lidas na aula passada, conforme os alunos iam ditando.

Eles se agitaram e contavam as histórias lidas uns aos outros.

A aula acaba e todos saem.

3.1.4 Relato Cecília 22/03/2012 das 9h30 às 11h10 - Observação 4 Aula de Português – Aulas 7 e 8

Neste dia, havia 21 alunos em sala e teve apenas uma aula de português, pois a professora viajaria ainda neste dia e trocou a última aula com a professora de geografia. Os alunos não se mostraram muito contentes com a troca, preferiam ter duas aulas de português. A professora contorna a situação e explica que a colega a está ajudando.

Começando a aula, a professora pergunta aonde eles pararam na aula passada. Estava um pouco perdida em relação a isso, mas os alunos a ajudaram.

Ela traz vários livros de crônicas (capas em anexo na seção 9.3.5, p. 149) e explica que o suporte original em que essas crônicas provavelmente foram publicadas é o jornal.

A professora explica que eles sentarão em duplas e deverão escolher uma crônica para apresentar. Ela diz que vai entregar um roteiro (anexo na seção 9.3.6, p. 150) e lê as perguntas em voz alta, enquanto os alunos prestam atenção.

Quando termina a explicação, pede para começarem a se juntar e fala para um da dupla vir buscar um dos livros que se encontram em sua mesa.

Os alunos estão calmos e vão pegar seus livros.

Alguns conversam um pouco, mas a maioria começa a atividade.

A professora pergunta se eles já querem ter o roteiro em mãos, mas deixa claro que quer que eles leiam várias crônicas e escolham uma delas, antes de começarem a

responder.

Vários alunos perguntam se é para entregar naquela aula e se agitam para responder o roteiro antes de ler os textos.

Alguns alunos conversam sobre os textos que estão lendo.

A aula acaba e nós, estagiárias, pedimos para uma aluna entregar para a turma o nosso questionário sobre o perfil do aluno.

3.1.5 Relato Cecília 27/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 5 Aula de Português – Aulas 8 e 9

A aula, neste dia, foi na sala de inglês por conta das instalações dos aparelhos de ar-condicionado. A turma estava bem agitada, talvez por conta da aula ser depois do intervalo. Há 22 alunos em sala.

A professora pede para fazerem um círculo e sentarem perto das duplas da aula passada para continuarem a atividade.

Os alunos vão até a mesa da professora para pegarem os livros que estavam trabalhando e continuam a responder o roteiro de leitura.

Há uma discussão entre uma dupla. Um dos alunos diz que não sabe onde está o roteiro que estavam respondendo. A professora, então, sai da sala para tirar mais cópias do roteiro.

A turma continua agitada, mas muitos fazem a atividade.

Eu recolho alguns questionários (anexos na seção 9.3.7, p. 151) que havíamos entregado aos alunos na aula passada. Muitos alunos dizem que vão entregar na aula que vem.

A professora faz a chamada e explica uma nova atividade de leitura. Ela pede para eles verificarem em casa se possuem livros sobre relatos de viagem. Essa vai ser a leitura do primeiro trimestre: leitura de um livro, de escolha livre, sobre relato de viagem, para o dia 10 de maio. O relato não pode ser fictício, a viagem deve ser verídica.

A professora conversa conosco, estagiárias, sobre o tema de nossas aulas, enquanto os alunos terminam a atividade.

Depois de um tempo, começa a orientar o início das apresentações.

A primeira dupla começa a falar sobre a crônica que leu seguindo o roteiro. A professora vai fazendo outras perguntas sobre a história e fica satisfeita com a apresentação. A dupla entrega o roteiro preenchido para a professora.

A aula acaba e todos saem.

3.1.6 Relato Cecília 29/03/2012 das 9h30 às 10h10 - Observação 6 Aula de Português – Aula 10

Neste dia, a turma estava bem calma e apresentava um pouco de desânimo.

A professora lembra com os alunos o que estavam fazendo na aula anterior e pede para formarem um círculo para continuarem as apresentações.

A turma se agita um pouco, mas quando a professora fala, eles prestam atenção.

Ela explica que a crônica que eles escreveram em outra aula serão retomadas em outro momento. Eles se basearão no mesmo roteiro que estão usando agora para as apresentações e analisarão suas próprias crônicas. Assim, poderão constatar o que falta para que seus textos se efetivem no gênero.

As duplas começam suas apresentações e a professora vai orientando conforme a ordem do roteiro. Os alunos respondem às questões que a professora faz, se mostram bem seguros e aparentando terem lido os textos.

O sinal bate e todos saem para o recreio.

3.1.7 Relato Cecília 12/03/2012 das 8 às 11 horas - Observação 1 da Reunião de Disciplina

As reuniões de disciplina acontecem em média duas vezes por mês. Neste dia, estavam presentes as professoras de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, mais a professora do 1º ano do Ensino Médio, que é coordenadora de disciplina.

Os professores discutiram, na primeira parte da reunião, coisas burocráticas que envolviam alterações na normativa da escola em relação às eleições de coordenadoria administrativa.

Na segunda parte da reunião, partiram para a discussão do plano de ensino da 5ª série.

A professora que deu aula para as 5^{as} séries no ano passado fala um pouco de como se deram as aulas para que a professora das 6^{as} séries (deste ano) possa saber o que deve dar continuidade.

Depois, todos discutem juntos os conteúdos do plano de ensino da 5^a série para saber o que deve ser alterado ou mantido neste ano, de acordo com o relato da professora do ano passado.

A intenção é abordar o máximo de conteúdos durante a educação básica e não repetir os mesmos conteúdos em séries diferentes (apenas se houver necessidade).

A reunião acaba e é marcado um novo encontro para 19 de março.

3.1.8 Relato Cecília 19/03/2012 das 8 às 11 horas - Observação 2 da Reunião de Disciplina

Neste dia, estavam presentes, além das mesmas professoras que compareceram na reunião passada, os professores dos 2^{os} e 3^{os} anos do Ensino Médio.

Novamente, a primeira parte da reunião é tomada por discussões burocráticas sobre as alterações na normativa da escola em relação às eleições de coordenação administrativa.

Na segunda parte da reunião, o plano de ensino da 6^a série foi tomado para discussão.

Eles discutem pontualmente cada conteúdo ou termo usado e analisam o que deve estar em tal série, ou ser adaptado.

A reunião chega ao fim e é marcado um novo encontro para o dia 2 de abril.

3.1.9 Relato Cecília 11/04/2012 das 9 horas às 9h45 e das 10h50 às 11h35 - Observação da Recuperação das sextas séries do Ensino Fundamental – Aulas 1 e 2

Chegamos na sala de Francês e só estava a professora. Os alunos foram chegando aos poucos: três meninos e quatro meninas, embora 12 alunos da turma 6^a C tivessem sido convocados para esta aula.

As cadeiras estavam dispostas em círculo.

A professora começa a aula lembrando aos alunos o objetivo da recuperação de estudos que não é recuperar nota. Ela entrega um texto (anexo na seção 9.3.8, p. 156)

intitulado “Pé de Guerra” e percebe na hora que não há o nome do autor na folha que entregou.

Ela pede para que cada aluno leia um trecho do texto e vai corrigindo, conforme vão gaguejando.

Depois disso, a professora pede para rerelem o texto em silêncio, marcarem as palavras desconhecidas e já irem fazendo uma interpretação para depois responderem ao roteiro. Ela aproveita o momento para ir buscar um dicionário.

Os alunos são bem calmos e participam das atividades. Quando começaram a conversar no início da aula, a professora já os interrompeu e disse que ali não era igual à sala de aula. Eles estavam ali para trabalhar.

Depois da leitura silenciosa, eles discutem as palavras desconhecidas. A professora começa a procurar no dicionário a palavra “trincheira” e um dos alunos se oferece para procurar.

Um outro aluno diz que sabe o significado da palavra e a professora pede para esperar, porque o colega estava procurando no dicionário. Ela não retoma o significado com este aluno até o fim da aula.

A professora pede para eles escreverem no caderno as respostas do roteiro de leitura e coloca no quadro:

Nome do autor

Título do texto

Personagens principais

Onde se passa a história

Em que tempo

Eles vão fazendo juntos os exercícios até que bate o sinal e todos saem.

Há uma aula vaga entre esta turma e a outra que chega às 10h50.

A outra aula foi na sala de Espanhol. Quatorze alunos das turmas A e B estavam aguardando o início da aula. Havia sido convocados 18 alunos.

Estes alunos são um pouco agitados mas logo ficam em silêncio quando a professora entrega o mesmo texto. Ela traz a referência do texto agora e coloca no quadro.

Segue a mesma ordem da aula dada para a outra turma: explica como funciona a recuperação de estudos e pede para cada aluno ler um trecho do texto.

Há um pouco de barulho por conta da instalação dos aparelhos de ar-condicionado.

Ela chama a atenção dos alunos para as vírgulas e entonações quando leem o texto em voz alta.

Pede aos alunos para que contem o texto para ela. Aos poucos, os alunos vão se ajudando e contando a história.

A professora diz que o texto tem uma outra interpretação, mas que não falaria por ser muito subjetiva. Ela pergunta a eles se já estudaram as guerras mundiais e eles respondem que sim. Resolve, então, falar um pouco mais sobre a guerra. Ela pergunta quem já viu o filme “A vida é bela” e, como ninguém viu, ela começa a contar a história (mas não é segura ao contar) que é interrompida por uma nova pergunta: “quem já viu o filme *O menino do pijama listrado*?”. Duas alunas respondem que sim e a professora pede para uma delas contar a história. Depois disso, pede para a outra aluna contar a mesma história. Mais tarde, a própria professora conta a mesma história e completa a história do filme “A vida é bela”.

Ela pede para eles relerem o texto em silêncio e destacarem os personagens, as palavras desconhecidas e fazerem uma interpretação.

Como acaba o tempo da aula, a professora pede para os alunos fazerem em casa os exercícios 1, 2 e 3 (anexos na seção 9.3.8, p. 156) para a próxima aula.

3.2 OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATO ESTAGIÁRIA GABRIELLA

3.2.1 Relato Gabriella 13/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 1 Aula de Português – Aulas 1 e 2

A professora Nara pede para as estagiárias- o estágio foi realizado em dupla com a Cecília- se apresentarem. Depois de nossa apresentação, sentamos no fundo da sala e ela pergunta aos alunos como foi o processo de escrita do trabalho de memórias Alguns alunos respondem que foi difícil, pois não se lembravam de muita coisa e entregam o trabalho. Os alunos participam bastante dos questionamentos da professora e respondem a perguntas, como essa: “Alguém contou com a ajuda do pai?” Os alunos parecem não ficar intimidados com a nossa presença e participam.

A professora explica que levará um mês para corrigir os textos a fim de não criar expectativas de receberem o trabalho corrigido na semana seguinte. Há muita conversa paralela e a professora pede silêncio, de vez em quando. A professora avisa que o prazo de entrega do trabalho de memórias foi prorrogado até quinta, com alteração de nota.

Em seguida, ela orienta a atividade da aula: na quinta passada os alunos começaram a escrever uma crônica a partir de uma notícia de revista (anexa na seção 9.3.1, p. 140). Os alunos têm que sentar em duplas e terminar a primeira versão, retomar o texto começado na aula anterior. Os alunos pegam as revistas que estavam trabalhando. A professora explica a atividade para uma dupla que não havia começado na aula anterior. A atividade é para ser entregue na mesma aula. Muitos alunos estão conversando, ou em pé e não estão escrevendo. Há muito barulho.

A professora chama a atenção dos alunos, manda uma menina sentar de volta no seu lugar e recolhe o celular de um aluno até o fim da aula. Muitos alunos estão escrevendo. A professora passa de cadeira em cadeira dando orientações para os textos deles. Uma aluna chama a professora. Enquanto ela está com um aluno, outros conversam paralelamente.

A professora orienta que essa atividade valerá 2 pontos e que depois trabalharão, lerão e analisarão outras crônicas e poderão fazer uma segunda versão da crônica. Depois farão uma crônica valendo nota de zero a dez. A professora faz a chamada e 2 alunos vão até a sua mesa falar com ela. Os alunos conversam, mas trabalham.

A professora dá uma saída até a sala dos professores. Enquanto a professora não está presente, um aluno pergunta à turma quem trai mais, o homem ou a mulher, e os alunos respondem e riem muito.

Um aluno se reporta às estagiárias como tias solteiras. Uma moça entra para dar um recado sobre o boletim informativo da APP. Quando a professora retorna à sala dá um aviso sobre as bolsas PIBIC.

A professora ressalta para colocar a fonte da revista no começo ou fim do texto e vai passando nas carteiras dos alunos para ler algumas produções. Uma aluna entrega o trabalho e a professora devolve dizendo que quer ver depois. Um aluno pergunta uma dúvida de construção frasal. A professora dá liberdade de entregar a atividade na próxima aula e avisa que não usará o livro didático.

Os alunos arrumam o material.

3. 2.2 Relato Gabriella 15/03/2012 das 9h30 às 11h10 - Observação 2 Aula de Português – Aulas 3 e 4

A professora entra e pede para os alunos guardarem o material de matemática e pegar o de português. A professora pergunta quem ainda não entregou o trabalho das memórias e a primeira versão da crônica.

Um aluno pede para ir ao banheiro. A professora pede para os alunos sentarem. Em seguida, entrega a folha da crônica que irão trabalhar na aula (anexa na seção 9.3.2, p. 144). A professora orienta a atividade do dia: ela irá explicar as características do gênero e depois os alunos irão para a biblioteca ler.

A professora explica o suporte em que é veiculado a crônica e o que é crônica. Os alunos que, até então, estavam conversando, ficam em silêncio. De vez em quando, a professora pede silêncio. A professora mostra os cadernos dos jornais e pergunta em qual deles é veiculado a crônica. Um aluno fala que a crônica pode estar presente em filme também devido ao título existente “Crônicas de Nárnia”. A professora diz que não saber responder a essa dúvida e vai estudar melhor isso e trazer nas próximas aulas. Uma aluna participa bastante e fala de crônicas em outros jornais e livros.

A professora fala da crônica de Luís Fernando Veríssimo do caderno Donna do Diário Catarinense. A professora lê a crônica em voz alta, intitulada “Vô Volpe” (anexa

na seção 9.3.3, p. 145). Os alunos prestam atenção na leitura, mas outros estão distraídos com celular e conversa.

O grupo sentado à frente está conversando. Um aluno está deitado quase dormindo. Uma aluna faz atividade de outra disciplina. A professora fala da motivação do escritor em escrever a crônica. A professora mostra outra crônica de Veríssimo em outra publicação do jornal, intitulada: “Proust e Big Bertha” (anexa na seção 9.3.4, p. 147).

A professora pergunta se alguém conhece esses nomes presentes no título da crônica. Um aluno fala do piloto de fórmula 1 e do escritor. A professora explica do que fala a crônica e narra a história dela. Uma aluna levanta o dedo para perguntar. Ela fala que tem um livro em casa chamado “As cem melhores crônicas brasileiras”. Coincidentemente, a professora traz esse livro para sala e o apresenta, mostrando alguns autores. A professora chama atenção para dois deles: José de Alencar e Olavo Bilac. Eles falam de Nelson Rodrigues que ficou mais conhecido como dramaturgo, mas também escreveu crônicas.

A professora fala de Vinícius de Moraes e outros autores pouco conhecidos como escritores de crônicas. Tem uma aluna que participa bastante da aula. Dois alunos levantam e a professora chama a atenção. O livro está dividido cronologicamente e ela contextualiza os autores e suas obras.

Os alunos saem para o intervalo.

Na volta do recreio, a professora orienta a leitura da crônica que foi entregue em sala e pede para que os alunos escrevam o que o autor fala em cada parágrafo. Na aula seguinte eles vão analisar a crônica coletivamente. A professora orienta os alunos a irem para a biblioteca lerem do livro “Comédias para se ler na escola”, de Luís Fernando Veríssimo, no mínimo cinco crônicas.

Os alunos ficaram divididos em duas salas da biblioteca lendo. Quatro alunas ficaram conversando, mas logo retomaram a leitura. Dois alunos chegaram para ler e levaram duas alunas para ler com eles em outra parte da biblioteca. Alguns alunos estão lendo no vão principal da biblioteca e outros estão na sala de literatura infanto-juvenil. A professora circula entre os alunos para verificar se estão lendo.

Alguns alunos conversam enquanto leem. A professora orienta para que terminem a leitura que estão lendo e depois subirem para sala. Deu pra perceber que

alguns alunos não leram devidamente, aqueles que ficaram na sala de educação infantil dispersaram muito com outras leituras.

Faltando cinco minutos para acabar a aula, os alunos são orientados a voltar para sala.

3. 2.3 Relato Gabriella 20/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 3 Aula de Português – Aulas 5 e 6

A professora entra na sala e pede para os alunos sentarem individualmente. A professora anota a chamada que fica em cima da mesa.

Atendendo nosso pedido, a professora pede para os alunos apresentarem seus nomes, já que não o fizeram no dia de nossa apresentação. A professora orienta a atividade da aula: vai passar as questões de análise linguística da crônica no quadro para os alunos copiarem. Um aluno diz que está com dor na mão e a professora pergunta se ele leu a crônica “A Bola”, de Luís Fernando Veríssimo, feita na aula anterior, que explica esses tipos de dores. Os alunos conversam enquanto copiam. Um aluno fala se pode usar telefone celular, dando indireta para uma aluna que usava o celular em sala.

Os alunos comentam sobre as “piadinhas” presentes nas crônicas e a professora para de copiar no quadro para falar sobre o estilo do gênero crônica, que quando falada pode perder seu estilo. Um aluno pergunta sobre o filho da professora para puxar assunto com ela e a professora conversa com ele. A professora pede para um aluno tirar o fone, pois é contra as normas do colégio e o aluno tira, depois coloca de novo.

Eis o que ela escrevia no quadro:

Análise da crônica “Uma visão da vida” de Ignácio de Loyola Brandão:
1. Qual é o tema/assunto do texto?
2. Vamos pensar sobre o modo como o texto foi construído. Diga o que é abordado em cada parágrafo.
3. Segundo o autor, que características deve ter um cronista?
4. O que diz o autor sobre o assunto da crônica?
5. Como o autor define a crônica?
6. Quais as diferenças apontadas pelo autor entre crônica e conto?

**7. Você concorda com o que diz o autor nas últimas linhas da crônica?
Justifique.**

A professora alerta para colarem as crônicas no caderno para os textos não ficarem perdidos. A professora pede para sentarem em dupla a fim de responderem a atividade. A professora fala com a gente sobre o tema do estágio. Alguns alunos pedem para ir ao banheiro e ela deixa.

A professora passa entre os alunos para tirar dúvidas e verificar o trabalho. Muitos alunos conversam enquanto fazem a tarefa, outros só conversam e não fazem.

Faltando trinta minutos para terminar a aula, a professora corrige as questões junto com os alunos e quem não terminou pode fazer junto com a correção. Os alunos respondem e participam. Nessa hora os alunos ficam em silêncio.

A professora interrompe duas vezes para chamar a atenção dos alunos. A professora separa um grupinho que estava conversando muito. Pouco depois, ela levanta a voz e diz que daqui a pouco vai mandar os alunos para fora. A professora analisa parágrafo a parágrafo o que o autor escreve na crônica.

Um aluno diz para separar o grupinho de trás também que está conversando. A professora pede a resposta da questão 7 para uma aluna e ela diz que não fez. Uma aluna coloca sua opinião: a crônica pode nos levar a melhorar.

A professora para e chama a atenção da turma que começa a conversar muito. Os alunos começam a arrumar os materiais, pois está quase batendo o sinal para ir embora. Há um barulho lá fora e a professora pede para fechar a porta e diz que há gente que vai resolver a situação.

Faltando poucos minutos para acabar a aula, a professora faz uma relação no quadro das crônicas que os alunos leram na aula que aconteceu na biblioteca: “A bola”, “A espada”, “Segurança”, “Metamorfose”, “A foto”, “Rápido”, “Sexa”, “Papos”, “O homem trocado”, “Emergência”, “Sozinhos”, “Feliz Natal”.

O sinal bate e a aula acaba.

3. 2.4 Relato Gabriella 22/03/2012 das 9h30 às 11h10 - Observação 4 Aula de Português – Aulas 7 e 8

Obs.: A professora trocou uma aula (última) com a professora de geografia, pois ela teve que viajar.

A professora entra na sala e pede silêncio. Ela pede para guardarem os celulares. A professora pergunta aos alunos qual foi a última atividade da última aula. A professora, então, orienta a nova atividade: os alunos deverão escolher um livro de crônicas, ler uma delas e apresentar à turma. Ela passa um roteiro para os alunos responderem e prepararem a apresentação (anexo na seção 9.3.6, p. 150). Ela explica as perguntas uma a uma, conversando com os alunos sobre o trabalho com crônicas realizado em aulas passadas. Os alunos estão mais quietos enquanto a professora faz a explicação.

A professora pede para montarem as duplas e uma das duplas vai à frente escolher os livros. Uma aluna questiona a troca da aula de português para aula de geografia e a professora explica os seus motivos.

Uma aluna pergunta se é para entregar toda a atividade hoje e ela diz que é para somente ler as crônicas e escolher uma delas, deixando identificada na folha do roteiro .

Dois alunos saem para tomar água e demoram a voltar, uma aluna volta e diz que eles estão conversando no corredor. A professora, então, pede para ela chamar os meninos e quando eles voltam pede para eles sentarem e trabalharem.

A professora senta e faz a chamada.

A professora dá uma saída para mostrar o roteiro da crônica para outra professora de português. Os alunos ficam em silêncio lendo as crônicas. Alguns conversam um pouco enquanto fazem a leitura. Uma aluna me pergunta dúvidas sobre o roteiro de estudo da crônica e eu respondo sobre o local e o ano de publicação.

Os alunos pedem para ir ao banheiro, porque a professora não está. O sinal bate e a professora pede para os alunos guardarem o material.

3. 2.5 Relato Gabriella 27/03/2012 das 10h30 às 11h50 - Observação 5 Aula de Português – Aulas 8 e 9

A professora entra na sala e pede para dois alunos pegarem os livros literários na sala de professores de português, trabalhados na última aula. A aula está acontecendo na sala de inglês, devido à instalação do ar condicionado nas salas de aulas.

A professora orienta para sentarem em círculo para continuarem a leitura das crônicas e elaboração do roteiro, em dupla. A professora pergunta se alguém tem o livro didático na mochila para deixar na sua sala, pois vão utilizar na próxima aula.

Os alunos estão muito barulhentos e a professora tem que falar mais alto para ser ouvida.

Um aluno vai até a sua mesa escolher um livro e a professora dá um panorama da linguagem da obra para facilitar sua escolha. Dois alunos saem da sala sem avisar à professora e quando ela volta chama atenção da turma. Muitos alunos ficam em pé, conversando.

Uma aluna vai até a mesa da professora e pergunta o que significa a palavra “discidência” e a professora, então, explica.

A professora sai da sala para tirar cópia do roteiro, pois alguns alunos o perderam.

Uma aluna lembra-se de recolher o questionário sobre o perfil dos alunos, entregue por nós, na aula passada. A gente recolhe os questionários e a professora volta.

Alguns estão fazendo a atividade, outros estão conversando. A professora pede para guardarem o celular e faz a chamada. Os alunos estão conversando mais baixinho.

A professora escreve no quadro enquanto os alunos trabalham:

Leitura 1º trimestre: Relato de Viagem (escolha livre)

Para 10/05/12

A professora explica a proposta de leitura de Relato de Viagem: os alunos devem ver se tem algum livro em casa, se não tiverem a professora vai passar uma lista de sugestão de livros e eles têm que pegar na biblioteca. Tem que ser um relato real e não ficcional.

A professora faz as orientações individuais na carteira do aluno. A professora conversa com a gente sobre o tema. Em seguida, a professora retoma as atividades e pergunta quem começará a apresentar. A professora diz que algumas pistas sobre o personagem são dadas na crônica.

A professora fala um pouco sobre o gênero crônica. Um aluno começa a apresentar sua crônica lida para a turma. Ele diz que o fato do cotidiano que motivou a

escrita da crônica foi um cara que entrou na carta e que isso não é um fato cotidiano. A professora dá risada.

Os alunos terminam de apresentar e a professora vai fazendo perguntas. O sinal bate e a aula acaba.

3. 2.6 Relato Gabriella 29/03/2012 das 9h30 às 10h10 - Observação 6 Aula de Português – Aula 10

A professora entra na sala e orienta os alunos para sentarem em círculo, retomarem as duplas e pegarem o livro trabalhado na aula anterior para continuar a apresentação para turma. E assim os alunos fazem. Uma aluna vai até a mesa da professora e pergunta se pode sair da sala e ela diz que não.

Os alunos estão mais silenciosos e a professora explica a atividade: depois da apresentação ela vai trabalhar com eles a respeito do conteúdo das figuras de linguagem presente no livro didático e logo, os alunos irão reescrever a primeira versão da crônica, feita anteriormente.

A professora pergunta quem vai começar a apresentar, pois só tem duas aulas para terminarem a exposição da leitura das crônicas. A dupla Guilherme e Giulia começa a apresentação, a professora vai lendo as perguntas do roteiro e eles vão respondendo. Os alunos demonstram ter lido o texto e um deles disse que não gosta de ler esse tipo de livro. Os colegas ficam em silêncio ouvindo a apresentação e outros chegam até a participar.

Em seguida, outra dupla começa a apresentar e a professora levanta questionamentos e faz algumas correções ao longo da apresentação. Nesse momento alguns alunos começam a conversar baixinho. Um aluno pede para ir ao banheiro assoar o nariz e outro aluno faz uma gozação.

A professora, então, pede para outra dupla se apresentar. À medida que os alunos vão colocando as informações a respeito da crônica lida, ela vai fazendo colocações sobre a linguagem e os acontecimentos a fim de apresentar as regularidades que constituem o gênero crônica.

A professora chama a atenção de dois alunos que não param de conversar. Em seguida ela chama a próxima dupla, mas o sinal bate e acaba a aula.

3.2.7 Relato Gabriella 12/03/2012 das 8 às 11 horas - Observação 1 da Reunião de Disciplina

A reunião de disciplina de Língua Portuguesa contou com a participação das professoras de 5ª a 8ª séries, da professora Coordenadora da disciplina, além da presença da orientadora e das estagiárias da disciplina, que atuaram no ensino médio.

O encontro, que ocorre em média duas vezes por mês ou quando surge uma necessidade não prevista, tem como objetivo discutir questões pertinentes à disciplina e ao trabalho docente e administrativo dos professores do Colégio, como também questões pedagógicas ou compartilhamento de particularidades encontradas na prática de cada um.

Nesse dia, as questões administrativas foram discutidas em primeira parte, como por exemplo, alterações na normativa visando as eleições de coordenação administrativa. Na segunda parte, foram discutidas alterações no plano de ensino da 5ª série, ouvindo o que foi trabalhado pela professora do ano passado e o que pode ser mudado a fim de que se contemple o maior número de conteúdos possível durante o ensino fundamental. O encontro termina com continuidade prevista para o dia 19/03.

3.2.8 Relato Gabriella 19/03/2012 das 8 às 11 horas - Observação 2 da Reunião de Disciplina

Assim como na outra reunião, essa também foi dividida em duas partes. A primeira parte foi dedicada a discutir questões burocráticas quanto às eleições administrativas dentro do Colégio de Aplicação.

A segunda parte foi destinada à discussão do plano de ensino da 6ª série, o que devia ser mantido e o que devia ser alterado, dispensando tempo considerável em avaliar a aplicabilidade de certos termos conceituais dentro do plano. A discussão não chega ao final e fica formalizada outra reunião para o dia 2 de abril.

3. 2.9 Relato Gabriella 11/04/2012 das 9 horas às 9h45 e das 10h50 às 11h35 - Observação da Recuperação das sextas séries do Ensino Fundamental – Aulas 1 e 2

Este é o primeiro encontro do projeto de Recuperação de Estudos da 6ª série do Ensino Fundamental, que ocorre no contraturno escolar para alunos convocados com alguma dificuldade no conteúdo de sala de aula. Nesta turma foram selecionados doze alunos e compareceram sete.

A professora Rafaela começa explicando que a recuperação não altera a nota e sim o aprendizado do aluno. Em seguida, ela explica aos alunos a nossa presença em sala e um pouco do que faremos com eles.

Duas alunas começam a conversar e ela chama a atenção e pede para uma menina trocar de lugar, pois a cadeira estava quebrada. A professora fala que a maior dificuldade deles é leitura e interpretação de textos, para eles a corrigirem caso ela esteja enganada.

Ela entrega um texto com questões interpretativas (anexo na seção 9.3.8, p. 156) e pede para os alunos lerem oralmente, cada pedaço. Quando terminaram, ela pergunta do que fala o texto e o que o título tem a ver com a história. Em seguida, ela pergunta se os alunos sabem o que significa o termo “loucura bélica” e os alunos levantam algumas hipóteses.

Depois pede para lerem o texto em silêncio e grifarem as palavras que não conhecem. Ela pede para pensarem na interpretação do texto: quem são os personagens, onde se passa a história e como a contariam para alguém em um minuto. Enquanto eles lêem, ela sai para buscar dicionários.

Quando retorna, ela pergunta se já terminaram a leitura e questiona quais foram as palavras desconhecidas e eles respondem: “trincheira” e “bélica”. Logo, ela pede para procurarem no dicionário e um aluno se oferece para procurar. Ela o ajuda a procurar e os colegas riem dele e ela chama a atenção, dizendo para o ajudarem também e não rirem do colega.

Depois ela pede para responderem o roteiro de leitura no caderno e afirma que é possível extrair o significado das palavras a partir do contexto.

Roteiro de Leitura:
Nome do autor:
Título do texto:
Personagens principais:
Onde se passa a história:

Em que tempo

A professora chama a atenção para a entonação na leitura em voz alta e começa respondendo às questões. O sinal bate e ela pede para terminarem em casa.

Na segunda turma da Recuperação de Estudos, os alunos convocados da sexta série A e B vieram quase todos: 14 alunos.

A professora encaminha os alunos para a sala de espanhol e pede para sentarem em círculo. Ela anota os alunos presentes e explica o que é a Recuperação de estudos e nossa presença, como estagiárias, em sala, como foi feito na outra turma.

Em seguida ela escreve a referência do texto, pois esqueceu de colocar na folha o nome do autor:

(Pé de Guerra. Dirceu Quintanilha. Editora Comunicação. Belo Horizonte. 1979. PP 4-25)

Ela pede para os alunos lerem em voz alta, cada pedaço cuidando com a entonação, respeitando pontos e vírgulas. Assim que eles terminam de ler, a professora começa a falar da Segunda Guerra Mundial e descreve os filmes “O menino do Pijama Listrado”, como uma interpretação do texto mais complexa. Ela demora bastante tempo nessa explanação.

Em seguida, ela pede para os alunos lerem silenciosamente e interpretarem o texto. O sinal bate e ela orienta para terminarem de responder no caderno em casa.

3.3 REFLEXÃO CRÍTICA DAS AULAS OBSERVADAS - RELATO ESTAGIÁRIA CECÍLIA³

Após observar as aulas da turma de primeiro ano do Ensino médio, 1C, tenho em mente, mais concreta do que nunca, a ideia de que toda atividade pedagógica do ensino do português tem, de forma explícita ou intuitiva, uma determinada concepção de língua. A professora observada conseguiu nos transmitir que essa consciência é essencial para um bom trabalho em sala de aula. Antunes (2003) ressalta:

Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem. (p. 39)

A concepção da linguagem como forma de interação situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos. Nesta concepção, o indivíduo realiza ações, age, atua sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). “No ensino da língua, nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças.”(GERALDI, 1999, p. 42)

Vista a questão da concepção, gostaria de trazer para discussão o papel que o docente tem de trabalhar com finalidade:

Na esfera escolar há um modo próprio de relação social em cujos objetivos está o processo de ensino e de aprendizagem, cabendo ao professor (o docente) a maestria nessas relações possíveis para criar ou reafirmar processos de interação, objetivos e objetos de ensino, materiais e estratégias didáticas, tempo para atividades. Estamos, portanto, falando de trabalho com finalidade. Ensinar na escola exige-nos planejamento, exige-nos uma orientação geral articulada aos objetivos teórico-metodológicos do ato de ensinar e de aprender. Exige-nos uma articulação com projetos mais amplos da própria instituição escolar em que atuaremos e com aqueles elaborados fora dela referentes a políticas públicas, políticas de trabalho, de humanidade com mais justiça social. (PELANDRÉ [et al.], 2011, p. 11)

³ A aula de Recuperação de estudos da 6ª série foi observada, no entanto, não constará da reflexão crítica.

Tivemos a oportunidade de presenciar as reuniões de disciplina em que os professores de Língua Portuguesa discutem questões administrativas e trocam experiências sobre questões pedagógicas. Neste momento, estavam em uma fase de atualização dos planos de ensino. Mas, a intenção é que nessas reuniões, troquem muitas ideias e tragam suas dúvidas para discussão.

O planejamento da professora observada pôde ser percebido desde a nossa entrada na escola. Desde a primeira reunião, já nos apresentou seu planejamento anual e, nossa escolha na docência deveria estar dentro do previsto. Ela deu total apoio a nossas ideias e nos mostrou que sua prática condiz com suas bases teóricas. Em sala de aula, seguia com o planejado e aplicava o mesmo planejamento nas diferentes turmas. Em discussão com outras colegas estagiárias, pudemos perceber que, por mais que o retorno dos alunos das diferentes turmas não fosse igual, ela estava sempre pronta para instigar os alunos de acordo com as respostas apresentadas.

Em relação à leitura, percebeu-se uma valorização, uma atitude de intimidade, de curiosidade pelos livros. As práticas que privilegiam a leitura por ela mesma foi vista em sala de aula. Após as leituras, os alunos conversavam, desinteressadamente, sobre o que leram. A interpretação de texto orientada pela professora buscou não só encontrar nele o que o sujeito-leitor enxerga a partir dos recortes que sua visão de mundo faz, mas foi capaz, também, de levantar marcas deste texto que apontam para possíveis intenções do autor, do gênero, do momento político, da ideologia vigente, etc.

Irândé Antunes (2003) coloca que a leitura deve ser, junto com outras atividades, uma forma de integração do aluno com a vida de seu meio social. O professor deve providenciar a diversidade de gêneros de textos, a fim de que o aluno, sistematicamente, seja levado a perceber a multiplicidade de usos e funções a que a língua se presta, na variedade de situações em que acontece. Deve, portanto, ajudar o aluno a identificar os elementos típicos de cada gênero que não seriam, apenas, objeto de observações fortuitas, assistemáticas e apressadas, mas seriam matérias de várias aulas, matéria cuidadosamente explicitada, cuidadosamente analisada.

Não pudemos acompanhar o trabalho feito anteriormente à atividade de escrita de uma crônica, aplicada na primeira aula observada, mas, de acordo com a prática da professora, acredito que buscou sim objetivos da escrita propostos por Geraldí. Tal atividade seria retomada depois do nosso período de observação para ser trabalhada a

segunda versão. Os alunos iriam revisar o que escreveram e vivenciando todas as etapas do processo de escrita.

Geraldi (1997) diz que a produção de textos (orais e escritos) deve ser o ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. É no texto, que a língua-objeto de estudos se revela em sua totalidade. É na produção de discursos que o sujeito articula um ponto de vista sobre o mundo e, seu trabalho não é mera reprodução mecânica. Se fosse apenas isso, os discursos seriam sempre idênticos, independentemente de quem e para quem resultam. O sujeito deve comprometer-se com sua palavra e de sua articulação individual com a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando dela não está consciente. Operando nesse incessante movimento, torna-se produtor do seu conhecimento. É a partir desta perspectiva que, Geraldi distingue, no interior das atividades escolares, produção de textos e redação. Nesta, produzem-se textos para a escola; naquela produzem textos na escola. Ao fazer uma redação, o aluno não possui outra finalidade que não seja a de cumprir uma tarefa designada pelo professor. Já, para a produção de textos é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz;
- e) se escolham estratégias para realizar a, b, c, d.

“Centrar o ensino na produção de textos é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos modos (estratégias) pelos quais se fala.” (p. 165).

A aula de gramática não foi vista durante o período de observação. O trabalho com o texto foi feito através de interpretação e características do gênero textual visto em sala. Em conversa com a professora regente, pude perceber que sua proposta de trabalho com a gramática deve ser feita conforme a proposta de Geraldi e Franchi, citada por Britto (1997): a intenção é abandonar o ensino de uma teoria gramatical, substituindo por atividades de leitura e produção de textos, articulando-as com exercícios de análise linguística, de modo a perceber os vários recursos expressivos

disponíveis e estabelecer as exigências formais do padrão escrito. Não se trata de negar a legitimidade da metalinguagem, mas de entender que ela só faz sentido no interior da disciplina que a constitui e só pode funcionar como instrumento efetivo e econômico de análise se aqueles que a manipulam forem capazes de conhecer sua referencialidade e seus limites. Essa análise consiste no fato de ela poder remeter a si própria, ou seja, com a linguagem não só falamos sobre o mundo ou sobre nossa relação com as coisas, mas também falamos sobre como falamos. O professor deve facultar recursos expressivos que não fazem parte daqueles já usados pelos alunos.

A professora observada tem total consciência do que faz. Sua prática deixa claro do quão importante é o “estar em dia com a teoria”. Oportunidade esta que a Escola proporciona ao professor ao oferecer-lhe horas tanto para ensino, quanto para pesquisa e extensão. Percebeu-se, neste período de observação, um trabalho com ensino e aprendizagem de língua materna comprometido com os usos sociais da linguagem. As concepções sobre gêneros do discurso foram claras e apresentaram uma ação pedagógica que parte da esfera da atividade humana em que o gênero circula e a natureza das relações interpessoais que institui, focalizando o suporte, para, então, atender à materialidade dos usos da modalidade falada ou escrita. Uma base teórica dessa natureza requer a consideração de que a aula de Língua Portuguesa deve tematizar os usos da língua tal qual se estabelecem em situações naturalísticas nas vivências humanas.

3.4 REFLEXÃO CRÍTICA DAS AULAS OBSERVADAS - RELATO ESTAGIÁRIA GABRIELLA

Acerca das observações das aulas de língua portuguesa para a turma C, do 1º ano do Ensino Médio, inicio minha análise crítica com um trecho da obra de Luiz Carlos Travaglia, intitulado “Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus”, referentes à concepção de língua e linguagem:

Outra questão importante para o ensino de língua materna é a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua, pois o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito o como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino.(2000, p.21)

Inicio minha reflexão pelas teorias que dizem respeito às concepções de língua (gem), pois é nesse ponto que a prática de sala de aula da professora de língua portuguesa da turma se diferencia de outras experiências observadas, dentro de outros contextos, como a educação pública do estado e do município. Em primeira instância, a formação da professora, com mestrado e doutorado na área de Linguística Aplicada, tendo como respaldo autores consagrados por seus estudos em gêneros textuais e concepções de linguagem como interação, Bakhtin, Geraldi, Irandé Antunes, Ângela Kleiman e outros, possibilita o profissional a refletir sobre sua prática didático/metodológica e atualizar sua prática de ensino com as teorias que melhor se ajustam à realidade.

Em segundo lugar, está a inserção do Colégio de Aplicação dentro da Universidade Federal de Santa Catarina, instituição de ensino do governo federal que oferece recursos materiais e qualificações aos profissionais, bem como oportunidade de trabalho com Projetos de Pesquisa e Extensão e Iniciação Científica. Um professor com acesso a tais benefícios tem outra perspectiva quanto à prática docente e um horizonte ampliado de conhecimentos, que qualificam suas aulas, em prol da formação de seus alunos.

Durante as dez horas/aulas de observação, percebeu-se que em todos os momentos de sua aula, a prática esteve condizente com as teorias que ela disse seguir, durante entrevista realizada para coleta de informações das características do espaço

escolar. Durante sua tese de doutorado, trabalhou muito com Bakhtin o que fez com que se encantasse com a concepção de linguagem como forma de interação. Ela procura sempre trabalhar com a perspectiva de que o aluno é um outro que deve ser considerado o tempo todo. Sua aula tem um espaço de interação em que tanto o professor quanto o aluno tenham voz. Ela diz que quando um aluno faz uma leitura de literatura é muito importante entender a partir de que lugar ele faz aquela leitura. Cada um atribui sentido ao que lê, a partir de seus horizontes e das suas vivências. É o que vai dizer Bakhtin, na obra “Estética da Criação Verbal”:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. (2003, p.30)

A linguagem como forma de interação é mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala, nas palavras de Geraldi. Ainda ele diz, que estudar a língua é, então, tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada situação concreta de interação. Nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças.

Em sua entrevista, a professora da turma sinaliza dificuldades em como trabalhar vendo o aluno como sujeito, já que ela diz haver pouco material disponível que mostre como as questões de linguagem que interessam para que aquela interação funcione, para que o aluno dê sentido aos gêneros trabalhados em sala de aula, como por exemplo a crônica, a notícia, etc. A dificuldade então, é articular isso, visto que o que é leitura, gramática e produção textual foram tão separados, historicamente.

Mesmo com todos os desafios, que a nova concepção teórica de linguagem carrega consigo, devido ao pouco material e até mesmo, por estar tão arraigada na

prática de ensino a concepção tradicional da língua portuguesa, trabalhada à exaustão através da história, mesmo assim a professora consegue subverter as dificuldades e utilizar a língua materna como forma de interação socialmente relevante, quando inicia suas aulas perguntando aos alunos como sentiram o processo de leitura e escrita, o que acharam de determinado conteúdo trabalhado em sala, se conhecem determinado autor, o que entendem pela palavra crônica, quais características acham que contém o texto, entre outras considerações dos alunos, sempre privilegiando o conhecimento prévio dos alunos e partindo dele para inserir o conhecimento próprio do gênero trabalhado, mantendo unidos e imbricados os quatro eixos oralidade, leitura, escrita e análise linguística, como conteúdos de ensino.

À guisa da prática de sala de aula da professora da turma C, a leitura e a produção textual são trabalhados à luz das novas teorias de gênero, defendidas por Geraldi e Irandé Antunes. Durante as aulas, a professora explora a interpretação de texto esmiuçada parágrafo a parágrafo coletivamente, enfatizando o sentido das palavras isoladamente e dentro do contexto, extraindo elementos literários e linguísticos para serem abordados com os alunos, sempre ouvindo as considerações deles, partindo de seus conhecimentos locais para os globais.

A produção textual, especificamente, é orientada a partir do gênero que está sendo estudado. No exemplo presenciado durante o período de observação, o gênero crônica estava sendo conhecido, analisado e produzido e os alunos deveriam produzir uma crônica a partir da leitura de uma reportagem de revista, podendo escolher qualquer tema de sua escolha. O gênero já havia sido conhecido com a leitura de uma crônica de Ignácio de Loyola Brandão, sua temática, o estilo, o suporte e a esfera de circulação. Após esse primeiro momento de escrita, os alunos leram mais crônicas, apresentaram e montaram um roteiro que virou uma tabela de características do gênero e embasados, produziram uma segunda versão daquela primeira produção, ajustando os elementos que estivessem deficientes para se constituir propriamente uma crônica. Por todo esse trabalho meticuloso com o texto, pode se dizer que o objeto de estudo da aula de português é o gênero textual e a partir dele vão se trabalhando com outros elementos.

Se o texto é o objeto de estudo, o movimento vai ser ao contrário: primeiro se estuda, se analisa, se tenta compreender o texto (no todo e em cada uma de suas partes- sempre em função do todo) e, para que se chegue a essa

compreensão, vão- se ativando as noções, os saberes gramaticais e lexicais que são necessários. Este objeto- o texto- é que vai condicionar a escolha dos itens, os objetivos com que os abordamos e a escolha das atividades pedagógicas. (ANTUNES, Irandé p.110)

A citação extraída da obra de Irandé Antunes, “Aula de Português: encontro & interação”, respalda com argumento o que foi trabalhado pela professora da turma observada, ainda reforçado pelas palavras de João Wanderley Geraldi, em seu texto “Os perigos do texto na sala de aula”, em excerto que diz:

Um texto não é produto da aplicação de regras e nem mesmo das regularidades genéricas; é produto de elaboração própria que encontra nos outros textos apenas modelos ou indicações. A criatividade posta em funcionamento na produção do texto exige articulações entre situação, relação entre interlocutores, temática, estilo do gênero e estilo próprio, o querer dizer do locutor, suas vinculações e suas rejeições aos sistemas entrecruzados de referências com as quais compreendemos o mundo, as pessoas e suas relações. (...) Por essa razão, as aulas de produção de texto não podem estar dissociadas de atividades de leitura com ênfase na compreensão ativa e responsiva que aponta, inclusive, para uma análise linguística dos textos que se debruce sobre aspectos discursivos. (1999, p.40)

Concernente ao trabalho com os gêneros, a crônica foi trabalhada à miúdo, com foco no dialogismo de Bakhtin, daquilo que é socialmente relevante, para tanto, foi apresentado aos alunos o suporte, a esfera de circulação, o locutor que produz para quem produz e para quem produz, bem como seus aspectos temáticos, composicionais e estilísticos, através de uma enunciação baseada na interação com os alunos. Como diria Bakhtin (1952), “isso se deve ao fato de que, toda vez que falamos ou escrevemos, atualizamos formas relativamente consagradas de interação linguística, visto que o querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero discursivo”.

No campo do trabalho com a leitura ela é objeto de estudo que perpassa todas as etapas da aula de português da professora e é tratada como uma oportunidade de aprendizagem a uma mera tarefa escolar, sem uma atenção resguardada. Ela trabalha com leitura silenciosa, no caso da leitura das reportagens de revista, do momento de

leitura das crônicas de Luís Fernando Veríssimo na biblioteca e da escola de outras crônicas em outros suportes, não contemplando a leitura em voz alta dos alunos. Dessa forma, observo que ela não encara a leitura como simples aferição do código escrito, mas como uma forma de aquisição de conhecimento de avaliação do seu meio social. A leitura como decodificação (em voz alta), não é mais vista como tarefa escolar no sentido de se trabalhar a oralidade, em outros momentos ela vai ser ponto-chave para determinado trabalho, destituída do modelo vazio de outrora. Irandé Antunes vai confirmar:

Assim, a leitura deixaria de ser uma tarefa escolar, um simples treino de decodificação, uma oportunidade de avaliação, para ser junto com outras atividades, uma forma de integração do aluno com a vida de seu meio social. Sabemos quanto a integração da pessoa em seu grupo social passa pela participação linguística, passa pelo exercício da “voz”, que não deve ser calada, nem reprimida, mas sim promovida, estimulada e encorajada. (p.119)

No âmbito das aulas que envolveram, majoritariamente, a leitura, faço duas ressalvas quanto ao encaminhamento das atividades: considerei pouco tempo, uma aula com duração de 45 minutos, para leituras das crônicas, visto que a professora ainda explicou como se daria a atividade e teve o tempo perdido durante o deslocamento e outro aspecto a ser comentado e a leitura realizada em duplas, prática recorrente nas aulas da professora, acarreta em pouco atenção e foco na atividade, bem como maior chance de uma leitura-estudo pouco proveitosa.

Embora não tenhamos presenciado nenhum trabalho específico com aspectos gramaticais, observamos que a análise linguística esteve sempre presente no trabalho com o gênero textual que estava sendo estudado, através de roteiros de análise de interpretação de aspectos textuais. A noção de estudo da gramática tradicional, de forma solta e descontextualizada é ressignificada a partir da noção do texto como objeto de estudo. A professora segue em sua prática a teoria postulada por Irandé Antunes, em:

Assim, o estudo do texto, da sua sequência e da sua organização sintático-semântica conduzirá forçosamente o professor a explorar categorias gramaticais, conforme cada texto em análise, sem perder de vista, no entanto, que não é a categoria em si que vale, mas a função que ela

desempenha para os sentidos do texto. Ou seja, mesmo quando se está fazendo a análise linguística de categorias gramaticais o objeto de estudo é o texto. (...) Ou seja, pela análise dos usos da língua entende-se mais e melhor o funcionamento das unidades da gramática. Por conseguinte, é preciso que se analise o emprego dessas unidades em textos, para que se garanta seu uso com coerência e adequação comunicativa. (p.121)

As atividades em torno da oralidade perpassam todas as aulas da professora, pois a voz do aluno é sempre levada em consideração e toda tarefa proposta em sala ou em casa é aferida através da sua participação oral, seja lendo a atividade realizada, seja emitindo opiniões. Irandé Antunes já dizia que as circunstâncias de falar em público exigem o cumprimento de certas convenções sociais que interferem na organização do que dizer e na forma de como dizer. A professora está atenta para desenvolver nos alunos as competências necessárias a uma participação eficiente em diversos eventos da comunicação pública.

Finalmente, vale considerar que toda a teoria e prática da professora de língua portuguesa da turma observada está de acordo, além das teorias privilegiadas no decorrer dessa reflexão, mas também amparada no documento oficial do Parâmetro Curricular Nacional, o que qualifica e viabiliza o excelente trabalho dessa profissional da educação. De acordo com o documento, as ações realizadas na disciplina de língua portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta. Isso implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem. E foi observado que isso está sendo realizado com responsabilidade, consciência e maestria.

À luz do que foi exposto a respeito das aulas da professora da turma do primeiro, faço uma breve reflexão sobre a aula de Recuperação de Estudos observada. Percebe-se pela pouca experiência da professora, contada durante a entrevista, que ela não compartilha do respaldo teórico da linguagem como interação social, do dialogismo e do texto como objeto de estudo, visto que ela traz um texto descontextualizado, sem referência, sem explicação de que suporte foi retirado, qual sua esfera de circulação e apenas traz perguntas de aferição do texto, sem realizar uma abordagem epilinguística dos elementos que ressignificam as linhas do papel. A partir dessa outra realidade

observada, pode se perceber a importância do estudo consciente e atualizado das teorias que respaldam a metodologia e a didática de sala de aula do professor, demonstrando que a teoria e a prática devem caminhar juntas para que a boa educação, de qualidade e significado aconteça e produza jovens preparados para a sociedade.

4. PROJETOS E PLANOS DE AULA

Cabe ao professor a maestria de trabalhar com finalidade.

Na esfera escolar há um modo próprio de relação social em cujos objetivos está o processo de ensino e de aprendizagem, cabendo ao professor (o docente) a maestria nessas relações possíveis para criar ou reafirmar processos de interação, objetivos e objetos de ensino, materiais e estratégias didáticas, tempo para atividades. Estamos, portanto, falando de trabalho com finalidade. Ensinar na escola exige-nos planejamento, exige-nos uma orientação geral articulada aos objetivos teórico-metodológicos do ato de ensinar e de aprender. Exige-nos uma articulação com projetos mais amplos da própria instituição escolar em que atuaremos e com aqueles elaborados fora dela referentes a políticas públicas, políticas de trabalho, de humanidade com mais justiça social. (PELANDRÉ [et al.], 2011, p. 11).

Visto a importância do planejamento, apresentamos, nesta seção, os projetos de docência e extraclasse, junto com seus respectivos planos de aula.

4.1 PROJETO DE DOCÊNCIA – VIAJAR É PRECISO, RELATAR NÃO É PRECISO: EXPLORANDO OS RELATOS DE VIAGENS

4.1.1 Introdução

O Projeto de Docência constitui uma das etapas do conteúdo programático da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, o qual consiste em formar o professor no espaço de trabalho, com a imersão na instituição de ensino para acompanhamento cotidiano do trabalho de docentes de língua portuguesa e de atividades na escola que envolvam o campo da linguagem e o exercício da docência, planejada neste presente projeto.

O Projeto foi fundamentado na realidade social, política e pedagógica do Colégio de Aplicação, localizado no campus da Universidade Federal de Santa Catarina, no bairro Trindade, no município de Florianópolis e foi ancorado no aporte teórico dos Parâmetros Curriculares Nacionais e autores consagrados no curso de Letras Língua Portuguesa que defendem a docência, leitura, produção de textos e análise linguística como atividades com finalidade socialmente relevantes.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, sabemos que a escola tem a função de promover condições para que os alunos reflitam sobre os conhecimentos construídos ao longo de seu processo de socialização e possam agir sobre (e com) eles, transformando-os, continuamente, nas suas ações, conforme as demandas trazidas pelos espaços sociais em que atuam. Assim, se considerarmos que o papel da disciplina Língua Portuguesa é o de possibilitar, por procedimentos sistemáticos, o desenvolvimento das ações de produção de linguagem em diferentes situações de interação, abordagens dialógicas na prática da sala de aula são essenciais.

Assim é que o projeto se encoraja a constituir-se como tal a fim de que se objetiva a compreender os textos orais e escritos com os quais os alunos se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz, bem como usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica. Para confirmar o que afirma o documento oficial e continuar com a qualidade do trabalho desempenhado até então, o projeto para o primeiro ano do ensino médio consolida-se através do dialogismo, defendido por

Bakhtin, partindo do conhecimento de mundo prévio do aluno para chegar ao conhecimento do conteúdo estudado na disciplina, qual seja a leitura e escrita de gêneros para fins socialmente relevantes, isto é, o quê escrever, para quem e para quê. Mais que capacitar os alunos em uma leitura e escrita proficiente, o projeto viabiliza o contato com diversas demonstrações do gênero trabalhado e promove a reflexão acerca de sua linguagem dentro da sua própria vivência e da linguagem social do mundo.

O corpo docente do Ensino Fundamental e Médio do Colégio de Aplicação é constituído por docentes habilitados, aprovados em Concurso Público a ser realizado pelos órgãos responsáveis da Universidade Federal de Santa Catarina. O corpo discente é constituído por todos os educandos regularmente matriculados no estabelecimento. Algumas atribuições do educando são: frequentar com assiduidade e pontualidade as aulas e demais atividades escolares; comparecer às aulas, inclusive às de Educação Física, devidamente uniformizados; trazer o material escolar solicitado, mantendo-o em perfeita ordem; trazer justificativas, na agenda escolar, por todas as entradas tardias após a segunda aula ou saídas antecipadas, assinadas pelos pais ou responsáveis legais.

Durante o período de observação, focou-se na estrutura física do prédio que abrigava a escola, como se constituía o quadro de funcionários e professores da escola, a quantidade de alunos que frequentavam a escola, quais os turnos disponíveis, como se estruturou e ancorou o Projeto Político Pedagógico, que é a espinha dorsal que mantém as filosofias da gestão e da postura pedagógica da escola, como é a realidade sócio-econômica da comunidade escolar, como acontecem as aulas de língua portuguesa para o primeiro ano do ensino médio, como é a realidade específica desses alunos da turma de imersão, enfim foi um período de coleta de dados para entendimento de qual realidade estávamos nos inserindo e que tipo de trabalho, imbuídas do nosso conhecimento de formação intelectual e de ideologias enquanto futuras educadoras, construiríamos e exerceríamos durante o período de 16h/a de inserção na turma.

A partir dessa amostragem da realidade do contexto da comunidade escolar e da concepção que se tem do ensino da língua portuguesa no ensino médio e seus objetivos é que se pensou na execução desse projeto, confluindo a importância da escolha do tema e o percurso do processo metodológico, bem como a etapa de avaliação, a fim de atingir com qualidade e êxito o objetivo de aprimorar a reflexão, a leitura, produção escrita e análise linguística dos alunos do primeiro ano do ensino médio.

O tema escolhido para o projeto intitula-se “Viajar é preciso, relatar não é preciso: explorando Relatos de Viagens”, em circunstância da necessidade de dar continuidade aos encaminhamentos do planejamento da professora titular da turma, em que o gênero Relato de Viagem era o assunto seguinte do seu plano de aula, coincidindo com o período de nossa inserção na execução do projeto de docência para a turma. Diferentemente da experiência do estágio anterior, o tema teve que ser definido antes e durante o período de observação das aulas da professora, o que antes foi feito somente no período de planejamento. Isso vale ser registrado, pois demonstra a estrutura organizacional da escola, que sistematiza e prevê todos os conteúdos que devem ser trabalhados já no início do ano, através de objetivos claros e conscientes que permeiam toda a prática docente e que viabilizam uma metodologia encadeada e coesa. Dessa forma, não tivemos tanta liberdade na escolha de que gênero gostaríamos de abordar, no entanto a escolha dos textos e do nosso olhar para as aulas foram todas delegadas a nós, com total liberdade de ideias.

A realização desse projeto se faz importante para o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos, no que tange a sua relação com a reflexão do mundo e da linguagem a partir do estudo do texto. A partir da exposição e discussão de diversos textos no gênero Relatos de Viagens, em diferentes vertentes, como de cunho mais jornalístico, de cunho mais literário, inserido em cartas de literatura de informação, enfim, a partir do estudo aprofundado do suporte, da esfera de circulação, das características, os alunos serão capazes de transitar pelas diferentes formas de manifestação da linguagem e refletir sobre eles, de maneira embasada e consciente, tendo adquirido instrumentos de leitura e escrita para isso.

O projeto se fortalece quando tem como objetivo principal trabalhar com os quatro eixos do conhecimento, subsidiado pelos documentos oficiais, fala/escuta, leitura/escrita. Todos os eixos serão trabalhados com igual importância e teor de relevância para o andamento das aulas, contando com o mesmo peso avaliativo de participação dos alunos.

Através de uma ação bem planejada e norteada pelos documentos oficiais e teorias que defendem o dialogismo, essenciais para que a atividade docente se constitua com discernimento e objetivos consistentes, os alunos aprenderão a ler/ interpretar textos com mais desenvoltura, conhecerão mais o tema viagens a partir do gênero relato de viagens de autores como Zeca Camargo, Amyr Klink e Pero Vaz de Caminha,

aprenderão a estrutura e as características dos relatos, percebendo semelhanças e diferenças entre um relato mais jornalístico, mais literário e inserido em uma carta de informação, colocarão em prática esse conhecimento através da produção escrita, cuja proposta é escrever um relato de viagem sobre uma viagem ou passeio vivenciado, entremeando e enriquecendo esse relato com a leitura de um livro de relato de viagem realizada previamente. A atividade de produção escrita procura além de desenvolver a temática e a estrutura de um gênero novo, também aperfeiçoar aspectos linguísticos trabalhando a coesão e a coerência, problema mais recorrente na escrita desses alunos. Ao final dessa intervenção, esperamos ter plantado uma semente inspiradora para que se tornem leitores e escritores ávidos e curiosos por conhecer, aprender.

O projeto envolve a comunidade escolar, não apenas os professores e alunos que diretamente trabalharão com o tema e a proposta de atividade, mas todos que, indiretamente, passarão a conviver com as mudanças de formação desses jovens alunos, como seus pais, amigos, vizinhos e todos em volta.

Além de nos orientarmos pelos documentos e teorias mencionados, a Proposta Política Pedagógica e a realidade da comunidade escolar, bem como o perfil específico dos alunos da turma a ser trabalhada foram indispensáveis para a construção do projeto a fim de que não se criasse uma atividade docente descontextualizada da realidade local, que não fosse utópica e, então, pouco eficiente para o objetivo a que se destina.

Diante de tudo o que foi extraído do período de observação acerca da realidade, estrutura e recursos do colégio, da comunidade escolar, das aulas de língua portuguesa da turma de imersão do projeto de docência, das características e dificuldades dos alunos do primeiro ano C, é que se chegou ao produto final deste Projeto de Docência, visando agregar todo esse contexto e agregar ao trabalho da professora regente, um pouco do nosso olhar oriundo de nossa recente formação acadêmica e transformar um pouco a teoria dos bancos da universidade para a prática real e engajada, que deve ser, dos bancos da escola. Na certeza de que além de ensinar, muito aprenderemos, ficam os grandes votos de estarmos somando forças para uma educação cheia de conhecimentos e esperança.

4.1.2 Referencial Teórico

O planejamento

O ensino de língua exige do professor uma atuação atenta às interlocuções da sala de aula. As ações realizadas na disciplina Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta. Isso implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem.

Para isso, um bom início é a elaboração e a execução de um projeto pedagógico, tanto para ganhar um sentido de trabalho coletivo como para significar as atividades de ensino e de aprendizagem. Isso requer, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que “[...] sejam criadas situações por meio das quais (e nas quais) se realizem ações de estudo e reflexão, acompanhamento e avaliação acerca da gestão pedagógica e, por conseguinte, da gestão curricular, o que concorre para abrir a possibilidade de empreender em serviço a formação contínua do professor.” (Brasil, 2006, p.44).

No livro “Português no Ensino Médio e formação do professor”, organizado por Clecio Bunzen e Márcia Mendonça, é citado o ponto de vista metodológico de Geraldi, que

[...] propõe – a partir de três grandes eixos teóricos que são a **concepção de linguagem como interação, as variedades lingüísticas** e as **teorias do texto/discurso** – que o ensino de língua se efetive através de três práticas articuladas [...]:

- a) leitura – como um trabalho de compreensão dos sentidos de um texto, que corporifica o dizer de um sujeito de linguagem;
- b) produção de textos – como a expressão da subjetividade de um autor, registro de uma certa compreensão ou visão de mundo para o outro;
- c) análise linguística – como um trabalho de reflexão sobre os modos de funcionamento dos recursos expressivos da língua, em cujo centro estariam o texto e suas operações de construção. (GERALDI, in: BUNZEN e MENDONÇA, 2006, p. 229, grifos do autor).

Iniciaremos nosso ensaio com a discussão sobre a concepção de linguagem e partiremos, em seguida, para as questões de leitura, escrita e análise linguística.

A Concepção

A concepção de linguagem como forma de interação situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos. Nesta concepção, o indivíduo realiza ações, age, atua sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). “No ensino da língua, nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças.”(GERALDI, 1999, p. 42)

Segundo Antunes (2003), uma visão interacionista da escrita supõe encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos. É assim que ocorrerá a comunhão de ideias, de informações e de intenções pretendidas. Por essa visão, se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita *a um outro alguém*, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo. A suposição da existência de um “tu” é muito importante e, mesmo que o sujeito com quem interagimos pela escrita não esteja presente, este é um exercício da faculdade da linguagem.

Como tal, existe para *servir à comunicação entre sujeitos*, os quais, cooperativa e mutuamente, se ajustam e se condicionam. Quem escreve, na verdade, *escreve para alguém*, ou seja, está *em interação com outra pessoa*. Essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo (Grifos da autora. p. 46).

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. Ela é muito mais do que a decodificação dos sinais gráficos. O leitor participa como um dos sujeitos da interação, buscando recuperar, interpretar e compreender o conteúdo e as intenções do autor.

Geraldi (1997) diz que uma língua pode ser encarada de duas perspectivas diferentes: ou ela é vista como instrumento de comunicação, como meio de troca de mensagens entre as pessoas, ou ela é tomada como objeto de estudos, como um sistema cujos mecanismos estruturais se procura identificar e descrever. Os objetivos para essas duas perspectivas são diferentes: ou será desenvolver no aluno as habilidades de expressão e compreensão de mensagens (o uso da língua), ou será o conhecimento do sistema linguístico (o saber a respeito da língua). Qualquer criança possui o conhecimento prático dos princípios da língua materna e, é exercendo a linguagem que será capaz de deduzir a teoria de suas leis. A intenção é induzir o aluno a adquirir a concepção racional do que já sabe por hábito, e repete maquinalmente e, apenas depois que ele tiver a posse da língua, levá-lo à consciência da língua.

A concepção de língua como objeto social implica um trabalho com ensino e aprendizagem de língua materna comprometido com os usos sociais da linguagem. As concepções sobre gêneros do discurso implicam uma ação pedagógica que parta da esfera da atividade humana em que o gênero circula e a natureza das relações interpessoais que institui, focalizando o suporte, para, então, atentar à materialidade dos usos da modalidade falada ou escrita. Uma base teórica dessa natureza requer a consideração de que a aula de Língua Portuguesa deve tematizar os usos da língua tal qual se estabelecem em situações naturalísticas nas vivências humanas. A aula de

Língua Portuguesa, no entanto, tem a especificidade de implementar as possibilidades de uso da língua nessas mesmas situações, empreendendo um processo de ensino que permita ao aluno monitorar os usos que faz, de modo a, conhecendo a que se prestam as unidades linguísticas – por meio de uma abordagem epilinguística – fazer uso delas em favor das interações que estabelece.

A Leitura

Segundo os PCN's (2006), o leitor vem sendo analisado e conceituado não só por meio das chamadas teorias da recepção, como também por outras linhas críticas da atualidade, para as quais não apenas autor e texto, mas esse terceiro elemento, formam juntos o campo de estudo da crítica, da teoria e da história da Literatura. O leitor e a leitura tornam-se, hoje, objetos de reflexão teórica, até mesmo no interior do próprio texto literário.

A leitura do texto literário é, pois, um acontecimento que provoca reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas, dependendo da história de cada indivíduo. Não só a leitura resulta em interações diferentes para cada um, como cada um poderá interagir de modo diferente com a obra em outro momento de leitura do mesmo texto.

Os PCN's citam como Umberto Eco (1989, in: Brasil, 2006, p. 68) identifica dois tipos básicos de leitores. Um deles é a vítima, designada pelas próprias estratégias enunciativas. O outro é o leitor crítico, que ri do modo pelo qual foi levado a ser vítima designada. O leitor vítima é aquele mais interessado em “o que” o texto conta, uma vítima do enunciado. O leitor crítico é o preocupado em “como” o texto narra, também interessado no modo de enunciação. O interessante é sermos simultaneamente tanto um tipo quanto o outro, e ainda muitos outros dentro do arco, dependendo das situações e das finalidades da leitura.

Dessa forma, o gosto literário deve partir da tradição literária local e oferecer instrumentos para uma penetração mais aguda nas obras, o que seria o objetivo da escola em relação à literatura. Esse seria o caminho a ser percorrido para o leitor vítima chegar a ser o leitor crítico.

Tais objetivos são, portanto, inteiramente pertinentes e inquestionáveis, mas questionados devem ser os métodos que têm sido utilizados para esses fins. A motivação, portanto, é essencial. Esta deve ser feita com atividades que tenham para os jovens uma finalidade imediata e não necessariamente escolar. O aluno deve se

reconhecer como leitor e identificar o prazer que isso propicia. Deve encontrar espaço para compartilhar suas impressões de leitura com os colegas e com os professores. Tais atividades evitariam que o jovem lesse unicamente porque a escola pede – o que é com frequência visto como uma obrigação. Ele lerá então porque se sentirá motivado a fazer algo que deseja e, ao mesmo tempo, começará a construir um saber sobre o próprio gênero, a levantar hipóteses de leitura, a perceber a repetição e as limitações do que lê, os valores, as diferentes estratégias narrativas.

A Escrita

Geraldi (1997) diz que a produção de textos (orais e escritos) deve ser o ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. E justifica tal posicionamento porque crê que é no texto, que a língua-objeto de estudos se revela em sua totalidade. É na produção de discursos que o sujeito articula um ponto de vista sobre o mundo e, seu trabalho não é mera reprodução mecânica. Se fosse apenas isso, os discursos seriam sempre idênticos, independentemente de quem e para quem resultam. O sujeito deve comprometer-se com sua palavra e de sua articulação individual com a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando dela não está consciente. Operando nesse incessante movimento, torna-se produtor do seu conhecimento. É a partir desta perspectiva que, Geraldi distingue, no interior das atividades escolares, produção de textos e redação. Nesta, produzem-se textos para a escola; naquela produzem textos na escola. Ao fazer uma redação, o aluno não possui outra finalidade que não seja a de cumprir uma tarefa designada pelo professor. Já, para a produção de textos é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz;
- e) se escolham estratégias para realizar a, b, c, d.

“Centrar o ensino na produção de textos é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos modos (estratégias) pelos quais se fala.” (GERALDI, 1997, p. 165).

Geraldi ainda salienta a ideia de movimento do local para o global, na qual centrar o ensino na produção de textos é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento, quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos momentos (estratégias) pelos quais se fala.

Compreendendo que cada sujeito é diferente do outro, os agenciamentos de conhecimentos prévios são diferentes. Nós mesmos mudamos a cada leitura e releitura.

Para representar isso, o autor coloca:

O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Não são mãos amarradas – se o fossem, a leitura seria reconhecimento de sentidos e não produção de sentidos; não são mãos livres que produzem o seu bordado apenas com os fios que trazem nas veias de sua história - se o fossem, a leitura seria outro bordado que se sobrepõe ao bordado que se lê, ocultando-o apagando-o, substituindo-o. São mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecedura do mesmo bordado. (GERALDI, 1997, p. 166).

Aproveitando o que Geraldi nos mostra, compartilhamos as ideias de Bakhtin sobre a questão do Dialogismo. A filosofia de Bakhtin é uma axiologia, uma teorização primeira sobre valores: “[...] viver é estar se posicionando a cada momento frente a valores. Nós nos constituímos e agimos sempre num universo de valores.” (FARACO, 2007, p.45). Portanto, nas relações dialógicas, relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados postos em contato, ocorrem defrontações de axiologias.

A consciência, para o filósofo, é sempre plural. Ela é povoada por inúmeras vozes sociais que são o reflexo do nosso existir no diálogo inconcluso com a alteridade: “[...] nada sou fora das relações com os outros; nós nos constituímos e vivemos nas relações com a alteridade.” (FARACO, 2007, p.46). “[...] a nossa própria idéia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.” (BAKHTIN, 2003, [1979] p. 298).

Assim, ser autor é assumir uma posição axiológica frente ao já multiplamente valorado. Não se produzem textos do nada ou por mera atualização de potencialidades linguísticas e/ou textuais. “O falante [autor] não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez.” (BAKHTIN, 2003, [1979], p. 300). Todo texto está marcado por essa bivocalidade, a

voz que ordena e as vozes mobilizadas que ali estão ressonando. Não se pode olhar o texto como um artefato. A unidade do texto não é dada apenas por sua forma externa, ela é dada pelo quadro de relações axiológicas que o produzem.

A Análise Linguística

Criadas as condições para atividades interativas efetivas em sala de aula, quer pela produção de textos, quer pela leitura de textos, ganhando especial relevância para esse fim, é no interior dessas que a análise linguística se dá. “Na escola atual, o ensino começa pela síntese, pelas definições, pelas generalizações, pelas regras abstratas. O fruto desse processo irracional é digno do método, que sistematiza assim a mecanização da palavra, descendo-a da sua natural dignidade, para converter numa idolatria automática do fraseado” (GERALDI, 1997, p. 117-118). Tal orientação privilegia o aprendizado da metalinguagem da língua: domina-se conceitos a partir dos quais se fala sobre a língua.

A proposta de Geraldi e Franchi, citada por Britto (1997), representa muito bem a abordagem epilinguística – abordagem esta, sugerida por autores que seguem a concepção de interação da linguagem. A intenção é abandonar o ensino de uma teoria gramatical, substituindo por atividades de leitura e produção de textos, articulando-as com exercícios de análise linguística, de modo a perceber os vários recursos expressivos disponíveis e estabelecer as exigências formais do padrão escrito. Não se trata de negar a legitimidade da metalinguagem, mas de entender que ela só faz sentido no interior da disciplina que a constitui e só pode funcionar como instrumento efetivo e econômico de análise se aqueles que a manipulam forem capazes de conhecer sua referencialidade e seus limites. Essa análise consiste no fato de ela poder remeter a si própria, ou seja, com a linguagem não só falamos sobre o mundo ou sobre nossa relação com as coisas, mas também falamos sobre como falamos. O professor deve facultar recursos expressivos que não fazem parte daqueles já usados pelos alunos.

Os próximos passos

Por mais que Bakhtin não tenha se interessado por questões pedagógicas, Faraco (2007) nos mostra que a crítica que Bakhtin faz ao teoreticismo pode ser útil para nossas preocupações concernentes a como ensinar nossos alunos a produzirem textos. “Ao trabalharmos como educadores, temos, portanto, um desafio imenso de romper com o

teoreticismo em nossas práticas e obter o envolvimento existencial dos educandos na experiência de ser autor e de ser leitor ativamente partícipe do vasto diálogo cultural” (FARACO, 2007, p.50).

Acreditamos que temos de fazer com que os educandos rompam com uma consciência linguística que está dogmaticamente dominada por vozes sociais incapazes de se verem pelos olhos de outras vozes do plurilinguismo, e fazer com que a substituam por uma consciência linguística relativizada capaz de se ver pelos olhos da bivocalidade, pelo mútuo esclarecimento crítico das vozes sociais. É neste sentido que acreditamos na importância do presente projeto: trabalhar com os quatro eixos do conhecimento da linguagem: fala/ escuta, leitura/ escrita, tomando o aluno como locutor que diz o que diz para quem diz.

O ideário de Bakhtin está subjacente aos Parâmetros Curriculares Nacionais – compreensão dos gêneros do discurso como objeto de estudo e do texto como unidade de estudo. Assim, importa que dominemos o eixo sobre o qual esse ideário se constrói, a fim de que possamos empreender um processo de elaboração didática por meio do qual nossa ação metodológica medie a potencialização das habilidades de uso da língua oral e escrita por parte de nossos alunos.

4.1.3 Objetivos Gerais

- Ler e interpretar alguns relatos de viagem;
- Apreender a estrutura e característica do relato de viagem;
- Conhecer blogs, sites e vídeos que relatam viagens;
- Identificar características do tema trabalhado;
- Escrever e apresentar oralmente um relato de viagem;
- Apreender estrutura, característica e condições de produção da carta;
- Escrever um relato de viagem sobre uma viagem ou passeio vivenciado entremeando com aspectos do livro lido anteriormente;
- Analisar coletivamente o trecho do texto de um aluno, selecionado pela professora;
- Reescrever seu próprio texto escrito nas anteriormente;

- Vivenciar uma viagem de escuna pelas Ilhas de Ratonés Grande e de Anhatomirim;
- Expor seu texto em versão final no blog sobre relatos de viagem da turma.

4.1.4 Metodologia

- Conversa sobre os livros de relatos de viagens que estão sendo lidos pelos alunos;
- Leituras silenciosas e coletivas, dos trechos dos livros “A Fantástica Volta ao Mundo”, de Zeca Camargo, “Paratii: entre dois polos”, de Amyr Klink e “A carta”, de Pero Vaz de Caminha;
- Discussão sobre a estrutura e características do gênero Relato de Viagem: descrição, sequência de ações, ponto de vista;
- Orientação de pesquisa de blogs que contenham relatos de viagens para que sejam trazidos pelos alunos;
- Exposição de blogs que apresentam relatos de viagens pesquisados pelos alunos e trazidos pela professora;
- Exposição do twitter de @urbanauta, que apresenta relatos de viagens através de twitts;
- Apresentação de sites relacionados com relatos de viagens;
- Visualização de um trecho do filme da Família Schürmann “O mundo em duas voltas”;
- Assistência a uma entrevista com Amyr Klink;
- Exposição sobre o conteúdo variedade linguística;
- Escrita e apresentação oral de um relato de viagem, segundo as características sociais de certo personagem;
- Orientação de escrita de um relato de viagem a ser feita em casa pelo aluno, para que seja trazido na próxima aula;
- Análise das condições de produção da carta;
- Interpretação da carta sobre aspectos da linguagem e dos sentimentos do viajante;

- Escrita de um relato entremeando a produção do relato vivenciado, feito anteriormente, com a leitura do livro de relato de viagem (orientado para leitura previamente);
- Análise linguística coletiva do trecho do texto de um dos alunos;
- Reescrita individual do texto corrigido e devolvido;
- Entrega do roteiro para viagem de estudos do dia 17/05, elaborado pela professora regente;
- Viagem de escuna pelas Ilhas de Ratonés Grande e de Anhatomirim;
- Orientação de digitação do texto em casa para que os alunos tragam na próxima aula.
- Inserção da produção textual dos alunos no blog, no laboratório de informática;
- Inserção de fotos no blog, no laboratório de informática;
- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos;
- Socialização dos textos;
- Fechamento das aulas.

4.1.5 Recursos

- Cópia, para os alunos, dos textos a serem lidos em sala;
- Cópia, para os alunos, da orientação de pesquisa;
- Quadro, caneta/giz;
- Auditório com data show, computador com internet, caixa de som;
- Cópias, para os alunos, das orientações de escrita;
- Cópia, para os alunos, do trecho do texto de um aluno, a ser analisado;
- Cópia em papel pardo do trecho do texto de um aluno, a ser analisado;
- Máquina fotográfica, papel, caneta;
- Cópia da orientação de digitação dos textos;
- Sala de informática com computadores e internet.

4.1.6 Avaliação

A avaliação se dará através da observação do processo de ensino-aprendizagem, no que tange à evolução na leitura, interpretação de textos, oralidade, escrita, análise linguística, participação e assiduidade (50%). Além da atribuição de uma nota na produção final escrita em que serão contempladas as características do gênero relato de viagem, como descrição, sequência de ações, ponto de vista, etc., conteúdo, forma e coesão e coerência textuais, além do encadeamento dado pelo aluno em relação ao livro lido (50% - será atribuída uma nota para a primeira versão da produção textual e outra nota para a segunda versão, sendo que apenas a mais alta será considerada).

4.2 PLANOS DE AULA PROJETO DE DOCÊNCIA

O projeto “Viajar é preciso, relatar não é preciso: explorando os relatos de viagens”, direcionado para o primeiro ano do ensino médio do Colégio de Aplicação da UFSC, foi planejado para ser executado em 16 horas/aula divididas em 8 planos de aula, em que cada estagiária ficou responsável por 8 horas/aula, conforme está retratado nos planos de aula a seguir.

4.2.1 Plano de Aula 1- Aulas 1 e 2

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL: Cecília Augusta Vieira Pinto
DATA: 24/04/2012
TEMPO DA AULA: 1 hora e 20 minutos (das 10h30 às 11h50)
ANO ESCOLAR: 1º ano do Ensino Médio
TEMA: Conhecendo o gênero Relato de Viagem

Objetivos Gerais

- Ler individualmente relato de viagem;
- Ler e interpretar coletivamente relato de viagem;
- Apreender a estrutura e característica do relato de viagem.

Objetivos Específicos

- Expor seus conhecimentos sobre o livro de relato de viagem que estão lendo em casa;
- Acompanhar, com a professora, a leitura do trecho do livro “A Fantástica Volta ao Mundo”, de Zeca Camargo;
- Apreender a estrutura e característica do gênero relato de viagem;

Conhecimentos Abordados

- Informações que envolvem a estrutura e características do gênero relato de viagem;
- Leitura, escuta, oralidade e interpretação de texto.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes;
- Apresentação da proposta do projeto para a turma;

- Conversa sobre os livros de relatos de viagens que estão sendo lidos pelos alunos;
- Entrega do excerto do livro “A Fantástica Volta ao Mundo”, de Zeca Camargo, para os alunos irem se familiarizando;
- Leitura coletiva, com orientação da professora, do trecho do livro “A Fantástica Volta ao Mundo”, de Zeca Camargo;
- Discussão sobre a estrutura e características do gênero Relato de Viagem: descrição, sequência de ações, ponto de vista...
- Orientação de pesquisa de blogs que contenham relatos de viagens para que sejam trazidos pelos alunos na próxima aula.

Recurso Didático

- Cópia, para os alunos, do texto a ser lido e da orientação de pesquisa.
- Quadro, caneta/giz.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na leitura, discussão e interpretação.

Referências Bibliográficas

CAMARGO, Zeca. *A Fantástica Volta ao Mundo*. São Paulo: Globo, 2004.

Anexos

Texto a ser lido em sala (anexo na seção 9.4.1, p. 162);

Orientação de pesquisa (anexa na seção 9.4.2, p. 173);

Atividade reserva (anexa na seção 9.4.3, p. 174).

4.2.2 Plano de Aula 2: Aulas 3 e 4

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Colégio de Aplicação

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL: Cecília Augusta Vieira Pinto

DATA: 26/04/2012

TEMPO DA AULA: 1 hora e 20 minutos (das 9h30 às 10h10, das 10h30 às 11h10)

ANO ESCOLAR: 1º ano do Ensino Médio

TEMA: Leitura de Blogs e sites de relatos de viagens

Objetivos Gerais

- Conhecer blogs, sites e vídeos que relatam viagens;
- Ler coletivamente um relato de viagem;
- Identificar características do tema trabalhado.

Objetivos Específicos

- Expor a pesquisa feita em casa de blogs que contenham relatos de viagens;
- Apreender informações sobre o tema participando da exposição de sites e vídeos de relatos de viagens;
- Acompanhar, com a professora, a leitura do trecho do livro “Paratii: entre dois polos”, de Amyr Klink;

Conhecimentos Abordados

- Informações que envolvem a estrutura e características do tema relato de viagem;
- Leitura, escuta, oralidade e interpretação de texto.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes;
- Apresentação da proposta da aula para a turma;
- Exposição de blogs que apresentam relatos de viagens pesquisados pelos alunos e trazidos pela professora;
- Exposição do twitter de @urbanauta, que apresenta relatos de viagens através de twitts;

- Apresentação de sites relacionados com relatos de viagens;
- Assistência a um trecho do filme da Família Schürmann “O mundo em duas voltas” (15 minutos);
- Visualização de uma entrevista com Amyr Klink (11 minutos);
- Leitura coletiva, com orientação da professora, do trecho do livro “Paratii: entre dois polos”, de Amyr Klink;
- Discussão sobre as características do texto de Zeca Camargo comparadas às do texto de Amyr Klink;

Recurso Didático

- Data show, computador com internet, caixa de som;
- Cópia, para os alunos, dos textos a serem lidos;
- Quadro, caneta/giz

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na leitura, discussão, exposição dos sites e interpretação do texto.

Referências

CEREÇA, George. *Toda La América Del Sur*. Blog disponível no site: <http://cereca.wordpress.com/> Acesso em 10 de abril de 2012.

FENIANOS, Eduardo. *Expedições Urbanauta*. Site disponível na página <http://www.urbenauta.com.br/> Acesso em 10 de abril de 2012.

_____. Twitter de @urbenauta. Disponível no site: <https://twitter.com/#!/urbenauta> Acesso em 10 de abril de 2012.

KLINK, Amyr. *Paratii: entre dois polos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Hoje entendo bem meu pai...* Site disponível na página <http://www.amyrklink.com.br/> Acesso em 10 de abril de 2012.

SHÜRMAN. *Família Shürmann*. Site disponível na página: http://www.schurmann.com.br/familiaaventura/familia_aventura.asp Acesso em 10 de abril de 2012.

Anexos

Texto a ser lido em sala (anexo na seção 9.4.4, p. 175);

Atividade reserva (anexa na seção 9.4.5, p. 186).

4.2.3 Plano de Aula 3: Aulas 5 e 6

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL: Cecília Augusta Vieira Pinto
DATA: 03/05/2012
TEMPO DA AULA: 1 hora e 20 minutos (das 9h30 às 10h10, das 10h30 às 11h10)
ANO ESCOLAR: 1º ano do Ensino Médio
TEMA: Momento de Escrita

Objetivos Gerais

- Escrever um relato de viagem;
- Apresentar o relato de viagem.

Objetivos Específicos

- Participar da exposição sobre o tema variedade linguística;
- Escrever um relato de viagem segundo as características sociais de certo personagem;
- Apresentar oralmente o relato escrito.

Conhecimentos Abordados

- Variação linguística;
- Leitura, oralidade, escuta;
- Escrita de um relato de viagem.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes;
- Apresentação da proposta da aula para a turma;
- Exposição sobre o tema variedade linguística;

- Divisão da turma em duplas;
- Sorteio de personagens que nortearão a escritura de um relato de viagem;
- Escritura de um relato de viagem, segundo as características sociais de certo personagem;
- Apresentação oral do relato de viagem escrito;
- Orientação de escritura de um relato de viagem a ser feita em casa pelo aluno, para que seja trazido na próxima aula.

Recursos Didáticos

- Cópias, para os alunos, das orientações de escritura;
- Quadro, caneta/giz.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na exposição do tema. Será atribuída uma nota para a apresentação.

Anexos

Orientação de escritura em sala (anexa na seção 9.4.6, p. 187);

Orientação de escritura em casa (anexa na seção 9.4.7, p. 188).

4.2.4 Plano de Aula 4: Aulas 7 e 8

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL: Gabriella Ligocki Pedro
DATA: 08/05/2012
TEMPO DA AULA: 1 hora e 20 minutos (das 10h30 às 11h50)
ANO ESCOLAR: 1º ano do Ensino Médio
TEMA: Carta de Pero Vaz de Caminha

Objetivos Gerais

- Ler, discutir e interpretar coletivamente um relato de viagem;
- Apreender estrutura, característica e condições de produção da carta.

Objetivos Específicos

- Ler, silenciosamente, um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha;
- Acompanhar, com a professora, a leitura de um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha;
- Interpretar, com a professora, pontos da carta a respeito das condições de produção, aspectos da linguagem e dos sentimentos do viajante.

Conhecimentos Abordados

- Informações que envolvem o tema linguagem do Brasil antigo;
- Informações que envolvem a estrutura e características da carta como relato de viagem;
- Leitura, escuta, oralidade e interpretação dos alunos.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes;
- Apresentação da proposta da aula para a turma;

- Leitura silenciosa de um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha;
- Leitura, com orientação da professora, de um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha;
- Análise das condições de produção da carta;
- Interpretação da carta sobre aspectos da linguagem e dos sentimentos do viajante;
- Entrega, pelos alunos, da produção textual que escreveram em casa: Relato de Viagem de uma situação vivenciada.

Recurso Didático

- Cópia, para os alunos, do texto a ser lido.
- Quadro, caneta/giz.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na leitura, discussão e interpretação.

Referências Bibliográficas

CAMINHA, Pero Vaz de, *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.

Anexos

Texto a ser lido em sala (anexo na seção 9.4.8, p. 189);

Exercícios de Interpretação (anexo na seção 9.4.9, p. 195).

4.2.5 Plano de Aula 5 – Aulas 9 e 10

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL: Gabriella Ligocki Pedro
DATA: 10/05/2012
TEMPO DA AULA: 1 hora e 20 minutos (das 9h30 às 10h10, das 10h30 às 11h10)
ANO ESCOLAR: 1º ano do Ensino Médio
TEMA: Momento de Escrita

Objetivo Geral

- Escrever um relato de viagem sobre uma viagem ou passeio vivenciado entremeando com aspectos do livro lido anteriormente.

Objetivo Específico

- Escrever o gênero Relato de Viagem.

Conhecimento Abordado

- Escrita dos alunos.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes;
- Apresentação da proposta da aula para a turma;
- Escrita de um relato entremeando a produção do relato vivenciado, feito anteriormente, com a leitura do livro de relato de viagem (orientado para leitura previamente);
- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos;
- Entrega, pelos alunos, da produção escrita na mesma aula.

Recurso Didático

- Quadro, caneta/giz

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na execução/ entrega da atividade de produção escrita. Será atribuída uma nota para a produção escrita.

Anexos

Orientação da atividade de produção textual (anexa na seção 9.4.10, p. 196).

4.2.6 Plano de Aula 6 – Aulas 11 e 12

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Colégio de Aplicação

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL: Gabriella Ligocki Pedro

DATA: 15/05/2012

TEMPO DA AULA: 1 hora e 20 minutos (das 10h30 às 11h50)

ANO ESCOLAR: 1º ano do Ensino Médio

TEMA: Análise Linguística e Momento de Reescritura

Objetivos Gerais

- Analisar coletivamente o trecho do texto de um aluno, selecionado pela professora.
- Reescrever seu próprio texto escrito nas aulas 9 e 10.

Objetivos Específicos

- Identificar e reconhecer aspectos linguísticos no trecho analisado coletivamente;
- Propor novas possibilidades de escritura do trecho analisado coletivamente;
- Reescrever seu próprio texto escrito em aulas anteriores e corrigido pela professora.

Conhecimentos Abordados

- Análise linguística sobre coesão e coerência dos textos dos alunos;
- Reescritura de texto;
- Orientação para a escritura de um relato de viagem do passeio a ser feito na próxima aula. (Prof. Nara)

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes;
- Apresentação da proposta da aula para a turma;

- Análise linguística coletiva do trecho do texto de um dos alunos;
- Devolução do texto escrito em aulas anteriores com a correção da professora;
- Reescritura individual do texto corrigido e devolvido;
- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos;
- Entrega, pelos alunos, da segunda versão escrita;
- Entrega do roteiro para viagem de estudos do dia 17/05, elaborado pela professora regente.

Recursos Didáticos

- Cópia, para os alunos, do trecho do texto a ser analisado;
- Cópia em papel pardo do trecho do texto a ser analisado;
- Quadro, caneta/giz.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na análise feita coletivamente. Será atribuída uma nota para a reescritura de seus textos. A nota mais alta entre as duas versões de produção textual é que será considerada.

Referência Bibliográfica

Serão utilizados somente os textos dos alunos.

Anexos

Orientação de reescritura (anexa na seção 9.4.11, p. 197);

Simulação da análise linguística do texto dos alunos (anexa na seção 9.4.12, p. 198).

4.2.7 Plano de Aula 7 – Aulas 13 e 14

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL: Cecília Augusta Vieira Pinto
DATA: 17/05/2012
TEMPO DA AULA: manhã e tarde
ANO ESCOLAR: 1º ano do Ensino Médio
TEMA: Vivenciando uma viagem

Objetivo Geral

- Vivenciar uma viagem de escuna pelas Ilhas de Raton Grande e de Anhatomirim.

Objetivo Específico

- Reconhecer detalhes e recolher informações específicas sobre a viagem a fim de, posteriormente, escrever um relato desta viagem.

Conhecimentos Abordados

- Vivência de uma situação de viagem na condição do viajante que olha a terra a partir do mar;
- Apreensão de informações históricas sobre o local.

Metodologia

- Viagem de escuna pelas Ilhas de Raton Grande e de Anhatomirim;
- Devolução do texto reescrito na aula anterior com a correção da professora;
- Orientação para a digitação do texto em casa para que os alunos tragam na próxima aula.

Recurso Didático

- Máquina fotográfica, papel, caneta;
- Lanche;
- Cópia da orientação de digitação dos textos.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na viagem.

Anexo

Orientação de digitação do texto (anexa na seção 9.4.13, p. 201).

4.2.8 Plano de Aula 7 (reserva⁴) – Aulas 13 e 14

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL: Cecília Augusta Vieira Pinto
DATA: 17/05/2012
TEMPO DA AULA: 1 hora e 20 minutos (das 9h30 às 10h10, das 10h30 às 11h10)
ANO ESCOLAR: 1º ano do Ensino Médio
TEMA: Preparando o texto para publicação

Objetivo Geral

- Digitar seu texto para uma posterior publicação.

Objetivo Específico

- Reconhecer detalhes de seu texto e melhorá-lo ao fazer a digitação para posterior publicação no blog.

Conhecimentos Abordados

- Reescritura de texto;
- Digitação do texto de acordo com as normas de digitação.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes;
- Apresentação da proposta da aula para a turma;
- Devolução do texto reescrito na aula anterior com a correção da professora;
- Digitação dos textos na sala de informática para posterior inserção no blog.

Recurso Didático

- Computador, internet;
- Quadro, caneta/giz;
- Cópia da orientação de digitação dos textos.

Avaliação

⁴ Caso a viagem de escuna não ocorra neste dia.

A avaliação se dará através da participação dos alunos na aula.

4.2.9 Plano de Aula 8 – Aulas 15 e 16

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL: Gabriella Ligocki Pedro
DATA: 22/05/2012
TEMPO DA AULA: 1 hora e 20 minutos (das 10h30 às 11h50)
ANO ESCOLAR: 1º ano do Ensino Médio
TEMA: Socialização da Produção Textual no Blog da Turma

Objetivo Geral

- Expor seu texto em versão final no blog sobre relatos de viagem da turma.

Objetivos Específicos

- Inserir seu texto no blog;
- Ler seus textos para os colegas.

Conhecimentos abordados

- Exposição e socialização dos textos;
- Leitura, escuta e oralidade.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes;
- Apresentação da proposta da aula para a turma;
 - Inserção da produção textual dos alunos no blog, no laboratório de informática;
 - Inserção de fotos no blog, no laboratório de informática;
- Auxílio da professora nas dúvidas dos alunos;
- Socialização dos textos;
 - Fechamento das aulas.

Recursos Didáticos

- Computadores e internet.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na exposição e socialização de seus textos.

4.3 PROJETO EXTRACLASSE – RECUPERANDO LEITURAS: O QUE OS CONTOS NOS CONTAM

4.3.1 Plano de Trabalho Projeto Extraclasse (Recuperação de Estudos)

A construção do Projeto Extraclasse intitulado “Recuperando leituras: o que os Contos nos contam”, surgiu como uma etapa pré-requisito para a conclusão da disciplina de Estágio de Língua Portuguesa e Literatura II, da Universidade Federal de Santa Catarina. A instituição escolar que abrigou as ideias de duas jovens estagiárias cheias de expectativas foi o Colégio de Aplicação, localizado dentro do campus da Universidade Federal de Santa Catarina, no bairro da Trindade, em Florianópolis. Após um período de três semanas de observação da realidade da comunidade escolar, da estrutura e do funcionamento da escola, do andamento das aulas de língua portuguesa em uma turma de primeiro ano de ensino médio e da execução de projetos paralelos, é que se pode constatar as necessidades da escola e as dificuldades enfrentadas pelos alunos. Foi através dessa sondagem do contexto que escolhemos por inserirmos nossa participação no Projeto de Recuperação de Estudos da sexta série do ensino fundamental, que acontece no contraturno (no caso, matutino) nas dependências da escola.

O rendimento escolar é avaliado pelo aproveitamento do educando, através de técnicas e instrumentos de avaliação diversos, tais como: observação diária de parte do docente; trabalhos de pesquisa individual ou coletiva; testes, provas orais ou escritas; resoluções de exercícios; planejamento, execução e apresentação de experiências ou projetos; relatórios; trabalhos práticos; outras técnicas e/ou instrumentos que o docente julgar conveniente. Para melhorar o desempenho escolar dos educandos, o colégio proporciona Recuperação de Estudos durante o ano letivo. A Recuperação é entendida como processo didático-pedagógico que visa oferecer novas oportunidades ao educando para superar defasagens ao longo do processo de ensino-aprendizagem. No decorrer do trimestre, o professor deve diagnosticar as deficiências do educando e convocá-lo para as atividades de Recuperação de Estudos sempre que sua nota for inferior a seis em qualquer avaliação.

A Recuperação é oferecida de forma paralela, e em horário oposto ao período de estudo do educando e é realizada no decorrer do trimestre. Ao educando em Recuperação que não atingir média trimestral igual ou superior a seis, será concedida a oportunidade de

realizar Prova de Recuperação de Estudos abrangente sobre todo o conteúdo do trimestre, em data e horário fixados pela Direção da Escola, por série, por disciplina e, preferencialmente, de forma espaçada. A nota obtida pelo educando na Prova de Recuperação substituirá a nota trimestral quando for maior.

Contudo, o Projeto Recuperação de Estudos, ao qual estamos nos inserindo é uma proposta que não tem a finalidade de recuperar nota, e sim o conteúdo que foi trabalhado. O aluno é convocado a comparecer nas aulas de recuperação, não é obrigada a sua presença nas aulas. Como é uma nova proposta, em que o retorno não é quantitativo, há certa relutância de parte dos alunos e até mesmo dos pais. Sendo assim, a frequência nas recuperações em geral não é assídua.

Segundo a professora das três sextas séries, a dificuldade de escrita é grande, apresentando problemas de ortografia, coesão e coerência. A dificuldade é vista também em leitura e interpretação de textos. Os alunos ainda estão muito imaturos e não conseguem trabalhar sozinhos, sem o auxílio da professora.

As duas turmas de Recuperação das sextas séries iniciaram as atividades apenas em 11 de abril, depois da primeira avaliação do trimestre. A maioria dos alunos foi convocada por apresentar dificuldade em tal avaliação. Alguns deles foram convocados por conta do comportamento em sala.

Nas aulas de recuperação, os alunos se mostraram tranquilos, participando das atividades propostas. Na turma em que contém a 6ª série C, foram convocados 12 alunos e compareceram 7. Na turma em que contém as 6ªs séries A e B, foram convocados 18 alunos e compareceram 14. Os alunos possuem entre 11 e 13 anos.

Nas duas turmas, há a conversa entre os alunos, mas não ao ponto de interromper a aula.z

Essas informações foram extraídas de nossas observações da escola, bem como do Regimento Escolar e Organização Didática do Colégio de Aplicação e são preponderantes para definir as estratégias de nossas ações enquanto estagiárias, para a execução de um trabalho eficiente que supra as exigências que o projeto demanda e, principalmente, que melhoras significativas sejam sentidas pelos alunos. A inserção de atividades pedagógicas no projeto deve estar muito bem articulada com a realidade da escola e dos alunos que participam.

Ao levar em consideração, então, a realidade teórica e prática, bem como a ancoragem teórica dos Parâmetros Curriculares Nacionais e o Projeto Político Pedagógico do

Colégio de Aplicação, presentes em seu Regimento Interno, é que se pensou nesta proposta de trabalho, a inserção no grupo de recuperação de estudos da disciplina de língua portuguesa da sexta série do ensino fundamental, para alunos entre 11 e 12 anos, cujo objetivo seria trabalhar a leitura focando na interpretação do tema do texto e o estudo do gênero conto, a fim de melhorar a proficiência em leitura desses alunos e despertar o prazer nessas atividades. O conteúdo de leitura é pautado na defasagem de ensino/ aprendizagem desses alunos, visto que a professora de língua portuguesa dos alunos das turmas convocadas diagnosticou o déficit em leitura, interpretação, após a primeira avaliação trimestral. Sabemos que, ao final da nossa intervenção de 12 horas/aula divididas em 3 encontros de quarenta e cinco minutos cada, na qual as turmas serão divididas em duas para que as estagiárias trabalhem concomitantemente, não preencheremos todas as lacunas existentes, mas com a certeza de que a semente do conhecimento terá sido plantada.

A escolha do tema “Recuperando leituras: o que os Contos nos contam” se justifica pela proposta do Projeto Recuperação de Estudos, qual seja melhorar o nível de leitura dos alunos da sexta série. A metodologia do projeto foi planejada, a partir da observação da docência da professora no projeto, e para tanto selecionamos três contos para serem destrinchados nas três aulas de nossa inserção, para discutir o tema, a estrutura e aspectos do gênero. Outro aspecto relevante que motivou a escolha do gênero foi o conteúdo de língua portuguesa da quinta série, no qual foram trabalhados os contos maravilhosos, assim como as fábulas. Dessa maneira, os alunos na sexta série já possuem alguma familiaridade com o texto, o que auxilia no desenvolvimento das aulas e acarreta em maior aproveitamento e crescimento da proficiência em leitura.

Em suma, o projeto objetiva o desenvolvimento destes jovens alunos na disciplina de língua portuguesa, no que tange à leitura, mas que isso não se dê de forma maçante e desconectada da realidade, do gosto, do prazer tangível e mensurável e, que de alguma forma, as aulas possam contribuir para o olhar crítico e consciente daqueles que serão o futuro da sociedade que temos hoje. Algo pretensioso? Apenas os votos e a certeza de que com compromisso na educação é possível se fazer a diferença e mudar o hoje e o amanhã.

A seguir, apresentamos os planos de aula que nortearão a prática docente deste projeto.

4.4 PLANOS DE AULA PROJETO EXTRACLASSE

O projeto extraclasse “Recuperando leituras: o que os contos nos contam” foi planejado para ser executado para alunos da Recuperação de Estudos da sexta série do ensino fundamental (sétimo ano), em 12 horas/aula divididas em três planos de aula, em que cada estagiária ficou responsável por 6 horas/aula.

4.4.1 Plano de Aula 1

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Colégio de Aplicação

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Rafaela Marques Rafael

ESTAGIÁRIAS RESPONSÁVEIS: Gabriella Ligocki Pedro e Cecília Augusta Vieira Pinto

DATA: 02/05/2012

TEMPO DA AULA: Turma 1- 45 minutos (das 9h00 às 9h45)

Turma 2- 45 minutos (das 10h50 às 11h35)

ANO ESCOLAR: 6ª série do Ensino Fundamental

TEMA: Leitura de Conto e Interpretação de Texto

Objetivos Gerais

- Ler e interpretar coletivamente um conto;
- Apreender estrutura e característica do conto.

Objetivos Específicos

- Acompanhar, com a professora, a leitura de um conto;
- Interpretar, com a professora, pontos do conto a respeito da história e da estrutura do texto.

Conhecimentos Abordados

- Informações que envolvem a estrutura e características do gênero conto.
- Leitura, escuta, oralidade e interpretação dos textos.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta do projeto e da aula para a turma.
- Conversa sobre o conhecimento prévio dos alunos a respeito das versões que conhecem do conto da personagem Chapeuzinho Vermelho.
- Leitura coletiva, com orientação da professora, do conto “Chapeuzinho Vermelho”, de Jacob & Willhelm Grimm.

- Interpretação do conto lido.
- Discussão sobre o tema, a estrutura e as características do gênero conto.

Recurso Didático

- Cópia, para os alunos, do texto a ser lido.
- Quadro, caneta/giz

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na leitura e interpretação.

Referência Bibliográfica

GRIMM, Jacob & Willhelm. **Chapeuzinho Vermelho**. In:_____. *Contos Escolhidos*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

Anexos

Texto a ser lido em sala (anexo na seção 9.4.14, p. 202);

Lista de exercícios de interpretação (anexa na seção 9.4.15, p. 205).

4.4.2 Plano de Aula 2

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Colégio de Aplicação

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Rafaela Marques Rafael

ESTAGIÁRIAS RESPONSÁVEIS: Gabriella Ligocki Pedro e Cecília Augusta Vieira Pinto

DATA: 09/05/2012

TEMPO DA AULA: Turma 1- 45 minutos (das 9h00 às 9h45)

Turma 2- 45 minutos (das 10h50 às 11h35)

ANO ESCOLAR: 6ª série do Ensino Fundamental

TEMA: Leitura de Conto e Interpretação de Texto

Objetivos Gerais

- Ler e interpretar coletivamente um conto;
- Apreender a estrutura e as características do conto.

Objetivos Específicos

- Ler, individualmente, um conto;
- Fazer a leitura dramatizada do conto;
- Interpretar, com a professora, pontos do conto a respeito da história e da estrutura do texto.

Conhecimentos Abordados

- Informações que envolvem a estrutura e as características do gênero conto.
- Leitura, escuta, oralidade e interpretação dos textos.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Leitura silenciosa do conto “Chapeuzinho Vermelho de raiva”, de Mário Prata.

- Leitura coletiva, dramatizada, do conto “Chapeuzinho Vermelho de raiva”, de Mário Prata.
- Interpretação do conto lido.
- Discussão sobre o tema, a estrutura e as características do gênero conto e analogia com o conto lido na aula anterior.

Recurso Didático

- Cópia, para os alunos, do texto a ser lido.
- Quadro, caneta/giz

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na leitura e interpretação.

Referência Bibliográfica

PRATA, Mário. **Chapeuzinho Vermelho de Raiva**. In: DI GIORGI, Flávio. *Redação Escolar*. São Paulo: Descubra, 1972.

Anexos

Texto a ser lido em sala (anexo na seção 9.4.16, p. 206);

Lista de exercícios de interpretação (anexa na seção 9.4.17, p. 207).

4.4.3 Plano de Aula 3

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II

PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro

ESCOLA: Colégio de Aplicação

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA REGENTE: Rafaela Marques Rafael

ESTAGIÁRIAS RESPONSÁVEIS: Gabriella Ligocki Pedro e Cecília Augusta Vieira Pinto

DATA: 16/05/2012

TEMPO DA AULA: Turma 1- 45 minutos (das 9h00 às 9h45)

Turma 2- 45 minutos (das 10h50 às 11h35)

ANO ESCOLAR: 6ª série do Ensino Fundamental

TEMA: Leitura de Conto e Interpretação de Texto

Objetivos Gerais

- Ler e interpretar coletivamente um conto;
- Apreender a estrutura e as características do conto.

Objetivos Específicos

- Ler, individualmente, um conto;
- Acompanhar, com a professora, a leitura de um conto;
- Interpretar, com a professora, pontos do conto a respeito da história e da estrutura do texto.

Conhecimentos Abordados

- Informações que envolvem a estrutura e as características do gênero conto.
- Leitura, escuta, oralidade e interpretação dos textos.

Metodologia

- Chamada e anotação dos alunos faltantes.
- Apresentação da proposta da aula para a turma.
- Leitura silenciosa do conto “Fita Verde no Cabelo”, de Guimarães Rosa.

- Leitura coletiva, com orientação da professora, do conto “Fita Verde no Cabelo”, de Guimarães Rosa.
- Interpretação do conto lido.
- Discussão sobre o tema, a estrutura e as características do gênero conto e analogia dos contos lidos em aulas anteriores.

Recurso Didático

- Cópia, para os alunos, do texto a ser lido.
- Quadro, caneta/giz

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos na leitura e interpretação.

Referência Bibliográfica

ROSA, Guimarães. **Fita Verde no Cabelo**. In:_____. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

Anexos

Texto a ser lido em sala (anexo na seção 9.4.18, p. 208);

Lista de exercícios de interpretação (anexa na seção 9.4.19, p. 209).

5. RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

5.1 RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO DE DOCÊNCIA

O projeto “Viajar é preciso, relatar não é preciso: explorando os relatos de viagens”, direcionado para o primeiro ano do ensino médio do Colégio de Aplicação da UFSC, foi planejado para ser executado em 16 horas/aula divididas em 8 planos de aula, em que cada estagiária ficou responsável por 8 horas/aula, conforme retratado no capítulo anterior.

No entanto, durante o andamento das aulas houve algumas circunstâncias que acarretaram alterações nos planos de aulas, o que possibilitou aprender que um planejamento de uma aula não é estanque, ou seja, quase sempre ele será modificado na prática, o que, de maneira nenhuma, descaracteriza sua função e desqualifica sua importância, visto que o plano de aula é essencial para nortear o trabalho do professor e fazê-lo atingir o objetivo desejado no final do processo de ensino/ aprendizagem.

De acordo com a configuração do andamento das aulas do projeto de docência na prática, é que será relatado e documentado o exercício desse primeiro contato com a docência, demonstrando aquilo que sofreu alteração, quais atividades obtiveram êxito, quais os exercícios que não deram certo, segundo nossa análise crítica, a resposta dos alunos ao trabalho proposto e um comentário do processo de aprendizagem desses alunos.

5.1.1 Relato Exercício da Docência – Projeto de Docência

Aulas 1 e 2

As aulas 1 e 2, referentes ao plano de aula 1, foram realizadas no dia 24 de abril pela estagiária Cecília e teve como tema conhecer o gênero relato de viagem. Os objetivos gerais eram ler individualmente um relato de viagem, ler e interpretar coletivamente um relato de viagem e apreender a estrutura e a característica do gênero relato de viagem. Todas as etapas metodológicas planejadas se efetivaram na prática, tendo que ser um pouco acelerada no fim da aula para que desse tempo, o que acabou

por dar certo. Fomos buscar os alunos na sala de aula e os orientamos para se encaminharem para o laboratório de linguagem. Chegando, alguns alunos se acomodaram nas mesas, outros nas cadeiras e alguns deitaram no chão.

A estagiária apresenta a proposta do projeto e das aulas. Nesse momento os alunos estão conversando bastante, mas estão participando dos questionamentos da estagiária. Ela pergunta sobre o livro que estão lendo e alguns alunos chegam a mostrar seu exemplar e contam um pouco da história. Em seguida, ela faz a chamada a fim de relembrar o nome dos alunos e registrar a frequência.

Quando a estagiária começa a falar do livro “A fantástica volta ao mundo, de Zeca Camargo”, o qual será lido e interpretado na mesma aula, os alunos começam a se acalmar e ficam mais quietos. Ela pergunta aos alunos quem conhece o autor e todos respondem e comentam a participação de Zeca Camargo no programa Fantástico, na Rede Globo.

Em seguida, Cecília entrega um trecho do livro para os alunos irem lendo individualmente a fim de se familiarizarem com o texto e depois já começa a leitura coletiva, parando em determinados parágrafos para interpretá-los. À medida que a leitura da estagiária vai acontecendo, os alunos vão se dispersando e ficando mais inquietos. Ela tem que parar várias vezes para chamar a atenção dos alunos.

Alguns alunos se oferecem para ler um pedaço do texto, mas devido ao pouco tempo restante da aula, a estagiária prossegue a leitura sozinha. Nesse meio tempo, dois alunos pedem para ir ao banheiro e ela autoriza. Assim que termina a leitura ela passa a orientação da atividade de pesquisa de blog de relatos de viagens, para ser entregue na próxima aula.

Não houve tempo para fazer a atividade de interpretação escrita do texto. O sinal bate e a aula acaba.

Aulas 3 e 4

As aulas 3 e 4, referentes ao plano de aula 2 foram realizadas no dia 26 de abril pela estagiária Cecília, cujo tema era a leitura de blogs e sites de relatos de viagem. Os objetivos da aula eram conhecer blogs, sites e vídeos que relatam viagens, ler coletivamente um relato de viagem e identificar características do tema trabalhado. A aula aconteceu no auditório do colégio e cumpriu na prática com a metodologia do planejamento.

A estagiária começa a aula fazendo a chamada e pedindo silêncio e colaboração dos alunos. Os alunos que sentam espalhados na primeira parte do auditório começam a aula dispersos, mas à medida que a aula vai se desenrolando eles se mostram bastante interessados e participativos. Cecília pediu aos alunos os endereços dos blogs que eles haviam pesquisado em casa para essa aula. Poucos fazem a tarefa solicitada (anexa na seção 9.5.1, p. 210) e a estagiária coloca os poucos blogs pesquisados no site de busca e mostra para a turma. Ela pergunta a diferença do relato de viagem em blogs e livros e os alunos respondem. Em seguida, ela vai mostrando alguns sites de viagem (fotos em anexo na seção 9.5.2, p. 214), fala do site da família Schürmann e mostra algumas cenas do filme deles. O sinal para o recreio bate e acaba a primeira aula.

Na volta do recreio, ela mostra os livros “A fantástica volta ao mundo”, de Zeca Camargo e “Paratii: entre dois pólos”, de Amyr Klink para os alunos folhearem e se interessarem. Quando ela mostra o vídeo com a entrevista do Amyr Klink, para o Fantástico os alunos começam a ficar mais em silêncio. Depois, ela entrega um trecho do livro “Paratii” para a leitura coletiva. Ela pergunta questões sobre o título e os alunos respondem algumas besteiras, mas também coisas bem pertinentes.

A estagiária pergunta quem pode começar a leitura e um aluno se voluntaria. Os demais respeitam a leitura do colega e ficam em silêncio. Quando ele termina o parágrafo ela pergunta o que entenderam até ali. A aula segue neste ritmo: ela vai perguntando o que entenderam de cada parágrafo lido e os alunos vão participando. Dois alunos se voluntariam para ler outras partes do texto. Nessa aula, os alunos se mostraram mais interessados, quietos e participativos.

No final da leitura, ela retoma o título e um aluno responde com mais respaldo. A estagiária trabalha, então, as semelhanças e diferenças entre o texto do Zeca Camargo e do Amyr Klink. Faltando poucos minutos para acabar a aula, ela faz as orientações para o próximo encontro. O sinal bate e a aula acaba.

Aulas 5 e 6

As aulas 5 e 6, referentes ao plano de aula 3, foram realizadas no dia 03 de maio pela estagiária Cecília o qual tematizava o Momento de Escrita. Os objetivos específicos que permeavam os objetivos gerais da aula eram participar da exposição sobre o tema variedade linguística, escrever um relato de viagem segundo as características sociais de certo personagem e apresentar oralmente o relato escrito. A

aula foi bastante produtiva, mas devido à dispersão dos alunos na hora de produzir seu texto, muitos não conseguiram acabar. Apenas um aluno conseguiu concluir e apresentou para a turma. Dessa forma, a aula que estava prevista para acontecer toda no dia 03 de maio, teve que continuar na aula seguinte, alterando o conteúdo da aula subsequente, mudando o planejamento.

No início da aula, a professora Nara, regente da turma, dá um encaminhamento sobre a leitura dos livros de relato de viagem e faz um sorteio de dois livros sobre o tema para a turma.

Os alunos estão conversando muito e a Cecília tem dificuldade de controlar a turma e conseguir atenção. Nesse momento, a estagiária Gabriella passa em cada carteira para recolher as atividades das aulas passadas (anexaa naa seções 9.5.3 e 9.5.4, a partir da p. 215), aqueles exercícios de interpretação escrita que não deram tempo de ser feitos em sala.

Cecília começa por perguntar quem nasceu em outra cidade e os alunos respondem e falam todos juntos. Ela começa então a explicar sobre o conceito de variedade linguística e por um momento os alunos ficam quietos e atentos. Eles conversam bastante, mas também participam dos questionamentos levantados pela Cecília. Ela explica aos alunos que vai juntar o tema de relatos de viagem com o tema da variedade linguística.

Em seguida, ela orienta para eles sentarem em duplas, na forma de um círculo. Depois entrega o roteiro contendo as orientações da atividade de produção textual a ser feita na sala. Ela faz a explicação da tarefa proposta e entrega um número para cada dupla, o qual corresponde a determinado personagem.

As duplas começam a escrever e conversam ao mesmo tempo. Não deu tempo para terminarem a escrita na primeira aula, devido ao tempo cedido para professora Nara no começo da aula e também durante a explanação teórica do tema, visto que os alunos precisaram ser chamados à atenção diversas vezes. Após o recreio, eles continuam a escrever por mais meia hora e só um aluno consegue terminar e apresentar para todos.

A estagiária entrega o roteiro de orientação do relato do vivido, o sinal bate e a aula acaba.

Aulas 7 e 8

As aulas 7 e 8 aconteceram no dia 08 de maio de 2012 e sofreram grande alteração em relação ao que havia sido planejado. Como não houve tempo de finalizarmos, na aula anterior, as apresentações do relato de viagem segundo um personagem, decidimos, junto com a professora regente da turma e a professora orientadora, darmos mais prioridade à atividade oral. A professora regente ficou responsável em dar a aula sobre a Carta de Caminha após a nossa regência.

A estagiária Gabriella explica aos alunos a proposta da aula deste dia e faz a chamada enquanto eles se organizam em círculo. Os alunos estavam bem agitados.

A estagiária Cecília foi recolhendo as poucas atividades que os alunos fizeram em casa, referente ao relato do vivido. Como muitos não entregaram este relato de viagem, que utilizaríamos na próxima aula, recolhemos alguns textos no dia seguinte.

As apresentações começam e percebemos que o que mais aparecem nos textos são expressões regionais dos personagens. E são poucas as marcações fonéticas de suas falas. Os risos dos colegas que ouviam eram constantes.

Uma dupla não quis apresentar seu texto e um aluno que havia esquecido o seu acabou apresentando pelos colegas.

Depois das apresentações, a estagiária Gabriella apresentou conceitos sobre preconceito linguístico e começou uma discussão sobre o assunto. Os alunos participaram bastante, gerando até certo tumulto.

A aula chega ao fim e recolhemos os textos que eles haviam apresentado (anexos na seção 9.5.5, p. 223).

Aulas 9 e 10

As aulas 9 e 10 ocorreram no dia 15 de maio, sob regência da estagiária Gabriella e teve como temática o momento de escritura de um relato de uma viagem vivenciada pelo aluno, entremeada com o livro lido. A orientação sobre a leitura do livro foi dada pela professora regente, em nosso período de observação.

Neste momento do estágio docência, houve uma alteração na configuração dos planos de aula, devido ao cancelamento de um dia de aula (no dia 10 de maio) acarretando na postergação das aulas futuras.

A aula de escritura iniciou um pouco agitada por conta dos informes dados em seu início. Primeiro, dois professores pediram licença para dar um recado e se estenderam durante sete minutos. Depois, a professora regente e a estagiária falam sobre

a viagem para as fortalezas que aconteceria na aula seguinte (Orientações em anexo na seção 9.5.6, p. 230). Os alunos fazem muitas perguntas durante quinze minutos. Em seguida, Gabriella lê o roteiro da atividade que os alunos deverão produzir depois da viagem (anexo na seção 9.5.7, p. 231). A turma estava bem agitada e pudemos perceber um desânimo de parte de alguns alunos.

Gabriella fala sobre a atividade de escrita e entrega os relatos de viagem corrigidos para que eles pudessem dar encaminhamento na atividade (anexos na seção 9.5.8, p. 232). Os alunos ficam um pouco agitados vendo a correção, mas logo todos começam a escrever. As estagiárias passavam entre as carteiras, dando mais atenção a alguns alunos que apresentaram dificuldade. O sinal bate e os alunos entregam suas primeiras versões.

Aulas 11 e 12

No dia 17 de maio ocorreu a viagem para as fortalezas. Os alunos das três turmas de primeiro ano, mais alguns professores (somando 100 pessoas) se encontraram no trapiche da Beiramar Norte num dia nublado e com algumas pancadas de chuva.

Os professores fizeram as chamadas das turmas e deram as orientações em relação aos trabalhos que os alunos deveriam fazer posteriormente.

O barco partiu em torno de 9 horas da manhã sentido à fortaleza de Santo Antônio de Ratonas, na Bahia Norte da Ilha de Santa Catarina.

O trajeto durou em média 30 minutos e os alunos podiam transitar pelo barco, tirar fotos e visitar a parte de cima, que era restrita a vinte pessoas. O clima era de descontração e se percebia que todos estavam se divertindo (fotos em anexo na seção 9.5.9, p. 239).

No caminho, o barco parou por uns minutos para que os alunos pudessem tirar fotos dos botos que abrigam a Bahia (fotos em anexo na seção 9.5.10, p. 240).

Chegando na fortaleza, o guia turístico apresentou o lugar e a arquitetura. Depois, deu um tempo para que todos pudessem tirar suas fotos (fotos em anexo na seção 9.5.11, p. 240).

Voltando para o barco, o destino era a segunda fortaleza, a de Santa Cruz de Anhatomirim. O passeio duraria em torno de 40 minutos.

Na fortaleza, uma foto de todos juntos foi tirada na escadaria da entrada (fotos em anexo na seção 9.5.12, p. 241) e, em seguida, o guia procedeu da mesma forma:

apresentou o lugar e a arquitetura e deixou um tempo para as fotos (fotos em anexo na seção 9.5.13, p. 242).

Uma chuva bem forte começou quando estavam todos voltando para o barco e, o terceiro trajeto foi feito em meio à tempestade.

A terceira parada foi para o almoço e, assim que acabou, o barco seguiu rumo ao trapiche de onde havia saído de manhã. O trajeto de volta durou em torno de 1 hora e 30 minutos e todos chegaram exaustos no final da viagem.

Aulas 13 e 14

As aulas 13 e 14 (que constam no plano de aula 6 como sendo aulas 11 e 12), aconteceram, na prática, no dia 22 de maio por conta das alterações já citadas anteriormente e por conta da viagem que já estava marcada para o dia 17.

Esta aula, tematizada como sendo de análise linguística e reescritura, teve como objetivos propor novas possibilidades de escritura do trecho analisado coletivamente e reescrever seu próprio texto escrito na aula do dia 15 de maio.

Após a correção das produções escritas dos alunos com atribuição de uma nota para a primeira versão, a estagiária Gabriella escolheu um texto que desse conta dos problemas mais recorrentes entre os textos dos demais alunos e transcreveu tal texto em um cartaz, sem os erros de ortografia, além de entregar uma cópia para cada um dos alunos (anexa na seção 9.5.14, p. 243).

Os alunos participaram bastante deste primeiro momento e conversavam entre si sobre o assunto.

Gabriella entrega aos alunos a primeira versão corrigida (anexa na seção 9.5.15, p. 244) e os orienta para reescreverem seus textos.

As estagiárias tiveram que convencer muitos alunos da importância da reescritura. Aos poucos, eles foram entendendo e iam fazendo a atividade.

Alguns alunos estavam fazendo um workshop de alemão neste dia e tivemos que acompanhar as segundas versões em outro momento.

A aula chega ao fim e todos os alunos conseguem finalizar seus textos.

Aulas 15 e 16

Na prática, as aulas 15 e 16 aconteceram no dia 31 de maio. Além de ter acontecido a VI Semana de Letras entre os dias 23 e 25 (em que as estagiárias tiveram

participações em Grupos Temáticos, apresentação de banner e monitoria), houve uma greve de ônibus na cidade, entre os dias 28 e 30 de maio (o que impossibilitou, tanto as estagiárias, quanto os alunos de chegarem ao colégio).

Esta aula possuía como tema a socialização da produção textual no blog da turma. E para que tivesse sucesso, foi preciso que as estagiárias fizessem a correção da segunda versão dos textos (anexa na seção 9.5.16, p. 251) até o dia 24 para que a professora regente pudesse entregar aos alunos, junto da orientação de digitação em casa. Por conta da falta de entendimento, não aconteceu como previsto. No dia 31, portanto, a maioria dos alunos não tinha seu texto digitado.

Por conta da aula ter ocorrido em uma data não prevista, a primeira parte se deu no auditório, já que a sala de informática estava ocupada (fotos em anexo na seção 9.5.17, p. 258). Os 19 alunos estavam calmos enquanto a estagiária Gabriella apresentava o blog⁵ da turma (imagens em anexo na seção 9.5.18, p. 258). Ela passou para eles o login e a senha e os ensinou a postarem seus textos. A ideia seria que eles postassem também fotos, vídeos e mapas que fossem relacionados com a viagem que fizeram, ou com a viagem que o autor do livro fez.

A estagiária Gabriella entrega aos alunos uma avaliação de nossas aulas (anexa na seção 9.5.19, p. 260) para que os alunos respondessem e dessem uma nota. Depois de responderem, o sinal bateu e eles foram para o intervalo.

A segunda parte da aula foi na sala de informática (fotos em anexo na seção 9.5.17, p. 258). Como a maioria não tinha seu texto em mãos, selecionaram imagens, vídeos e mapas para enriquecerem seus posts. As estagiárias combinaram com os alunos para que eles digitassem em casa, depois que a professora regente entregasse os textos a eles e que, se precisassem de ajuda, elas fariam o acompanhamento por email. Isso se deu entre os dias 1 e 10 de junho. A professora regente ainda deixou a aula do dia 5 de junho para os alunos trabalharem em seus textos. Conseguimos, portanto, finalizar o blog da turma (imagens em anexo na seção 9.5.20, p. 265).

5.1.2 Relato Processo de Aprendizagem dos Alunos - Projeto de Docência

⁵ www.aplicacaorelatodeviagem.blogspot.com.br

Como a palavra “processo” mesmo quer dizer, a aprendizagem dos alunos durante o estágio de docência não é estanque, deve ser encarada como um primeiro passo para o desenvolvimento das habilidades de língua portuguesa de forma sistemática e continuada, com respaldo em ancoragem teórica. Devido ao pouco tempo de inserção na turma de primeiro ano de ensino médio não se pode dizer que os alunos tornaram-se proficientes em leitura e escrita, mas com certeza houve avanços consideráveis, no que tange ao prazer na realização das atividades, à compreensão da importância de se ler com atenção, voltando quantas vezes for necessária ao texto, bem como à necessidade da reescritura do texto.

A escolha do tema “Relatos de Viagem” se deu em virtude de dar continuidade ao planejamento da professora regente, contudo, tivemos toda a liberdade de sistematizar a metodologia da maneira que julgamos mais apropriada, levando em consideração à contemplação dos quatro eixos a serem trabalhados, quais sejam leitura/escrita, análise linguística e oralidade. Na prática de sala de aula e comprovando com a autoavaliação que os alunos responderam no último encontro do estágio, os alunos gostaram muito da forma como foi lecionado o conteúdo, conseguindo apreender as características do gênero trabalhado, conseguindo ainda escrevê-lo com certa propriedade. Em alguns momentos percebeu-se que os alunos ficaram curiosos e atentos a cada etapa do processo metodológico.

No que concerne à leitura e escrita, os alunos demonstraram avanço significativo, pois conseguiram compreender as características do gênero trabalhado e perceber as semelhanças e diferenças entre dois trechos de livros trazidos para interpretação coletiva. A escrita foi bastante trabalhada com a adoção da refacção e os alunos compreenderam que é preciso voltar ao texto para lapidá-lo e torná-lo melhor. A produção dos textos não foi tomada como mera avaliação, mas foram produzidos tomando os alunos como interlocutores, com a finalidade de socializar seus textos em um blog sobre relatos de viagem criado para turma para esse fim.

Vale ressaltar a evolução da produção escrita da primeira para a segunda versão, em que os alunos melhoraram significativamente seus textos, no que tange à coesão e coerência trabalhadas durante as aulas de análise linguística e sinalizadas na correção. A evolução se deu também para alguns alunos que ainda não tinham escrito textos no gênero relato de viagem e conseguiram fazê-lo na segunda versão.

É claro que não se pode dizer que o processo como um todo foi concluído e que os alunos atingiram o nível máximo de aproveitamento. Isso devido ao pouco tempo de inserção do nosso trabalho de docência. Mas podemos dizer que foi possível plantar a semente de um trabalho com a língua materna de maneira significativa e construtiva para a aprendizagem dos alunos. Que os frutos possam ser colhidos na formação desses futuros cidadãos!

5.2 RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO EXTRACLASSE

O projeto extraclasse “Recuperando leituras: o que os contos nos contam” foi planejado para ser executado para alunos da Recuperação de Estudos da sexta série do ensino fundamental (sétimo ano), em 12 horas/aula divididas em três planos de aula, em que cada estagiária ficou responsável por 6 horas/aula.

De acordo com a configuração do andamento das aulas do projeto extraclasse na prática, é que será relatado e documentado o exercício, demonstrando aquilo que sofreu alteração, quais atividades obtiveram êxito, quais os exercícios que não deram certo, segundo nossa análise crítica, a resposta dos alunos ao trabalho proposto e um comentário do processo de aprendizagem desses alunos.

5.2.1 Relato Exercício da Docência – Projeto Extraclasse – Aulas Estagiária Cecília

Aulas 1 e 2

As aulas 1 e 2 aconteceram no dia 2 de maio.

Tanto na primeira aula, como na segunda, as estagiárias juntaram a turma na sala de francês e fizeram um sorteio para ver quem ficaria com a estagiária Gabriella e quem iria para a sala de espanhol com a estagiária Cecília.

Nos três dias que se seguiram, as aulas eram tematizadas leitura de conto e interpretação de textos e tinham como objetivos ler e interpretar um conto e apreender a estrutura e a característica do conto.

Neste dia, tudo ocorreu conforme o previsto nas aulas da Cecília. Os três alunos da primeira turma eram calmos e participativos. A segunda turma, mais agitada, era composta de sete alunos. Todos adoraram a proposta do projeto e expuseram seus conhecimentos prévios sobre os irmãos Grimm e sobre Chapeuzinho Vermelho. Eles se ofereceram para fazerem a leitura em voz alta do texto “Chapeuzinho Vermelho”, responderam às perguntas da professora e fizeram parte do exercício escrito de interpretação.

Aulas 3 e 4

As aulas 3 e 4 ocorreram no dia 9 de maio.

Os alunos já sabiam a sala que deveriam ficar, mas acabou acontecendo uma redistribuição na segunda turma por conta do número de alunos.

Nas aulas da Cecília, foi apresentado a proposta da aula e o autor do texto a ser trabalhado, Mário Prata. Os três alunos da primeira turma e, depois, os sete alunos da segunda, fizeram a leitura silenciosa do texto “Chapeuzinho vermelho de raiva” e depois uma leitura dramatizada. Apenas alguns dos alunos entregaram o exercício da aula anterior (anexo na seção 9.5.21, p. 267) e, novamente, fizeram apenas parte dos exercícios desta aula.

Aulas 5 e 6

As aulas 5 e 6 aconteceram no dia 16 de maio.

Novamente, os alunos já sabiam suas turmas, mas a redistribuição foi feita por conta da quantidade de alunos.

Nas aulas da Cecília frequentaram dois alunos na primeira turma e oito na segunda. A estagiária apresentou a proposta da aula, recolheu os exercícios das aulas anteriores (anexos nas seções 9.5.21 e 9.5.22, a partir da p. 267) e falou um pouco com os alunos sobre esses exercícios. Depois, apresentou o autor do texto, Guimarães Rosa, e os alunos fizeram uma leitura silenciosa do texto “Fita Verde no cabelo”, antes de lerem oralmente, com auxílio da estagiária. Neste dia, os alunos das duas turmas estavam mais calmos e participaram da aula e da atividade que foi feita toda em sala (anexa na seção 9.5.23, p. 276).

5.2.2 Relato Exercício da Docência – Projeto Extraclasse – Aulas Estagiária

Gabriella

Aulas 1 e 2

As aulas 1 e 2, referentes ao plano de aula 1, realizadas no dia 02 de maio pela estagiária Gabriella, reiterando que cada plano foi aplicado em duas turmas diferentes, na qual cada turma foi dividida em duas para que as estagiárias pudessem trabalhar concomitantemente, segundo consta anteriormente no Projeto Extraclasse. O tema da aula era a leitura de conto e interpretação de texto, em que os objetivos gerais eram ler e interpretar coletivamente um conto e apreender a estrutura e característica do gênero conto.

Na primeira turma havia apenas quatro alunos e esses eram bastante calmos, concentrados e participativos. No início da aula, a estagiária faz a chamada e apresenta a proposta do projeto, sintetiza o que será trabalhado nos três encontros e adianta um pouco o que será trabalhado na mesma aula.

A estagiária começa a aula perguntando quais os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do conto “Chapeuzinho Vermelho” e os alunos participam animadamente. Em seguida, ela faz a leitura coletiva do conto “Chapeuzinho Vermelho”, versão dos Irmãos Grimm. Assim que acaba, ela fala um pouco da biografia do autor e do contexto de criação desse conto. Os alunos demonstram bastante interesse e curiosidade a respeito da versão “sangrenta” da história. Em seguida, ela passa em mãos o filme dos Irmãos Grimm para eles assistirem em casa.

Em seguida, Gabriella vai interpretando junto com os alunos cada parágrafo da história, perguntando aos alunos o que entenderam em cada parte. Eles respondem sem precisar consultar o texto e demonstram terem compreendido bem. Logo depois, ela orienta para responderem a atividade de interpretação escrita e entregarem quando tiverem terminado e finaliza, explicando a estrutura e características do gênero conto, brevemente. O sinal bate e os alunos entregam a atividade (anexa na seção 9.5.24, p. 282).

Na segunda turma, o encaminhamento metodológico foi o mesmo, mas como havia mais alunos e o horário da aula se depois da educação física dos alunos, eles estavam mais agitados e conversadores. Gabriella precisou separar duas meninas de lugar e chamar a atenção, para que a aula se cumprisse no tempo previsto. Apenas um aluno conseguiu entregar a tarefa no final da aula.

Aulas 3 e 4

As aulas 3 e 4, referentes ao plano de aula 2, foram realizadas no dia 09 de maio pela estagiária Gabriella e tiveram como tema a leitura de conto, desta vez de outra versão de “Chapeuzinho Vermelho” e subsequente interpretação de texto. A metodologia prevista em planejamento se efetivou na prática, conseguindo cumprir seus objetivos.

O andamento das aulas em ambas as turmas se deu de forma semelhante, excetuando o fato de na segunda ter maior número de alunos e esses serem mais agitados, tendo que interromper o andamento das atividades para chamar a atenção. Contudo, nas duas turmas houve excelente participação e compreensão do tema e do

conteúdo, despertando ainda mais prazer na leitura e estudo do texto, devido ao caráter divertido do texto trabalhado.

A estagiária iniciou a aula fazendo a chamada e apresentando a proposta do presente encontro. Ela situou a biografia do autor do texto Mário Prata e fez alguns questionamentos sobre o texto lido na aula anterior, a fim de lembrá-los.

Em seguida ela realiza uma leitura dramatizada do conto “Chapeuzinho Vermelho de Raiva”, de Mário Prata. A estagiária lê a fala do narrador, um aluno é convidado a ser a Chapeuzinho e outro a Vovó. Depois da leitura, é feita uma interpretação coletiva de cada parte do texto, levantando intertextualidades com a vida dos próprios alunos. Depois a estagiária pergunta sobre as semelhanças e diferenças deste para aquele outro conto lido, reiterando sobre as características do gênero conto. Os alunos demonstram terem gostado bastante dessa versão do famoso conto e dizem preferir esse a aquele.

No final da aula, os alunos respondem ao exercício escrito de interpretação e quando o sinal bate e a aula acaba todos os alunos entregam a tarefa (anexa na seção 9.5.25, p. 286).

Aulas 5 e 6

As aulas 5 e 6, referentes ao plano de aula 3, foram realizadas no dia 16 de maio pela estagiária Gabriella, cujo tema era leitura de conto e interpretação de texto de mais uma versão de “Chapeuzinho Vermelho”. Os objetivos da aula foram ler silenciosamente e coletivamente o conto “Fita Verde no Cabelo”, de Guimarães Rosa e interpretar, com a professora, pontos do conto a respeito da história e da estrutura do texto.

Na primeira turma, estavam presentes apenas três alunos, o que de certa forma proporciona um encaminhamento mais tranquilo, sem muitos percalços. A estagiária faz a chamada e apresenta a proposta da aula. Ela pergunta aos alunos o que acharam dos contos lidos em aulas anteriores e entrega o texto para os alunos, orientando para que façam uma leitura silenciosa, visto que o conto de Guimarães apresenta um vocabulário e uma estrutura mais complexas, para então eles irem se familiarizando com a leitura. Quando terminam, eles reclamam bastante das palavras que não entendem, curiosos em saber seu significado.

A estagiária logo, faz a leitura coletiva, pedindo para que dois alunos sejam os personagens do diálogo. Ao final, ela vai interpretando junto com os alunos pontos da história do conto e eles mesmos vão percebendo que conseguiram compreender a estrutura pelo contexto. Depois ela dúvidas das palavras desconhecidas, contextualiza a história do autor e trata das diferenças e semelhanças entre os três contos.

Logo depois, os alunos respondem ao exercício de interpretação escrita e quando o sinal bate todos os alunos entregam a tarefa (anexa na seção 9.5.26, p. 290). A estagiária encerra a participação no projeto de Recuperação de Estudos agradecendo a participação e o empenho dos alunos.

Na segunda turma, o processo metodológico foi o mesmo, mas a turma demonstrou não ter gostado muito do texto, achando-o muito difícil de ler e compreender. Nesse momento, a estagiária explica o motivo da escolha desse conto, em específico, tendo a convicção de que eles adquiriram condições plenas de lê-lo com compreensão. Quando o sinal bate, ela encerra a participação no projeto com as mesmas palavras de incentivo e agradecimento.

5.2.3 Relato Processo de Aprendizagem dos Alunos - Projeto Extraclasse

Nosso trabalho no projeto extraclasse gerou bons resultados.

Percebemos, a cada aula, o quão progredia o andamento dos alunos em relação à interpretação de textos.

As atividades de leitura não foram impostas. Os alunos se ofereciam para fazerem a leitura dramatizada dos contos e levantavam suas mãos para responderem às perguntas das professoras.

Convenhamos que o trabalho não gerou melhores resultados por ter sido aplicado em pouco tempo. Talvez, se tivéssemos tempo para mais aulas de leitura, mais leituras dramatizadas, para produções textuais e análises linguísticas dos textos escritos por eles, a avaliação continuada seria muito mais positiva.

Mesmo assim, conseguimos identificar o maior interesse dos alunos a cada aula quando liam e interpretavam os textos oralmente.

Em vista disso, imaginamos que conseguimos plantar sim a nossa semente, levando interesse pela leitura aos alunos da recuperação de estudos da sexta série.

6. ENSAIO CRÍTICO

6.1 ENSAIO CRÍTICO ESTAGIÁRIA CECÍLIA

A “contaminação” da docência

Cecília Augusta Vieira Pinto

Os que somos dominados pela paixão da leitura e nos esforçamos pra incutir essa paixão em outros – crianças, jovens, adultos – andamos sempre à procura de meios de “contaminação”: como transmitir o gosto e o prazer pela leitura.

Magda Soares

Depois das férias de verão, iniciava-se mais uma etapa da graduação: o Estágio Supervisionado II. E, junto com ele, o medo. “E agora? A turma que iremos nos inserir é de Ensino Médio!”. Essa ideia de que os adolescentes são mais difíceis de lidar me atormentava um pouco. Mas, estava segura ao pensar que, praticamente, daríamos continuidade ao belo trabalho que fizemos no Estágio I, considerando que a orientadora e a companheira eram as mesmas da fase passada.

Temia um pouco mais ao fazermos a primeira visita à escola. O Colégio de Aplicação é, sem dúvida, um exemplo. Fomos recebidas por todos os professores de Língua Portuguesa que nos mostraram o compromisso bem encadeado que possuem com seu trabalho.

Era esse excesso de “contexto ideal” que nos amedrontava. Logo que chegamos, já tivemos que passar para a professora regente da turma 1C uma ideia de como seria o nosso trabalho na docência. Isso não havia acontecido na Escola Padre Anchieta, havíamos definido nosso tema bruxólico somente na etapa de planejamento, depois de conhecermos a escola, a professora e os alunos. Agora percebo o quanto isso foi importante, nos mostrou que a professora do Aplicação estava bem interessada e queria dar encaminhamento ao que planejou para o ano. Se não conseguíssemos cumprir certa parte de seu planejamento anual, ela é quem teria que dar conta. Além do mais, essa sua atitude nos fez já ir atrás de materiais e teorias. O mais interessante é que mudamos de ideia muitas vezes entre o percurso da observação e do planejamento, o que fez com que crescesse ainda mais a nossa carga teórica.

Esta primeira etapa de observação foi essencial para conhecer a realidade escolar, diferente da que conhecemos na outra experiência. A rotina, o funcionamento

da escola - desde os os seguranças, os inspetores, até os planejamentos dos professores, a correria do diretor – me mostraram que, na prática, o trabalho pela educação não é tão simples. Há muita coisa interligada e, o trabalho em conjunto é a peça fundamental de todo esse quebra-cabeça. O “contexto ideal” foi de grande valia para nosso aprendizado, nos mostrou que é possível, na prática, a teoria tanto estudada nos últimos anos.

Em relação à leitura, nas aulas observadas da turma 1C, percebi uma valorização, uma atitude de intimidade, de curiosidade pelos livros. As práticas que privilegiam a leitura por ela mesma foi vista em sala de aula. Após as leituras, os alunos conversavam, desinteressadamente, sobre o que leram. A interpretação de texto orientada pela professora buscou não só encontrar nele o que o sujeito-leitor enxerga a partir dos recortes que sua visão de mundo faz, mas foi capaz, também, de levantar marcas deste texto que apontam para possíveis intenções do autor, do gênero, do momento político, da ideologia vigente, etc.

Sobre a escrita, não pudemos acompanhar o trabalho feito anteriormente à atividade de escrita de uma crônica, aplicada na primeira aula observada, mas, de acordo com a prática da professora, acredito que buscou sim objetivos da escrita propostos por Geraldi. Tal atividade seria retomada depois do nosso período de observação para ser trabalhada a segunda versão. Os alunos iriam revisar o que escreveram e vivenciando todas as etapas do processo de escrita.

A aula de gramática não foi vista durante o período de observação. O trabalho com o texto foi feito através de interpretação e características do gênero textual visto em sala. Em conversa com a professora regente, pude perceber que sua proposta de trabalho com a gramática deve ser feita conforme a proposta de Geraldi e Franchi, citada por Britto (1997): a intenção é abandonar o ensino de uma teoria gramatical, substituindo por atividades de leitura e produção de textos, articulando-as com exercícios de análise linguística, de modo a perceber os vários recursos expressivos disponíveis e estabelecer as exigências formais do padrão escrito.

A etapa de planejamento foi bem articulada pela equipe: Gabriella e eu, juntamente com o auxílio da orientadora. A fim de seguirmos o trabalho da professora regente da turma 1C, nós refletimos, primeiramente, na questão do planejamento das aulas e da concepção de língua ressaltada por Antunes (2003):

Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos

procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem. (p. 39)

A concepção de língua como objeto social implica um trabalho com ensino e aprendizagem de língua materna comprometido com os usos sociais da linguagem. As concepções sobre gêneros do discurso implicam uma ação pedagógica que parta da esfera da atividade humana em que o gênero circula e a natureza das relações interpessoais que institui, focalizando o suporte, para, então, atentar à materialidade dos usos da modalidade falada ou escrita. Uma base teórica dessa natureza requer a consideração de que a aula de Língua Portuguesa deve tematizar os usos da língua tal qual se estabelecem em situações naturais das vivências humanas. A aula de Língua Portuguesa, no entanto, tem a especificidade de implementar as possibilidades de uso da língua nessas mesmas situações, empreendendo um processo de ensino que permita ao aluno monitorar os usos que faz, de modo a, conhecendo a que se prestam as unidades linguísticas – por meio de uma abordagem epilinguística – fazer uso delas em favor das interações que estabelece. Era isso que esperávamos aplicar na etapa da prática.

Quando chegou a docência, estávamos seguras com o conteúdo a ser dado, já que tivemos total apoio da professora regente, além de termos utilizado muito bem o tempo pra planejar cada uma das aulas. O retorno dado pelos alunos foi gratificante e nos deu a certeza da escolha da profissão.

Nosso trabalho com a escrita, na turma 1C, seguiu o objetivo proposto por Gerladi (1997): é no texto, que a língua-objeto de estudos se revela em sua totalidade. É na produção de discursos que o sujeito articula um ponto de vista sobre o mundo e deve comprometer-se com sua palavra e de sua articulação individual com a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando dela não está consciente. Operando nesse incessante movimento, torna-se produtor do seu conhecimento e o tomamos como interlocutor que diz o que diz para quem diz. Foi o que aconteceu na exposição dos relatos de viagem no blog da turma.

No que concerne à leitura, tanto os alunos da turma 1C, quanto os da turma de Recuperação das sextas séries, demonstraram avanço significativo, pois conseguiram interpretar os textos lidos em sala silenciosa e oralmente. Percebemos, a cada aula, o quão felizes ficavam os alunos com os temas tratados (as diferentes versões de Chapeuzinho Vermelho, ou as formas de relatar viagens) e com a diferente ideia da montagem do blog, no caso da turma 1C.

A análise linguística, por mais que tenha sido rápida e apenas na turma 1C, teve a intenção de focar em aspectos centrais da organização e da compreensão do texto, tais como a clareza e a precisão da linguagem (a escolha da palavra certa), o sentido, a relevância do que é dito e etc. A coesão, a coerência, a informatividade, a clareza, e outras propriedades do texto que, conforme Antunes (2003), são mais relevantes do que a fixação em correções ortográficas, nomenclaturas e classificações de palavras.

Finalizo a disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II lembrando do que Ramos e Corso (2010) dizem sobre a leitura: a literatura, mais do que instruir ou dar respostas exatas, busca mostrar que é um campo privilegiado de aprendizagem expressiva, pelo que ela pode mostrar de significados, de possibilidades interpretativas, a partir de infinitas combinações das poucas letras de nosso alfabeto. Tudo que lemos, que escrevemos, toda intervenção, imaginação, aprendizado, envolvidos são resultados de 26 letras.

É possível construir caminhos para a formação do leitor desde o primeiro livro de leitura e é possível “contaminarmos” nossos alunos com o prazer que ela nos dá. As melhores possibilidades de leitura se dão na escola. A escola é uma das últimas oportunidades que o aluno tem de entrar em contato com a leitura.

Espero que, um dia, os alunos das turmas que trabalhamos possam colher os frutos das sementes que plantamos e seguirem sozinhos pelos caminhos que, junto da escola, buscamos construir.

A partir do outro, ampliando competências

Gabriella Ligocki Pedro

[...] o que se deve pretender com uma programação do estudo do português, não importa o período em que acontece, é ampliar a competência do aluno para o exercício cada vez mais pleno, mais fluente e interessante da fala e da escrita, incluindo, evidentemente, a escuta e a leitura. Em função desse objetivo, é que se vai definir o conteúdo programático em torno do qual professor e aluno realizam sua atividade de ensino e aprendizagem.

Irândé Antunes

A experiência de estágio no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina foi um bálsamo para perceber uma realidade escolar tão próxima das teorias de educação estudadas durante o curso de Letras, além de conseguir comparar e refletir sobre a prática de sala de aula no âmbito das escolas estaduais e municipais de Santa Catarina, à luz do que foi experienciado na disciplina de estágio I, do semestre passado. A partir do que pude vivenciar e conhecer sobre o cenário da educação no estado e respaldada pelas palavras de Irândé Antunes, na epígrafe, o presente estágio teve como principal objetivo depreender da prática da professora regente da série de inserção as teorias de linguagem como interação social e colocar, extraído do estudado e observado, esse mesmo olhar, a fim de ampliar a competência daqueles alunos para a leitura, escrita, fala e escuta, os quatro eixos da língua portuguesa.

Acerca desse novo paradigma do que seria uma aula de português, buscando romper as barreiras de ensino tradicional e obsoleto ainda existentes em outras escolas, é que se pode definir o conteúdo programático, durante a fase de planejamento das aulas, após o período de observação, em torno do qual professor e aluno realizam sua atividade de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, o professor não é o único detentor de conhecimento, ele também leva em consideração o universo tangível do aluno e aprende com ele, em mútua interação.

Durante a fase de observação e coleta de dados sobre a estrutura física, funcional e pedagógica do Colégio de Aplicação, assim como a realidade da comunidade escolar e a prática didático-pedagógica da professora regente, pude contemplar um cenário com condições favoráveis para que ocorra, bem sucedidamente, o processo de ensino aprendizagem. No caso da docência da disciplina de Língua Portuguesa, isso pode ser

melhor sentido, pois a professora era doutorada em Linguística Aplicada e, oriunda de uma formação competente na área, somado às facilidades de trabalhar em um colégio com recursos e visões convergentes, é que pude perceber ser possível aplicar uma aula de português que faça sentido, prazerosa e eficiente no tocante aos objetivos propostos, qual seja ampliar a competência comunicativa desses alunos, que sendo clichê ou não serão o futuro e a voz da sociedade. Acrescido a isso, a comunidade escolar, em geral, apresenta boas condições financeiras, filhos de funcionários públicos da própria universidade, que apresentam alto nível de escolaridade e que deixam como legado aos filhos ampla bagagem cultural.

Essa realidade, tida como ideal, fez com que outros desafios se abrissem aos meus pés, não àquele de despertar o prazer para o estudo e tentar causar alguma mudança na consciência dos alunos que vivem à margem da sociedade e não têm esperança na vida e na educação, mas o de planejar e executar um trabalho à altura das boas referências dos profissionais e alunos do colégio, para continuar dando conta às teorias sócio-interacionistas. Uma prática docente só faz algum sentido se for voltada para o contexto em que está inserida, com o âmbito de atingir os desafios encontrados naquela realidade. O período de observação foi de suma importância para o contato com essa realidade e a apreensão de todos os fatores que culminariam com uma prática de sala de aula eficiente para plantar a semente transformadora na educação de língua portuguesa dessas crianças.

Para a formação do olhar crítico e consciente perante a realidade da escola foram necessários aportes teóricos que proporcionassem um embasamento consistente para o trabalho de inserção da estagiária de língua portuguesa, os quais foram o Parâmetro Curricular Nacional, o Projeto Político Pedagógico da Escola, constantes no Regimento da Escola e as teorias de Wanderley Geraldi, Irandé Antunes e outros autores da área de ensino de língua materna.

Com esse olhar voltado para a realidade é que se deu a etapa de planejamento a fim de despertar o interesse dos alunos através da escolha de um tema atraente, bem como trabalhar os quatro eixos ancorados na Proposta Curricular Nacional, quais sejam fala/escuta e leitura/escrita. Essa fase foi bastante intensa, pois havia um prazo a ser cumprido e muitas ideias a serem aplicadas. A parceria da dupla foi importante para o sucesso do trabalho e se deu de forma tranquila, levando em consideração as opiniões de cada uma. A cumplicidade entre a dupla é assaz valiosa durante a experiência do

estágio, pois o comprometimento é (e deve ser) intenso e os pontos de vista devem ser convergentes para que se chegue a um objetivo comum.

O planejamento previa trabalhar a língua materna como forma de interação e foi bem executado durante a prática docente, havendo boa participação e retorno dos alunos. A linguagem como forma de interação é mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala, nas palavras de Geraldi. Ainda ele diz, que estudar a língua é, então, tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada situação concreta de interação. Nessa perspectiva é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças.

E munidas dessa perspectiva na fase de observação e planejamento é que se deu o período de prática docente no primeiro ano do ensino médio, com duração de 16 horas/aula concomitantemente com a execução do projeto extraclasse, com nossa participação na recuperação de estudos da sexta série, com duração de 12 horas/aula. A experiência com a turma do primeiro ano C foi bastante frutífera, pois conseguimos colocar em prática tudo aquilo que havíamos planejado, apesar de ter ocorrido alguns imprevistos, como mudança de aula, devido à Parada Pedagógica ocorrida no Colégio de Aplicação, no dia 10 de maio, assim como a prorrogação de duas aulas, em circunstância da greve do transporte público de Florianópolis. Mesmo com todos esses reajustes de planejamento e aos imprevistos em sala de aula, como por exemplo, a falta de alunos que impedia a continuidade de uma atividade ou a não entrega de alguma tarefa que dificultava o andamento seguinte e que fez com que vários critérios e posturas tivessem que ser tomados, ainda sim conseguimos executar tudo o que estava previsto. E o mais importante de tudo é que pude sentir certo interesse e curiosidade dos alunos e sentir uma melhora significativa em suas competências linguísticas, oral e escrita.

O perfil da turma C é típico de uma turma de primeiro ano e adequado à sua faixa etária: são bastante agitados e conversadores. Durante todas as aulas tivemos que

pedir a colaboração dos alunos e pedirem que ficassem quietos, mas de maneira geral obtivemos a atenção e participação deles. Meu sentimento e expectativa antes das aulas era bastante intenso, ficava bastante tensa em circunstância do alto padrão de organização da escola, o que acarretava em mim grande responsabilidade de estar à altura desse excelente padrão de qualidade, tendo em vista minha pouca experiência de sala de aula. Com o decorrer das aulas, a ansiedade foi se acalmando, pois a cada aula dada sentia uma grande satisfação e a sensação de dever cumprido, os alunos respondiam bem à minha postura como professora e tive bons feedbacks da minha orientadora e da professora regente da turma. Foi extremamente valioso poder participar de uma estrutura de escola como essa, que me pudesse ensinar o que fazer e não ter que desconstruir maus exemplos, como na experiência de estágio anterior.

A experiência do estágio extraclasse que aconteceu na Recuperação de Estudos da sexta série foi bastante agradável e tranquila. Devido ao cumprimento da carga horária da prática docente, eu e Cecília dividimos a turma em duas e demos aulas concomitantemente. As turmas estavam divididas em dois horários de apenas uma aula (45 minutos) e continham poucos alunos, apenas àqueles que apresentaram algum grau de defasagem no conteúdo da disciplina de língua portuguesa, segundo a professora regente da turma. Nosso trabalho aconteceu no âmbito de leitura e interpretação de textos do gênero conto, com três diferentes versões de Chapeuzinho Vermelho. Houve colaboração quanto ao comportamento dos alunos e participação na leitura, interpretação oral e atividade escrita, demonstrando bastante interesse e curiosidade no tema proposto. Após o rápido período de inserção, já pude perceber grande avanço quanto às dificuldades desses alunos.

Por fim, vale dizer que a experiência do estágio de ensino de língua portuguesa II foi extremamente enriquecedora para minha formação profissional, fazendo com que eu colocasse em prova as teorias estudadas durante o curso e conseguir ter esperanças de que, apesar de certas adversidades encontradas no cenário da educação, de maneira geral, é possível desempenhar uma prática docente de qualidade e angariar bons frutos. O processo de ensino e aprendizagem entre alunos e professores deve estar pautado em ampliar as competências do aluno, sejam elas quais forem, somente assim a tarefa do educador terá valido a pena, conseguindo plantar uma semente frutífera na formação do futuro cidadão.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Estágio de Ensino em Língua Portuguesa e Literatura II foi extremamente enriquecedora para nossa formação, nos causando uma confirmação da escolha profissional e uma grande alegria por poder contribuir, mesmo que minimamente, para o desenvolvimento daqueles jovens. O contato com a realidade do Colégio de Aplicação e a situação daquela comunidade nos permitiu com que colocássemos em prática, com qualidade, as situações de teoria aprendidas nas cadeiras da faculdade.

Ao concluir nossa prática docente nos damos conta de que o trabalho não acaba quando termina, isto é, há muito ainda a ser feito para que seja conseguido perceber a semente plantada gerando frutos e formando indivíduos proficientes em leitura/escrita e cidadãos conscientes do seu papel na sociedade. A educação como um todo, ultrapassa o horizonte da mera transmissão e aferição de conteúdos disciplinares, mas faz a partir desses a constituição de um ser humano melhor, mais preparado para transitar pelas esferas sociais.

Que a nossa passagem pelas turmas trabalhadas tenha, no mínimo, contribuído satisfatoriamente com a aprendizagem daqueles alunos e realizado uma prática docente consistente. Esperamos que tenhamos conseguido aplicar a concepção de linguagem a qual acreditamos como mais apropriada, mostrando que a língua portuguesa, através de seu trabalho com relevância dialógica, tem mais a dizer do que se pensa e pode se tornar um portal para uma perspectiva melhor para esses futuros cidadãos do mundo.

8. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: _____. *Estéticas da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/53]. P. 261-306.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: orientações curriculares para o Ensino Médio: linguagens códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRITTO, Luiz Percival. *A sombra do caos*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1997.

BUNZEN, Clecio, MENDONÇA, Márcia. *Português no Ensino Médio e Formação do Professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CAMARGO, Zeca. *A Fantástica Volta ao Mundo*. São Paulo: Globo, 2004.

CAMINHA, Pero Vaz de, *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.

CEREÇA, George. *Toda La América Del Sur*. Blog disponível no site: <http://cereca.wordpress.com/> Acesso em 10 de abril de 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin**. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Raquel; COUTINHO, Antónia. (Org) *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2007.

FENIANOS, Eduardo. *Expedições Urbanauta*. Site disponível na página <http://www.urbenauta.com.br/> Acesso em 10 de abril de 2012.

_____. Twitter de @urbenauta. Disponível no site: <https://twitter.com/#!/urbenauta> Acesso em 10 de abril de 2012.

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de Linguagem e Ensino de Português**. In: *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1999. 3 ed.

_____. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GRIMM, Jacob & Willhelm. **Chapeuzinho Vermelho**. In:_____. *Contos Escolhidos*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

KLINK, Amyr. *Paratii: entre dois polos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Hoje entendo bem meu pai...* Site disponível na página <http://www.amyrklink.com.br/> Acesso em 10 de abril de 2012.

Parâmetros Curriculares Nacionais, 1996 em

<http://www.zinder.com.br/legislacao/pcn-fund.htm> Acesso em 11/09/2011.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. [et al.]. *Estágio supervisionado I e II*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

PRATA, Mário. **Chapeuzinho Vermelho de Raiva**. In: DI GIORGI, Flávio. *Redação Escolar*. São Paulo: Descubra, 1972.

SHÜRMAN. *Família Shürmann*. Site disponível na página: http://www.schurmann.com.br/familiaaventura/familia_aventura.asp Acesso em 10 de abril de 2012.

RAMOS, Tânia Regina de Oliveira; CORSO, Gizelle Kaminski. *Literatura e Ensino*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

Regimento Escolar e Organização Didática do Colégio de Aplicação, 2007.

ROSA, Guimarães. **Fita Verde no Cabelo**. In:_____. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

9. ANEXOS

9.1 DOCUMENTAÇÃO DO ESTÁGIO

9.1.1 Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório – Estagiária Cecília



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional**

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 384553

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional, **Sandra Regina Salvador Ferreira**, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Diva Zandomenego**, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) **Cecília Augusta Vieira Pinto**, CPF **066.286.939-70**, telefone **4891576695**, e-mail **cica_sorriso@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **7174042** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MEN7002 . | Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão. |
| Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott , da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a). | Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso. |
| Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias) , a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação , de 05/03/2012 a 11/07/2012 , respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Nara Caetano Rodrigues . | Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração . |
| Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02). | Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE. |
| Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas. | Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho. |
| | Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor. |

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 384553

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 1º ano do Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

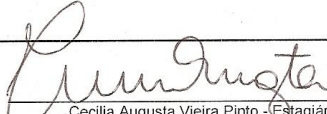
Local e Data:


Florianópolis, 20 de março de 2012


Irene Terezinha Fuck
Diretora, em exercício.

Sandra Regina Salvador Ferreira, Diretora do DIP - PREG - UFSC
ACADÊMICA E PROFISSIONAL
DIP/PREG/UFSC


Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, Prof.(a) Orientador(a)


Cecília Augusta Vieira Pinto - Estagiário


Diva Zandomenego, Coordenadora do Curso de Graduação
em Letras Portuguesas
CCE/UFSC


Nara Caetano Rodrigues - Supervisor(a) no local de Estágio
Portaria nº 612/GR/2010

9.1.2 Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório – Estagiária

Gabriella



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 384219

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional, **Sandra Regina Salvador Ferreira**, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Diva Zandomenego**, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) **Gabriella Ligocki Pedro**, CPF 067.808.899-38, telefone 4896075057, e-mail gabriellafff@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 8174018 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MEN7002. | Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão. |
| Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott , da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a). | Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso. |
| Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 20 horas (4 horas diárias) , a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação, de 05/03/2012 a 11/07/2012 , respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Nara Caetano Rodrigues . | Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração . |
| Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02). | Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE. |
| Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas. | Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho. |
| | Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor. |

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 384219

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 1o ano- Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 27 de março de 2012

Gabriella Ligocki Pedro
Gabriella Ligocki Pedro - Estagiário

Sandra Regina Salvador Ferreira - Diretor(a) do DIP - PREG - UFSC

Diva Zandomenego
Diva Zandomenego - Coordenadora do Curso de Estágios do Curso - UFSC
Subcoordenadora do Curso de Estágios do Curso - UFSC
em Letras Portugues
CCE/UFSC
Portaria nº 612/GR/2010

Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Nara Caetano Rodrigues - Supervisor(a) no local de Estágio

9.1.3 Registro de Observação de Aulas de Português – Ensino Médio - Estagiária

Cecília



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 331-9243 – Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS – ENSINO MÉDIO

Escola: Colégio de Aplicações
Turma: 1C
Professor(a): Nara Caetano Rodrigues
Estagiário(a): Cecília Augusta Vieira Pinto
Período de observação total: _____

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	13/03	10h30-11h10	Produção 1ª versão gênero crônica	Nara
Aula 2	13/03	11h10-11h50	Produção 1ª versão gênero crônica	Nara
Aula 3	15/03	9h30-10h10	Características da crônica e leitura	Nara
Aula 4	15/03	10h30-11h10	Características da crônica e leitura	Nara
Aula 5	20/03	10h30-11h10	exercícios sobre a crônica	Nara
Aula 6	20/03	11h10-11h50	exercícios sobre a crônica	Nara
Aula 7	22/03	9h30-10h10	leitura de crônica e escolha de uma crônica para apresentação	Nara
Aula 8	27/03	10h30-11h10	Roteiro de leitura e apresentação de uma crônica	Nara
Aula 9	27/03	11h10-11h50	Roteiro de leitura e apresentação de uma crônica	Nara
Aula 10	29/03	9h30-10h10	roteiro/Análise da crônica	Nara

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

9.1.4 Registro de Observação de Aulas de Português – Ensino Médio - Estagiária Gabriella



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 331-9243 – Fax: (48) 331-8703

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO
DE AULAS DE PORTUGUÊS –
ENSINO MÉDIO**

Escola: Colégio de Aplicação
Turma: 1º ano C
Professor(a): Nara Caetano Rodrigues
Estagiário(a): Gabriella Higuchi Pedro
Período de observação total: _____

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	13/03	10:30 - 11:10	Produção de 1ª versão de crônica	Nara
Aula 2	13/03	11:10 - 11:50	Produção de 1ª versão de crônica	Nara
Aula 3	15/03	9:30 - 10:10	Características da Crônica e leitura	Nara
Aula 4	15/03	10:30 - 11:10	Características da Crônica e leitura	Nara
Aula 5	20/03	10:30 - 11:10	Exercícios sobre as crônicas	Nara
Aula 6	20/03	11:10 - 11:50	Exercícios sobre as crônicas	Nara
Aula 7	22/03	9:30 - 10:10	Leituras de crônicas e escrita de uma para apresentação	Nara
Aula 8	27/03	10:30 - 11:10	Roteiro de leitura e apresentação	Nara
Aula 9	27/03	10:10 - 11:50	Roteiro de leitura e apresentação	Nara
Aula 10	29/03	9:30 - 10:10	Apresentação do roteiro	Nara

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

9.2 ANEXOS DA SEÇÃO DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

9.2.1 Fotos da observação



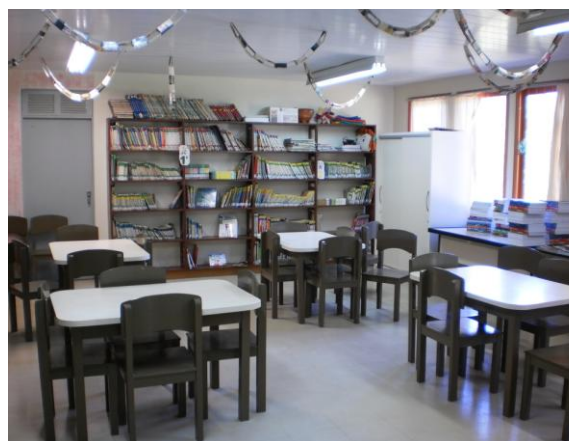
Sala dos professores de português



Sala dos professores de português



Sala dos professores de português



Parte infantil da Biblioteca



Salão principal da Biblioteca



Entrada da Biblioteca



Pátio da Escola



Área da Educação Infantil



Refeitório



Cozinha



Quadra



Bambuzal



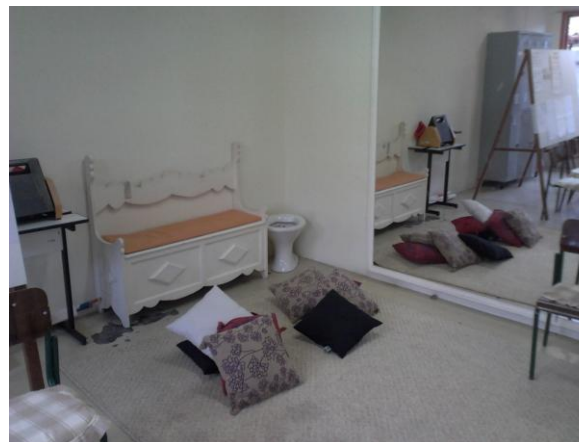
Laboratório de Linguagem



Laboratório de Linguagem



Laboratório de Linguagem



Laboratório de Linguagem



Corredor das salas de aula



Algumas das estagiárias dos primeiros anos do Ensino Médio

9.3 ANEXOS DA SEÇÃO OBSERVAÇÃO DAS AULAS E RELATOS

9.3.1 Primeira versão da crônica de alunos da turma 1C

Florianópolis, 13 de março de 2012

Nome: Marcelo Oliveira

Nome: Gabriela

Série: 1^o C

pág. 26

crônica 1^o versão - 8/2 - pág. 26

"A boca que deu bobe"

"Policiais não vistos no centro da cidade fazendo
cenas de até sexual um caso de exposição, os
policiais ainda têm e têm fatos".

Os fatos foram tirados por um estudante de forma
abertamente unânime que ficou indignado com as
ações dos policiais. Assim que os fatos foram tirados
o estudante divulgou na internet, e fez diversos pan-
fletos espalhando pela cidade. Outras pessoas viram
e gerou uma indignação dentro da população,
falta de respeito (atitudes) vindas por homens da lei.
Ficou manifestação das pessoas que ficaram indig-
nadas, queriam que esses policiais fossem afastados e
suspendidos por falta de respeito e uma
investigação implorando na cidade.

Essa discussão permaneceu por vários dias, e por
isso acabou o assunto quando os policiais foram afasta-
dos do cargo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

COLÉGIO DE APLICAÇÃO

ALUNAS: Bárbara e Cibele

SÉRIE: 1º C

DATA: 13/03/2012

MALDITO NOME

Maria José da Silva, minha mãe me registrou com esse nome, mãe imagina ela que hoje usaria no Brasil o nome mais registrado.

Meu marido se chama José e eu Maria, todos pensaram que somos vulgares. Um dia fui ao banco, eu e meu marido. A senhora do caixa chamou:

- Dona Maria José da Silva?

Quando eu me levantei, me apanteei, levantaram-se umas dez mulheres comigo, todas se dirigiram ao caixa. É definitivamente a compulsão estava formada.

- Eu estou aqui primeiro.

- Mas eu também sou Maria José da Silva.

- Sem da frente e a minha vez.

Todas gritaram docemente, e agora pra descobrir a Maria José dona da vaga no banco? Como podem ser tão burros de registrarem tantas Maria José da Silva?

- Isso é um absurdo! - disse para mim mesma.

Depois de tantas perguntas, maturidade, data de nascimento, deu-se então que eu não via a chamada, fiquei tão indignada que tirei que ir embora, para não voltar.

Chegando em casa, decidi fazer uma pesquisa e me surpreendi com o resultado, existem mais de 13.356.965 Marias no Brasil e que a maioria delas se chamam Maria José da Silva.





É, realmente meu nome é famoso! Maldita da minha mãe que me matou nesta confusão.

(vivinta istoé, coluna semana, 07/12/2011, pg. 27)



tilibra



nome: Guilherme Rocha e Rafael Trujillas

Revista istoí - infidelidade na Internet
(P.56-22-2-2012)

Em tempos Modernos a Situação dos casais vem decaindo gradativamente por um fator "x", a traição que pode ocorrer de ambos os lados, e agora por muitos meios, um deles agora mais usado ainda é a Internet, que contém Redes Sociais especializadas na traição online

Entre dia fiquei sabendo sobre algumas histórias sobre o sr. Arnaldo, um homem que para muitos seria um exemplo de marido, mais para outros muitos não passava de um vagabundo que só sabia ficar com belas mulheres, enquanto que sua mulher pensava que ele estava em conferências a respeito de seu trabalho, tudo parecia tão perfeito enquanto sua mulher não descobria, mas Arnaldo tinha um ~~de~~ hábito de tocar sua mulher, e de Belver muito logo não resultou muito bem em sua última noite.

9.3.2 Texto *Uma visão da Vida*, de Ignácio de Loyola Brandão

Uma visão da vida

(Ignácio de Loyola Brandão)

Um dia, andando pela Avenida Brasil, em São Paulo, dei com uma mulher que desejava uma informação: O senhor pode me dizer se a Rua Hungria passa por aqui? Indaguei: a senhora quer saber se o ônibus que passa pela Rua Hungria passa por aqui? Não, ela me corrigiu, raivosa. Quero saber se a rua passa por aqui. Se passar, vou esperar, porque preciso ir lá. Todo mundo é burro? Faço essa pergunta e ninguém entende. Ninguém sabe que as ruas passam umas pelas outras? Irritada, ela se foi.

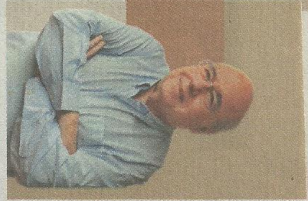
Fiquei pensando naquela mulher, abri minha cadernetinha e anotei o episódio. Tenho sempre comigo a cadernetinha, me refresca a memória: descrevo situações, idéias, frases, nomes. Dois dias depois, deveria escrever minha crônica para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Os assuntos sempre são o grande problema. Tem semana que podemos decidir entre dois ou três. Como certos técnicos de futebol que dispõem de um bom banco de reservas e ficam tranquilos. Também um cronista necessita de um bom banco, porque às vezes a coisa aperta. Assim, naquele dia, sentei-me e contei a história da velha que desejava saber sobre a Rua Hungria. Uma crônica bem-humorada, divertida. Um cronista deve estar antenado com a cidade em volta. Deve ler jornais, conversar com as pessoas, ouvir histórias. Os assuntos estão por toda a parte. Ficam à nossa espera.

Outra vez, saí de casa, estava um tempo feio, carregado, o céu cheio de nuvens. Assim que coloquei os pés na rua, um garoto passou e me disse: Tio, por que o senhor não tem sombra? Respondi que a sombra só aparece quando tem uma luz forte, mas ele não se conformou. Não está escuro, o senhor quer me enganar. Informei que aquela luz não era suficiente para fazer sombras. Ele nem me ouviu, saiu correndo e gritando: a sua sombra fugiu, sua sombra fugiu, onde será que foi? Onde será que foi? Teve medo do senhor! Claro que anotei tudo, transformei em uma crônica, depois um dia aumentei, transformei em um conto. E esse conto foi ganhando mais e mais força, até completar 80 páginas. Coloquei no meu livro *O Homem que odiava a segunda-feira*. Porque o escritor é a pessoa que aproveita tudo, já que a inspiração não passa de observação, de ficar atento, esperto. O cronista é um homem que contempla a cidade, o mundo em que vive e conta o dia-a-dia, descobre as curiosidades do cotidiano, transforma a vivência em crônica, em ficção.

Uma crônica pode ser um conto, quando os fatos que ela narra podem ser lidos daqui a 20 ou 50 anos com o mesmo sabor, quando não envelhece. Uma crônica é um texto que diverte, emociona, dá prazer ou entristece, mas ela é principalmente uma visão da vida, maneira de nos ajudar a contemplar o mundo, entender o país, os que estão em volta de nós. Enfim, de nos levar a melhorar.

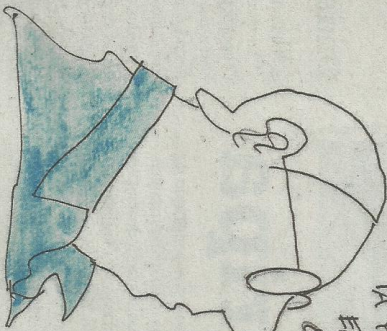
Diferença entre crônica e conto. } questão de tamanho } diferença entre olhar e contemplar
O conto não envelhece

9.3.3 Texto “Vô” Volpe, de Luís Fernando Veríssimo



Veríssimo

As aventuras da família Brasil



O BOGA NÃO DISSE QUE
IA PROCURAR UM
EMPREGO ASSIM
QUE TERMINASSE
O CARNAVAL?



DISSE MAS
NÃO ESTRECHOU
DE QUE AND

“Vô” Volpe

Não sei com que idade morreu o meu avô materno, Vicente Volpe. A lembrança que tenho dele é

alemães, e tiveram quatro filhos, duas mulheres e dois homens. Uma das mulheres veio a ser minha mãe.

O “vô” Volpe, como o chamávamos, era maçom. Sua última profissão foi a de

cabalheiros vigilantes. Mas também contava que perder o trem só lhe acontecera uma vez na vida. Se não me engano, o que o “vô” Volpe vendia em todo o interior do Rio Grande do Sul era lápis-

cabaleros na infância com a família recuada para combater o que fazer com o velhinho, e uma filha dizendo: — Vôô, vai brincar lá fora, vai. Gosto de pensar que, com um pouco mais de vida, o “vô” Volpe, que era, como

■ Tenho

pensado muito nele porque estão nascendo

Volpe

Não sei com que idade morreu o meu avô materno, Vicente Volpe. A

lembrança que tenho dele é a de um homem empertigado, sempre elegante e perfumado, que não perdia seu sotaque de imigrante. Viera de uma cidade "perto da Calabona", e desconhecíamos que a imprecisão geográfica escondia seu medo de ser identificado como calabreses, com tudo que tradicionalmente – e nem sempre corretamente – caracterizava a região, desde a prevalência da Máfia até a audácia da finguifa. Vicente Volpe casou-se com Emma Halfen Volpe, filha de imigrantes

alemães, e tiveram quatro filhos, duas mulheres e dois homens. Uma das mulheres veio a ser minha mãe.

O "vô" Volpe, como o chamávamos, era maçom. Sua última profissão foi a de caixeiro-viajante, no tempo

em que os caixeiros-viajantes usavam guarda-pó branco para proteger a roupa da fuligem e das fagulhas das locomotivas. Não havia vergonha maior, para um caixeiro-viajante, do que perder o trem. O "vô Volpe" contava que certa vez chregara na estação quando seu trem já tinha partido. Escondia-se no hotel, onde ficara, sem comer e sem aparecer na janela, até a manhã do dia seguinte, para escapar da toça impiedosa dos outros

caixeiros-viajantes. Mas

também contava que perder o trem só lhe aconteceria uma vez na vida. Se não me enganar, o que o "vô" Volpe vendia em todo o interior do Rio Grande do Sul era lapides para túmulos.

Por que estou contando tudo isso? Porque na velhice, com os seus – imagino – 70 e poucos anos, o "vô" Volpe conseguiu a recuperar

o cabelo que perdera a partir dos 40. Primeiro, uma leve depilação, depois fios de ver-dade, inconfundíveis, brotaram no topo da sua cabeça. Ele não chegou a ter uma neo-níetena pentével, que tapasse toda a careca. Mas é provável que se tivesse mais um pouco tena de volta todo o cabelo da juventude.

■ Tenho pensado muito nele porque estão nascendo cabelos na minha careca.

O que explicava aquilo? A "vô" Emma nos assegurou que não era nenhuma loção mágica. Estrume, pó de gafanhoto, nada. Talvez o fenômeno fosse mais comum do que a gente imaginava. Mas não conhecíamos ninguém na idade dele que estivesse recuperando cabelo com a mesma velocidade e no mesmo volume. A única explicação era: milagre.

Anos depois, pensando no "vô" Volpe, e antes daquele filme em que o Brad Pitt nasce velho e morre bebê, escrevi uma história assim: um vovô começa a recuperar não só o cabelo da sua juventude mas a própria juventude, e regride até a infância, inferntizando a todos com suas malcriações. Lembo que a história ter-

mina com a família reunida para combinar o que fazer com o velhinho, e uma filha dizendo:

— Vovô, vai brincar lá fora, vai. Gosto de pensar que, com um pouco mais de vida, o "vô" Volpe, que era, como se dizia na época, mas não na frente da "vô" Emma, um mamorador, também ganharia uma segunda juventude. Com todos os cabelos.

E tenho pensado muito no "vô" Volpe porque estão nascendo cabelos na minha careca. Está bem, ainda é cedo para saber no que vão dar. No momento parece que se encaminham para uma espécie de punk geriátrico, mas tudo pode acontecer. Confio na força calabrresa dos genes do "vô" Volpe.

4 DONNA 4 DE MARÇO DE 2012

Diário Catarinense

Reduza medidas e a celulite

Catêina, citrus aurantium, chá branco e ginkgo biloba.

Fórmula 2 em 1. Para uma ação completa num único produto, desenvolvemos: Body/slim Termoativo. Sua ação hipérmica ativa a circulação sanguínea e linfática garantindo uma melhor penetração dos ativos, facilitando que cheguem até as camadas mais profundas da pele, onde através da lipólise, esvazia as moléculas de gordura, drenando e descongestionando, promovendo assim a redução de medidas. Com ação reestruturante, firma e reorganiza a pele deixando-a mais lisa, reduzindo e prevenindo os sinais da celulite.

Observação: a ação hipérmica do produto promove vermelhidão por aquecimento no local aplicado.



Vendas

lojavirtual.nutreslim.com.br

48 - 9615-1794

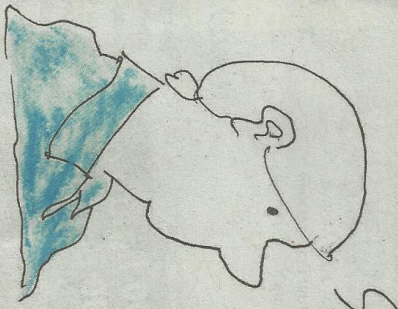
9.3.4 Texto *Proust e Big Bertha*, de Luís Fernando Veríssimo



Veríssimo

As aventuras da família Brasil

SE MEUS PAIS REPARAREM
ONDE MAIS VOCÊ TEM REPARAÇÕES...



MUDA DE
ASSUNTO



PODE
DEIXAR



Proust e Big Bertha

O grande canhão construído pelos alemães para arrasar fortificações

...muitos estragos, pelo menos se comparados ao rastro de entulhos que tinha deixado na Bélgica e em outros lugares. Mas fez o bastante para enervar a cidade.

Tempo Perdido mas não se fica sabendo o efeito que o bombardeio de Paris teve sobre o autor e seu cotidiano. E nunca sabemos a que distância o "Big Bertha" esteve de atingir a história da

■ O grande canhão construído pelos alemães

...caindo longe daqui, nos bairros pobres, onde ninguém é escritor. As reverberações das minhas explosões mal mexem com sua cortinas rendadas.

— Você não vê? Toda a minha literatura é feita de — Dormir como, com Paris sob bombardeio? — Isto não vai durar muito. Esta guerra está no fim. Os Krupp ganharam mas a Alemanha perdeu. Só estamos dando os últimos tiros para não perder a mão. E daqui a

Proust e Big Bertha

O grande canhão construído pelos alemães para arrasar fortificações

inimigas na Primeira Guerra Mundial era chamado de "Big Bertha" e devia seu apelo à mulher de Gustav Krupp, chefe da indústria que o produziu. Não, presume-se, porque Bertha Krupp parecesse um canhão. Nenhuma arma construída até então tinha o mesmo poder, e o "Big Bertha" fez estragos inéditos antes de ser neutralizado pelos aliados. Uma versão modificada do "Big Bertha", com um alcance então inimaginável de 130 quilômetros, foi usada pelos alemães para bombardear Paris em 1918, quase no fim da Grande Guerra. Não fez

muitos estragos, pelo menos se comparados ao rastro de entulhos que tinha deixado na Bélgica e em outros lugares. Mas fez o bastante para enervar a cidade.

Em 1918 Marcel Proust estaria burlando o texto de *A Sombra das Raparigas em Flor*, parte da sua obra *Em Busca do Tempo Perdido*. Do seu apartamento no Boulevard Haussmann ele ouvira os estrondos do bombardeio? Seu apartamento estaria no raio de alcance do grande canhão? Ou seja, havia a possibilidade do "Big Bertha" introneter-se no trabalho do escritor como um personagem inesperado e transformar em cinzas o trabalho, o apartamento e o próprio Proust? Há referências passageiras à guerra no *Em Busca do*

Tempo Perdido mas não se fica sabendo o efeito que o bombardeio de Paris teve sobre o autor e seu cotidiano. E nunca sabemos a que distância o "Big Bertha" esteve de alterar a história da literatura universal.

Mas se o Proust não nos corta, podemos imaginar. Não é impossível que, numa noite tornada insone pelo rufar longínquo das explosões, Proust tenha conjurado o próprio canhão para a sua cabeceira, e reclamado: — Não consigo dormir. Não consigo escrever. Você não se dá conta do que está fazendo com a minha sensibilidade, e por conseguinte com a minha literatura, sem falar na minha vida? — Bobagem — diz o canhão, no seu alemão metálico. — Minhas balas estão

■ O grande canhão construído pelos alemães

tinha o apelido da mulher de Gustav Krupp

cando longe daqui, nos bairros pobres, onde ninguém é escritor. As revenges das minhas explosões mal mexem com sua cortina rendada.

— Você não vê? Toda a minha literatura é feita, de um jeito ou de outro, dos pequenos movimentos das minhas cortinas rendadas, do filinear evocativo do meu jogo de chá. É inadmissível que minhas cortinas estejam esvoaçando e minhas xicaras tremendo pelo poder de uma máquina de guerra, em vez do poder da minha memória.

— Deixa ver se eu entendi. Você quer que a guerra pare para poder se lembrar melhor. Recuperar o seu precioso tempo perdido é mais importante do que o destino da Europa e o futuro da Alemanha? Ora, vá dormir, Marcel.

— Dormir como, com Paris sob bombardeio?

— Isso não vai durar muito. Esta guerra está no fim. Os Krupp ganharam mas a Alemanha perdeu. Só estamos dando os últimos tiros para não perder a mão. E daqui a alguns anos, voltaremos.

— Você e eu não podemos existir no mesmo mundo, canhão. Marcel Proust e Big Bertha são antônimos. Ou a arte ou a estupidez humana, uma das duas terá que prevalecer, porque a outra será uma mentira.

— Engano seu, Marcel. Vamos conviver por séculos. O canhão se levanta para ir embora e pergunta: — Posso pedir uma coisa, já que lhe fiz o favor de não bombardear o Boulevard Haussmann? — Peça.

— Me ponha no seu livro?

4 DONNA 11 DE MARÇO DE 2012

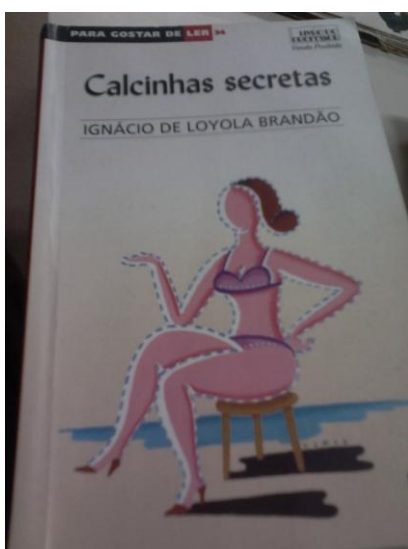
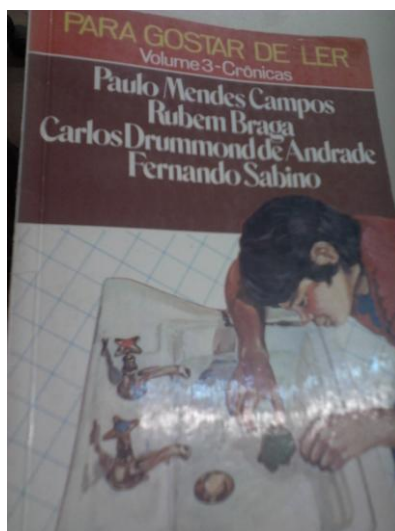
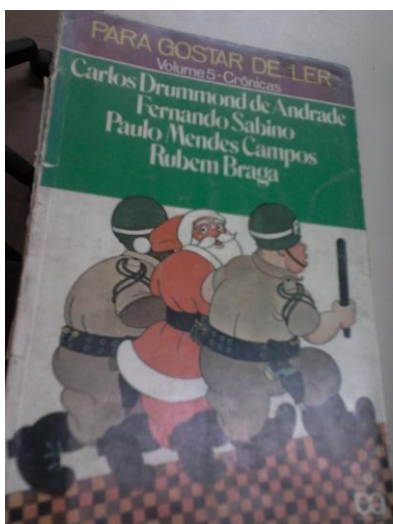
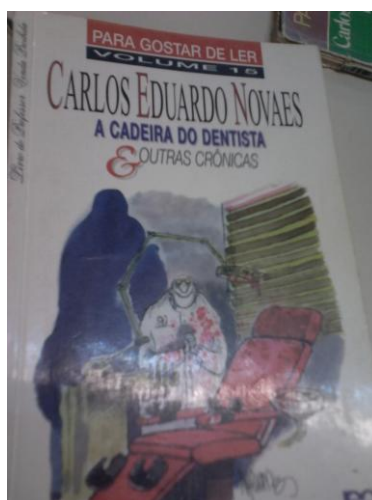
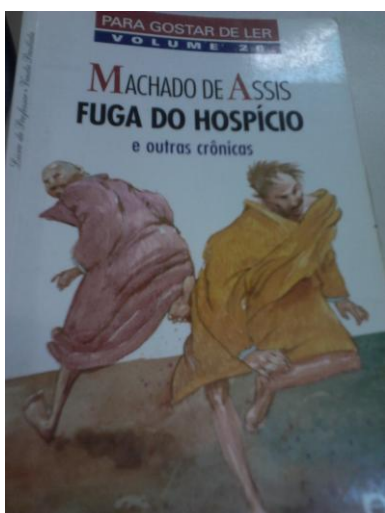
Diário Catarinense

**CLUBE DO ASSINANTE**

Sorteio de ingressos?
Siga o clube no twitter
www.twitter.com/clubedc

Grupo **PBS**

9.3.5 Capas de livros de crônicas lidos pelos alunos



9.3.6 Roteiro de leitura da crônica

COLÉGIO DE APLICAÇÃO/CED/UFSC
1ºS SÉRIES EM
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA
PROFª NARA CAETANO RODRIGUES

ESTUDO DO GÊNERO CRÔNICA

Escolha uma das crônicas do livro recebido, leia com atenção e resolva as questões abaixo para apresentar aos colegas.

1. Identifique:
 - a) título da crônica: _____
 - b) autor: _____
 - c) suporte: _____
 - d) data e local de publicação: _____

2. Que fato do cotidiano motivou a escritura da crônica?
3. Qual é o tema/assunto da crônica?
4. A linguagem é atual ou de outra época? Justifique com exemplos do texto.
5. Quem são os personagens presentes na crônica? O que se pode dizer sobre eles?
6. O que se pode dizer sobre o cenário da crônica? Cite referências que o identifiquem.
7. O autor faz parte da situação narrada ou está como observador?
8. Que sentimentos ou emoções a crônica desperta em vocês?
9. Na crônica, predomina:
 - () humor
 - () ironia
 - () lirismo
 - () crítica

10. O que vocês acharam do desfecho? Retoma o título? Existe um elemento surpresa?

9.3.7 Amostras de questionários preenchidos pela turma 1C

Questionário sobre o Perfil do Aluno

1. Qual é o seu nome? Rafael Jeremias Qual é a sua idade? 15
2. Em que série/ano você está? 1º Em que série/ano você começou a estudar nesta escola? 1º/2004
3. Você gosta de estudar nesta escola? Por que? Sim, comia livro.
4. Onde mora? Como é o deslocamento até a escola? Monte Verde, ônibus.
5. Você tem algum trabalho ou serviço remunerado? Qual? Por quantas horas diárias? Em que turno? Não
6. O que você faz em seu tempo livre? Marcar Tchê.
7. Com quais membros da sua família você mora (pais, avós, irmãos, etc.)? Mãe, irmão e avô
Qual é a profissão desses familiares? Vó: Aposentada; Mãe: Comerciante; Irmão: Funcionário Terceiro setor
8. O que você quer ser quando crescer? Você acha que precisará do estudo para chegar nesta profissão? Não sei.
9. Numere, em ordem de preferência – a contar do um (1), para o tema de seu maior interesse – os temas a seguir relacionados:

Vestibular ()	ENEM ()	Drogas ()	Esporte (5)
Música (7)	Política ()	Religião ()	Violência ()
Sexualidade (1)	Namoro (2)	Família (4)	Internet (3)
Televisão ()	Cinema (6)	Moda ()	

 Outros () Especifique _____
10. Você tem acesso à Internet com frequência? Sim (X) todos os dias Não ()
11. Se sim, quais os locais de acesso mais frequentes (na sua casa ou de amigos, lan houses, escola, etc)? Escola, casa de amigos e academia.
12. Numere, por ordem crescente de importância, dentre as opções a seguir, aquelas que correspondem ao uso que você faz da Internet:

E-mail ()	Orkut ()	MSN (2)	Twitter (3)
Blogs ()	Facebook (1)	Portais de notícias ()	Sites de esportes (4)
	Sites de jogo ()	Sites de pesquisa (Google, Wikipedia, etc.) (5)	(novelas, celebridades, humor, moda, etc.) ()

 Sites de entretenimento (X) De que tipo? Humor.
13. Você possui o hábito de ler? O quê? Não.
14. Assinale os tipos de leituras que você possui em casa:
 livros () De que tipo? _____
 revistas () De que tipo? _____
 gibis () enciclopédias () dicionários () nenhum ()
 outros (X) Quais? Jornais
15. Quais disciplinas escolares você gosta mais? E as que você gosta menos? Por que? Matemática e Língua Portuguesa.
16. O que você acha das aulas de português? Motivadora.
17. O que você acha que poderia ser diferente nas aulas de português? Nada.

PARA OS ALUNOS QUE FREQUENTAM ALGUM PROJETO EXTRACLASSE NO CONTRA-TURNO ESCOLAR:

18. De qual projeto você participa? _____
19. De que atividades você participa no projeto? _____
20. Você frequenta o projeto todos os dias? _____
21. Você recebe alimentação no projeto? Quais refeições são oferecidas? _____
22. O que seus pais acham de você frequentar o projeto? Por que? _____
23. Houve alguma diferença antes e depois do projeto em sua vida? Especifique. _____

Questionário sobre o Perfil do Aluno

1. Qual é o seu nome? Felipe Qual é a sua idade? 16
2. Em que série/ano você está? 1 ano Em que série/ano você começou a estudar nesta escola? 1ª série
3. Você gosta de estudar nesta escola? Por que? Sim, boa comida.
4. Onde mora? Como é o deslocamento até a escola? ônibus
5. Você tem algum trabalho ou serviço remunerado? Qual? Por quantas horas diárias? Em que turno? Não
6. O que você faz em seu tempo livre? Internet e estudos.
7. Com quais membros da sua família você mora (pais, avós, irmãos, etc.)? Mãe, Avô, irmã, irmão Qual é a profissão desses familiares? Pa: Func. público
8. O que você quer ser quando crescer? Você acha que precisará do estudo para chegar nesta profissão? sem sucesso
9. Numere, em ordem de preferência – a contar do um (1), para o tema de seu maior interesse – os temas a seguir relacionados:

Vestibular (<u>2</u>)	ENEM ()	Drogas ()	Esporte (<u>8</u>)
Música (<u>3</u>)	Política ()	Religião ()	Violência ()
Sexualidade (<u>4</u>)	Namoro ()	Família (<u>1</u>)	Internet (<u>6</u>)
Televisão ()	Cinema ()	Moda ()	

 Outros () Especifique _____
10. Você tem acesso à Internet com frequência? Sim () Não ()
11. Se sim, quais os locais de acesso mais frequentes (na sua casa ou de amigos, lan houses, escola, etc)? Casa.
12. Numere, por ordem crescente de importância, dentre as opções a seguir, aquelas que correspondem ao uso que você faz da Internet:

E-mail (<u>6</u>)	Orkut (<u>4</u>)	MSN (<u>5</u>)	Twitter (<u>1</u>)
Blogs ()	Facebook (<u>5</u>)	Portais de notícias ()	Sites de esportes (<u>2</u>)
	Sites de jogo (<u>3</u>)	Sites de pesquisa (Google, Wikipedia, etc.) ()	(novelas, celebridades, humor, moda, etc.) ()

 Sites de entretenimento () De que tipo? _____
13. Você possui o hábito de ler? O quê? Sim, aventura.
14. Assinale os tipos de leituras que você possui em casa:

livros (<input checked="" type="checkbox"/>) De que tipo? _____
revistas () De que tipo? _____
gibis (<input checked="" type="checkbox"/>) enciclopédias () dicionários () nenhum ()
outros () Quais? _____
15. Quais disciplinas escolares você gosta mais? E as que você gosta menos? Por que? Matemática, envolvem mais o raciocínio. Biologia,
16. O que você acha das aulas de português? legais e dinâmicas.
17. O que você acha que poderia ser diferente nas aulas de português? Nada.

PARA OS ALUNOS QUE FREQUENTAM ALGUM PROJETO EXTRACLASSE NO CONTRA-TURNO ESCOLAR:

18. De qual projeto você participa? _____
19. De que atividades você participa no projeto? _____
20. Você frequenta o projeto todos os dias? _____
21. Você recebe alimentação no projeto? Quais refeições são oferecidas? _____
22. O que seus pais acham de você frequentar o projeto? Por que? _____
23. Houve alguma diferença antes e depois do projeto em sua vida? Especifique. _____

Questionário sobre o Perfil do Aluno

- Qual é o seu nome? Camila do Couto Maia Qual é a sua idade? 14 anos
- Em que série/ano você está? 1º ano Em que série/ano você começou a estudar nesta escola? 1ª série
- Você gosta de estudar nesta escola? Por que? Gosto, porque o ensino é bom.
- Onde mora? Como é o deslocamento até a escola? moro na Trindade, e vou andando até a escola.
- Você tem algum trabalho ou serviço remunerado? Qual? Por quantas horas diárias? Em que turno? não tenho.
- O que você faz em seu tempo livre? Vou ao shopping, cinema, vejo TV, uso o computador, saio com meus amigos, etc.
- Com quais membros da sua família você mora (pais, avós, irmãos, etc.)? Mãe e irmã
Qual é a profissão desses familiares? Mãe (dona de casa), irmã (auxiliar administrativa)
- O que você quer ser quando crescer? Você acha que precisará do estudo para chegar nesta profissão? Ainda não decidi, mas com certeza precisarei de estudos.
- Numere, em ordem de preferência – a contar do um (1), para o tema de seu maior interesse – os temas a seguir relacionados:
Vestibular (3) ENEM (2) Drogas () Esporte ()
Música (5) Política () Religião (9) Violência ()
Sexualidade () Namoro (8) Família (1) Internet (4)
Televisão (7) Cinema (6) Moda ()
Outros () Especifique _____
- Você tem acesso à Internet com frequência? Sim (X) Não ()
- Se sim, quais os locais de acesso mais frequentes (na sua casa ou de amigos, lan houses, escola, etc)?
Na minha casa e de amigos.
- Numere, por ordem crescente de importância, dentre as opções a seguir, aquelas que correspondem ao uso que você faz da Internet:
E-mail (2) Orkut () MSN (1) Twitter ()
Blogs () Facebook (3) Portais de notícias (5) Sites de esportes ()
Sites de jogo () Sites de pesquisa (Google, Wikipedia, etc.) (4)
(novelas, celebridades, humor, moda, etc.) ()
Sites de entretenimento () De que tipo? _____
- Você possui o hábito de ler? O quê? Sim. Livros, revistas, reportagens...
- Assinale os tipos de leituras que você possui em casa:
livros (X) De que tipo? todos
revistas (X) De que tipo? _____
gibs (X) enciclopédias (X) dicionários (X) nenhum ()
outros () Quais? _____
- Quais disciplinas escolares você gosta mais? E as que você gosta menos? Por que? Gosto de física, e não gosto de geografia.
- O que você acha das aulas de português? Acho legais.
- O que você acha que poderia ser diferente nas aulas de português? Acho que poderíamos fazer mais atividades fora de sala.
co-diferentes

PARA OS ALUNOS QUE FREQUENTAM ALGUM PROJETO EXTRACLASSE NO CONTRA-TURNO ESCOLAR:

- De qual projeto você participa? _____
- De que atividades você participa no projeto? _____
- Você frequenta o projeto todos os dias? _____
- Você recebe alimentação no projeto? Quais refeições são oferecidas? _____
- O que seus pais acham de você frequentar o projeto? Por que? _____
- Houve alguma diferença antes e depois do projeto em sua vida? Especifique. _____

Questionário sobre o Perfil do Aluno

1. Qual é o seu nome? Gabriele Teixeira Qual é a sua idade? 16
2. Em que série/ano você está? 1 Em que série/ano você começou a estudar nesta escola? 1º EM
3. Você gosta de estudar nesta escola? Por que? Sim, a escola tem um bom ensino.
4. Onde mora? Como é o deslocamento até a escola? no centro, de carro ou ônibus.
5. Você tem algum trabalho ou serviço remunerado? Qual? Por quantas horas diárias? Em que turno? não.
6. O que você faz em seu tempo livre? Estudo, fico na internet, desenho.
7. Com quais membros da sua família você mora (pais, avós, irmãos, etc.)? meus pais e meu irmão. Qual é a profissão desses familiares? _____
8. O que você quer ser quando crescer? Você acha que precisará do estudo para chegar nesta profissão? Jornalista: Sim.
9. Numere, em ordem de preferência – a contar do um (1), para o tema de seu maior interesse – os temas a seguir relacionados:

Vestibular (<u>1</u>)	ENEM (<u>3</u>)	Drogas ()	Esporte ()
Música (<u>2</u>)	Política ()	Religião ()	Violência ()
Sexualidade ()	Namoro ()	Família ()	Internet (<u>4</u>)
Televisão (<u>17</u>)	Cinema (<u>5</u>)	Moda (<u>6</u>)	
Outros ()	Especifique _____		
10. Você tem acesso à Internet com frequência? Sim (x) Não ()
11. Se sim, quais os locais de acesso mais freqüentes (na sua casa ou de amigos, lan houses, escola, etc)? casa.
12. Numere, por ordem crescente de importância, dentre as opções a seguir, aquelas que correspondem ao uso que você faz da Internet:

E-mail (<u>5</u>)	Orkut ()	MSN (<u>3</u>)	Twitter (<u>2</u>)
Blogs (<u>4</u>)	Facebook (<u>1</u>)	Portais de notícias (<u>6</u>)	Sites de esportes ()
	Sites de jogo ()	Sites de pesquisa (Google, Wikipedia, etc.) ()	
		(novelas, celebridades, humor, moda, etc.) ()	

 Sites de entretenimento (x) De que tipo? Facebook, Twitter.
13. Você possui o hábito de ler? O quê? não. revista só.
14. Assinale os tipos de leituras que você possui em casa:

livros () De que tipo? _____
revistas (<u>x</u>) De que tipo? <u>revista, moda.</u>
gibis () enciclopédias () dicionários () nenhum ()
outros () Quais? _____
15. Quais disciplinas escolares você gosta mais? E as que você gosta menos? Por que? mais gosto G.M.C. é fácil. MTM não gosto pois não me dá bem com números.
16. O que você acha das aulas de português? boas.
17. O que você acha que poderia ser diferente nas aulas de português? aulas / mais atividades fora da sala

PARA OS ALUNOS QUE FREQUENTAM ALGUM PROJETO EXTRACLASSE NO CONTRA-TURNO ESCOLAR:

18. De qual projeto você participa? _____
19. De que atividades você participa no projeto? _____
20. Você frequenta o projeto todos os dias? _____
21. Você recebe alimentação no projeto? Quais refeições são oferecidas? _____
22. O que seus pais acham de você frequentar o projeto? Por que? _____
23. Houve alguma diferença antes e depois do projeto em sua vida? Especifique. _____

Questionário sobre o Perfil do Aluno

1. Qual é o seu nome? HEITOR ANACARD Qual é a sua idade? 14
2. Em que série/ano você está? 1º Em que série/ano você começou a estudar nesta escola? 2007
3. Você gosta de estudar nesta escola? Por que? SIM, POR SER UMA BOA ESCOLA.
4. Onde mora? Como é o deslocamento até a escola? SAMBADUI DE ONIBUS.
5. Você tem algum trabalho ou serviço remunerado? Qual? Por quantas horas diárias? Em que turno? _____
6. O que você faz em seu tempo livre? COMPUTADOR, ESPORTE, ESTUDOS.
7. Com quais membros da sua família você mora (pais, avós, irmãos, etc.)? PAIS, AVÓS.
Qual é a profissão desses familiares? PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.
8. O que você quer ser quando crescer? Você acha que precisará do estudo para chegar nesta profissão? SIM, QUERO TRABALHAR COM ESPORTE.
9. Numere, em ordem de preferência – a contar do um (1), para o tema de seu maior interesse – os temas a seguir relacionados:

Vestibular (<u>2</u>)	ENEM (<u>12</u>)	Drogas (<u>15</u>)	Esporte (<u>1</u>)
Música (<u>7</u>)	Política (<u>6</u>)	Religião (<u>2</u>)	Violência (<u>4</u>)
Sexualidade (<u>9</u>)	Namoro (<u>13</u>)	Família (<u>5</u>)	Internet (<u>3</u>)
Televisão (<u>11</u>)	Cinema (<u>14</u>)	Moda (<u>16</u>)	

 Outros (1) Especifique _____
10. Você tem acesso à Internet com frequência? Sim () Não ()
11. Se sim, quais os locais de acesso mais frequentes (na sua casa ou de amigos, lan houses, escola, etc)? EM CASA
12. Numere, por ordem crescente de importância, dentre as opções a seguir, aquelas que correspondem ao uso que você faz da Internet:

E-mail (<u>4</u>)	Orkut (<u>5</u>)	MSN (<u>2</u>)	Twitter (<u>1</u>)
Blogs (<u>8</u>)	Facebook (<u>3</u>)	Portais de notícias (<u>11</u>)	Sites de esportes (<u>7</u>)
	Sites de jogo (<u>6</u>)	Sites de pesquisa (Google, Wikipedia, etc.) (<u>9</u>)	(novelas, celebridades, humor, moda, etc.) (<u>10</u>)

 Sites de entretenimento () De que tipo? _____
13. Você possui o hábito de ler? O quê? SIM, JORNAL.
14. Assinale os tipos de leituras que você possui em casa:

livros (<input checked="" type="checkbox"/>) De que tipo? <u>HISTÓRIAS ANTIGAS</u>
revistas (<input type="checkbox"/>) De que tipo? _____
gibis (<input type="checkbox"/>) enciclopédias (<input type="checkbox"/>)
dicionários (<input type="checkbox"/>) nenhum (<input type="checkbox"/>)
outros (<input type="checkbox"/>) Quais? _____
15. Quais disciplinas escolares você gosta mais? E as que você gosta menos? Por que? GOSTO DE: HISTÓRIA E DE GEOGRAFIA. NÃO GOSTO DE MIM, TAMBÉM PRA MIM.
16. O que você acha das aulas de português? LEGAS, NOSSA PROFESSORA É ÓTIMA.
17. O que você acha que poderia ser diferente nas aulas de português? _____

PARA OS ALUNOS QUE FREQUENTAM ALGUM PROJETO EXTRACLASSE NO CONTRA-TURNO ESCOLAR:

18. De qual projeto você participa? _____
19. De que atividades você participa no projeto? _____
20. Você frequenta o projeto todos os dias? _____
21. Você recebe alimentação no projeto? Quais refeições são oferecidas? _____
22. O que seus pais acham de você frequentar o projeto? Por que? _____
23. Houve alguma diferença antes e depois do projeto em sua vida? Especifique. _____

9.3.8 Texto usado na recuperação de estudos da sexta série (sétimo ano)

Universidade Federal de Santa Catarina
Recuperação de Estudo de Português
Professora Rafaela

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Pé de Guerra

Zezinho gostaria que os soldadinhos de brinquedo tivessem vida. Lutassem. Gostaria sim.

Até que um dia, no quintal, depois de cavar pequenas trincheiras, conforme vira no cinema do bairro, arrumou-os em posição de combate.

Os caminhões ficaram atrás. A imaginação trabalhou violenta. As tropas inimigas, frente ao seu pequeno exército, foram vencidas com pedradas em pouco tempo.

Mas a sua vitória lhe trouxe imensa tristeza. Como consertar os inimigos quebrados?

Zezinho sentiu que podia destruir, mas estava muito triste, nem sequer comeu naquele dia, o jantar que sua mãe preparou.

_ Só um pouquinho.

_ Não quero!

_ Por que, meu filho?

_ Mãe, eu matei gente hoje. Uma porção de soldados.

_ Quê ?

_ Tinha soldados sem perna, sem braço, sem cabeça. Foi horrível! Tenho vontade de chorar.

_ Mãe, você compra aquela ambulância na venda do Onofre? A que tem a cruz vermelha?

_ Pra quê ?

_ Pra tratar deles. Vou fazer muletas de palito de fósforo.

Zezinho teve febre. Chamaram o médico. Ninguém entendia. Mas a guerra continuava na febre do menino.

_ Avançar! Primeiro canhão, fogo! Continuava a loucura bélica:

_ Mete a faca nele! É uma ordem! A criança se agitava. O médico falou:

_ Não entendo. Ele comeu alguma coisa na rua?

_ Não doutor, brincou o dia todo no quintal. O menino foi examinado dos pés à cabeça. Nada.

1) Leia atentamente o texto, circule todas as palavras que você não conhece, então procure o significado no dicionário.

2) Encontre no dicionário o significado da palavra INÚTIL, em seguida copie a penúltima frase do texto substituindo o termo INÚTIL pelo significado encontrado:

_ Vou receitar calmante. Ele está muito agitado. Não entendo, não entendo mesmo.

No dia seguinte, Zezinho resolveu enterrar os seus mortos. Generais e soldados. Lado a lado. Maneco pulou a cerca e perguntou o que era aquilo.

_ Nada!

_ E esse negocio aí, com a bandeirinha?

_ Nada! Vá embora! Já disse.

E Maneco foi.

Ele arrumou alguns sobreviventes inimigos. Estava com raiva. Sem tristeza, arrumou os que restavam do seu exército. Poucos restavam do outro lado, mas eram inimigos. As pedradas foram certas, a devastação foi geral. Conferiu: nada mais restava. Viu, depois as suas tropas. Perdera a noção das coisas: destruiu seu próprio exército. Nada mais restava dos brinquedos.

Marchou sozinho pelo quadrado de terra, limitado pelas cercas de bambus. Apanhou pedras e foi atirando. Quebrou vidraças. Então lembrou que seus pais brigavam dia e noite. Discutiam. Certa vez seu pai bateu na sua mãe, ele tentou socorrê-la, mas foi atirado contra a parede e sangrou. Seus pais brigavam muito, principalmente quando o pai chegava em casa bêbado.

Os soldadinhos foram comprados com as economias da mãe de Zezinho, ela costurava para fora. Aí Zezinho viu o que tinha feito. Correu para casa, pegou uma caixa de sapatos, vazia, desenterrou os sepultados mutilados. No tanque, os lavou com amor e cuidado: pernas, braços, cabeças. E então ressuscitava-os. Arrumou-os na caixa a jogou fora os armamentos. Lamentava aquela guerra inútil, tentando consertar os estragos. Naquele momento, Zezinho sentiu-se feliz: havia paz.

3) “Cuidado, perigo!” O que você sente quando lê esta frase? Responda dando nome aos seus sentimentos:

4) Qual o fato principal do texto?

5) Agora que você já reconheceu o fato, o tema principal da narração, indique a causa, o motivo que levou Zezinho a agir assim:

6) O fato de fazer uma guerra teve uma conseqüência. Qual foi ela?

7) Retire do texto uma ação para cada personagem:

Zezinho

A mãe de Zezinho:

O médico:

O pai de Zezinho:

Maneco:

8) Indique as ações do personagem principal:

chamar

9) Aponte o sentimento de Zezinho diante dos fatos:

a) Diante da destruição, ele se sentiu

b) Ao arrumar os sobreviventes inimigos, ele se sentiu

c) Ao lavar os restos dos brinquedos, ele se sentiu:

d) Diante da paz, ele se sentiu:

10) Enumere os acontecimentos de acordo com a ordem na qual eles acontecem no texto:

() Então lembrou que seus pais brigavam dia e noite

() Lamentava aquela guerra inútil, tentando consertar os estragos.

() Zezinho sentiu que podia destruir, mas estava muito triste.

() Os soldadinhos foram comprados com as economias da mãe de Zezinho, ela costurava para fora.

() Perdera a noção das coisas: destruiu seu próprio exército.

() Zezinho teve febre. Chamaram o médico.

() Zezinho gostaria que os soldadinhos de brinquedo tivessem vida. Lutassem

11) Na sua opinião, qual é a mensagem principal do texto?

costurar

brigar

receitar

comer

consertar

destruir

pular

cantar

cavar

quebrar

cantarolar

12) Como você imagina que Zezinho se sentiu quando seus pais brigavam?

13) Que resposta você daria se Zezinho te perguntasse: -A guerra é boa? Justifique sua resposta:

14) A guerra é uma forma da violência. Que outros tipos de violência você conhece?

15) Qual a diferença entre uma pessoa calma e uma pessoa agressiva? Como se comportam?

16) O que o homem pode fazer para viver em paz?

9.3.9 Textos feitos pelos alunos das sextas séries (sétimos anos)

Colégio de Aplicação

Série: 6^a B

Data: 07/03/12

Professora: ~~Fernanda~~ Rafaela

Nome: Maria Eduarda

V
P 5/5
P

filme:

NEMO!

"Nemo" conta a história sobre de um peixe palhaço que vive uma "louca" aventura pelo mar, procurando o seu filho porque ele foi pegado por humanos. Então Nemo vai para um aquário, encontra peixes amigos que o ajudam a fugir. Enquanto seu pai Marlin procura pelo filho, passa por tubarões, águas-vivas, tartarugas, tudo isso com uma peixe muito amiga, Dori; então chegam ao seu determinado lugar, eles sabem porque quando capturaram Nemo os olhos de mergulho caíram e estava o enlameado. No aquário, Nemo consegue fugir e voltar para o mar e encontrar seu pai.

fin *Maria Eduarda,
seu texto está bastante confuso e repetitivo. Ela é capaz de fazer um texto melhor.*

14.03.12

Olimpíadas.

V
P 50
P



Olimpíadas no CA acontece em 20 e 26 de outubro.

As olimpíadas acontecem no Centro de Esportes entre 20 e 26 de outubro (aproximadamente). Todos os anos turmas se reúnem para competir. São vários jogos como futebol, handebol, basquetebol, voleibol, etc. Um aluno da 5ª série se machucou em uma das modalidades, no ano passado.

Nome: Jéssica M.

Jéssica,

Não se esqueça de rituais seu luto sobre onde ocorre a notícia. O seu lead poderia ser melhor.



07/03/12

Maxima machado B. da Rosa
Colégio de Aplicações - UFSC
Sere: 6º B ano: 7º B.
Prof. Fernando ~~Rafael~~

6,0
P

O centro da Terra

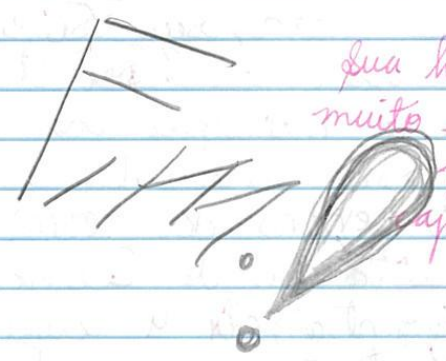
Um fim de semana, Robert vai receber seu sobrinho William. Robert é um pesquisador, seu irmão fez uma viagem para descobrir o centro da terra.

Dia seguinte Robert aguardando seu sobrinho, fica pensando em seu irmão Max.

Seu sobrinho chega a casa, Robert percebe que sua casa está muito bagunçada, seu sobrinho tira a campainha, sua vovó entrega a menina a Robert e as coisas de seu irmão, usa coisas que ganhou de sua vovó, seu sobrinho pergunta: "que é isso (vovó)?". Seu tio responde: "um livro". O moleque começa a ler enquanto seu tio abre um livro que se chama "O centro da terra". Ele vai ao laboratório de Ciências, quando seu sobrinho vê 4 luzinhas que significam vulcões em erupção,

Seu tio ligeiramente volta para casa
 e arruma suas coisas para ir ^{às} vulcão.
 Ele diz que seu ^{salimbo} ~~tem que~~ ^{tem que} ir
~~embora~~ ^{embora}, mais seu ^{salimbo} ~~insiste~~ ^{insiste}
^{em} a ficar, seu tio deita e eles vão
 para a vulcão com a dimheira das suas
 maldimbas. Eles vão de carro ~~tantando~~
 encontrar uma barraca de ~~aluno~~
 cimentista. Ele chega e é atendido
 por uma mulher que diz que se
 pai cientista morreu. ~~Eles~~ ^{disseram} ~~fizeram~~ ^{querem}
 ir a manteria encontrar um ~~simbolizado~~
~~a~~ ^{começa} a chover e eles entram
 em uma caverna, ~~ficaram~~ ^{ficaram} ~~perdidos~~ e
 o chamam ^{com} ¹⁷ ficaram em uma ~~cama~~ ^{de} fuma
 de pedra cristalina. ~~Eles~~ ^{salvam} ~~chegam~~ ^{chegam}
 ao centro da terra. ~~Ele~~ ^{encontram} ~~com~~
 ? ~~ris~~ que leram a um ~~guises~~ ^{guises} e ~~Ela~~ ^{focam}
 como uma cabeça de dinosauro e
 assim eles salvam da ~~fulcãe~~.

Marina,



Sua história está legal, mas
 muito repetitiva e um
 pouco confusa. Você é
 capaz de escrever melhor.

Como começou e, depois, funcionou o [PROJETO]

Essa ideia nasceu em outubro de 2003 e não mudou muito desde seu esboço inicial: fazer reportagens dando uma volta ao mundo, com os destinos escolhidos pelo público. Com o projeto aprovado, passamos à etapa seguinte: definir as opções de escala desse roteiro, uma lista com quase quarenta países, que serviu de base para a compra dos bilhetes aéreos, já em dezembro de 2003.

Com a virada do ano, começamos a contatar embaixadas e consulados no Brasil e no exterior. Ao mesmo tempo, iniciamos um trabalho de pesquisa, levantando informações e imagens de todos os possíveis destinos, que seriam usadas nas vinhetas que ajudariam o público a escolher o destino seguinte.

Reuniões semanais atualizavam as pessoas envolvidas quanto a definições de equipamento, situação dos vistos, mudanças nos roteiros e desenho do orçamento. Até que no final de abril começamos a desenvolver as reportagens que serviriam para "esquentar" o lançamento do projeto – que foi

divulgado para a imprensa apenas duas semanas antes da largada.

Assim, em 16 de maio de 2004, ao vivo no *Fantástico*, no aeroporto Tom Jobim, no Rio, oferecíamos as duas primeiras opções para o público. Estava começando a primeira de dezoito semanas de aventura, que devia obedecer a algumas regras. Não podíamos ter nada pré-produzido,

com exceção dos contatos para os vistos de entrada. Mesmo os hotéis deveriam ser arrumados na chegada ou com um mínimo de antecedência, assim que soubéssemos qual seria o próximo destino. A equipe era constituída somente pelo repórter e o repórter cinematográfico. Todas as imagens deveriam ser transmitidas pela internet, usando uma conexão de banda larga. O material seria enviado como um "cópia" (um rascunho da reportagem final) dividido em pequenos arquivos de imagem.

Na sexta-feira, falávamos com o *Fantástico* no Rio para, junto com o editor de texto, ajustar as reportagens (que, com exceção da primeira semana, no México, eram sempre distribuídas pelo programa em segmentos diferentes). Com esse roteiro fechado, o material era finalizado com a ajuda de um editor de imagem.

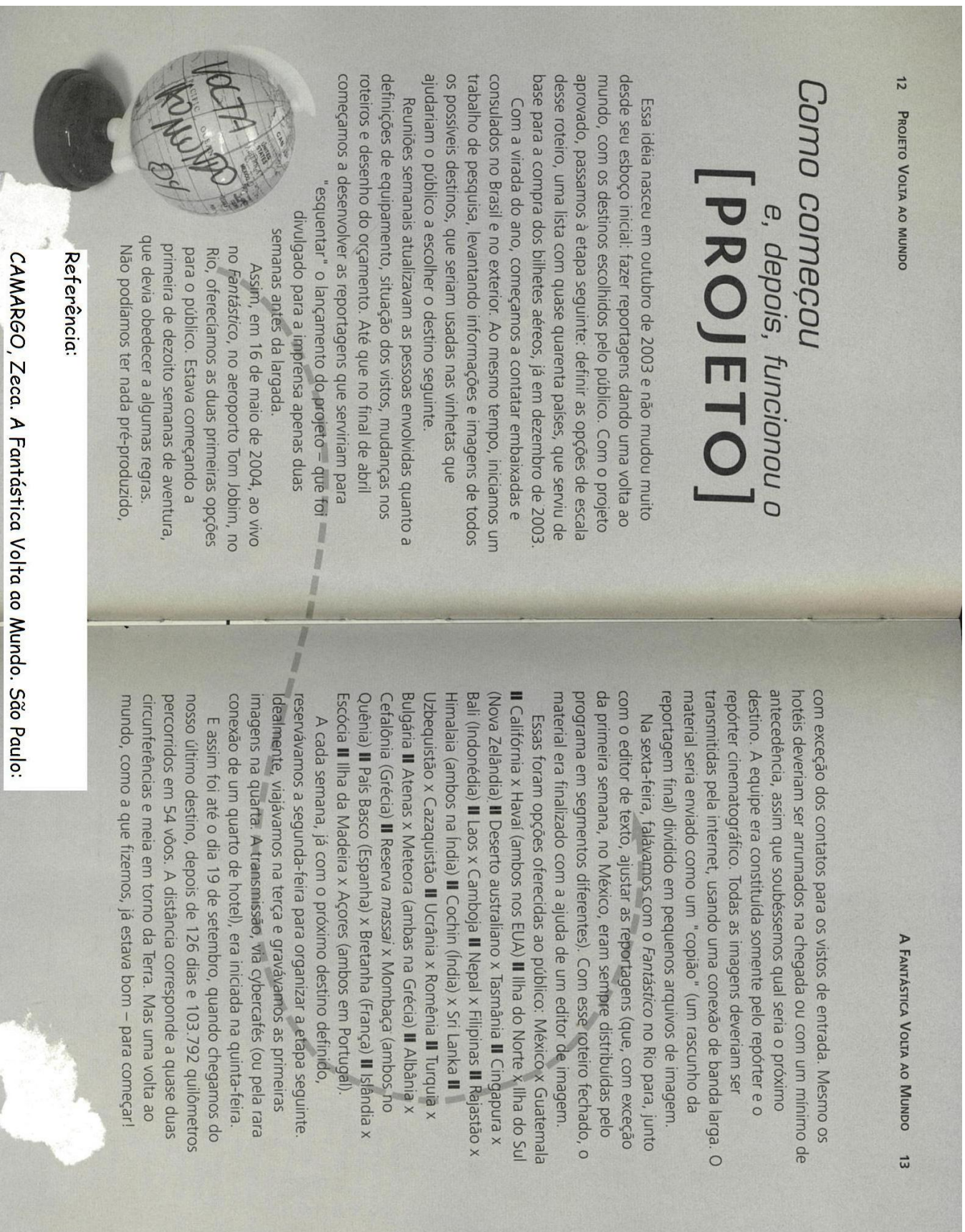
Essas foram opções oferecidas ao público: México x Guatemala ■ Califórnia x Havaí (ambos nos EUA) ■ Ilha do Norte x Ilha do Sul (Nova Zelândia) ■ Deserto australiano x Tasmânia ■ Cingapura x Bali (Indonésia) ■ Laos x Camboja ■ Nepal x Filipinas ■ Rajastão x Himalaia (ambos na Índia) ■ Cochim (Índia) x Sri Lanka ■ Uzbequistão x Cazaquistão ■ Ucrânia x Romênia ■ Turquia x Bulgária ■ Atenas x Meteora (ambas na Grécia) ■ Albânia x Cefalônia (Grécia) ■ Reserva massai x Mombaca (ambos no Quênia) ■ País Basco (Espanha) x Bretanha (França) ■ Islândia x Escócia ■ Ilha da Madeira x Açores (ambos em Portugal).

A cada semana, já com o próximo destino definido, reservávamos a segunda-feira para organizar a etapa seguinte. Idealmente, viajávamos na terça e gravávamos as primeiras imagens na quarta. A transmissão, via cybercafés (ou pela rara conexão de um quarto de hotel), era iniciada na quinta-feira.

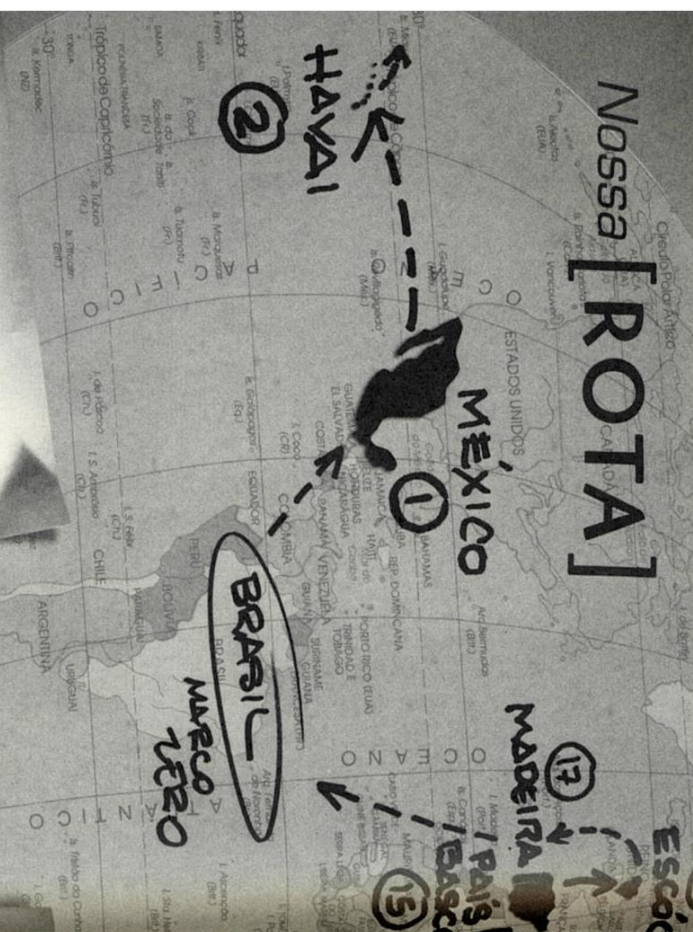
E assim foi até o dia 19 de setembro, quando chegamos do nosso último destino, depois de 126 dias e 103.792 quilômetros percorridos em 54 voos. A distância corresponde a quase duas circunferências e meia em torno da Terra. Mas uma volta ao mundo, como a que fizemos, já estava bom – para começar!

Referência:

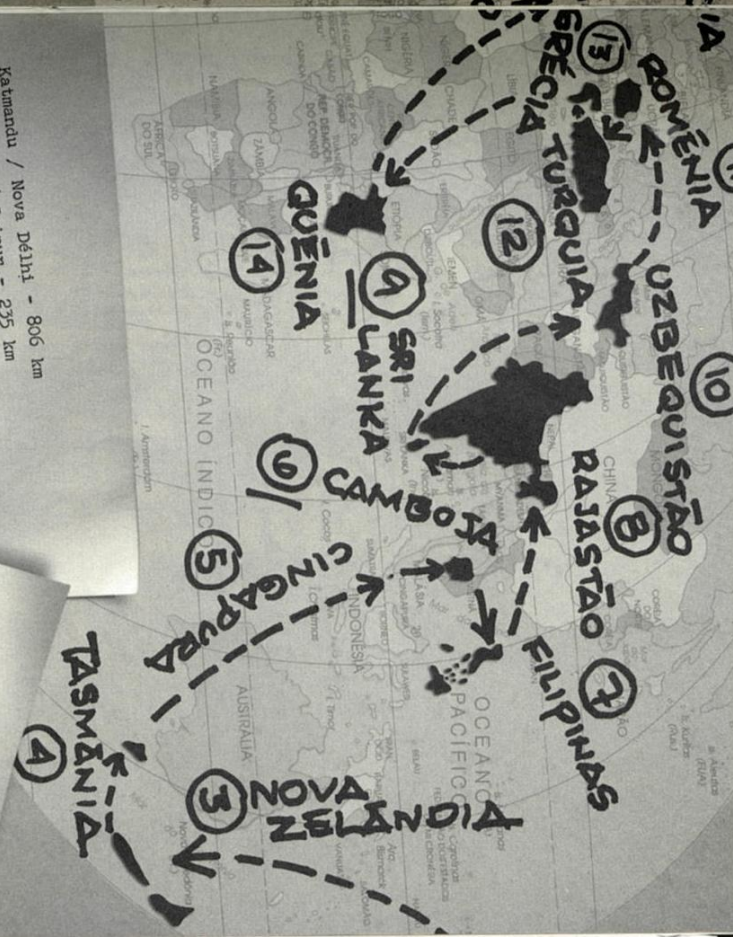
CAMARGO, Zeca. *A Fantástica Volta ao Mundo*. São Paulo:



Nossa [ROTA]



- Rio / Miami - 6.696 km
- Miami / Washington - 1.486 km
- Washington / Cidade do México - 3.029 km
- Washington / Cidade do México - 480 km
- Cidade do México / Oaxaca - 480 km
- Oaxaca / Cidade do México / San Francisco - 3.043 km
- Cidade do México / Honolulu - 3.841 km
- San Francisco / Auckland - 7.057 km
- Honolulu / Auckland - 1.486 km
- Auckland / Queenstown - 1.486 km
- Queenstown / Auckland - 2.151 km
- Auckland / Sydney - 707 km
- Sydney / Melbourne - 609 km
- Melbourne / Hobart - 609 km
- Hobart / Melbourne - 707 km
- Melbourne / Sydney - 707 km
- Sydney / Cingapura - 6.316 km
- Cingapura / Bangcoc - 1.425 km
- Cingapura / Slam Reap - 460 km
- Bangcoc / Slam Reap - 460 km
- Slam Reap / Bangcoc - 460 km
- Bangcoc / Manila - 2.215 km
- Manila / Bangcoc - 2.215 km
- Bangcoc / Katmandu - 2.204 km



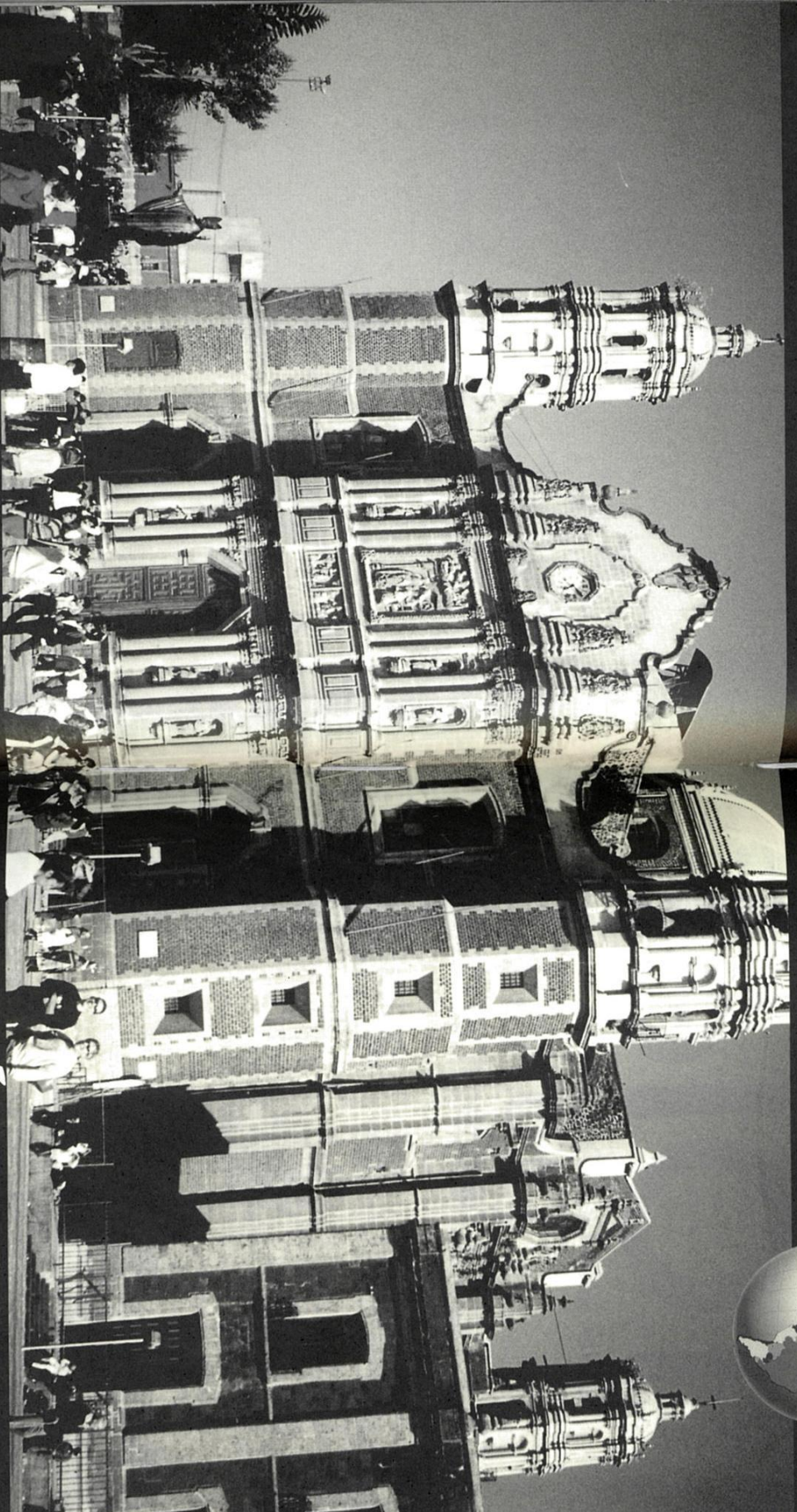
- Katmandu / Nova Délhi - 806 km
- Nova Délhi / Jaispur - 235 km
- Jaispur / Udaipur - 405 km
- Udaipur / Nova Délhi - 663 km
- Nova Délhi / Colombo - 2.444 km
- Colombo / Kandy - 116 km
- Kandy / Colombo - 116 km
- Colombo / Nova Délhi - 2.444 km
- Nova Délhi / Tashkent - 1.556 km
- Tashkent / Samarkand - 600 km
- Samarkand / Tashkent - 600 km
- Tashkent / Almaty - 670 km
- Almaty / Frankfurt - 5.104 km
- Frankfurt / Kiev - 1.557 km
- Kiev / Bucareste - 753 km
- Bucareste / Brasov - 165 km
- Bucareste / Bucareste - 166 km
- Bucareste / Viena - 866 km
- Viena / Istambul - 1.279 km
- Istambul / Atenas - 562 km
- Atenas / Meteora - 349 km
- Meteora / Atenas - 349 km
- Atenas / Cefalônia - 286 km

- Cefalônia / Atenas - 286 km
- Atenas / Londres - 2.391 km
- Londres / Nairóbi - 6.804 km
- Nairóbi / Nombaga - 487 km
- Londres / Nairóbi - 487 km
- Nairóbi / Londres - 487 km
- Londres / Bilbao - 6.804 km
- Bilbao / Londres - 936 km
- Londres / Edimburgo - 936 km
- Edimburgo / Edimburgo - 936 km
- Edimburgo / Inverness - 535 km
- Inverness / Inverness - 535 km
- Edimburgo / Edimburgo - 62 km
- Londres / Londres - 62 km
- Paris / Paris - 62 km
- Lisboa / Lisboa - 535 km
- Lisboa / Lisboa - 535 km
- Funchal / Funchal - 1585 km
- Funchal / Lisboa - 969 km
- Lisboa / Lisboa - 969 km
- São Paulo / São Paulo - 7.927 km
- Rio / Rio - 420 km

TOTAL: 103.792 km

[PRIMEIRA ESCALA]

Capital: Cidade do México
Área: 1.972.550 km²
População: 104.907.991 habitantes
Renda per capita: US\$ 9.000



Basilica de Guadalupe, uma das igrejas mais bonitas da nossa primeira escala da volta ao mundo

MÉXICO

¡Olé!

Das touradas para as [RUAS] e esquinas mexicanas

"Vocês não queriam que a gente viesse pro México? Agora agüental!" Este foi o registro da nossa primeira parada na "Fantástica Volta ao Mundo". Mas o que exatamente eu estava desafiando as pessoas a "agüentar"? Um bando de *mariachis*? Quem são os *mariachis*? Aquelles cantores típicos mexicanos, de sombreiro, botas, a roupa típica que lembra bem a de um gaúcho. Ah, e um repertório bastante... elástico!

Para as gravações, pedimos que o *mariachi* cantasse "Cucurucucu Paloma", apresentada ao grande público brasileiro por Caetano Veloso. Talvez para caprichar para as câmeras, o

OUTRAS PARADAS

■ É na Plaza Garibaldi, Cidade do México, que os *mariachis* se apresentam - e não só para turistas. Os próprios mexicanos que querem contratar os

musicos para festas

(especialmente casamentos) vão até lá fechar o negócio "a céu aberto".



cantor e seus músicos entoaram então uma espécie de *remix* longuíssimo da canção, o que nos deixou até bastante satisfeitos.

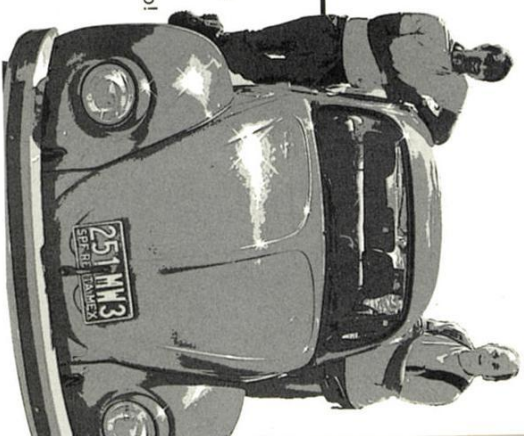
No entanto, a banda, que tocava ao ar livre, ali na Plaza Garibaldi (conhecido reduto de *mariachis* e, por isso mesmo, ponto turístico obrigatório da capital mexicana), achou que poderia oferecer um pouco mais. Uma questão menos de dedicação à música do que financeira: a R\$ 60 a canção, quanto mais ele cantasse... E não faltavam ofertas: de "Guantanamo" a "La Juanita". Mas quando o *playlist* começou a incluir "O sole mio" e até "Garota de Ipanema", bem, achei que já tínhamos o suficiente para a matéria.

Esse showzinho ajudou a fazer a digestão - de uma refeição bem diferente. Foi nossa primeira aventura gastronômica na viagem. E, como introdução, eu diria que começamos bem: com uma *pancacia de buey*! O que é isso? Digamos que é das poucas coisas que já comi cujo visual na panela reflete a experiência no paladar - no caso, uma temeridade. Descrevendo rapidamente, um estômago de boi cozido numa água sangrenta (já está salvando?).

Felizmente, o mercado popular que visitamos na Cidade do México oferecia outras iguarias: uma *paella* mexicana, por exemplo; ou uma trouxinha de carne de carneiro (tudo bem que estava embulhada num saquinho de plástico, mas estava uma delícia). No final, acabei misturando tantos pratos que o resultado digestivo só poderia ter sido turbulento. ¡E viva a "Virgança de Montezuma"! (Não me lembro bem onde vi essa brincadeira -

■ O Brasil até que tentou ressuscitar o fusca, mas ele não sobreviveu. O último fabricado no mundo saiu de uma montadora mexicana, em

2003. O que não impediu que a gente alugasse um deles para nossa aventura em Oaxaca. E vermelho!



talvez em algum guia engraçadinho de viagens -, mas dizem que todo turista no México conhece a "Vingança de Montezuma" depois de provar a cozinha local. Bem, amigos, eu a conheci.)

Com esse "lanquinho", nos despedimos da capital e à noite voamos para Oaxaca. A promessa de passar quatro noites (pelo

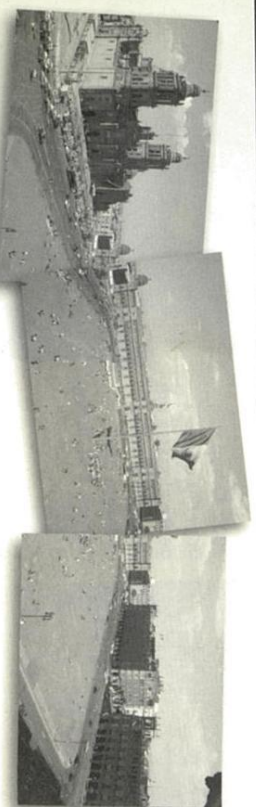
menos) num só lugar já me animava... (Vale recapitular a pequena epopéia: para chegar à Cidade do México o mais rápido possível, foram três vôos; fomos a Miami e Washington, nos EUA, e só ontem, lá pelas 11 da noite, chegamos aqui; considerando que saímos do Rio às 22 do domingo, 16 de maio, e que a diferença de fuso horário aqui é duas horas menos, viajamos mais de 24 horas! Você reparou que eu usei a expressão "o mais rápido possível"?)

Em Oaxaca, as coisas começaram a ficar mais tranquilas. Começamos a enviar as primeiras imagens por computador (e comecei a me divertir também com um teclado que já insere as exclamações e interrogações invertidas automaticamente ¡Dê!).

Aliás, não posso esconder minha surpresa ao encontrar um cybercafé com *banda ancha* (banda larga), numa cidade tão modesta quanto Oaxaca. Logo achei que isso era um bom sinal



Mapa da parte antiga de Oaxaca



A vista inesquecível da praça central da Cidade do México, o Zócalo

“Vocês não queriam que a gente viesse pro México? Agora agüenta!” Esse foi o primeiro registro da nossa primeira parada da Fantástica Volta ao Mundo.

Mas o que exatamente eu estava desafiando as pessoas a “agüentar”?

Um bando “mariachis”!

de que essa função seria fácil em todo lugar em que a gente parasse (o que mais tarde, claro, provou não ser verdade). O lugar era meio improvisado (como, aliás, a maioria dos cybercafés): um segundo andar de uma construção de pedra antiga, ao lado do Zócalo, a praça central da cidade antiga. Mas quem disse que a gente podia se dar ao luxo de escolher?

Encontramos um lugar e a conexão é de mais de 70 Kbps, está ótimo!! Só preciso esclarecer que não sou nenhum técnico de internet, apenas decorei uns três procedimentos para mandar nosso material; assim, o que eu repetir aqui em termos de velocidades, conexões e afins, bem, é pura "decoreba"!

Mas vamos à própria cidade, que é bem bonita e, pelo menos no centro histórico, tão pacata quanto uma cidade do interior do Brasil. Tem ruas de pedestres, ideais para apreciar a arquitetura, que é bem hispânica. É preciso explicar que esses quarteirões são guardados do resto da cidade, que se espalha, moderna e feia, por alguns quilômetros. Mas nesse oásis colonial, com igrejas em vários quarteirões, a gente encontrou um pouco de paz. Aliás, quem viaja muito sabe que igrejas podem ser uma armadilha: lindos monumentos que vale a pena visitar ou (na maioria das vezes) apenas uma fachada interessante e um interior sem graça.

A Igreja de Santo Domingo de Guzmán, felizmente, faz parte das exceções: toda dourada por dentro, com esculturas, pinturas e relevos riquíssimos. A mais curiosa de todas é uma árvore genealógica que fica logo na entrada da igreja, representando a

OUTRAS PARADAS

Guilherme e Zeca experimentam a primeira refeição típica de Oaxaca



família de Dom Félix de Guzmán, o pai do fundador da ordem dos dominicanos.

Nas ruas, dezenas de loja de souvenirs não te deixam esquecer que, para um toque tipicamente mexicano na sua casa, você tem de levar uma pequena escultura de madeira na forma de um esqueleto (o Dia dos Mortos é uma das maiores festas mexicanas, comemorada, diga-se, com muita alegria e nenhum choro). Ou talvez um coração de lata pintado com cores fortes. Ou, se você estiver mesmo a fim de garimpar, uma daquelas pinturas bem simples que servem de ex-voto, agradecendo alguma graça (quase que invariavelmente à Virgem de Guadalupe!).

♣ Quer uma boa razão para pegar a estrada num fusca?

Encantados com a cidadezinha, foi com certa relutância que partimos para explorar as redondezas. Para tanto, contamos com um meio de transporte típico (se você lembrar que o último veículo desse modelo foi fabricado no México): um fusca!! 2002, lindão!! Munidos apenas de um mapa bastante duvidoso (Guilherme dirigia e eu ia de co-piloto; por isso, sei bem que posso chamar o mapa de impreciso...), partimos para Mitla, que fica a leste de Oaxaca.

O que queríamos lá? Ver finalmente ruínas da civilização zapoteca, que existia aqui antes de os espanhóis chegarem. Eles estavam em constante guerra com os astecas (atenção, não confundam!!) pelo território mexicano, mas aqui, nesta região, eles

AS 4 PIORES EXPERIÊNCIAS GASTRONÔMICAS

- ! ESTÔMAGO DE BOI, no México
- ! "BALOT", o ovo de pato fecundado filipino
- ! "PAN", a folha enrolada com especiarias, na Índia
- ! JANTAR DE CONGELADOS no quarto do hotel em Honolulu, Havaí

dominavam. E nem precisamos chegar a Mitla para ter a prova disso: no meio da estrada, fizemos uma parada em uma escavação chamada Yagul - um verdadeiro labirinto de galerias e corredores, que só pode ser visualizado na sua totalidade do alto de uma colina que fica ao lado desse sítio arqueológico.

♣ Primeiras lições de zapoteca

Assim, quando chegamos a Mitla (é tudo bem perto, 20 quilômetros ou menos de um lugar a outro), as ruínas já nem eram mais novidade. Estão mais preservadas, é verdade, mas a essa altura eu já tinha me encantado com os camelôs instalados em volta das escavações. Foi num deles que experimentei manga com *chili*. Sim, *chili*, tradução: pimenta. E não pense que achei ruim, não. Tanto que até repeti a dose, com abacaxi (que não estava tão gostoso...). A senhora, ou melhor, "la señora Rocel", que nos serviu, mandava bem no antigo dialeto zapoteca - que, segundo ela, não se escreve, não se ensina nas escolas. Entusiasmada, ela até me contou o nome de algumas frutas em zapoteca. Mas, por favor, não me peçam para reproduzir aqui nenhuma delas.

De volta a Oaxaca, um festival de milho... na mesa! Pode chamar de "quesadilla", "tortilla", "tamale" - é tudo milho! Essa é a base da cozinha mexicana menos "aventureira" do que aquela que eu havia experimentado antes. Acredite, é uma delícia, só que é tudo feito com milho. Sorte de quem gosta (como eu). Aliás, a essa altura, eu não podia reclamar. Já tinha me apaixonado por

Oaxaca - e ainda nem tínhamos ido a Monte Albán. Deixamos isso para o último dia na cidade. E foi especial.

Monte Albán é mais um complexo de ruínas da civilização zapoteca. Mas, calma! Ao contrário de tudo o que já tínhamos visto, essas são pra lá de imponentes. Num planalto vastíssimo, bases sólidas do que parecem ser pirâmides enfeitam uma paisagem que se vê a quilômetros. Como chegamos bem cedo, éramos praticamente os únicos visitantes desse lugar tão especial. E a sensação era de sermos donos do lugar. Percorrer os muros baixos que dividem as construções, andar pelos campos que separam as pirâmides ou simplesmente pegar o vento do alto de uma delas - que presente!

Tenho muito pouco contato com o lado espiritual, místico, esotérico das coisas - tão pouco contato que nem sei escolher a melhor palavra para definir essa minha fraqueza. Monte Albán, no entanto, seria a primeira de uma série de experiências que eu iria viver nessa viagem que me obrigariam a repensar essa minha posição. Que deuses eram cultuados por lá? Que tipo de energia essas ruínas evocam? Não saberia dizer. Ficou apenas o registro de um lugar "forte".

E foi com esse registro que voltei para a Cidade do México. Bem, vindos de Oaxaca, parecia que tínhamos chegado a Nova York (já começava a demonstrar minha sincera dependência de uma cidade grande). Ficamos num hotel bem antigo, do final

OUTRAS PARADAS

|| Talvez a artista plástica mais conhecida do México, Frida Kahlo (que foi casada com outro pintor famoso, Diego Rivera) criou uma linguagem visual ao mesmo tempo ultrapessoal e imediatamente ligada à cultura e ao imaginário de seu país.



O prazer de passear só pelos espaços imensos das ruínas de Monte Albán, em Oaxaca





do século 19, na praça central, de onde se via uma enorme bandeira do México. Só que, infelizmente, tive o primeiro lembrete de que esta viagem não era de férias. Tínhamos de experimentar, pela primeira vez pra valer, a operação de enviar as imagens e textos para o Brasil, para que a matéria pudesse ir ao ar. Ah, se fosse tão simples quanto escrever esta última frase!

Quer detalhes técnicos? Basicamente, temos de seleccionar as melhores imagens da câmara. Dai, Guilherme joga tudo no computador (um *laptop*), em arquivos bem pequenos, de cerca de 15 ou 20 segundos cada. Próximos passos: comprimir essas imagens, conectar numa banda larga e mandar para a emissora no Brasil. Simples, não é? Não tem ironia nisso, não, é simples mesmo. Só não é muito rápido. Ao longo da semana, foram horas e horas para mandar apenas algumas imagens. E dê-lhe "chá de cadeira" nos cybercafés de Oaxaca.

Na capital, percorremos algumas das melhores casas do ramo. Apostei várias fichas no bairro de Condesa (Condesa, com um "s" só no nome

Depois de experimentar estômago de boi refogado, a paella mexicana seria um prêmio para o paladar...



Guilherme na praça da Igreja de Santo Domingo, na parte antiga de Oaxaca, ponto de encontro no final das tardes

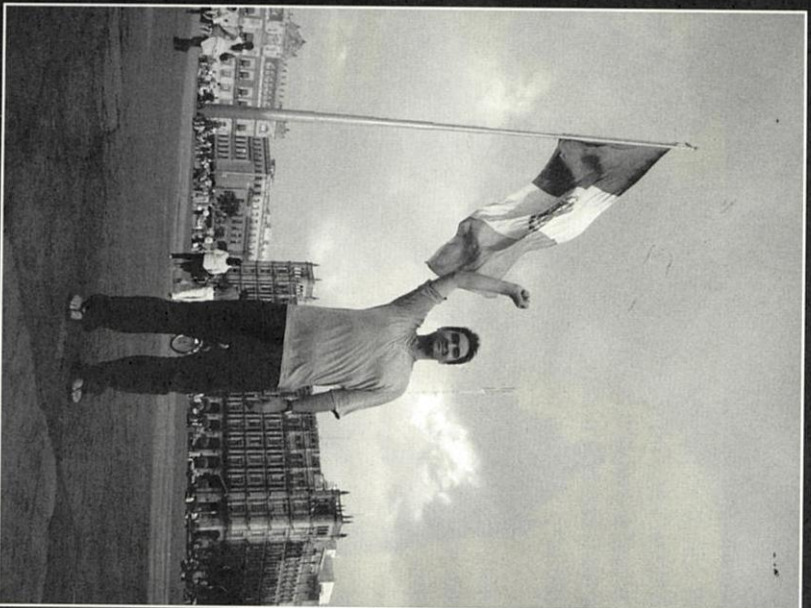
se eu voltasse a

[OAXACA]

POR UM DIA...



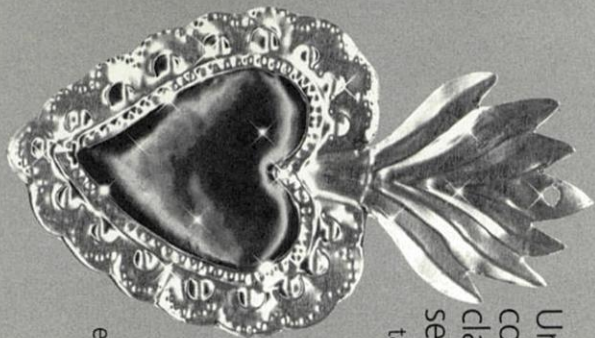
...iria logo cedo, às 9h da manhã, visitar as ruínas de Monte Albán (quinze minutos da cidade), na esperança de não encontrar nenhum turista por lá. No máximo em duas horas, já percorri toda a área, e estou com fome suficiente para encarar um almoço de *tortillas* e *tamales* em algum restaurante do centro antigo de Oaxaca. A digestão pode ser feita enquanto visito a Igreja de Santo Domingo de Guzmán. Passo o resto da tarde garimpando um souvenir entre as incontáveis lojinhas nas ruas Reforma, 5 de Mayo e Alcalá (a melhor delas). E lá pelas 18 horas dou um passeio pelo Zócalo, a praça principal. Os bares com mesas que invadem as calçadas de pedestres são um convite irresistível para ver a cidade anoitecendo.



A enorme bandeira mexicana é hasteada todas as manhãs no Zócalo, a praça principal no centro histórico da capital

uma viagem sem comprar um [SOUVENIR]

não tem graça



Um coração de metal, pintado em cores bem fortes (o vermelho, claro, é obrigatório). O que parece ser apenas um símbolo romântico é também um poderoso ícone religioso.

Qualquer santo com razoável devoção (o que não falta no México) tem um coração desses, geralmente adornado com cororas, bordas rendadas, raios brilhantes e, em alguns casos, até flores. As referências visuais vão de ex-votos até Frida Khaloi São pequenos (cabem num envelope) e baratos (de R\$. 5 a R\$. 10).

original), que é uma espécie de vizinhança alternativa - uma Vila Madalena, para dar uma referência bem "paulistana". Nas outras vezes que visitei a Cidade do México, fiz questão de passear por lá e comer num dos inúmeros restaurantes com mesas na varanda (pense em casas modernas, um clima meio anos 60, com prédios baixos, nada de muito tradicional).

Porém, chegamos à conclusão de que a melhor opção de internet seria usar o business center do próprio hotel. E encarar também uma boa dose de paciência. Para "suavizar" a espera, retornei entusiasmado ao primeiro livro que comecei a ler na viagem - e que é genial: Chama-se *Random Family* e conta a história de duas famílias latinas no bairro do Bronx, Nova York, ao longo dos anos 80 e 90. Isto é, se é que pode se chamar aquilo de família.

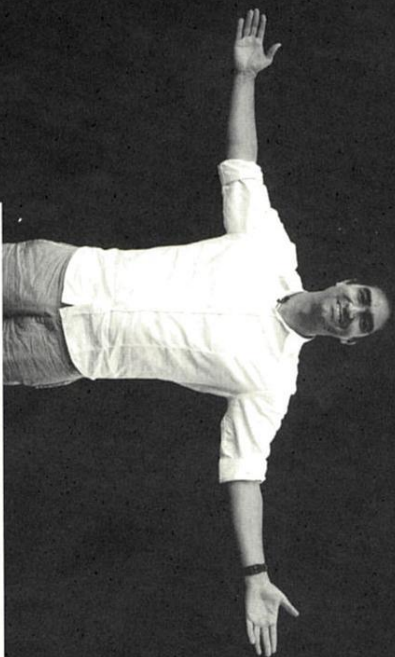
Drogas, crimes, sexo, prisão, muito dinheiro, pouco dinheiro, famílias desestruturadas, filhos, filhos. É um registro tão impressionante de como as coisas podem dar errado que fico tentado a imaginar maneiras de fazer uma pesquisa parecida no Brasil. Isso, claro, é para o futuro.

Para me despedir do México, mergulhei no livro (não posso deixar de mencionar a autora, Adrian Nicole LeBlanc), já que tive que passar o dia pajeando o computador - com o console de, de vez em quando, poder escapar para a praça e ver aquela enorme bandeira tremulando.



Estúdio improvisado na cobertura do hotel na Cidade do México

Biblioteca Universitária
UFSC

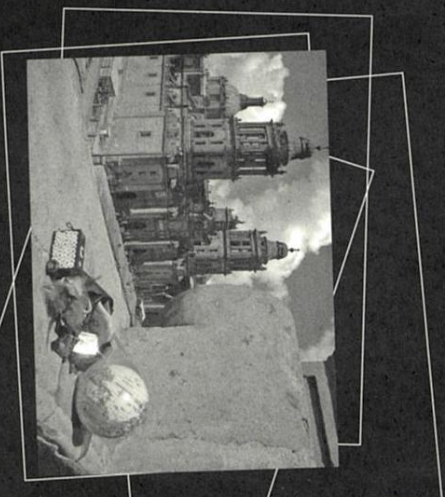


Do México para o

Havai

Às 4 da manhã, a Cidade do México finalmente parece tranquila. Acordamos cedo assim para sair rumo ao Havai e cruzamos as ruas amarelas do centro sem trânsito e sem gente até o aeroporto. Deixava para trás uma primeira semana intensa, de adaptações, pensando no próximo destino menos como Havai e mais como Estados Unidos - e os americanos eu já conhecia, certo? Quase...

Antes de sair do Brasil, pedi aos meus melhores amigos que me dessem amuletos que não poderiam ser maiores nem mais pesados que um polegar, esse conjunto de lembranças foi fotografado em todos os cantos por onde andei, como aqui, na frente da igreja do Zócalo, Cidade do México



9.4.2 Orientação de pesquisa de blogs



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

Aluno(a): _____ Turma 1C - Data: _____

Orientação de Pesquisa – Aulas 1 e 2 - Blogs que contenham relatos de viagens

Faça uma pesquisa, em casa, de Blogs que tragam relatos de viagens em seus posts.

Explore o blog encontrado e tente se certificar de que os relatos são reais, que a pessoa que escreve tenha realmente feito tal viagem. Veja as fotos, os vídeos que ilustram os blogs que encontrar.

Escreva abaixo os endereços dos que você mais gostou e traga na próxima aula, dia 26 de abril, para socializar com os colegas.

9.4.3 Atividade sobre o texto - aulas 1 e 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligoeki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ATIVIDADE AULAS 1 E 2

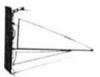
Aluno (a): _____ Turma 1C - Data: _____

COMPREENDENDO O TEXTO LIDO

- Responda as questões abaixo mostrando que entendeu o texto, lido em sala, do livro “A Fantástica Volta ao Mundo”, de Zeca Camargo. Utilize suas próprias palavras.
1. O que você diz sobre a estrutura do livro de Zeca Camargo, apresentado pela professora? Os textos dentro dele são dispostos como em um livro normal? O que aparece de diferente no livro?
 2. O que é relatado no texto lido?
 3. Para que o autor estava viajando?
 4. Por que você acha que o autor usou a expressão “agora aguenta” ao se referir à primeira escala que fez?
 5. O que o autor comeu na viagem? Por que você acha que ele descreveu isso?
 6. Como ele se locomoveu para chegar a Mitla?
 7. Você percebeu que a descrição é presente no texto? Cite um trecho em que o autor detalha algo.
 8. Observe as formas verbais que são utilizadas no texto. Em que pessoa os verbos são empregados?
 9. Há personagens no texto lido?
 10. As ações e os fatos apresentados no texto localizam-se em qual momento do tempo: no presente, no passado ou no futuro? Justifique a sua resposta com base em exemplos tirados do texto.

Referência Bibliográfica:

CAMARGO, Zeca. *A Fantástica Volta ao Mundo*. São Paulo: Globo, 2004.



JUNTANDO
AS PEDRAS

leira sempre estava sobre a chapa e um café para visitas tornou-se um problema de segundos apenas.

No último dia de junho o *Paratii* despediu-se dos barcos e amigos que fez, e da sua vaga num porto onde seria fácil criar musgo nas amarras. Às 9:30, guardei a bicicleta, preparei as velas e o motor logo nos levou para mar aberto. Os gigantescos penhascos, alguns com mil metros de altura, foram pouco a pouco se afastando.

Abri a carta inglesa 4010, que usaria até alcançar Spitsbergen, o diário, e comecei a rabisçar, distraído, cálculos de distância.

De repente, um barulho estranho de motor! Pus a cabeça para fora, surpreso. Já estava longe das ilhas. Pensei que fosse um assalto viking: dois sujeitos num minúsculo bote de borracha, em velocidade, completamente bêbados, diminuíram ao meu lado. Um deles, tentando ficar em pé e segurando uma garrafa, gritou:

“Ei, ôô, brasileiro, quer uma cerveja?”

“Obrigado, obrigado”, respondi sem pensar direito.

“Não sei o que você procura lá em cima, mas faça uma linda viagem! Aieê...!”

E voltaram em ziguezague rumo às ilhas.

Devia ter aceito a cerveja. Gente muito bacana esses faeroenses...

Dezesseis mil milhas e o Atlântico de ponta a ponta, desde o último pedaço de gelo! O *Parati* estava totalmente cercado de gelos pequenos numa água tão espelhada que, pela superfície plana entre os blocos, percebi um segundo barco, invertido, igual ao meu. Um verdadeiro espelho, com rendas de gelo, que refletia as montanhas em volta do Kongsfjord, e a linda península, Blomstrandhalvoya. Uma semana antes, eu chegara a Spitsbergen, a maior ilha do grupo Svalbard, após uma travessia tranqüila e sem incidentes. O ponto de entrada foi Longyearbyen, no Isfjorden, um lugar não muito interessante, mas onde consegui as informações e a carta de navegação norueguesa 521, a única que me faltava para chegar a Mof-fen Island.

Os pedaços de gelo que brilhavam em volta eram restos de um fenômeno curioso que acabava de acontecer. A enorme geleira que partia da Terra Haakon desabou em pedaços, abrindo um canal, e a península onde eu estava ancorado se transformou numa ilha. Que espetáculo! Não sei por que, achei que poderia passar com o *Parati* pelo canal e sair pelo outro lado, inaugurando a navegação num pedaço de mar que não existia antes e não constava em carta alguma.

Idéias tortas que surgem quando se anda hipnotizado pela beleza de um lugar...

Pela primeira vez o *Paratti* encalhou de mau jeito. E num lugar terrível. Paredões de gelo dos dois lados desprendendo fatias maiores que uma casa, pedras pontiagudas em volta e uma lama grossa que subiu com o arrasto da quilha no fundo. A maré estava alta, grande erro meu, e precisava, o mais rápido possível, "abrir" um caminho para sair da armadilha, forçando passagem com ajuda do motor, batendo em pedras invisíveis. Os golpes eram tão fortes que até a famosa sacola azul voou, esparramando pelo chão da oficina as pedrinhas dos gentsos que carreguei por tanto tempo.

Minutos intermináveis até descobrir a saída do labirinto de pontos submersos e trazer o *Paratti* de volta para águas fundas. A salvo, guardei as minhas pedrinhas na sacola azul e o *Paratti* deixou as dele em paz.

No outro lado da baía fui visitar Ny Ålesund, uma minúscula vila mineira, onde está uma estação do Norskpolarinstitutt. Um pouco além das casinhas, há um monumento e um campo onde me sentei. Em maio de 1926, dali partiu Amundsen, com Lincoln Ellsworth e Umberto Nobile, para a sua histórica travessia da calota polar ártica num dirigível, o *Norge*, que pousou dois dias depois em Teller, no Alasca, após sobrevoar o pólo norte. Logo antes da decolagem do *Norge*, apareceram, neste mesmo campo, o comandante Richard E. Byrd e Floyd Bennet, com um aeroplano e o propósito de fazer o primeiro voo — ida e retorno — sobre o pólo. Em vez da discussão sobre uma primazia histórica — o cavalheirismo. Amundsen insistiu para que Byrd decolasse primeiro e aguardou o seu retorno, com o pólo alcançado, para partir no *Norge*. O sucesso da primeira travessia do Ártico resultou num trágico incidente.

—206—

Amundsen e Nobile desentenderam-se após o voo. Dois anos mais tarde, em 1928, Nobile partiu em outro dirigível, o *Italia*, para refazer a travessia, sem Amundsen. O *Italia* acidentou-se e temporariamente desapareceu. Enquanto organizavam-se expedições de busca, Amundsen, numa atitude de reconciliação, ou talvez de desafio, partiu em seu socorro num avião francês Latham 47. Nobile acabou salvo por outra expedição, mas o Latham 47 nunca mais foi visto.

Durante essa primeira semana em Spitsbergen, encontrei três barcos grandes que tentavam passar ao norte da ilha mas desistiram depois de encontrar muito gelo. "Brasileiro, você não passará", diziam, "este ano não passará." "Bom", eu pensava, "veremos." Se não fosse possível alcançar a pequena Moffen, não morreria de tristeza. Acontece que nem todos os gelos são "impassáveis", e o único meio de saber era tentar. O verdadeiro naufrágio da longa viagem que fiz para chegar até ali seria não tentar.

Encontrei nesta semana outro barco que acabava de chegar à Noruega, *Sam*, um lindo veleiro francês, também em alumínio, mas fino, com três homens e uma mulher a bordo, todos da Bretanha. Decidimos tentar passar para o norte em dois barcos.

Na manhã do dia 20 de julho, o *Paratti* entrou afinal no *pack*, a formidável extensão de gelo flutuante, sem fim, da Groenlândia ao estreito de Bering, da Sibéria ao Alasca, num só mar congelado. Uma estranha impressão de liberdade condicional. Canais se abrindo e fechando entre imensas placas de gelo que podem prender um barco por algumas horas — ou até o verão seguinte. Sempre um novo canal à frente, fui seguindo para o norte enquanto era possível, às vezes fazendo um pequeno estrago nas pontas de gelo que não podia evitar, ou, quando errava uma entrada, ba-

—207—

tendo com o proa, subindo um pouco e voltando para trás. Com um casco muito mais vulnerável, o *Sam* vinha seguindo atrás, a certa distância. Navegação nervosa. Emocionante. Surpreendente.

Um exercício permanente de tomada de decisões. "Para que lado ir?" Dúzias e dúzias de becos sem saída, de onde era preciso retornar, ou canais estreitos demais onde deveria aguardar. *Moffen* estava a leste, mas só havia passagem para o norte. A visibilidade caiu para poucos metros e, então, não foi mais possível escolher canais largos ou livres. Fui deixando manchas vermelhas nos gelos em que tocava.

Às 20:39 GMT, o GPS marcou a passagem da latitude 80° Norte, na longitude 11°28'47" Leste. À meia-noite parei o *Paratii*. Não havia mais passagem. Não podia ver o *Sam* na neblina, mas pelo radar sabia que eles estavam a menos de uma milha.

Subi no mastro pela vigésima vez. Não se via nenhuma passagem. Estava há mais de vinte horas sem pregar os olhos, sem desgrudar um segundo do rumo. Puxa vida! Parar agora... tão perto do fim... Lembrei-me do *Rolph* e da *Deborah*, do *Northern Light*, que encontrei no segundo verão antes de deixar a Antártica: eles já haviam estado aqui e, a poucas milhas de *Moffen*, foram forçados a desistir e voltar com uma grande frustração.

Corri para dentro a fim de buscar na cozinha uns doces, frutas secas, qualquer coisa para comer em cima. Num lugar como esse é possível ficar por algumas horas ou meses, nunca se sabe. Voltei otimista com um pacote de "ração de emergência para um dia" na mão, mastigando uma barra de chocolate. Havia uma bola no céu. "Não é possível!" O sol aos poucos foi se definindo, a neblina tornou-se transparente e pouco a pouco subiu. E subi eu no mastro

mais uma vez, com binóculos. Avistei um canal razoavelmente largo ao norte. Voltar rápido e achar uma saída para o norte. À distância, um grupo de morsas, o primeiro que avistava, repousava à beira do canal.

Faltavam menos de quinze milhas mas era difícil saber até onde poderia continuar. Às 3:10 GMT, 5:10 hora local, sabia que estava próximo. Mas não se via nada além de um oceano de placas de gelo e, ao sul, na ilha de Spitsbergen, a Terra Haakon VII. Ainda uma vez, subi no mastro, primeira cruzeta, depois na segunda, e entre as placas imensas vi uma falha. Pus os binóculos: que viviam pendurados às costas. Lá estava: a ilha *Moffen*! Tão próximo, um sono tão distante...

Às 3:40 GMT, soltei a âncora em três metros de profundidade. Quinze minutos depois o *Sam* ancorou um pouco ao norte. Que felicidade! Que brutal felicidade!

Desvirei o *Vagabundo*, deitado no convés, baixei-o até a água e, remando com o meu último remo de *Paraty* que sobreviveu intacto, fui até uma placa de gelo encailhado onde joguei a pequena âncora. A ilha *Moffen*: apenas um fino anel de pequenas pedras com no máximo dois metros de altura, no formato de uma pera triangular que encerra, dentro, uma lagoa. Duas milhas de comprimento talvez, é a única reserva de procriação de morsas de Spitsbergen. Encontrei restos de deriva de toda espécie. Madeiras que chegam à deriva da Sibéria, plásticos de toda parte, cordas de polipropileno, bóias de redes. Entre o *Paratii* e a ilha, gelos chegando e, ao fundo, um dos famosos bancos de neblina. Era arriscado permanecer ali. Os canais iam mudando de posição e se a neblina nos pegasse seria difícil retornar. A história de *Moffen* durou, no total, três horas. Cinco meses navegando da latitude 68° Sul até 80° Norte, milhares de milhas e apenas três horas. Três eternas e mara-

vilhosas horas. Antes de embarcar, juntei umas pequenas pedras que encontrei no caminho, todas com o formato da ilha, e às 8:40 subi a âncora para tentar retornar.

Foi então que o *Paratii* voltou a sua proa definitivamente para o sul. Para casa.

Não porque a ilha fosse tão longe de casa, tão alta em latitude, ou de acesso difícil — poderia ter sido qualquer ilhota na baía da ilha Grande —, mas porque durante tanto tempo foi o lugar preciso onde sonhei chegar. Moíffen transformou-se no cume de uma longa e linda escaldada.

Tudo o que restou dela foi apenas uma dúzia de pequenas pedras que guardei na sacola azul. As pedras mais preciosas que alguém, um dia, já possuiu.

* * *

Pedras do Norte e do Sul se misturaram na sacola e a única coisa que me faria descansar agora era voltar. Sair do *back* não foi simples mas, ao final desse dia, 21 de julho, estávamos outra vez em águas livres.

O *Sam* retornaria para Kongsford e eu decidi seguir para o Brasil. Tinha um longo caminho até Jurnmirin e era apenas para lá que queria ir.

Não gosto de despedidas de espécie alguma. A despedida do *Sam* foi maravilhosa, porque no fundo não foi uma despedida.

Navegávamos, lado a lado, em frente à paradisíaca entrada de Magdalenafjord, sob sol forte e mar muito calmo. Eles sabiam que eu não entraria no fiorde. Estavam todos sentados na borda, ninguém no leme, em rumo igual, olhando o *Paratii* e sorrindo. Poucas horas antes, haviam me pre-sentado com dois pães quentes, um *paté maison* e um bo-cal de *rillettes de canard*, do Fauchon, “26, Place de la Ma-

—210—

deleine”. “Você não vai ter tempo para cozinhar em alto-mar. Faça uma viagem segura até o Brasil.”

Fu poderia gritar, ainda nos ouvíamos, também estava sentado, na calçada esquerda, rindo, e olhando em silêncio para eles.

Um grosso banco de neblina vinha à frente, e quando percebemos não houve tempo nem para um aceno de adeus. Fomos todos engolidos pela neblina, sorrindo, cada um em seu rumo.

* * *

Um bem-estar profundo e sereno tomou conta da vida a bordo. O que antes me assustava ou preocupava agora fazia pensar. Pelas janelas de onde via apenas neblina e as velas cheias, fiz passar todas as imagens que desejei ver. E as toquei. Não há mais verdadeira e pura forma de sentir lugares do que tocá-los com a quilha de um barco. Ou com os dedos. A mais simples e universal maneira de expressar carinho. O toque.

Trazia o *Paratii* na ponta dos dedos e o sentia de maneira diferente também. No início, barulhos, choques, rangidos, o zunido do vento ou uma vela batendo causavam preocupação, nervosismo. Errando e aprendendo, batendo em gelos, ondas e pedras, fui descobrindo a origem dos sons e os limites da minha máquina vermelha. Se uma onda me pegasse de surpresa no convés, mesmo nos trópicos, antes eu gritaria e protestaria contra os elementos. Agora, com frio ou neve, se fosse surpreendido e ensopado, apenas tirava o cabelo pingando dos olhos com as costas das mãos e continuava assobiando. Talvez um certo embrutecimento, uma indiferença à dor e ao desconforto que o mar incute, como dizem pescadores do mar do Norte.

—211—

Não sei, talvez seja mais do que isso. Uma sensibilidade maior ao que de fato importa.

Fazia um sanduíche na cozinha com o pão caseiro do *Sam*, quando senti, nas tripas, um choque violento. Estava mastigando um pedaço de pão. Parei. “Bom, mais novidades. O que será agora?” Houve um pequeno silêncio. “Se fosse um navio russo em colisão já saberíamos.” Subi com o sanduíche na mão. Gelo talvez. Mas não havia nada. Vi apenas uns riscos na água à frente e, antes que pudesse adivinhar do que se tratava, uma colossal série de choques sonoros. Madeiras na água! Toras! Acabava de atropelar duas das *drift woods*, toras de madeira que descem os rios da Sibéria, entram no gelo Ártico, derivando às vezes por séculos até desovarem próximo à costa da Groenlândia. Foi uma das coisas que mais me impressionaram em Spitsbergen: a quantidade de troncos empilhados aos milhares em algumas baías ou encostas voltadas para mar aberto. Em qualquer lugar é possível se fazer um fogueiro com lascas de madeira num país onde não existem árvores de espécie alguma. Tal como na Islândia, onde a coleta de madeiras de deriva que vêm sozinhas dar na costa sempre foi uma importante atividade nas vilas do Norte.

Não são apenas árvores, mas detritos flutuantes que percorrem esse lento caminho pelo *pack* e vão parar em lugares muito distantes de sua origem. Um deles foi um pedaço do *Jeanette*, navio americano naufragado no gelo em 1881, próximo a Severnaya Zemlia, no Norte da Sibéria. Anos depois, os destroços do *Jeanette* foram encontrados na costa sul da Groenlândia. Tornaram-se a primeira evidência histórica da teoria de deriva transpolar, que inspirou Fridtjof Nansen a empreender sua tentativa de alcançar o pólo norte com o *Fram*, derivando no gelo a partir da Sibéria, por três anos.

—212—

Não houve dano, mas, se o *Paratti* fosse em plástico ou cimento, eu teria uma interessante explicação para um naufrágio: “Atropelei umas árvores da Sibéria, próximo à Islândia”.

Volter. Voltar para casa era tudo o que eu desejava agora e descobri como é difícil interromper um caminho de volta, mesmo que seja para descansar. Nada no mundo me faria descansar antes de tocar o Brasil outra vez.

A única escala durante a descida de Mofen foi na costa leste da Islândia. Em Seydisfjörður, onde deveria aguardar uma encomenda que viria da Suécia. Um leme de vento, igual ao meu, como reserva, para uma futura viagem. Escala onde sofri um problema que não conheci em dois anos de viagem.

Mergulhei outra vez numa parede de neblina e, sem uma carta de detalhe, aproximei-me da costa da Islândia às cegas. Sonda, radar, vento forte, a dez milhas da costa ainda não vira terra. A cinco milhas, nada ainda. Pensei em aguardar em alto-mar até subir a neblina, mas poderia ser pior. Às duas da manhã ainda não começara a clarear, estava a mil metros, andando de um lado para outro. Olhos dados no monitor, numa escala cada vez maior, continuava sem enxergar nenhuma Islândia. Não é possível! Mais alguns segundos e eu quebraria o meu nariz num paredão de pedra. A entrada do profundo forde não tinha mais do que umas centenas de metros. Impossível! Folguei as velas, abaixei a grande, não estava disposto a terminar naufrago na ilha onde Charcot afundou junto com o seu querido *Pouquoi Pas?* *Puffins* na água em volta, o paredão deveria estar apenas a alguns metros à frente. E, então, uma lua impressionante saiu por cima da neblina, duas muralhas surgiram à frente e uma passagem no meio. A entrada de Seydisfjörður. Dentro do forde, nem neblina, nem a me-

—213—

nor gota de vento. Liguei o motor, maravilhado com o espetáculo das altas escarpas e cachoeiras refletidas no espelho do canal. Doze milhas no fundo desse lugar mágico e apareceram as luzes e o desenho da pequena cidade espedhada na água. Não tinha a menor idéia de onde parar. Fiz duas voltas, procurando uma vaga em algum cais, olhando, para cima, as montanhas prateadas. Por fim, encostei num cais de madeira abandonado e torto. Saltei com uma das amarras na mão e delicadamente dominei o *Paratii*. Motor desligado, um silêncio impressionante, a lua ainda viva e o dia nascendo. Nunca antes havia parado em lugar tão lindo. Nunca chegara tão perto de explodir... Sem sentir sono, montei a bicicleta, arrumei mais ou menos o barco, e saí pedalandando pela cidade adormecida. Lindo lugar. Ninguém nas ruas. Dei uma volta até um posto de gasolina que estava com as luzes acesas, as portas abertas e... deserto. Voltei para o barco. Já estava tudo em ordem. Dormi um pouco.

Pela manhã fiz a entrada na imigração em cinco minutos, tudo resolvido. Fui a um café, lindo mas vazio. O posto de gasolina funcionando, e também vazio. Ninguém com quem falar. Nem tão lindo assim. De volta ao barco, nada a fazer, tudo em perfeita ordem. Quase parti sem aguardar a encomenda. Quase não agüentei esperar durante cinco dias.

A última visão deste silencioso país vulcânico, o alto das geleiras do Vatnajökull, desapareceu com um certo alívio.

O *Paratii* foi também aliviado de âncoras excedentes, ferros e correntes de atracagem, e lubrificantes que não usaria mais. Um bote de emergência ficou dobrado no convés e tudo o que poderia voar foi cuidadosamente amarrado.

O mês de setembro não é a melhor época para fazer uma viagem direta no rumo sul. Os ventos e a corrente são contrários e o mau tempo freqüente.

Desde que havia passado ao sul do círculo polar, o frio diminuiu mas, com a umidade, os ventos fortes e o mar agitado logo ao sul da Islândia, a vida ficou bem menos confortável. Ou, pensando bem, nem tanto. Deitado, avançando e furando as ondas, me surpreendi imaginando que, em igual paisagem, dez séculos atrás, outros barcos também cruzaram essas mesmas águas, entre as ilhas da Europa, o Sul da Islândia, a Groenlândia e a América. Barcos espetaculares, que em matéria de desenho e técnica ainda têm o que nos ensinar. Os vikings da Islândia, quando, nos séculos IX e X, ali desembarcaram vindos da Noruega, levavam mais do que gado, escravos celtas, ferramentas ou armas. Não muito maiores que o *Paratii*, com quinze ou dezesseis metros, quinze a vinte homens cada um, seus barcos transportavam uma cultura que se traduziu em livros compilados a partir do ano 1000 — as suas "sagas" —, numa época em que na Europa os livros praticamente não existiam. Do início do século XII data um livro de instruções náuticas, o *Landnámabók*, com indicações para travessias entre as Shetland, Faeroe, Islândia e Groenlândia. Os povos do Norte, em suas andanças no século XI, não vieram para descobrir a América, mas para nela iniciar uma colonização. Gudrid Thorbjarnardóttir — uma mulher viking que acompanhou Erik, o Vermelho, na colonização da Groenlândia; casada com o irmão de Leif Eriksson, morto na América, e depois com Thorfinn — deu à luz, na Terra Nova, ou Vinland, a um menino, Snorre, a única criança branca nascida na América até a chegada dos espanhóis, quinhentos anos mais tarde. Uma colonização que não durou mais do que

três anos, expulsa pelos *skvilingar*, como eles chamavam os índios americanos.

Os *knorr* foram barcos notáveis e seus navegadores ainda mais. Fizeram dessa parte do Atlântico um rendilhado de rotas de navegação que nenhum outro povo jamais igualaria.

É preciso conhecer todas as faces do Atlântico Norte, nesta latitude, a bordo de um moderno barco à vela de quinze metros, e ter visto a réplica de um *knorr* navegando para entender do que os descendentes de Erik foram capazes.

Na noite de 20 de agosto, velejando na "região maldita" do Atlântico Norte, entre Irlanda e Groenlândia, e ainda contrariando um tempo de pesadelo, cometi um erro ao dar um bordo. A vela da proa se abriu e voou em pedaços. Poderia ter levado junto o mastro, melhor assim, pensei. Subi uma vela de reserva e, dois dias depois, já estava livre de uma eventual aterragem na Irlanda. Os ventos resolveram colaborar e, agora, mesmo se só dispusesse de uma vela quadrada de *knorr*, sabia que em breve alcançaria o Equador e, um pouco além, Jurnumirim.

No rádio, tornei-me ouvinte habitual todas as noites de uma senhora formidável de Curitiba, a América, pV 5 AEV, por quem mandava recados e ouvia notícias do Brasil. Notícias! Que falta faz um jornal do dia para ler de manhã, tomando café! Qualquer coisa para ler. Ultimamente andava lendo o *Tratado do Svalbard*, que consegui em Ny Ålesund, e depois um livro que ganhei do Viella e que quase perdi.

Cedo, tomando café na varanda e lendo ao mesmo tempo, duas explosões seguidas, como tiros, numa manhã de mar tranquilo, me pegaram tão distraído que o café parou no chão e o livro do Viella — *The roots of coincidences*, de Arthur Koestler — saiu voando e quase parou no Atlânti-

co. No céu, dois aviões supersônicos acabavam de romper a barreira do som.

Primeiro de setembro. Primeiros peixes-voadores. Viva!!! De volta aos alstios! Que oceânica alegria um pequeno peixe-voador pode trazer! Entrei na avenida que desce o Atlântico até o Equador! A estreita polar agora a 30° de altura, número da minha latitude.

Fiz uma revisão completa na Florence, troquei os cabos de controle e engraxei todos os eixos. Mil e oitocentas milhas até cruzar a velha linha que separa os hemisférios. Longe ainda em milhas, mas ao menos a certeza de não mais encontrar mau tempo.

Voltei a ler o livro do Koestler num dia de sol espetacular, a seiscentas milhas do Equador, sentado na praça, em frente ao mastro, como um hindu nu, de pernas cruzadas, com o livrinho no colo. Ouvia um barulho estranho, parecia a vela nova vibrando um pouco. Vento a favor, mar calmo, todas as velas abertas, visibilidade perfeita e ainda por cima fora das principais rotas de navegação. O desperdador tocou o seu religioso alarme de cada quaranta e cinco minutos. Mal tirei os olhos do livro. O barulho da vela continuou mas não me mexi para tentar uma regulação melhor, afinal o vento era tranquilo e a vela poderia esperar um pouco. De repente, o barulho aumentou. Quando levantei os olhos fiquei paralisado. Por entre as velas da proa, uma parede de aço cinza com o nome *Mar Frio*, em letras gigantes, estava passando. Um navio argentino, vindo a toda velocidade, em rumo ideal de colisão. Menos de cem metros nos separavam e eu ia entrar bem no meio dele. Um monte de argentinos no convés. Em pânico, saí correndo e a primeira idéia que me ocorreu foi procurar o calção. Loucural Não havia tempo. Veleiros não têm freios. Desconectei o piloto e, à força, tentei virar o leme. Com todo o pano

a favor, não é das tarefas mais fáceis. Passei a uma pequena distância da popa do *Mar Frio* e atravessei a onda que se formava em sua esteira. Por um triz! Eu não estava no bordo preferencial, mas que importa? Contra um navio não vale a pena ter razão. É melhor ficar distante. Durante dois dias não dormi direito de susto. É muito fácil em águas tranquilas e favoráveis cometer erros imperdoáveis.

A estrela polar desapareceu no horizonte e eu entrei no hemisfério sul sob uma nova bateria de trovoadas e chuvas abundantes.

Às 12:48 GMT do dia 23 de setembro, na passagem do equinócio, anotação no diário: "Bem-vinda, primavera", e logo em seguida, roubando Fernando Pessoa:

... *O mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal...*

O *Paratii*, coberto de lágrimas de Portugal, uma verdadeira salina. Borrifos esporádicos iam secando no cones sob o sol forte, deixando uma fina camada de sal branco como neve por toda parte.

Cada vez mais perto. Mil quatrocentas e sessenta e oito milhas até a Joatinga!

No dia 29 de setembro entrei na carta brasileira 70 — de Belmonte ao Rio de Janeiro. Águas já navegadas, que enorme emoção... uma andorinha do mar com aspecto muito cansado e molhada passou a residir na plataforma do leme. Ao me aproximar, subia para a antena do radar sem se afastar. Bom ter uma companhia a esta altura.

No qso semanal com o Álvaro, soube que o Herrmann havia deixado a Hansseática com o *Rapa Nui*, rumo a Paraty. Puxa vida! Quando? Quando?

A 3 de outubro, após uma bela demonstração de mar

agitado e forte na "área de precaução B", por fora das plataformas de petróleo de Campos, um pequeno grupo de baleias humpback passou ao lado. A andorinha "molhada" partiu e o vento se acalmou. Mas as ondas curtas e desencortadas faziam o barco avançar com dificuldade.

Noite escura de tempo encoberto, durante a madrugada um halo luminoso muito fraco escapou sob as nuvens ao norte. A única coisa que consegui dizer foi "puxa vida". Era o clarão da cidade do Rio de Janeiro, além do horizonte.

Às 9:00 GMT havia um contato marcado com o Álvaro. Ele entrou tranquilo na freqüência, mas nervoso na voz. Me pediu a posição e uma estimativa de chegada.

"Não tomei a posição, Álvaro. Estou a quinze milhas a sudeste da Joatinga. O Brasil à proa. Que linda é a terra que eu vejo!"

Terra azul, como um sonho à distância, que pouco a pouco vai ganhando contorno, detalhes e torna-se verde.

Às 14:10, passei por fora da Joatinga, no rumo da ponta Grossa de Paraty. Todas as ilhas que eu conhecia tão bem, ao redor, nos mesmos lugares. Um pequeno ponto escuro vinha à proa. Um veleiro. Peguei os binóculos. Dois mastros, casco azul. Um barco que eu conhecia muito bem... o *Rapa Nui* se aproximando a motor, velas baixas, quase não havia vento, e um mormaço denso tornava as montanhas e ilhas ao redor verdes e vivas como nunca antes eu havia percebido. Ainda segurando os binóculos, me apoiei no mastro para ver quem estava a bordo.

Os cabelos dourados e brilhantes da Cabeluda, o Herrmann com um casaco vermelho, e dois amigos.

Próximo à ilha dos Cocos, ouvi outra vez a querida sirene do *Rapa Nui*. Fizeram uma volta e se aproximaram. A Cabeluda no leme, um gesto com os braços para cima, algo nas mãos, me atiraram uma lata de cerveja e uma la-

ranja brasileira, que eu agarrei no ar. Os dois maiores presentes que já ganhei na vida.

Guardei a lata e com o fiel canivete preto cortei a laranja de um pólo ao outro, em quatro gomos.

Seguíamos rumos paralelos, os quatro a bordo da escuna azul, rindo. Navegando juntos outra vez. O *Paratii* ainda guardava uma marca azul do *Rapa Nui*, quando, na viagem inaugural, velejando próximos demais, nos chocamos ao largo da Joatinga. Ao passar a ponta Grossa de Paraty, eu vi, ao fundo, distante, o recorte branco das casas da cidade contra a serra. A matriz e as palmeiras imperiais que marcam Paraty. À esquerda, o nosso canto, a baía de Jurumirim.

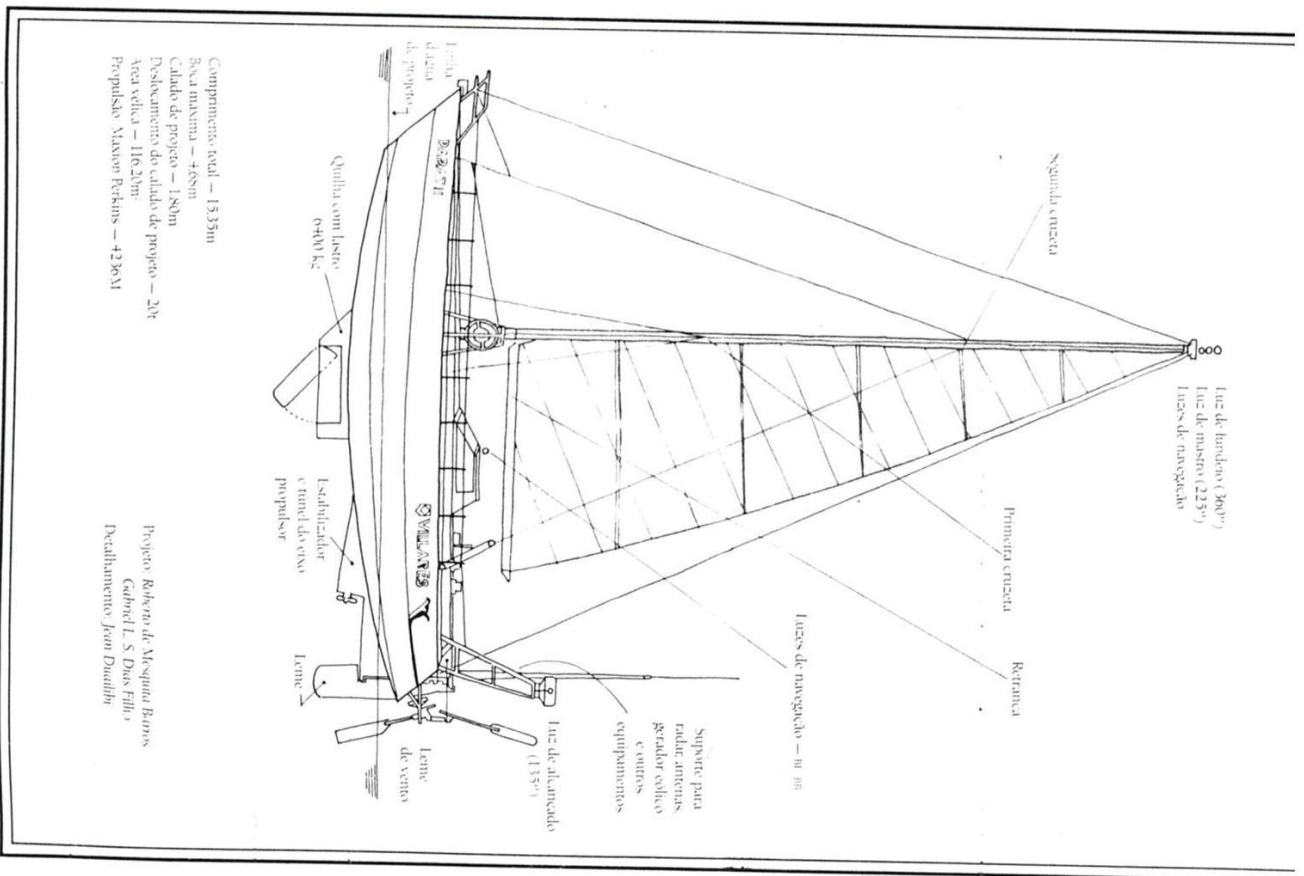
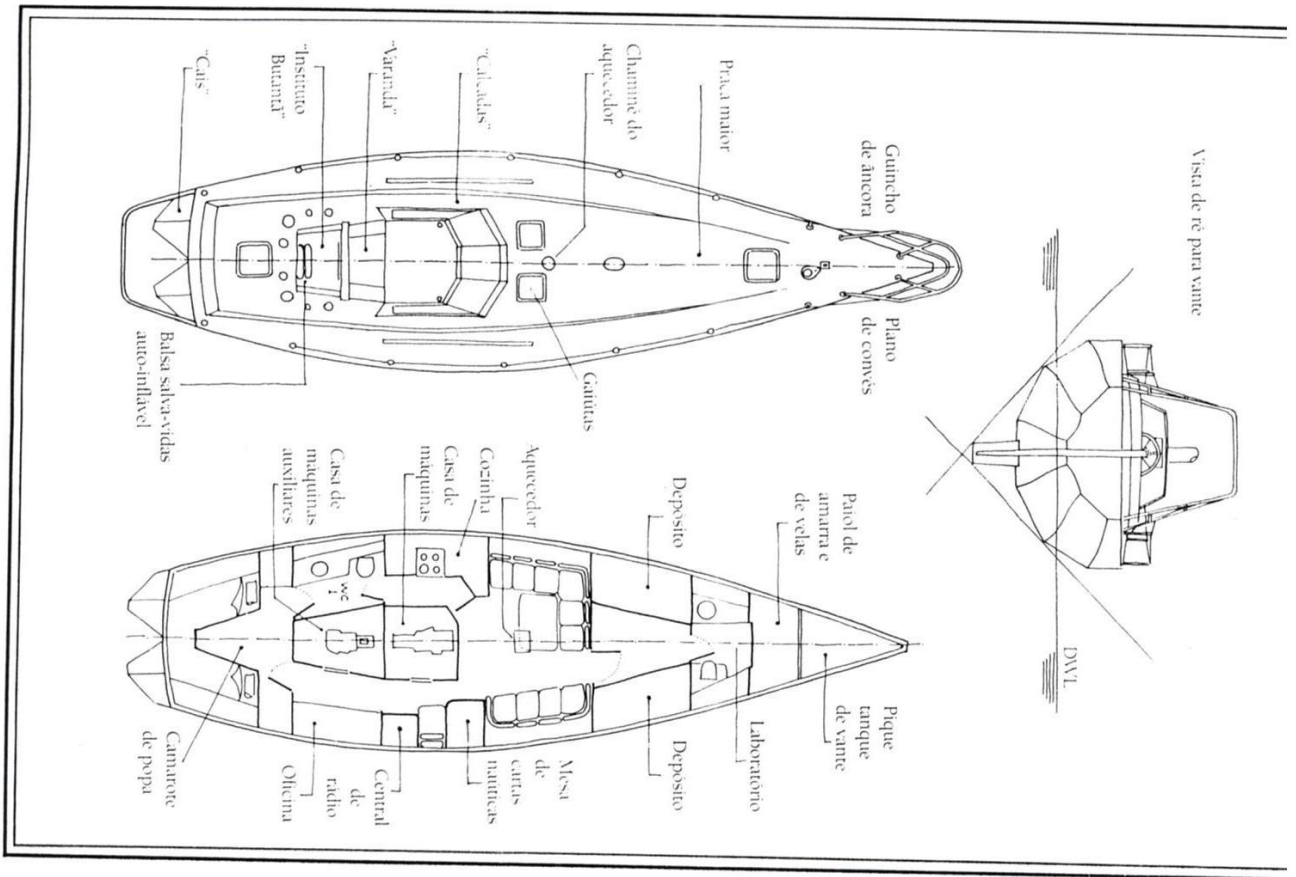
Três da tarde, talvez, não lembro das horas nem do tempo. Entrei em silêncio na pequena e escondida baíazinha. Próximo à praia, soltei a âncora com o barco ainda em movimento, a corrente correu, esticou e a proa do *Paratii* voltou-se com suavidade para fora. "Prendeu." As velas já estavam amarradas. Desliguei o motor. Silêncio. UFA! De volta, *exatamente* ao mesmo pedaço de areia que deixei vinte e dois meses e vinte e sete mil milhas atrás, como se tivesse apenas ido buscar gelo na cidade. Como se o tempo não tivesse passado e, entre os gelos dos pólos e Jurumirim, não houvesse distância.

Os coqueiros grandes deram novos frutos e os pequenos estavam maiores. Em um instante.

Na calma de Jurumirim, ouvindo as vozes distantes no *Rapa Nui*, continuei em pé, olhando em volta, esperando por eles, que demoravam, para ir até a praia. Vinte e dois meses para alcançar a mesma areia da partida. Poderia nesse tempo ter vivido aqui entre as montanhas e o mar de Paraty, como já vivi antes. Feito, quem sabe, uma grande via-

gem à sombra dos coqueiros, sem ter de percorrer vinte e sete mil milhas ou tocar os gelos do sul e do norte.

De nada serviria. Não teria chegado a lugar nenhum. Não teria voltado. E não teria nunca descoberto que o mais alto dos sonhos é feito de um punhado de pedrinhas numa sacola azul.



9.4.5 Atividade sobre a aula – aulas 3 e 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligoeki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ATIVIDADE AULAS 3 E 4

Aluno (a): _____ Turma 1C - Data: _____

COMPREENDENDO A AULA

- Responda as questões abaixo mostrando que entendeu o que foi exposto na aula em que foram apresentados blogs, vídeos e textos sobre relatos de viagens. Utilize suas próprias palavras.
1. Você percebeu as características dos blogs apresentados? Como eles são estruturados?
 2. O que achou do relato de viagem através do twitter? Você já tinha visto algo parecido? Descreva.
 3. No trecho do filme da Família Shürmann, você percebeu se os viajantes se impressionaram com algo?
 4. O que você diz sobre a estrutura do livro de Amyr Klink, apresentado pela professora? O que ele tem de diferente do livro de Zeca Camargo?
 5. O que é relatado no texto do Amyr Klink?
 6. Você percebeu que a descrição é presente no texto? Cite um trecho em que o autor detalha algo.
 7. Observe as formas verbais que são utilizadas no texto. Em que pessoa os verbos são empregados?
 8. Há personagens no texto lido?
 9. As ações e os fatos apresentados no texto localizam-se em qual momento do tempo: no presente, no passado ou no futuro? Justifique a sua resposta com base em exemplos tirados do texto.

Referências:

CAMARGO, Zeca. *A Fantástica Volta ao Mundo*. São Paulo: Globo, 2004.

CEREÇA, George. *Toda La América Del Sur*. Blog disponível no site: <http://cerca.wordpress.com/>
Acesso em 10 de abril de 2012.

FENIANOS, Eduardo. *Expedições Urbanauta*. Site disponível na página <http://www.urbenauta.com.br/>
Acesso em 10 de abril de 2012.

_____. Twitter de @urbenauta. Disponível no site: <https://twitter.com/#!/urbenauta> Acesso em 10 de abril de 2012.

KLINK, Amyr. *Paratii: entre dois polos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Hoje entendo bem meu pai...* Site disponível na página <http://www.amyrklink.com.br/>
Acesso em 10 de abril de 2012.

SHÜRMAN. *Família Shürmann*. Site disponível na página:

http://www.schurmann.com.br/familiaaventura/familia_aventura.asp Acesso em 10 de abril de 2012.

9.4.6 Orientação de escrita em sala



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva
Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e
Gabiella Ligocki Pedro

ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano
Rodrigues

ATIVIDADE AULAS 5 E 6

Aluno (a): _____ Turma 1C - Data: _____

Formem dupla com um colega e sorteiem um número com a professora. Dependendo do número, escrevam um relato de viagem segundo tal personagem. Ou seja, será como se o próprio personagem estivesse relatando a viagem que realizou. Depois de escreverem, vocês irão apresentar o relato para a turma.

Não esqueçam de levar em conta em seu texto que será, posteriormente, oralizado:

- A característica da fala deste personagem;
 - As impressões deste personagem ao chegar a este lugar;
 - Descrevam a sua chegada; formas de acesso ao lugar; o clima; a vegetação/arquitetura.
 - Como foi a sua locomoção, se aconteceu algum imprevisto;
 - O tipo de pessoas que o personagem encontrou ao chegar ao seu destino;
 - Como este personagem imagina que as outras pessoas o viram;
 - O que ele foi fazer neste lugar.
- 1) Um nativo da Ilha de Santa Catarina, analfabeto, mora no Ribeirão da Ilha, não costuma sair da redondeza, pescador, viaja para Porto Alegre para encontrar um parente que não vê há anos.
 - 2) Um nativo da Ilha de Santa Catarina, que possui o terceiro grau completo, mora no Centro de Florianópolis, médico, viaja para uma cidadezinha do interior de Santa Catarina a trabalho.
 - 3) Um paulista, que possui o terceiro grau completo, mora na capital de São Paulo, está acostumado com a agitação da cidade grande, professor, viaja para Florianópolis e fica no Ribeirão da Ilha para conhecer o lugar.
 - 4) Uma paulista, que mora no interior de São Paulo, que estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental, não costuma sair da redondeza, dona de casa, viaja para uma cidade vizinha, que já possui banda larga, para mandar um documento ao filho, por email.
 - 5) Uma gaúcha, que mora no Centro de Porto Alegre, que possui o segundo grau completo, trabalha em um banco movimentado, viaja para Florianópolis e fica na Barra da Lagoa em suas férias de inverno.

- 6) Um gaúcho, que mora no interior do Rio Grande do Sul, que estudou até a 8ª série do Ensino Fundamental, não costuma sair da redondeza, agricultor, viaja para Porto Alegre para conhecer novos equipamentos para o trabalho no campo.

9.4.7 Orientação de escrita em casa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ATIVIDADE AULAS 5 E 6

Aluno (a): _____ Turma 1C - Data: _____

Orientações para Escrita em Casa

Selecione uma experiência que você tenha vivido de verdade e que gostaria de compartilhar. Pode ser uma viagem ou um passeio a um lugar que você nunca tinha visitado. Esboce o relato desta experiência em uma folha avulsa, registrando eventos principais dos quais se lembra. Releia seu esboço e modifique-o, se achar necessário.

Com base no que você aprendeu até aqui sobre relatos, transforme seu esboço em um relato de viagem. Você deverá trazer este texto para a próxima aula, no dia **08 de maio**. Não esqueça de trazê-lo, você utilizará este texto para uma posterior produção escrita.

Não esqueça de inserir em seu texto:

- Imagine que seu relato vá ser lido por pessoas no futuro. Pense nos aspectos que você gostaria que elas percebessem da experiência relatada.
- O que você foi fazer neste lugar?
- Quais foram as suas impressões ao chegar a este lugar?
- Descreva a sua chegada; as formas de acesso ao lugar; o clima; a vegetação/arquitetura.
- Como foi a sua locomoção, aconteceu algum imprevisto?
- Qual foi o tipo de pessoas que encontrou ao chegar ao seu destino?

9.4.8 Trecho do livro *Carta a El Rei D. Manuel*, de Pero Vaz de Caminha

S

ENHORA,

pôsto que o Capitão-mor desta Vossa
frota, e assim (*mesmo*) os outros capi-
tães escreviam a Vossa Alteza a notícia
do achamento desta Vossa terra nova,
que se agora nesta navegação achou,
não deixarei de também dar disso mi-
nha conta a Vossa Alteza assim como
eu melhor puder, ainda que — para o
bem contar e falar — o saiba pior que
todos fazer.]

Todavia tome Vossa Alteza minha
ignorância por boa vontade, a qual

intreito
16000000

bem certo creia que, para aformosentar nem afeiar, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e das singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza — porque o não saberei fazer — e os pilotos devem ter este cuidado.

E portanto, Senhor, do que hei de falar comêço:

E digo que:

A partida de Belém foi — como Vossa Alteza sabe, segunda-feira 9 de março. E sabbado, 14 do dito mês, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grande Canária. E ali andamos todo aquêlle dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas mais ou menos, houvermos vista das illas de Cabo Verde, a saber da illa de São Nicolau, segundo o dito de Pero Escobar, piloto.

Na noite seguinte à segunda-feira (*quando*) amanheceu, se perdeu da frota Vasco de Ataide com a sua nau, sem haver tempo forte ou contrário para (*isso*) poder ser!

Fez o capitão suas diligências para o achar, em umas e outras partes. Mas... não appareceu mais!

E assim seguimos nosso caminho, por êste mar de longo, até que terça-feira

25

das Oitavas de Pascoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra estando (*distantes*) da dita Ilha — segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas — os quais (*sinais*) eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos:

Neste mesmo dia, a horas de véspera, houvermos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dêle; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!

Mandou lançar o prumo. Acharam vinte e cinco braças. E ao sol-pôsto umas seis léguas da terra, lançamos âncoras, em dezenove braças — âncoragem limpa. Ali ficamos toda aquella noite. E quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direitura à terra, indo os navios pequenos diante — por dezessete, dezesseis, quinze, catorze, doze, nove braças — até meia légua da terra, onde todos lançamos âncoras, em frente da bôca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas, pouco mais ou menos.

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro.

29

a viagem

a terra

os homens

Então lançamos fora os batéis e esquiifes. E logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor. E ali falaram. E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquêle rio. E tanto que êle começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à bôca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte.

o barrete vermelho

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E êles os deputeram. Mas não pôde dêles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Sômente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um dêles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de alfofar, as quaes peças creio que o Capitão mandou a Vossa Alteza. E com isto se volvem às naus por ser tarde e não poder haver dêles mais fala, por causa do mar.

A noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaeiros que fez cagar as naus. E especialmente a Capitaina. E sexta

30

pela manhã, às oito horas, pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar âncoras e fazer vela. E fomos de longo da costa, com os batéis e esquiifes amarrados na pôpa, em direção norte, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso, onde nós ficássemos, para tomar água e lenha. Não por nos já minguar, mas por nos prevenirmos aqui. E quando fizemos vela estaríamos já na praia assentados perto do rio obra de sessenta ou setenta homens que se haviam juntado ali aos poucos. Fomos ao longo, e mandou o Capitão aos navios pequenos que fôsem mais chegados à terra e, se achassem pouso seguro para as naus, que amanhassem.

E velejando nós pela costa, na distância de dez léguas do sítio onde tínhamos levantado ferro, acharam os ditos navios pequenos um Recife com um pôrto dentro, muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada. E meteram-se dentro e amanharam. E as naus foram-se chegando, atrás dêles. E um pouco antes de sol-pôsto amanharam também, talvez a uma légua do Recife, e ancoraram a onze braças.

E estando Afonso Lopez, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, foi, por mandado do Capitão, pôr ser homem vivo e dextro para isso, meter-se logo no esquiife a sondar o pôrto dentro. E tomou dois daqueles homens da terra, que estavam numã almadia: mancebos e de bons corpos. Um dêles

à procura de pouso

o pôrto

31

trazia um arco, e seis ou sete setas. E na prata andavam muitos com seus arcos e setas; mas não os aproveitou. Logo, já de noite, levou-os à Capitania, onde foram recebidos com muito prazer e festa.

*o homem
da terra*

A feição d'êles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons nautizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nêle um osso verdadeiro, de comprimento de um mmo travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de toquê de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes pôe estôrvo no falar, nem no comer e beber.

Os cabelos d'êles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sôbre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um d'êles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um côto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o touço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena,



com uma confeição branda como cêra (mas não era cêra), de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguina mais lavagem para a levantar.

¶ O Capitão, quando êles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço! E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Aires Corrêa, e nós outros que aqui na nau com êle íamos, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas. E êles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de *(querer)* falar ao Capitão; nem a alguém. [Todavia um dêles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra.] E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata!

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali.

Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dêle.

Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados.¹

* *contactos*

* *surpresa e cortesia*

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora.

Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a bôca; não gostaram dêle nada, nem quiseram mais.

Trouxeram-lhes água em uma albarada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bôcas e lançaram-na fora.

¶ Vin um dêles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejamos! Mas se êle queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que lho não havíamos de dar! E depois tornou *(a entregar)* as contas a quem lhas dera. E então estiraram-se de costas na alcatifa, à dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram feitas, e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas.

O Capitão mandou pôr por baixo da cabeça de cada um seu coxim; e o da cabeleira esforçava-se por não a

desejo de ouro

estragar. E deitaram um manto por cima d'êles; e consentindo, aconchegaram-se e adormeceram.

Silvado pela manhã mandou o Capitão fazer vela, fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e tinha seis a sete braças de fundo. E entraram tôdas as naus dentro, e ancoraram em cinco ou seis braças — ancoradouro que é tão grande e tão fornoso de dentro, e tão seguro que podem ficar nêle mais de duzentos navios e naus. E tanto que as naus foram distribuidas e ancoradas, vieram os capitães todos a esta nau do Capitão-mor. E daqui mandou o Capitão que Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias fôssen em terra e levassem aquêles dois homens, e os deixassem ir com seu arco e setas, aos quais mandou dar a cada um uma camisa nova e uma carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que foram levando nos braços, e um cascavel e uma campainha. E mandou com êles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de dom João Telo, de nome Afonso Ribeiro, para lá andar com êles e saber de seu viver e (*das suas*) maneiras. E a mim mandou que fôsse com Nicolau Coelho. Fomos assim de frecha direitos à praia. Ali acudiram logo perto de duzentos homens, todos nus, com arcos e setas nas mãos. Aquêles que nós levamos acenaram-lhes que se afastassem e deusessem os arcos. E êles os deuseram. Mas não

se afastaram muito. E mal tinham pou-

o *degredado*

sado seus arcos quando saíram os que nós levávamos, e o mancebo degredado com êles. E saídos não pararam mais; nem esperavam um pelo outro, mas antes corriam a quem mais corria. E passaram um rio que aí corre, de água doce, de muita água que lhes dava pela braga. E muitos outros com êles. E foram assim correndo para além do rio entre umas moitas de palmeiras onde estavam outros. E ali pararam. E naquilo tinha ido o degredado com um homem que, logo ao sair do batel, o agasalhou e levou até lá. Mas logo o tornaram a nós. E com êle vieram os outros que nós levávamos, os quais vinham já nus e sem carapuças.

E então se começaram de chegar muitos; e entravam pela beira do mar para os batéis, até que mais não podiam. E traziam cabacas d'água, e tomavam alguns barris que nós levávamos, e enchiam-nos de água e traziam-nos aos batéis. Não que êles de tôdo chegassem a bordo do batel. Mas junto a êle, lançavam-nos da mão. E nós tomávamos-os. E pediam que lhes dessem alguma coisa.

Levava Nicolau Coelho cascaveis e manilhas. E a uns dava um cascavel, e a outros uma manilha, de maneira que com aquela encarna quise que nos queriam dar a mão. Davam-nos daquêles arcos e setas em troca de sombreiros e carapuças de linho, e de qualquer coisa que a gente lhes quera dar.

colaboração

9.4.9 Atividade sobre o texto – aulas 7 e 8



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ATIVIDADE AULAS 7 E 8

Aluno (a): _____ Turma 1C - Data: _____

COMPREENDENDO O TEXTO LIDO

- Responda as questões abaixo mostrando que entendeu o excerto, lido em sala, do livro “Carta a El-Rei D. Manuel”, de Pero Vaz de Caminha. Utilize suas próprias palavras.
 1. Sobre as condições de produção da carta, defina quem é o remetente, de que lugar escreve e para quem é endereçada.
 2. O que você diz sobre a estrutura da carta, apresentada pela professora?
 3. Qual é o tema/ assunto da carta? A partir de que indícios pode se perceber a presença de um relato de viagem no texto?
 4. Quais as diferenças deste relato de viagem: a carta de Pero Vaz de Caminha para o Relato da “Fantástica Volta ao Mundo”, de Zeca Camargo, trabalhado em aulas anteriores?
 5. Há personagens no texto lido?
 6. Qual a finalidade a que a carta se presta?
 7. Qual a importância da descrição para a constituição desse texto como gênero Relato de Viagem? Cite um trecho em que o autor detalha algo.
 8. Como é a linguagem da carta: contemporânea ou de outra época? Justifique com exemplos do texto.
 9. Destaque o vocabulário que você desconhece e procure dar um significado a partir do contexto.
 10. Destaque os pronomes de tratamento na carta e explique sua função dentro do texto.
 11. Explique, brevemente, como se deu a viagem do autor.
 12. Qual foi o sentimento do viajante ao observar terra à vista?
 13. Como é o cenário descrito pelo viajante?
 14. Destaque um trecho que demonstrou a surpresa e/ ou as dificuldades encontradas pelo viajante.
 15. Como os homens da terra nova são descritos pelo viajante?
 16. Qual é o olhar do viajante para as descobertas da terra encontrada? Qual a intenção de sua descrição para seu interlocutor?

Referência Bibliográfica:

CAMINHA, Pero Vaz de, *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.

9.4.10 Orientação de escrita primeira versão



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligoeki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

Aluno(a): _____ Turma 1C - Data: _____

Orientação de Produção Textual- Aulas 9 e 10

Relato de Viagem entremeando o vivenciado e o lido

Produza um relato de viagem que contemple a estrutura e as características do gênero, amplamente trabalhado durante as aulas anteriores, que utilize o relato de uma viagem ou passeio vivenciado por você, produzido em casa, entremeando aspectos relevantes do livro do mesmo gênero escolhido por você para leitura.

Busque fazer associações: semelhanças e/ ou diferenças entre as duas viagens, cruzando aspectos encontrados em sua leitura para enriquecer o relato de sua própria viagem.

Atente para os aspectos: adequação ao gênero, adequação à proposta da atividade, coesão e coerência e adequação à norma padrão de escrita, os quais serão os critérios da avaliação do seu texto.

Entre nesta viagem...

9.4.11 Orientação de escrita segunda versão



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligoeki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

Aluno(a): _____ Turma 1C - Data: _____

Orientação para segunda versão da Produção Textual- Aulas 11 e 12

Relato de Viagem entremeando o vivenciado e o lido

Reescreva seu Relato de Viagem buscando corrigir/ melhorar seu texto de acordo com as considerações feitas na correção e os aspectos linguísticos trabalhados em aula.

Atente para os aspectos: adequação ao gênero, adequação à proposta da atividade, coesão e coerência e adequação à norma padrão de escrita, os quais serão os critérios da avaliação do seu texto.

Vale ressaltar que a maior nota obtida na primeira ou segunda versão é que será considerada.

Bom trabalho!

9.4.12 Simulação de Análise Linguística

Simulação da Atividade de Análise Linguística- Aulas 11 e 12

Acreditamos que exercícios com frases soltas, em que se pede para separar o sujeito do predicado, classificar as orações e etc. não desenvolvem as competências cognitivas do aluno que o ajudarão a ler, escrever, falar e ouvir bem. Dessa forma, conforme consta dos planos de aula que elaboramos, faremos, com os alunos, análise linguística de suas próprias produções textuais.

Os textos que serão produzidos pela turma C serão expostos no blog elaborado para a turma, na última aula de execução do estágio de docência e, antes disso, os alunos poderão produzir mais de uma versão de seus textos. A análise linguística será feita antes da reescrita e terá como foco a coesão e a coerência textuais - deficiência tal que identificamos nos textos dos mesmos alunos em nossas observações.

A intenção é focar em aspectos centrais da organização e da compreensão do texto, tais como a clareza e a precisão da linguagem (a escolha da palavra certa), o sentido, a relevância do que é dito e etc. A coesão, a coerência, a informatividade, a clareza, e outras propriedades do texto, conforme Antunes (2003), são mais relevantes do que a fixação em correções ortográficas, nomenclaturas e classificações de palavras.

Por não podermos prever, já no plano de aula, como se efetivará a atividade em nosso estágio de docência, selecionamos o texto de um aluno da turma C para fazermos uma espécie de simulação.

A orientação da atividade, na imagem a seguir, era produzir uma crônica a partir da leitura de uma notícia ou reportagem extraídas de revistas, feitas em sala. Esta seria a primeira versão da produção do gênero crônica, posteriormente eles iriam ler outros textos do gênero e aprofundar o estudo da estrutura e características, para poder reescrever a segunda versão do texto.

“A vaca que deu bode”

As fotos foram tiradas por um jornalista anônimo que ficou indignado com as ações dos policiais. Assim que as fotos foram tiradas o estudante divulgou-as na internet, e fez diversos panfletos espalhando pela cidade. Várias pessoas viram e gerou uma indignação diante a população, falta de respeito vindos pelos homens da lei. Gerou manifestações das pessoas que ficaram indignadas, queriam que esses policiais fossem afastados e respondessem processos por falta de respeito a uma exposição implantada na cidade.

Essa discussão permaneceu por várias semanas, apenas foi abatado o assunto quando os policiais foram afastados do cargo.

- Nós traríamos um trecho do texto de um aluno em uma folha de papel pardo ou digitalizado para evitarmos a perda de tempo com a cópia no quadro, além de oferecermos cópias para cada um da turma.
- Junto com os alunos, leríamos o texto e, pediríamos para nos ajudarem a modificar algo para melhorá-lo. Nós mesmos vamos modificando o trecho, paulatinamente, com a participação dos alunos. Ao transcrevermos o texto, iremos prestar atenção para não reproduzirmos problemas ortográficos, concordância e outros, por estes não serem o foco da atividade.
- Instigaríamos os alunos a participarem, fazendo perguntas de interpretação e, inserindo ou modificando, aos poucos, conectivos e pontuações.
- A coerência viria no decorrer da atividade. Mostraremos a importância da leitura e releitura do que acabamos de escrever e faremos os alunos perceberem a importância do sentido do texto.

A análise de textos dos colegas de sala, textos estes inseridos na realidade de tais alunos, os ajudaria na reescrita de seus próprios textos. Consideramos este tipo de análise ideal para o crescimento linguístico do aluno. Não partiríamos de atividades

artificiais, mas proporcionaríamos o ambiente para que ocorra a efetiva interlocução em que os alunos teriam o que dizer e para quem dizer.

Esta mediação não impõe as estratégias do texto como único caminho a seguir, mas permite a reflexão de outras estratégias de dizer o que tem a dizer. Dessa forma, não se trata de banir as gramáticas da sala de aula, mas sim, tomá-las como fonte de reflexões sobre questões epilinguísticas.

9.4.13 Orientação de digitação do texto em casa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

ATIVIDADE AULAS 13 E 14

Aluno (a): _____ Turma 1C - Data: _____

Orientação para Digitação em Casa

Vamos preparar o nosso Blog? Você deverá digitar, em casa, a sua última versão do texto em que compara o livro que você leu com uma experiência que você viveu e trazer para a próxima aula, dia **22 de maio**. Não se esqueça de trazer esta atividade pronta (em um pendrive, ou envie para o seu email), pois, neste último dia com as estagiárias, você irá postar seu texto no Blog e inserir imagens e vídeos que desejar para ilustrar seu post. A intenção é socializar os textos que todos da turma escreveram.

Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma menina tão boa e carinhosa que todos, só de olhá-la, lhe ficavam querendo bem. Mas quem mais a estimava, mesmo, era a sua avozinha, que já não sabia o que fazer para mimá-la. Certo dia deu-lhe, de presente, um chapeuzinho vermelho, de veludo. Assentava-lhe tão bem que a pequena não queria usar nenhum outro e por isso a chamavam de Chapeuzinho Vermelho. Disse-lhe um dia sua mãe:

— Chapeuzinho Vermelho, aqui tens um bolo e uma garrafa de vinho; leva-os para a tua avozinha. Ela está doente e fraca e isso lhe fará bem. Põe-te a caminho antes do sol muito forte e, quando estiveres lá fora, anda direitinho e não te afastes da estrada; poderás cair e quebrar a garrafa e estragar o bolo. E a pobre da avozinha ficará sem nada! Quando entrares no quarto, não te esqueças de dizer “bom-dia” e não te ponhas, primeiro, a olhar, curiosa, pelos cantos.

— Farei tudo como disseste — retrucou Chapeuzinho Vermelho.

Acontece, porém, que a avozinha morava no bosque, cerca de meia hora da vila. Quando Chapeuzinho Vermelho entrou no bosque, encontrou-se com o lobo. A garotinha não se assustou ao vê-lo, pois nem sabia que ele era um bicho tão malvado.

— Bom-dia, Chapeuzinho Vermelho! — disse ele.

— Bom-dia, lobo!

— Aonde vais tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

— À casa da minha avozinha.

— E o que levas no avental?

— Bolo e vinho que nós fizemos ontem e eu vou levá-los à minha avozinha, que está doente e fraca, para ajudá-la a refazer-se.

— Chapeuzinho Vermelho, onde mora tua avozinha?

— A um quarto de hora daqui, pelo bosque a dentro. A casa fica embaixo de três grandes carvalhos e acima das moitas de avelãs que com certeza conheces — explicou Chapeuzinho Vermelho.

O lobo, porém, pensou: "Esta menina gordinha, macia, é, na certa, um bocado saborosa, muito melhor que a velha. Terei de usar de esperteza para apanhar as duas."

Continuou andando por algum tempo ao lado da menina e depois disse:

— Chapeuzinho Vermelho, repara nessas lindas flores! Por que não dás uma olhada? Acho que nem estás ouvindo o belo canto dos pássaros! Caminhas tão compenetrada como se fosses para a escola, quando há tanta diversão aqui no bosque.

Chapeuzinho Vermelho levantou os olhos e, ao ver dançar os raios de sol por entre as árvores e tudo

em torno cheio de lindas flores, pensou: "Se eu levo um ramo à avozinha, lhe dou uma alegria; é cedo ainda e chegarei a tempo." E afastou-se do caminho para entrar no bosque à procura de flores. Quando colhia uma, parecia-lhe que, um pouco adiante, havia outra ainda mais bonita e, assim, penetrou cada vez mais no fundo do mato.

Nesse meio tempo, o lobo foi direto à casa da avozinha e bateu à porta.

— Quem está aí?

— Chapeuzinho Vermelho, que traz bolo e vinho para ti. Abre!

— É só torceres o trinco — gritou a avozinha — estou muito fraca e não posso levantar-me.

O lobo torceu o trinco e a porta se abriu. Sem dizer uma palavra, encaminhou-se para o leito da velhinha e, de uma só vez, a devorou. Depois, enfiou os vestidos dela, colocou sua touca na cabeça e meteu-se na cama, descendo as cortinas.

Enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho corria atrás das flores e, depois de ter colhido tantas que já nem podia carregá-las, lembrou-se da avozinha e retomou o caminho de sua casa. Admirou-se ao ver a porta aberta e, quando entrou, teve uma sensação estranha que a fez pensar: "Meu Deus, como estou assustada, eu que sempre me sinto tão bem em casa da avozinha!" Em voz alta, disse:

— Bom-dia! — mas não obteve resposta.

Foi até a cama, abriu as cortinas e viu a avó, com a touca quase lhe tapando o rosto, apresentando um aspecto muito esquisito.

— Avozinha — disse ela — como estão grandes as tuas orelhas!

- É para te ouvir melhor!
- Avozinha, como estão grandes os teus olhos!
- É para te ver melhor.
- E como estão grandes as tuas mãos!
- É para te pegar melhor.
- Mas, avozinha, que boca mais horrível!
- É para te comer melhor!

Mal disse isso, o lobo saltou da cama e engoliu a pobre menina. Tendo, então, saciado a fome, meteu-se, novamente, na cama, adormeceu e começou a roncar. Pouco depois um caçador que passava por ali, pensou: "Como ronca a velha senhora! Vou dar uma olhada para ver se está se sentindo bem." Entrou no quarto e, ao aproximar-se da cama, viu o lobo dormindo.

— Ah! É aqui que te encontro, velho patife! Há muito tempo que eu te procurava!

Já ia dar-lhe um tiro quando se lembrou que talvez o lobo houvesse devorado a avozinha e, quem sabe, ainda poderia salvá-la. Largou a espingarda, foi apanhar uma tesoura e pôs-se a abrir a barriga da fera adormecida. Aos primeiros cortes, viu aparecer o Chapeuzinho Vermelho e, pouco depois, a menina saltou para fora, exclamando:

— Como me assustei! E que escuridão na barriga do lobo!

A seguir, também a avozinha saiu, ainda viva, embora mal podendo respirar. Chapeuzinho Vermelho correu a trazer umas pedras grandes e com elas encheram a barriga do lobo. Este, ao despertar, tratou de fugir, mas as pedras pesavam tanto que ele caiu morto no chão.

Chapeuzinho Vermelho carregou água até fazer a gamela transbordar. O cheiro da lingüiça atingiu as ventas do lobo e este pôs-se a farejar e a olhar para baixo. Por fim espichou tanto o pescoço que, perdendo o equilíbrio, resvalou do telhado e foi cair dentro da gamela, onde morreu afogado. E Chapeuzinho Vermelho voltou para casa, muito contente da vida, sem sofrer dano algum.

GRIMM, Jacob & Wilhelm. Chapeuzinho Vermelho. In: _____. *Contos escolhidos*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

Os três, então, se sentiram muito felizes. O caçador tirou a pele do lobo e a levou consigo. A avozinha comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho Vermelho lhe trouxera e logo se sentiu fortalecida. A menina, por sua vez, pensou: "Nunca mais me afastarei, sozinha, da estrada quando minha mãe o tiver proibido."

E contam também que, certa vez, Chapeuzinho Vermelho ia levando, novamente, um bolo à sua avozinha e outro lobo tentou desviá-la do caminho. Mas a menina não lhe deu ouvidos, seguindo, direito, pela estrada e logo contou à avozinha que havia encontrado um lobo, o qual lhe dera "bon-dia" mas que a olhara com uns olhos muitos maus.

— Se eu tivesse me afastado do caminho, ele me teria devorado.

— Vem — disse a avozinha — fecharemos bem a porta, para que não possa entrar.

Pouco depois o lobo bateu e gritou:

— Abre-me, avozinha. Sou Chapeuzinho Vermelho, que te traz um bolo.

Mas as duas ficaram caladas sem abrir a porta. O lobo deu várias voltas ao redor da casa e, por fim, subiu, de um salto, ao telhado, disposto a esperar que a menina saísse, ao anoitecer, para voltar à casa; pretendia, então, sorrateiramente, ir atrás dela e devorá-la. A avozinha, porém, adivinhou-lhe os pensamentos.

Havia, em frente à casa, uma gamela de pedra, muito grande, e a velhinha disse à menina:

— Vai apanhar o balde, minha netinha; ontem fervei umas lingüiças e quero que despejes dentro da gamela a água em que as cozinhei.

9.4.15 Atividade 1 – Recuperação de estudos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligoeki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Rafaela Marques Rafael

ATIVIDADE AULA 1

Aluno (a): _____

Recuperação da sexta série - Data: _____

COMPREENDENDO O TEXTO LIDO

- Após ter lido o conto “Chapeuzinho Vermelho”, de Jacob e Wilhelm Grimm, responda às questões abaixo:
 1. O que essa história tem de diferente da versão que você conhece?
 2. De acordo com o texto, qual a descrição da personagem principal?
 3. Qual foi o conselho da mãe de Chapeuzinho Vermelho? A menina seguiu esse conselho?
 4. O que Chapeuzinho Vermelho estava levando para a vovozinha?
 5. Como o lobo conseguiu encontrar a casa da avó de Chapeuzinho Vermelho? Isso poderia ter sido evitado? Como?
 6. Por que Chapeuzinho Vermelho se distanciou do seu caminho até a casa de sua avó?
 7. Assim que chegou à casa da avó, como a encontrou?
 8. O que aconteceu com Chapeuzinho Vermelho?
 9. Quem descobriu o que estava acontecendo com Chapeuzinho Vermelho?
 10. Qual foi a maneira encontrada para solucionar a situação?
 11. Qual o desfecho dos personagens?
 12. Da outra vez em que Chapeuzinho Vermelho encontrou um lobo, como ela procedeu?
 13. Que mensagem você pode extrair da leitura deste conto?
 14. Vamos montar um glossário: liste as palavras desconhecidas e tente atribuir um sentido, de acordo com o contexto da história.

Referência:

GRIMM, Jacob & Willhelm. **Chapeuzinho Vermelho**. In: _____. *Contos Escolhidos*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

9.4.16 Texto *Chapeuzinho Vermelho de Raiva*, de Mário Prata

estímulo emocional

4b

antologia

Você conhece a estória do Chapeuzinho Vermelho, é claro. Nós pedimos a Mário Prata que escreve peças de teatro e novelas de televisão que recontasse, numa versão sua, da estória do Chapeuzinho, seu encontro com o lobo disfarçado de avó. Como se fosse hoje em dia. Ele brinca com a estória e em forma de humor (gozação), moderniza a estória num diálogo bem vivo. Leia e divirta-se.

CHAPEUZINHO VERMELHO DE RAIVA

- Senta aqui mais perto, Chapeuzinho. Fica aqui mais pertinho da vovó, fica.
- Mas vovó, que olho vermelho... E grandão... Que que houve?
- Ah, minha netinha, estes olhos estão assim de tanto olhar para você. Aliás, está queimada, hein?
- Guarujá, vovó. Passei o fim de semana lá. A senhora não me leva a mal, não, mas a senhora está com um nariz tão grande, mas tão grande! Tá tão esquisito, vovó.
- Ora, Chapéu, é a poluição. Desde que começou a industrialização do bosque que é um Deus nos acuda. Fico o dia todo respirando este ar horrível. Chegue mais perto, minha netinha, chegue.
- Mas em compensação, antes eu levava mais de duas horas para vir de casa até aqui e agora, com a estrada asfaltada, em menos de quinze minutos chego aqui com a minha moto.
- Pois é, minha filha. E o que tem aí nesta cesta enorme?
- Puxa, já ia me esquecendo: a mamãe mandou umas coisas para a senhora. Olha aí: margarina, Helmmans, Danone de frutas e até uns pacotinhos de Knorr, mas é para a senhora comer um só por dia, viu? Lembra da indigestão do carnaval?
- Se lembro, se lembro...
- Vovó, sem querer ser chata.
- Ora, diga.
- As orelhas. A orelha da senhora está tão grande. E, ainda por cima, peluda. Credo, vovó!
- Ah, mas a culpada é você. São estes discos malucos que você me deu. Onde já se viu fazer música deste tipo? Um horror! Você me desculpe porque foi você que me deu, mas estas guitarras, é guitarra que diz, não é? Pois é, estas guitarras são muito barulhentas... Não há ouvido que agüente, minha filha. Música é a dó meu tempo. Aquilo sim, eu e seu finado avô, dançando valsas... Ah, esta juventude está perdida mesmo.
- Por falar em juventude o cabelo da senhora está um barato, hein? Todo desfiado, pra cima, encaracolado. Que quê isso?
- Também tenho que entrar na moda, não é, minha filha? Ou você queria que eu fosse do mingó ao programa do Chacrinha de coque e com vestido preto com bolinhas brancas?
- Chapeuzinho pula para trás:
- E esta boca imensa???!!!
- A avó pula da cama e coloca as mãos na cintura, brava:
- Escuta aqui, queridinha: você veio aqui hoje para me criticar é?!

MARIO PRATA

PRATA, Mário. *Chapeuzinho Vermelho de Raiva*. In: DI GIORGI, Flávio. *Redação Escolar*. São Paulo: Descubra, 1972.

9.4.17 Atividade 2 – Recuperação de estudos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligoeki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Rafaela Marques Rafael

ATIVIDADE AULA 2

Aluno (a): _____

Recuperação da sexta série - Data: _____

COMPREENDENDO O TEXTO LIDO

- Após ter lido o conto “Chapeuzinho Vermelho de Raiva”, de Mário Prata, responda as questões abaixo:
1. O que essa história tem de diferente da versão lida na aula anterior?
 2. De acordo com o diálogo, as personagens se parecem com as da versão lida na aula anterior?
 3. No diálogo entre Chapeuzinho Vermelho e a vovozinha, as perguntas eram as mesmas das realizadas na história lida na aula anterior?
 4. Você sentiu falta de algum personagem? Quais?
 5. O que aconteceu com as personagens no final da história?
 6. A história confirma a escolha do título? Justifique
 7. Pense como seria o desenrolar da história se houvesse a presença dos personagens que você sentiu falta. Escreva um texto breve de como seria.
 8. Que mensagem você pode extrair da leitura deste conto?
 9. Vamos montar um glossário: liste as palavras desconhecidas e tente atribuir um sentido, de acordo com o contexto da história.

Referência:

PRATA, Mário. **Chapeuzinho Vermelho de Raiva**. In: DI GIORGI, Flávio. *Redação Escolar*. São Paulo: Descubra, 1972.

9.4.18 Texto *Fita Verde no Cabelo*, de Guimarães Rosa

FITA VERDE NO CABELO

(Nova velha estória)

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Sua mãe mandara-a, com um cêsto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia. Fita-Verde partiu, sôbre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cêsto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lôbo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lôbo. Então, ela, mesma, era quem se dizia: – “*Vou à vovó, com cêsto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou*”. A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.

E ela mesma resolveu escolher tomar êste caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós. Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeíinhas flôres, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa. Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

– “*Quem é?*”

– “*Sou eu. . .*” – e Fita-Verde descansou a voz. – “*Sou sua linda netinha, com cêsto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.*”

Vai, a avó, difícil disse: – “*Puxa o ferrôlho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençõe.*”

Fita-Verde assim fêz, e entrou e olhou.

A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: – “*Depõe o pote e o cêsto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.*”

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou:

– “*Vovózinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!*”

– “*É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta. . .*” – a avó murmurou.

– “*Vovózinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!*”

– “*É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta. . .*” – a avó suspirou.

– “*Vovózinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?*”

– “*É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha. . .*” – a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fôsse ter juízo pela primeira vez.

Gritou: – “*Vovózinha, eu tenho medo do Lôbo!. . .*”

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

ROSA, Guimarães. *Fita verde no cabelo*. In: _____. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

9.4.19 Atividade 3 – Recuperação de estudos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligoeki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Rafaela Marques Rafael

ATIVIDADE AULA 3

Aluno (a): _____

Recuperação da sexta série - Data: _____

COMPREENDENDO O TEXTO LIDO

- Após ter lido o conto “Fita Verde no Cabelo”, de Guimarães Rosa, responda as questões abaixo:
 1. O que essa história tem de diferente das versões lidas em aulas anteriores?
 2. De acordo com o texto, qual a descrição da personagem principal?
 3. O que a personagem principal estava levando para a vovozinha?
 4. Por que a personagem alterou sua rota? Teve a influência de algum personagem?
 5. Assim que a menina chegou à casa da avó, como a encontrou?
 6. No diálogo entre Fita-Verde e a vovozinha, as perguntas eram as mesmas das realizadas nas histórias lidas anteriormente?
 7. O que o diálogo entre Fita-Verde e a vovozinha nos leva a pensar?
 8. O que aconteceu com a vovozinha?
 9. Você sentiu falta de algum personagem? Qual?
 10. A história confirma a escolha do título? Justifique.
 11. Que mensagem você pode extrair da leitura deste conto?
 12. Houve um final feliz como na versão escrita pelos irmãos Grimm?
 13. Vamos montar um glossário: liste as palavras desconhecidas e tente atribuir um sentido, de acordo com o contexto da história.

Referência:

ROSA, Guimarães. **Fita Verde no Cabelo**. In: _____. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

9.5 ANEXOS DA SEÇÃO RELATOS EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

9.5.1 Pesquisa de blogs feita pelos alunos da turma 1C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

Aluno(a): Gabriele T. Turma 1C - Data: 25/04.

Orientação de Pesquisa – Aulas 1 e 2 - Blogs que contenham relatos de viagens

Faça uma pesquisa, em casa, de Blogs que tragam relatos de viagens em seus posts.

Explore o blog encontrado e tente se certificar de que os relatos são reais, que a pessoa que escreve tenha realmente feito tal viagem. Veja as fotos, os vídeos que ilustram os blogs que encontrar.

Escreva abaixo os endereços dos que você mais gostou e traga na próxima aula, dia 26 de abril, para socializar com os colegas.

ainzindoobico.com
www.viagemviagem.com/blogs-recomendados
oabcdefeira.wordpress.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

Aluno(a): Cibelle Turma IC - Data: 26/04

Orientação de Pesquisa – Aulas 1 e 2 - Blogs que contenham relatos de viagens

Faça uma pesquisa, em casa, de Blogs que tragam relatos de viagens em seus posts.

Explore o blog encontrado e tente se certificar de que os relatos são reais, que a pessoa que escreve tenha realmente feito tal viagem. Veja as fotos, os vídeos que ilustram os blogs que encontrar.

Escreva abaixo os endereços dos que você mais gostou e traga na próxima aula, dia 26 de abril, para socializar com os colegas.

-> blog, ademur.org
Traz alguns links de relatos de viagem que ele fez
mas mostra sua imagem, pouco relato.

de Evika Marques, onde
ela relata suas viagens,
com muitas fotos e diário

-> melhores destinos

Traz alguns relatos de viagem (tanto mesmo)

O relato que eu mais gostei foi "Roadtrippers nos EUA 6-
Diversão, New Orleans e
a vontade de ficar lá"

Conta um pouco do lugar, seus costumes, sua cultura,

New Orleans é um lugar como diz o texto de simonoma de
diversa, tem muitas festas, a bebida é liberada na rua,

New Orleans é uma cidade histórica bem antiga, conta
o autor do relato que a pessoa nem se sente nos
Estados Unidos.

Achei muito legal, fiquei com vontade de conhecer o local



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

Aluno(a): BARBARA RAQUEL DOS SANTOS Turma 1C - Data: 24/04/2012

Orientação de Pesquisa – Aulas 1 e 2 - Blogs que contenham relatos de viagens

Faça uma pesquisa, em casa, de Blogs que tragam relatos de viagens em seus posts.

Explore o blog encontrado e tente se certificar de que os relatos são reais, que a pessoa que escreve tenha realmente feito tal viagem. Veja as fotos, os vídeos que ilustram os blogs que encontrar.

Escreva abaixo os endereços dos que você mais gostou e traga na próxima aula, dia 26 de abril, para socializar com os colegas.

www.blogvambora.com.br/relato-de-viagem-a-primeira-viagem-para-a-disney-a-gente-nunca-esquece/



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

Aluno(a): Camila Maia Turma 1C - Data: 27/04/12

Orientação de Pesquisa – Aulas 1 e 2 - Blogs que contenham relatos de viagens

Faça uma pesquisa, em casa, de Blogs que tragam relatos de viagens em seus posts.

Explore o blog encontrado e tente se certificar de que os relatos são reais, que a pessoa que escreve tenha realmente feito tal viagem. Veja as fotos, os vídeos que ilustram os blogs que encontrar.

Escreva abaixo os endereços dos que você mais gostou e traga na próxima aula, dia 26 de abril, para socializar com os colegas.

pelo-mundo.blogspot.com.br
decidir viajando.blogspot.com.br

9.5.2 Fotos aulas 2 e 3



9.5.3 Atividade das aulas 1 e 2 feita pelos alunos da turma 1C



Nome: Nicde Oliveira

Serie: 1ºc

Respostas: Atividades das aulas 1 e 2.

1) Ele estruturou os diários baseando nos serviços que ele fez na sua viagem, e assim fez uma narrativa parecida com seu diário.

2) A viagem que ele fez ao México.

3) Por ser público havia pedido a para relatar sua viagem e escrever um livro.

4) Porque nem tudo era como as pessoas pensavam, havia surpresas nos locais e diferenças culturais.

5) Alguns tipos de comidas como Coxaca e sua preparação típicas um pouco das tradições do México para mostrar um pouco da cultura mexicana e também para refrescar o estômago de bei refrigerado e também paella mexicana.

6) Em um fusca

7) "... depois de experimentar o estômago de bei refrigerado e paella mexicana deu um presente para o vendedor."

8) no presente e nos vezes no passado

9) sim.



10) passa do "... o mercado popular que visitamos

lilibré



na cidade de México operava "casas quercis".
Casas que já haviam acontecido, pois usavam
relembra um viagem.



UFSC - CA - CED

S	T	Q	Q	S	S	D
□	□	□	□	□	□	□
L	M	M	J	V	S	D

 SEN

Florianópolis, 22. de maio de 2012

Língua Portuguesa

Aluna: Juliana Neves

1º ano C

• aulas 1 e 2

1. O livro de Zeca Comarço não possui a estruturação que é comum nos livros em geral. Ele possui bastante fotos, notas no rodapé e diversos subtítulos dentro do texto como se fosse um "diário de bordo" ou algo semelhante.

2. É relatada a visita de Zeca ao México

3. O autor estava viajando para fazer um quadro no "Fantástico" com reportagens sobre cada lugar que ele iria visitar no sua volta ao mundo.

4. Porque as pessoas exclamam para ver os destinos de Zeca, o México, lugar dos "mariachis" (cantores típicos mexicanos)

5. Ele comeu uma "pancota de buey", paelle mexicana, uma travezimba de carne, comelina, etc. Pois são comidas típicas da região que ele foi visitar.

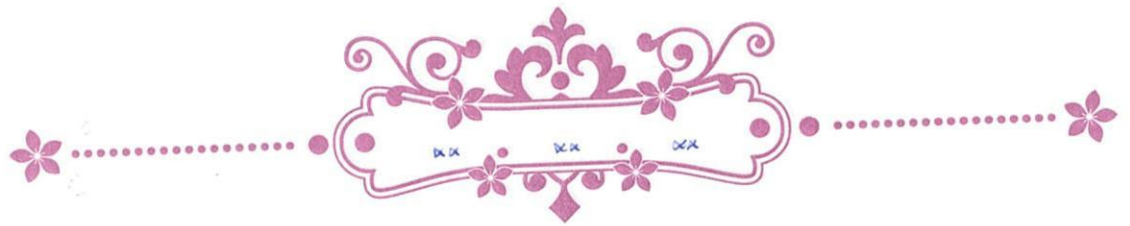
6. Ele foi com um furca (2002) para Mulec com o auxílio de um mapa dividido, requere o autor.

7. Sim, os textos não bem descrevem. Exemplo: "Mas somos a própria cidade, que é bem bonita e, pelo mesmo centro histórico, tão pacata quanto uma cidade do interior do Brasil. Tem ruas de pedestres, ideais para apreciar a arquitetura, que é bem hispânica. (...)" - pág. 22

8. Os verbos não empregados em 1ª pers

9. Há pessoas que Zeia encontrou durante a viagem que ele cita no texto, contando um pouco sobre cada um.

10. Predomina o passado, e alguns pontos no presente. Ex.: "Mas somos a própria cidade" (presente), "O que queríamos lá?" (passado).



Universidade Federal de Santa Catarina

Colégio de Aplicação - ced

Nome: Camila do Couto Maia

Série: 1º C

Compreendendo o texto lido

- 1- O livro é montado lembrando uma revista. O leitor sempre tem que folheá-lo.
- 2- Viagens realizadas por Zeca Camargo.
- 3- Está viajando para um quadro do Fantástico.
- 4- Porque quem escolheu o país foi o público.
- 5- Comeu comidas típicas. Acho que ele descreveu isso porque tem de ser de cultura de cada país, e é bom saber na hora de viajar.
- 6- Se locomoveu de Jeca.
- 7- Sim, "toda decorada por dentro, com esculturas, pinturas e relieves riquíssimos".
- 8- 1ª pessoa, do singular e plural.
- 9- Sim.
- 10- Alguns apresentam-se escritos no presente, mas ocorrirem no passado.



9.5.4 Atividade das aulas 3 e 4 feita pelos alunos da turma 1C

D S T Q S S 03/05/2012

Respostas!

- 1- Testes estruturados de forma não muito formal com fotos, vídeos.
- 2- Achei interessante, já tinha visto de pessoas que viajavam e faziam comentários pelo Twitter mais que tinham uma conta só para isso não.
- 3- Eu acho que eles se impressionaram com a paisagem.
- 4- A diferença é que ele está fazendo a viagem a bordo e que conta mais a sua experiência, ao contrário de Zeno Bromberg que falou mais da cultura.
- 5- Ele relata sobre a dificuldade que ele tem de chegar a um certo pedaço de terra.
- 6- Sim peraltá. "Um verdadeiro espelho, com ruelas de gelo, que refletia as montanhas em volta de Hongfiji e a linda península, Bikemtikandhalmeya."
- 7- Na primeira pessoa.
- 8- Sim.
- 9- Parado. "O Paratiti estava totalmente encoberto de gelo."



Felicitópolis, 08 de maio de 2012

Nome: Nícole Oliveira

Respostas

1) Sim, os blogs são estruturados na internet, de forma que cada dia Jéris que relatou algo do seu dia nesta viagem

2) Acho interessante, mesmo. Tenho visto algo assim. Importante como ele tinha se comprometido de todos os dias postar tudo de sua viagem, até mesmo relatar se que tinha um mês se não fazer um dia seguinte.

3) Não

4) A diferença é que se livro de Amya Klink sobre viagem estava sendo muito bom, no entanto ele relatava mais sobre os lugares que ele viu, sobre os países que ele se localizava um quanto se livro de Zeca Camargo relatava mais sobre os lugares que ele viu sendo destacado a cultura e a culinária, sua viagem era sempre por automóveis.

5) Amya Klink relatava os acontecimentos em si, de sua viagem, cada lugar que ele viu acontecia algo

7) Na primeira pessoa

8) Não; ele só ele mesmo relatando a sua viagem sem personagem algum.



UFSC - CA - CED

S T Q Q S S D
□ □ □ □ □ □ □
L M M J V S D

SEMANA

Florianópolis, 22. de maio de 2012.

Aluna: Juliana Neves

1º ano C

• aulas 3 e 4

1. Sim, eles são estruturados de forma mais sintética, contendo em cada post (geralmente de uma página) um pouco de cada dia, dividindo as etapas muitas vezes por locais visitados ou por meses.
2. Achei interessante, mas nunca tinha visto um assim. Apesar de ser bem mais simples é um suporte em que muitas pessoas acessam e às vezes acaba tornando mais interessante e variável do que um livro.
3. Se impressionaram com o modo de vida das pessoas do local.
4. O livro de Amyr Klink é mais poético mais com "cora de livro" do que o da Teca Comorço.
5. É relatada a chegada de Amyr Klink ao Polo Norte, na Mellen Island.
6. Sim. Ex.: "A ilha Mellen: apenas um fiavel de pequenos pedros com no máximo 2 metros de altura (...)"
7. São empregados em 1ª pessoa.
8. Há o Amyr Klink (autor/marcador) e o barco Paratii.

9.5.5 Relato de viagem segundo um personagem feito pelos alunos da turma 1C



Nome: Grubicele T. , Nicole OLIVEIRA 1ºC

2 - Um nativo da ilha de SC, que passei o terceiro grau...

Eu, me chamo Paulo, tenho 27 anos, meu natural da ilha de Santa Catarina, Florianópolis. Tenho o terceiro grau completo, moro no centro de Florianópolis e exerce a profissão de médico.

Meu filho, eu TINHA, quando viajei lá trabalhei para Chapecó, uma cidade do interior de Santa Catarina. Em Chapecó, trabalhei como voluntário num hospital público da região, onde atendia pessoas carentes com doenças de difíceis curas.

Nos outros três dias da semana trabalhei aqui em Florianópolis na clínica "Vida", como pediatra.

Quando viajei para Chapecó, costumo dormir em hotéis da cidade, mas o hotel nem era tão bom assim, os cobres eram duras e o quarto tinha cheiro de mofo, raramente eu encontrava hotéis adequados no lado do ^{olho, olho,} praia e todo perfume ficava no nariz. Com minha ^{chegada} no hospital, quando em vez de ser atendido de novo pacientes com a minha chegada, via o médico trabalhar (oh), mais tinha que fazer valer, se tornava difícil pois, minha tem que ajudar pra eles que os que haviam não tinha cura, mas havia tratamentos. Ria, me divertia com todos os pacientes, na noite quando voltava para a casa, voltava feliz de mais com o trabalho feito.

Nome: Stéphanie Garcia Billan

Kainah Nunes Aragabrja

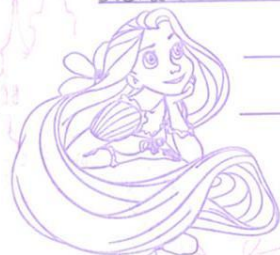
S: ano do Ensino médio, turma C

Masba tchê, vou te contar uma história, que me aconteceu quando viajei para a capital, pra comprar uma máquina pra ajudar no serviço do campo.

- Eu acordei bem cedo, botei minhas bombacha, tomei um banho de um chimarrão e parti pra rodoviária. Peguei minha passagem e entrei no ônibus. Logo se sentou um aqui do meu lado, muito bem vestido, aqui completo, com aqueles fone infodô no ouvido e, logo comemos a viajar.

Quando cheguei em Porto Alegre, tá lá andando no meu walkman e cá do tchê aqui, o ônibus parou e a ponte que passa por cima do rio Guaíba começou a se levantar, fiquei assustado, mas o aqui do meu lado logo tratou de me acalmar e falou que a ponte do capital é assim mesmo e o levante pro dia e as grandes barcos passaram. Bah, fiquei impressionado com a tecnologia tchê.

Bem, mas quando cheguei na rodoviária peguei a estação e fui pra convenção, cheguei lá e logo os moço me ofereceram um chimarrão de bem, passamos a tarde prozional quando olhei pro relógio e já era 17:30hrs bah sai correndo peguei o metrô e desci lá na usina do gásômetro e fui ver o pôr do sol no Guaíba, depois, saí correndo pro pegar meu ônibus e voltar pro casa tchê



Tchê, em certos dias, fui viajar para as
lambas de Porto Alegre, meu patrão (patron)
~~para mim~~ conhecer novos equipamentos e delícias me disse
- O Guilherme, não para POA, para ver
os novos equipamentos, e os novos meios de
reprodução animal.

- Mas patrãozinho, o problema é minha família
aqui Tchê.

- Prefere ir ou perder o emprego?

- Tchê, já estou lá.

Batei minha lombada, deixei o salário chucro
e fui direto para a Rodoviária. Procurei meu ônibus,
achei: Euchim X POA, e este mesmo que fui, Tchê,
ônibus apertado, no meio do caminho o ônibus
quebrou, subi toda minha malação, daí peguei
a malação e botei logo para dentro, (dentro da
malação) Tchê, chegando nas lambas de Porto Alegre, desci
na fora do ônibus, e pegar a malação e
entrar para mim Tchê, fui até o ponto de
ônibus e perguntei para se me poderia ir lá para
o patrão agradecer, o mesmo, feito, logo, o
ajud, me disse que sim - Foi sobre o cenário
de POA, lugar lindo, rico e (quase) com muitas
coisas lindas, grandes, de flores, etc. etc. Peguei
o patrão, perguntei aonde que eu iria dormir,
me falaram que eu iria em um hotel, cheguei no
momento, fui até meu apartamento e de quarto

era paltão, alto, esbeto, moreno forte,
acum, além daqueles que dão calor a cultura
com uma lambada grande, lá das lambas de
Caxias do Sul. Meu dia acabou cedo, quando
tal se pôs fui dormir com Paulão, um bom
muito simpático, a noite foi incrível, dor
no muito bom. Fui a feira, ~~o~~ mesmo
formoso, muito animado, calor de l ale
nem entendia nada o que os ingleses falava, n
gostei muito. Fim de tarde, voltei para m
Terinho Tchi, cheguei em minha casa, comei
saceti nho quente, e acabei meu relato



Alunas: Cibele e Juliana

Data: 08/05/10

Turma: 1^oC

o tal computador.

Certo dia resolvi pegar minha carroça pra me comunicar com o meu filho via computador.

Depois de 3 horas em um cansativo sapecado comecei a ver os prédios no horizonte; chegando mais perto comecei a sentir o asfalto em baixo das rodas da minha charrete.

Quando chei de volta já estava lá, deixei-me minha charrete em um canto ali, e fui a procura do tal computador.

Encontrei um pessoal num canto da rua, e decidi perguntar sobre o tal computador.

- Vocês viram em algum lugar um computador pra mim usar?

- Pô mãe tu pode usar o wi-fi ali do lado.

- Vai que? dou ajuda meu filho?

O meio era mau incurado e então resolvi sair logo de perto. Entrei em um prédio do lado, para procurar um computador, me dirigi aos balcões, o senhor falou comigo.

- O que o senhor deseja?

- Um computador por favor.

- Você é de onde? que deseja com um computador?

- Quero mandar uns Fax de uns documentos pro meu filho.

- 4 reais agora!

Dei meu dinheiro todo para o cara, e me sentei em frente ao computador, como usar aquela coisa. Comecei a escrever o documento para o meu filho com uma folha, quando terminei não achei o burraco para botar no tal computador. Não achava o ai burraco de jeito nenhum. Achei que era melhor pedir ajuda para o Sembar do balcão.

- Sim, pode mandar esse documento para o meu filho? Não dá para confiar no computador!

- Você devia digitar nele, não confiar em nenhum lugar, mas se o Sembar quiser deixe aqui que meu ajudante pode digitar para você, só deixar o email do seu filho!

- Te deu esse papel que o meu filho me deu. E muito obrigado agora.

Cacete legal! um cara gentil nessa cidade estranha, me dirigia a saída, em cima do prédio tinha uma placa escrita Lam haude, coisa estranha, para que botarem um nome des states ai.

Andei a procura da minha carteira, quando entrei no beco onde a tinha deixado, uns caras vieram em minha direção, me seguraram e um falou:

- Passa a grama agora.

- Não tenho grama agora.

O outro cara apontava um um fogo de ferro estranho para mim. O que estava me segurando me jogou no chão.

- Sou o mano, vamos embora os milico não aqui pô.

Eu não tinha motado, mas os moço saíram correndo só

CAPRICHOS

por causa do carro de luzimbrados policiais no fim do beco, não estava ligado para isso, Uma coisa eu queria saber! onde estava a minha carroça, eles pegaram se pode!!!

Os tais policiais vieram me perguntaram para onde foram os moço, eu menti, queira a minha carroça. Os policiais acabaram me dando Carona até minha casa, pois tinha falado para eles que me roubavam.

Pô nunca mais. Tenho enviar nada para o meu filho maquete joça de computador, quite me a vida.

9.5.6 Orientações para a viagem

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA/CED
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Senhores Pais e/ ou Responsáveis,

Vimos, por meio deste, comunicar-lhes que será realizada, no dia 17 de maio de 2012, uma Saída de Estudo para as Ilhas de Ratonas Grande e de Anhatomirim, com os estudantes dos Primeiros Anos do Ensino Médio, turmas A, B, C e D, por via marítima.

Os estudantes serão acompanhados pelos professores: Nara e Rafaela (LP), Márcia (MTM), Ivan (BIO) e Marcos Aurélio (QMC) e de cinco estagiárias da disciplina de LP.

As atividades consistirão de observações, anotações, entrevistas, registros fotográficos e ilustrações dos diferentes espaços que serão observados ao longo de todo o trajeto, bem como das ilhas visitadas.

Roteiro: Encontro: 8h no Trapiche da Scuna Sul-Centro; Saída do barco: 8h30min; Passagem embaixo da ponte Hercílio Luz; Vista panorâmica da cidade; Passagem pelas Ilhas dos Guarazes; Visita à Ilha de Ratonas Grande - Fortaleza de Santo Antônio (séc. XVIII); Visita à Ilha de Anhatomirim - Fortaleza de Santa Cruz (séc. XVIII); Visita à Baía dos Golfinhos (Área de Preservação); Parada para almoço: Restaurante O Porto, no Município Gov. Celso Ramos; Retorno ao Trapiche da Scuna Sul: aproximadamente 14h30min. (www.scunasul.com.br)

Salientamos a importância da participação de todos os estudantes, uma vez que esta atividade dará subsídios ao estudo dos conteúdos propostos em sala de aula e o registro *in loco* das transformações espaciais, sociais, históricas e ambientais ocorridas nas ilhas de Santo Antônio de Ratonas e de Santa Cruz de Anhatomirim. Além disso, a vivência de uma situação de viagem de estudos com características bem específicas, ou seja, na condição de um viajante que olha a terra a partir do mar, proporcionará ao estudante uma melhor compreensão do espaço em que ele está inserido. Quando mudamos o foco, passamos a enxergar a realidade com outros olhos.

Avaliação: Será feita através da participação dos alunos durante o trabalho de campo e da elaboração de um Relato de Viagem, constituído dos registros verbais e visuais realizados durante toda a viagem (desde a saída até o retorno).

LEMBRETES:

- *Trazer: prancheta, lápis, borracha, papel, máquina fotográfica por grupo e o Roteiro.
- * Levar: lanche, água, boné, protetor solar, repelente e, em caso de frio, agasalho apropriado.
- * Usar roupas e calçados confortáveis para caminhar.
- * Custo: R\$ 41,00 (Transporte marítimo, ingresso para entrada nas ilhas e almoço).
- * Em caso de chuva, a saída será adiada para a semana seguinte.

Obs.: 1. Conseguimos, com a Scuna Sul, um desconto de R\$ 4,00 no transporte marítimo.
2. Estamos pleiteando, junto ao Projeto Fortalezas da Ilha de SC, a isenção do ingresso (R\$ 5,00) para entrada nas ilhas. Se tivermos a confirmação da isenção, devolveremos esse valor.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

COLÉGIO DE APLICAÇÃO/CED/UFSC

AUTORIZAÇÃO

Autorizo meu filho (a)..... a
participar da saída de estudos que se realizará no dia 17/05/12, das 8h às 14h30min.
Florianópolis, ___/___/2012.

Assinatura dos pais ou responsáveis

9.5.7 Roteiro de atividade sobre a viagem

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1ª SÉRIE

DISCIPLINAS: BIOLOGIA, GEOGRAFIA, HISTÓRIA, LÍNGUA PORTUGUESA, MATEMÁTICA e SOCIOLOGIA

PROFESSORES: IVAN, DANUZA, KAREN, MÁRCIA, MARCOS AURÉLIO, MARIVONE, NARA e RAFAELA

ESTAGIÁRIAS (LP): PAULA RODRIGUES, XÊNIA CONRAT, CECÍLIA VIEIRA PINTO, CAMILA POLLNOW, MARIANA HOFFMANN

DATA DA ENTREGA: 24/05/12

ROTEIRO RELATO DE VIAGEM – SAÍDA DE ESTUDOS: FORTALEZAS

Seguem alguns itens que devem constar no relato:

1. Capa de acordo com as normas da escola.
2. Dados objetivos:
 - a) participantes;
 - b) data, hora e local da saída;
 - c) roteiro da viagem;
 - d) descrição da embarcação/meio de transporte utilizado;
 - e) condições climáticas;
 - f) outros.
3. Orientação geral: Vocês produzirão um relato de viagem, cujo objetivo geral é registrar uma saída de estudos e atribuir sentido a esta vivência, relacionando-a aos conhecimentos trabalhados nas disciplinas envolvidas. Dessa forma, os professores destas disciplinas são os destinatários imediatos do relato. Para além destes destinatários, pensem em um interlocutor que não conheça Florianópolis, portanto não tenha nenhuma informação sobre o trajeto e as características (históricas, sociológicas, geográficas e ambientais) das ilhas visitadas. Para dar uma visão geral dos lugares avistados, vocês precisam fazer descrições com riqueza de detalhes e apresentar informações específicas sobre a viagem em si e sobre os aspectos observados nos locais visitados. Lembrem-se de que, nesses locais, viveram pessoas, estabeleceram-se relações sociais, políticas e econômicas. O resgate destas memórias, apenas pelos vestígios deixados é muito importante para o relato. Ao longo do relato, deverão ser acrescentadas impressões, emoções, reflexões sobre tudo que for observado e registrado.
4. Ilustrações (fotos, desenhos, infográficos, croquis, mapas...). Na forma de um álbum no meio ou no final do relato.
5. Aspectos formais: Adequação ao gênero, aos objetivos do relato e aos interlocutores, organização do relato (texto verbal e visual), sequência lógica das idéias, clareza, coerência, coesão, adequação da linguagem (vocabulário, ortografia, concordância...).

9.5.8 Relato de viagem feito pelos alunos da turma 1C

Universidade Federal de SC
Aluna: Camila Maia – 1º C

9,5
9,5

Rumo a Minas Gerais

Dia 8 de agosto de 2011, e lá estava eu indo rumo a Minas Gerais. Com o projeto Pés na Estrada do Colégio de Aplicação, nós alunos da 8ª série de 2011, fomos para MG fazer uma pesquisa em campo, que nos ajudaria a elaborar um projeto audiovisual para a atividade de IC.

Já era quase de noite quando partimos em um ônibus para realizar a tão esperada viagem do ano. Algumas paradas, alguns cochilos, brincadeiras e um caminho longo e cansativo. A estrada, às vezes não tão boa, atrapalhando um pouco na hora de dormir, mas no final valeu a pena.

Chegamos a Tiradentes (uma das cidades históricas que visitamos) de manhã cedo ainda, e a partir daí fui conhecer o hotel, meu quarto e a pequena cidade. Junto com a turma, fomos a lugares importantes que marcaram a história. O que eu mais fazia? Tirava fotos e mais fotos. Detalhe que antes de chegarmos à última cidade visitada, já estava com a memória da máquina fotográfica cheia e tendo que poupar espaço para fotos mais importantes que poderiam vir.

No hotel de Tiradentes, foi legal tomar banho de piscina, andar pelos quartos e jogar um pouco de sinuca. Lembro que eu ia dormir completamente cansada em virtude do tempo pelo tanto que andávamos pela cidade. Fora Tiradentes, ainda fomos a São João Del Rey e Ouro Preto, outra cidade onde uma coisa muito comum a se fazer era "andar". Lá visitamos museus, restaurantes com comidas típicas, como um 'torresminho', um 'tutu', e de sobremesa aquele maravilhoso 'doce de leite'. Fora os pequenos intervalos comendo pão de queijo. Ainda mais legal era fazer os passeios nas minas, e fingir...? *faltava o resto da noite*

Apesar de a minha família paterna ser de Minas Gerais, nunca tinha conhecido o Estado, e essa viagem foi uma grande oportunidade. O clima fazia com que algumas horas eu sentisse calor, e outras não, um clima não muito estável. As casas simples, sem muito luxo, algumas pessoas hospitaleiras e outras que pareciam estranhar aquele "bando" de adolescentes curiosos, que era o que mais parecíamos no momento.

Antes de voltarmos para Florianópolis, visitamos Mariana (outra cidade histórica), e para chegarmos lá andamos de trem. Foi a primeira vez que fiz um passeio desse tipo. Quando chegou a hora de voltar para casa, gastamos a mesma quantidade de horas que gastamos na ida, fizemos mais paradas, mais cochilos, tentativas de ver algum filme dentro do ônibus, ou a tentativa de tentar usar a internet 3G.

Eu particularmente adorei fazer a viagem para Minas Gerais, porque foi muito divertido, e muito bom para a melhor elaboração do projeto que tínhamos que fazer. E acho que não vou esquecê-la tão cedo.

Camila,

Seu texto está excelente, está bem escrito, limpo e gostoso de ler. Ele está adequado ao gênero relato de viagem, pois descreve e narra

Sua ~~intenção~~ ^{intenção} e este adequado à norma padrão e estrutura textual.
Procure atentar para o uso das vírgulas, de acordo com as orientações da correção.

Continuus, progredindo,

Gabriello Luizetti Pedro 14105

Colégio de Aplicações - UFSC

Aluna Maria Eduarda Vieira Barreto

Turmas 1º C

710

É um mais
pouco de espaço
nos parágrafos
Título?

Na minha última série, tivemos duas viagens de estudos: uma pra Itá (no centro de Santa Catarina), e a outra para Minas Gerais. Na minha opinião, a melhor foi a de Minas que é justamente a que eu vou descrever aqui.

Ficamos aqui um um dia de manhã, na maior animação e despedindo dos familiares e nos organizamos ^{em} ~~em~~ dois ônibus. Seguiamos numa viagem tranquila, de repente se agitou. Depois de ficarmos horas e horas sentados no ônibus, de repente ~~de repente~~ contaram, depois de passarmos por ~~por~~ ^{pelos} ~~impresvidos~~ de ~~de~~ ~~os~~ ~~ônibus~~ ~~de~~ ~~os~~ ~~que~~ ~~voltar~~ ~~para~~ ~~ir~~ ~~por~~ ~~outras~~ ~~ruas~~, chegamos finalmente.

Fomos para Ouro Preto, Mariana, São João del-Rei, Tiradentes, as cidades históricas de Minas, nos divertindo, pesquisando, fazendo entrevistas para o nosso trabalho, que, por sinal, com a ajuda de todos nós se tornou muito agradável.

Os mineiros ficaram curiosos para saber quem era aquele bando de adolescentes com a camiseta "pão na estrada".

Uma grande ^{decepção} ~~decepção~~ que em, particula- mente, direi, foi o pão de queijo.

Por quê? Bem melhor a sua decepção.

O que é este projeto? ~~é~~
Descreva melhor para que possam ter long.

© SANRIO



Maria Eduarda,
gostei de seu texto! Só achei com um gostinho de
"quero mais".

Perceba como é bom lembrar e organizar os aconte-
cimentos no papel. Talvez, seria bom você detalhar
um pouco mais os fatos.

No dia 15, você irá relacionar este texto com o
livro que está lendo. Preste atenção nas minhas anota-
ções e arrume tudo para a nova versão.

Senti falta de uma explicação do que seria o Projeto
Pés na Estrada e o que foram fazer lá realmente.

Insira também mais descrições sobre as cidades que
visitou. Elas eram parecidas com que lugares que você já
conhecia? E as pessoas que encontrou, como elas eram?

Vamos continuar o trabalho?

Cecília

13/05/12

Colégio Aplicação UFSC
nome: Stéfanie Garcia Bilhan
matéria: Língua Portuguesa

9/9

+ Relato de viagem

Minha primeira viagem Turística.

Uma das minhas viagens mais marcantes, foi quando fui com meus pais para uma viagem Turística em Lençóis, no Bahia.

Logo cedo, saímos de Brejeiros, Bahia, com a carroça, eu, minha mãe e meu pai, já estava mais acostumada com a paisagem seca da região, mas aos poucos, quando estamos chegando ao destino, muitas montanhas e pedras enormes com vários tipos de forma vão se misturando com a paisagem.

Chegamos em um hotel, ele era como todo o resto da cidade, com sua estrutura antiga, provavelmente tombada para que se preserve, os monumentos históricos. A cidade muito limpa e organizada, um clima calmo e extremamente antigo, mas nós fomos pra lá principalmente para conhecer os pontos turísticos naturais.

Nas paradas foram bem diferenciadas, alguns lugares que me lembro, foi de umas cavernas com umas toncas super estranhas, entramos em cavernas, acompanhado de guia, fizemos muitas trilhas, com minhocas ao lado de penhascos, conhecemos etelognites e as etelognites, vários tipos de pedras dentro das cavernas, umas com formas de animais outros parecem ter gliter de tanto brilho que continuam a tua paradas foi a de um lago enorme que era um lago azul, que enchergávamos por cima em longa distância, nesse lago

teria alguns aspectos a ser feitos, mas não arrisquei nenhum, mesmo mesmo logo, houve alguns guias que nos proporcionaram a uma entrada dentro de um caverno por baixo d'agua, onde viamos varias tipos de animais, ate mesmo tartarugas - marinhas, meu pai foi até o final do passeio, eu e minha mãe fomos até a metade e voltamos, pois, estava muito escuro e eu estava com medo.

Em umas das trilhas que fizemos, chegamos a um lugar onde tinham varias pedras e se voce raspasse em diferentes lugares da pedra havia uma area de cor diferente, isso aqui é muito utilizado para artesanato por lá, e ate transformamos uma lembrancinha.

Já em outra trilha, entramos em um lago de cor escura, cor de chocolate, logo a frente, um local muito populoso, onde é uma pedra enorme lisa que estende muita agua e de acesso a um lago, praticamente um lago natural.

Passamos por varias cachoeiras e eu enteei em todas elas, fizemos trilho até mesmo com cercas, passamos pela famosa "Garganta do diabo" que é um famoso rio no região, experimentamos varias comidas típicas do região, e com isso que não fiquei muito fã.

Nessa semana tinha chegado ao fim, era hora de voltar pra casa, mas se meca se esquecer daquela semana e a certeza voltarei lá. Stephanie, ame o seu texto!

Não foi bom lembrar e organizar os acontecimentos no papel? No dia 15, vai ir relacionar este texto com o livro que está lendo. Preste atenção nas minhas anotações e arrume tudo para a nova versão.

Senti falta de uma descrição maior das pedras que encontramos na viagem. Como elas eram?
Vamos continuar o trabalho
Cecília
14/05/12
Lara?

9.5.9 Fotos alunos no passeio para as fortalezas



Alunos a bordo



Ponte Hercílio Luz



Estagiárias com a professora regente da turma 1C



Estagiárias com a professora regente das turmas de sextas séries



Alunos da turma 1C



O sol que resolveu aparecer no meio do passeio



9.5.10 Fotos Bahia dos Golfinhos



9.5.11 Fotos Fortaleza de Santo Antônio de Ratonés



9.5.12 Foto das três turmas de primeiro ano do Esino Médio do Colégio de Aplicação



9.5.13 Fotos Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim



9.5.14 Texto de um aluno da turma 1C usado para análise linguística

Análise Linguística:

...Nilton também viajou por muito tempo Ele foi para a Espanha atravessar os montes Pirineus.

Assim como ele teve muitas aventuras subi e desci ladeiras, fiz trilhas, conheci igrejas e etc... Mas uma coisa é certa a relação das duas viagens, a grande relação envolvida é a presença e a importância das antiguidades. Na Europa os monumentos, os caminhos, em Minas as “cicatrices” da (...) de exploração.

Referência:

Trecho extraído da produção textual de um dos alunos da turma do primeiro ano do Colégio de Aplicação.

9.5.15 Primeira versão dos textos dos alunos da turma 1C corrigida



DUAS Viagens...

Sofia Azeff - 8.º C

Português, Prof.ª: Nora

Cecília e Gabriella (prof.ªs estagiárias)

* Autora:

Daphne Du
Murier

↳ mais espaço nos parágrafos

Primeiramente, quero dizer que o livro que li na qualidade de ficção, mas mesmo assim não perde o caráter descritivo e igual de um real relato de viagem. Seu nome é "O monte Verità" ^{de Daphne Murier} e é o nome dos amigos. ^{A história se dá aproximadamente nos anos 1920. por aí, enfim.} Os dois amigos tinham verdadeira paixão por escalar montanhas e em sua juventude escalaram várias, mas teve uma em especial que foi marcante. ^{Esta é relatada e recebe o nome do livro.} ~~É da ao título e ao nome do livro.~~ ^{no novo parágrafo} O monte Verità é uma "divina" (literalmente) e enorme montanha em algum lugar interior da Europa. ~~se não me engano Itália.~~

Saindo um pouco da história do Monte Verità, minha viagem ~~que de certa forma, como a dos dois amigos, também foi o lazer.~~ ^o So que não escali nenhuma montanha, nem encontrei moradores de uma aldeia antiga no meu destino.

^{Em} Ah! ~~Porém~~ ^{os} ambas viagens, tanto ^{os} eu e minha família acampamos com barracas e etc.

- D



Mas assim como eu ^{me sinto} sei que Victor,
e o amigo dele, nunca não esquecer o
sentimento que tiveram quando chega-
ram e viram, pela primeira vez, o
monte Veritá. Assim como eu.

Sofia,

Seu texto está ficando muito bom!

Atente para as minhas anotações e arrume para a
segunda versão.

Você pode inserir mais coisas que você já escreveu
em seu relato de viagem para Punta Del'Este.
Não esqueça de descrever sua locomoção, a cidade
e as pessoas que encontrou. Cite como ~~por~~ tudo isso
é apresentado no livro que leu.

Vamos voltar ao trabalho?! Tenho certeza de

Cecilia

17/05/12

que seu texto fi-
cará bem completo
em nosso blog!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO
NOME: Barbara Raquel dos Santos
TURMA: 1º C

87/000

Título?

Eu não tenho muitas histórias de viagem, ao contrário de Mel Lirio, autora do livro "Mundo afora, diário de bordo de Mel Lirio", que viaja para diversos lugares do mundo.

Minha viagem para Balneário Camboriú foi curta, pelo motivo de eu estar de aniversário e não estar com meus pais, tive que voltar para comemorar com eles. Mel Lirio, diferente de mim, segue um roteiro dado pelo programa "Mundo afora" da GNT e passa por diversos lugares e culturas diferentes.

Balneário não difere tanto de Florianópolis em termos de cultura e até mesmo alimentação, ^{casas} pizzarias, churrasquias, restaurantes especializados em frutos do mar e etc. ^{Novo Parágrafo} Com meus passeios pelo lugar, não tive a curiosidade de conhecer a religiosidade, como Mel fez em todas as viagens, fazendo questão de mencionar em seu livro toda a religiosidade dos lugares.

^{A minha} Foi uma viagem a tanto, apesar de ter ocorrido alguns imprevistos, como dias nublados ou até mesmo chuva, mas quem não passa por isso? No livro de Mel Lirio ela também relata estes momentos. Mas, enfim, foi maravilhoso e deixarei este lugar sempre comigo no coração, assim como eu acredito que Mel também guardou cada lugar em que ela passou em sua memória.





Barbara, estou gostando de ver!
Seu texto está ficando muito bom.
Atente para as minhas anotações e arrume
para a segunda versão.

Coloque ^{também} na segunda versão suas descrições
citadas no seu relato. Fale sobre o parque, o
hotel... Aproveite isso e coloque informações
que Mel Lisboa traz em seu livro.

Tenho certeza que seu texto ficará bem
completo para o nosso blog!

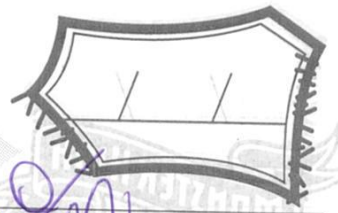
Cecilia
16/05/12



tilibra



Cibele f°C



Hans Staden X Minas Gerais

90/100

Minha viagem começou no dia 29 de agosto de 2011, já Staden iniciou sua viagem em 1548 e durou sete anos e meio, já a minha foi mais curta demorou 24h para chegar ao meu destino, que era Minas Gerais, diferentemente da estrada, já Staden viajou pelo mar em caravela, de Portugal e Espanha rumo ao novo mundo da América.

Estes parágrafos ficaram um pouco confusos. Eu vou reescrevê-los na outra folha, ok?

Minha viagem, no fundo, tem a ver com a ^{vida} vida de Hans Staden, pois foi ^{na época} perto das descobertas do tal "novo mundo" que trouxeram os escravos, e a "vida" para ^{estudo} ~~estudo~~ para qual eu fui. Foram eles que construíam as tantas igrejas tanto de São João del Rey, de Ouro Preto, Tiradentes e Mariana, as quais visitei para minha pesquisa.

Em meio aos trabalhos da minha viagem, ^{ocorreram} ~~ocorreu~~ muitas brincadeiras, bambas de piscina ~~em~~ Tiradentes, etc. Mas ^{também} ~~é~~ ^{teve} a medo, tanto no hotel na hora de dormir, quando no ônibus indo para Ouro Preto, pois os professores contaram histórias de um grupo de alunos que, indo para Ouro Preto morreram ~~mas~~ e ninguém nunca soube deles, nem eles próprios sabiam que tinham morrido. Assim ^{Novo parágrafo} como Staden ~~mas~~ ele naufragou na Costa ~~de~~ de São Paulo ~~mas~~, um dia, ele ^{capturado} ~~capturado~~ e levado cativo ~~de~~ ^{por} uma tribo Tupimambá. Desde o início, ele tinha percebido que a intenção dos tupimambás





era de ^{deveras} ~~diversas~~ ^{deveras} Segundas Ele conta no Livro, era a
começada (Constantemente) de morte.

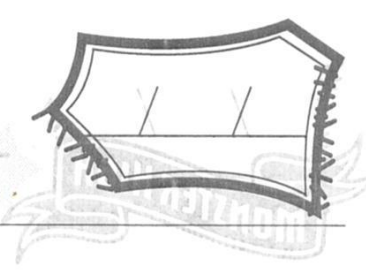

noimas Gerais era muito diferente da
minha cidade, tanto no modo de vida, a geografia
(tinham muitos morros), e também, uma coisa diferente
é o Sotaque bem carregado ^{que eu} ~~racava~~ até bem alto.

As Casas ^{eram} todas diferentes e de ^{construção} antigamente, ~~foi~~
Staden, quando chegou no "novo mundo" descreveu
os nativos como nus e devoradores de homens. (9)

Livro que Li mostra as ^{questionáveis} formas de colonizar
empregadas na conquista de outros continentes, ^{além de falar sobre} ~~o~~
inevitável choque cultural entre o chamado "selvagens" e
"civilizados".

Eu ~~era~~ fui para noimas para fazer o
Trabalho do projeto "pela estrada do conhecimento
e iniciação científica", ^{um} que tinhamos que pesquisar
sobre um tema: Minha ida para noimas serviu
para fazer o meu projeto e mostrar como
era antigamente nas cidades históricas que
visitei. ~~foi~~ ^{foi} a viagem de Staden serviu depois
para mostrar que mundo como "realmente" era
o "novo mundo", ter uma visão diferente.

noimo viagem terminou só dois dias depois que
começou, com muitas lembranças boas, e
alegras e ^{outras} ~~as~~ ^{vezes} ~~mas~~ ^{tanto} ~~na~~ ^{Staden}
para regressar e levado de volta para Portugal
por volta de 1554 com, eu meu Net, muitas
lembranças de medo e horror obtidas



Com o "confinamento" em meio aos
tupinambás.

1º Parágrafo:

Minha viagem começou no dia 29 de agosto de 2011. De-
morei 24 horas para chegar ao meu destino, Minas Gerais. Sta-
den iniciou em 1548 sua viagem que durou sete anos e meio.
Enquanto eu dormi com o balancço do ônibus na estrada,
Staden viajou pelo mar em caravela, de Portugal
e Espanha rumo ao Novo Mundo da América.

Cibele,

Seu texto ficou muito bom!

Atente para as minhas anotações e arrume
para a segunda versão.

Você pode inserir mais coisas que escreveu
em seu relato da viagem para Minas.

Tenho certeza de que seu texto ficará bem
completo para o nosso blog!

Hans Sadem primeiros registros escritos e ilustrado
sobre o Brasil e seus abtamentos | Editora Terceiro Nome



9.5.16 Segunda versão dos textos dos alunos da turma 1C corrigida

| |

Nome: Vitor Santos
Série: 1º

De Fortaleza para ^{Legal!} a Póla 9.0
9.0

Quando eu tinha 9 anos fui para Fortaleza, no Ceará, com meu pai, meus irmãos madrinha e meus irmãos. Foi com a família da minha madrinha que mora lá, ~~foram~~ ^{foram} duas viagens. Foram em Natal, na Rua Grande do Norte e em Baré, na Suíça, ~~em~~ ^{em} as ocasiões estarem todos lá.

Viagens após o natal e fui de avião, ~~uma~~ ^{uma} viagem longa que durou horas, ~~que~~ ^{que} parecia uma vida. Imaginei assim Klank, em duas jornadas de 20 meses navegando do pólo sul até o pólo norte, sempre politaris com seu barco Parati.

Minhas estadia durou uma década. ~~ela~~ ^{ela} e fiquei na casa dos pais da minha madrinha. Na ~~ocasião~~ ^{ocasiões} ~~encontro~~ ^{encontro} pessoas e ~~isso~~ ^{isso} eu não posso dizer de assim Klank, ~~para~~ ^{para} ele ~~combuiu~~ ^{combuiu} algumas pessoas, ~~mas~~ ^{mas} ~~para~~ ^{para} pensar. Ele passava a maior parte do tempo ~~fazendo~~ ^{fazendo} eu com pinguins e outros animais.

credeal

Durante a viagem, comprei souvenirs das mais diversas, como camisetas, conchas nativas, bonês de personagens ficcionais entre outros, o que me fez lembrar das pedras recebidas por Annis Klink nos pólos.

Passo o reveillon lá e voltei dois dias depois, foi um momento marcante de minha vida, pois foi minha primeira viagem de avião e minha pelas águas de Tóquio que são sempre ^{gram} mágicas, como também peço a Annis Klink, mesmo assim tenha certeza de que nós nos divertimos muito. Melhorar!

Lição: Entre Dois Pólos ✓

Vitor,

Você seguiu as orientações da correção e conseguiu deixar seu texto mais coeso, limpo e claro de ler.

O final poderia ter ficado ainda mais criativo, mas conseguiu deixar o texto harmonioso.

Agora é hora de digitar seu texto! Precisa corrigir os aspectos de ortografia no texto e não esquecer de mandar para nosso e-mail: gabrielle.fkk@hotmail.com

Parabéns!

Gabrielle Klink Pedra 23105.





9,5
Cida

UFSC - CED - CA

NOME: Barbara Raquel dos Santos

DISCIPLINA: Português - Cécilia e Gabriela

TURMA: 1º C

Floianópolis, 22 de maio de 2012

Balmário e o Mundo fora

Eu não tenho muitas histórias de viagem, ao contrário de Mel Lurba, autora do livro "Mundo fora, diário de bordo de Mel Lurba", que viaja para diversos lugares do mundo.

Minha viagem para Balmário Camboriú foi muito curta e, pelo motivo de eu estar de aniversário e não estar com meus pais, tive que voltar para comemorar com eles. Mel Lurba, diante de mim, segue um roteiro dado pelo programa "Mundo fora" da GNT, e sem pressa ou preocupações, a autora passa por diversos lugares e culturas diferentes.

Balmário não se diferencia tanto de Florianópolis em termos de cultura e até mesmo alimentação: como pizzas, churrasqueiras, restaurantes e pratos ligados ao frutos do mar e etc.

Conheci vários lugares como o parque Unipraia^{PR}, que é maravilhoso, para acessá-lo, só há um modo: de Itaipó, só porque se encontra no topo de um morro, muito interessante, mas não tanto quanto os museus de diversos países que Mel Lurba visitou e se encantou. Em meus passeios pelo lugar, não tive a curiosidade de conhecer a religiosidade, como Mel fez em todas as suas viagens, fazendo questão de mencionar em seu livro toda a religiosidade dos lugares.

O hotel em que me instalei era lindo e confortável, o café da manhã era maravilhoso, tinha muitas variedades de alimentos. Mel Lurba em seu livro, faz diversos comentários sobre os hotéis que dormiu, até porque ela passava a maior parte do dia nas ruas, mas





deu a entender que os hotéis eram ótimos e os funcionários muito hospitaleiros.

A minha viagem foi incrível, apesar de ter ocorrido alguns imprevistos como dias nublados ou até mesmo chovendo, mas quem não passa por isso? No livro de Mel ela também relata estes momentos. Mas, enfim, foi maravilhoso e deixarei este lugar sempre comigo no coração, assim como eu acredito que a autora Mel também guardou em sua memória cada lugar em que passou.

Barbara, parabéns, ficou ótimo!

Agora só vai faltar digitar para colocar no blog. Mande seu texto digitado para seu próprio email, com cópia para mim (cecilia88augusta@gmail.com), pois na terça-feira trabalharemos no blog.

Vamos lá?!

Cecília
22/05/12



tilibra



Aluna: Cibele Martins

Turma: 1^oC

Viagens e Viagens

Minha viagem começou no dia 29 de agosto de 2011. Demorei 24 horas para chegar ao meu destino, Minas Gerais. Staden iniciou em 1548 uma viagem que durou sete anos e meio. Enquanto eu dormi com o batente do ônibus na estrada, Staden viajou pelo mar em caravela, de Portugal a Espanha rumo ao novo mundo da América.

Minha viagem tem um pouco a ver com a vida de Hans Staden, pois foi na época das descobertas do tal "novo mundo" que os escravos vieram para cá. E foram eles que construíram as tantas igrejas tanto de São João del Rey, de Ouro Preto, Tiradentes e Mariana, as quais visitei para minha pesquisa do projeto de iniciação científica.

Em meio aos trabalhos da minha viagem, ocorreram muitas brincadeiras, banho de piscina em Tiradentes, muita convivência, muitos amigos, etc. Mas também tive medo, tanto no hotel na hora de dormir, quanto no ônibus indo para Ouro Preto, pois os professores contaram histórias de um grupo de alunos que, indo para Ouro Preto, morreram e ninguém nunca soube deles, nem eles próprios sabiam que tinham morrido.

Staden naufragou na costa de São Paulo e, um dia, ele foi capturado e levado cativo por uma tribo Tupinambá.



Desde o início, ele tinha percebido que a intenção dos índios Tupinambá era de devorá-lo. Segundo ele conta no livro, ele era constantemente ameaçado de morte.

Minas Gerais era muito diferente da minha cidade. Tanto no modo de vida, a geografia (tinhama muitos morros), e também, uma coisa diferente é o sotaque bem carregado que eu achava até bomtimbo. As casas eram todas diferentes e de construção antigas.

Staden, quando chegou ao "novo mundo", descreveu os nativos como nus e devoradores de homem. O livro que li mostra as questionáveis formas de colonizar empregadas na conquista de outras continentes, mostrando o inevitável choque cultural entre os chamados "selvagens" e "civilizados".

Eu fui para Minas para fazer o trabalho do projeto "Pé na estrada do conhecimento e iniciação científica", em que tinhamos que pesquisar sobre um tema e minha ida para Minas Gerais serviu para fazer o meu projeto e mostrar como era antigamente nas cidades históricas que visitei. Já a viagem de Staden serviu depois para mostrar ao mundo como "realmente" era o "novo mundo", uma visão diferente.

Minha viagem durou cinco dias após conhecer, com muitas lembranças boas e alegres e centras nem tanto. Staden fora resgatado e levado de volta para Portugal por volta de 1554 com, ao meu ver, muitas lembranças.



OS SMURFS

de medo e horror, obtidas com o "enfraquecimento"
em meio aos tupinambás.

Cibele, parabéns, ficou ótimo!
Agora só vai faltar digitar para colocar no blog.
Mande seu texto digitado para seu próprio email,
com cópia para mim (cecilia88augusta@gmail.com),
pois na terça-feira trabalharemos no blog.
Vamos lá?!

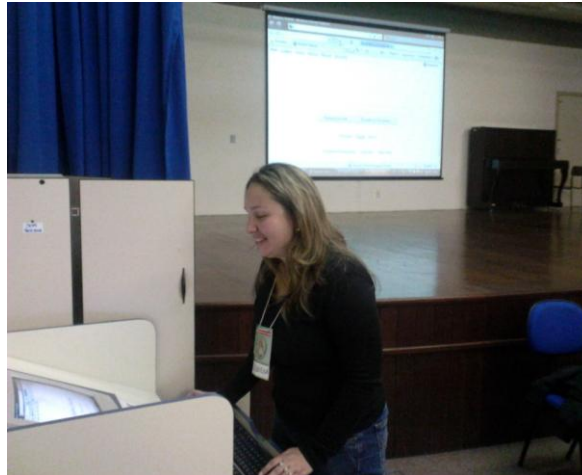
Cecília
22/05/12

Ilans Skidem primeiros registros escritos e ilustrados sobre
o Brasil e seus abtambú (editora terceiro monte)

FORONI



9.5.17 Fotos aulas 15 e 16



9.5.18 Blog da turma

← → ↻ aplicacaorelatodeviagem.blogspot.com.br/p/dicas-de-sites.html

Viajar é preciso, relatar não é preciso

Relatos de viagem escritos pela turma de primeiro ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC

[Início](#) [Dicas de Sites](#) [Livros que relatam viagens](#) [Vídeos](#) [Viagem para as fortalezas](#)

Dicas de Sites

Em uma das aulas, os alunos conheceram alguns sites interessantes sobre relatos de viagens. Confira alguns deles!

Blog *Toda La América Del Sur*, de George Cereça.
Disponível no site: <http://cereca.wordpress.com/> Acesso em 10 de abril de 2012.

Site *Expedições Urbenauta*, de Eduardo Fenianos.
Disponível na página <http://www.urbenauta.com.br/> Acesso em 10 de abril de 2012.

Twitter de @urbenauta (Eduardo Fenianos).
Disponível no site: <https://twitter.com/#1/urbenauta> Acesso em 10 de abril de 2012.

Site *Hoje entendo bem meu pai...*, de Amyr Klink
Disponível na página <http://www.amyrklink.com.br/> Acesso em 10 de abril de 2012.

Quem sou eu



Primeiro ano C Colégio de Aplicação UFSC

[Visualizar meu perfil completo](#)

Arquivo do blog

- ▼ 2012 (10)
 - ▶ Junho (5)
 - ▼ Maio (5)
 - Entre terras e mares
 - Conhecendo outro lugar
 - OXENTI
 - Lages Espera Você
 - Entrando nesta viagem...

Inicio Dicas de Sites Livros que relatam viagens Vídeos Viagem para as fortalezas

Livros que relatam viagens

Em nossas primeiras aulas na turma 1C, lemos alguns relatos de viagem.

Um capítulo do livro "A Fantástica Volta ao Mundo", de Zeca Camargo, foi um desses relatos lidos. Ao ler este livro, você se sente viajando junto com o autor. Ele apresenta diversas fotos e mapas dos lugares visitados e sua estrutura é organizada como se fosse uma revista. Vale a pena conferir!



Outro livro que utilizamos foi "Paratii, entre dois polos", de Amyr Klink. O autor viaja com seu veleiro para os dois polos e nos relata esta aventura com encantadoras descrições. O livro é realmente apaixonante!



Quem sou eu



Primeiro ano C Colégio de Aplicação UFSC

Visualizar meu perfil completo

Arquivo do blog

▼ 2012 (10)

- ▶ Junho (5)
- ▼ Maio (5)
- Entre terras e mares
- Conhecendo outro lugar
- OXENTI
- Lages Espera Você
- Entrando nesta viagem...

Receba notificações em seu email quando um novo post for publicado!

Email address: Submit

Inscreva-se e comente nosso blog!

Postagens

Comentários

Seguidores

Participar deste site

Google Friend Connect

Membros (1)

Viajar é preciso, relatar não é preciso

Relatos de viagem escritos pela turma de primeiro ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC

Inicio Dicas de Sites Livros que relatam viagens Vídeos Viagem para as fortalezas

Viagem para as fortalezas

No dia 17 de maio de 2012, fizemos um passeio de barco pelas fortalezas de Santo Antônio de Ratones e de Santa Cruz de Anhatomirim. Confira algumas imagens do passeio!



Quem sou eu



Primeiro ano C Colégio de Aplicação UFSC

Visualizar meu perfil completo

Arquivo do blog

▼ 2012 (10)

- ▶ Junho (5)
- ▼ Maio (5)
- Entre terras e mares
- Conhecendo outro lugar
- OXENTI
- Lages Espera Você
- Entrando nesta viagem...

Receba notificações em seu email quando um novo post for publicado!

Email address: Submit

Inscreva-se e comente nosso blog!

9.5.19 Auto-avaliação feita pelos alunos da turma 1C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

AUTO-AVALIAÇÃO:

Aluno (a): Cibele Martins Turma 1C - Data: 31/05/12

1. O que você achou das aulas sobre o gênero “Relato de Viagem”, lecionadas pelas estagiárias?

Aulas boas, bem criativas e produtivas

2. Atribua uma nota de 0 a 10 para sua participação e contribuição nas aulas? Justifique.

9 porque as vezes fiquei desatenta na aula, mas participei

3. Você conseguiu compreender os conteúdos lecionados? Restou alguma dúvida?

Sim, elas explicaram bem e deu bem pra entender e sempre resolveu as dúvidas

4. Deixe algum comentário ou sugestão sobre as aulas dirigidas pelas estagiárias.

Ter mais textos muito grande pra ler em sala, texto muito grande pra ler e copiar



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

AUTO-AVALIAÇÃO:

Aluno (a): Camilla de Castro Maria Turma 1C - Data: 31/05/12

1. O que você achou das aulas sobre o gênero “Relato de Viagem”, lecionadas pelas estagiárias?

Achei interessantes porque as estagiárias tentaram dar aulas mais dinâmicas, de formas de leituras.

2. Atribua uma nota de 0 a 10 para sua participação e contribuição nas aulas? Justifique.

Acho que mereço nota 9, porque às vezes me distraí na aula.

3. Você conseguiu compreender os conteúdos lecionados? Restou alguma dúvida?

Não restaram dúvidas, acho que consegui compreender tudo que foi passado.

4. Deixe algum comentário ou sugestão sobre as aulas dirigidas pelas estagiárias.

Acho que as aulas devem conter menos textos grandes e serem lidos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

AUTO-AVALIAÇÃO:

Aluno (a): Juliana Neres Turma 1C - Data: 31/05/2012

1. O que você achou das aulas sobre o gênero “Relato de Viagem”, lecionadas pelas estagiárias?

achei legais e dinâmicas, as estagiárias trabalharam de forma diferente e, muitas vezes, interessantes. Sei achei que a leitura dos trechos dos livros poderia ter sido feita em casa ou individualmente. Mas as discussões em sala foram boas e a produção dos textos também.

2. Atribua uma nota de 0 a 10 para sua participação e contribuição nas aulas? Justifique.

Nota 9, pois acredito que participei bastante das aulas, mas discussões e tive uma boa produção. Apesar disso, não consegui cumprir com todos os prazos.

3. Você conseguiu compreender os conteúdos lecionados? Restou alguma dúvida?

Sim, consegui entender.

4. Deixe algum comentário ou sugestão sobre as aulas dirigidas pelas estagiárias.

achei legal. Parabéns! =>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

AUTO-AVALIAÇÃO:

Aluno (a): Rubeca Rodra da conceição Turma 1C - Data: 31/05/2012

1. O que você achou das aulas sobre o gênero “Relato de Viagem”, lecionadas pelas estagiárias?

Achei uma experiência legal, só que acho que a aula foi feita não foi muito completa

2. Atribua uma nota de 0 a 10 para sua participação e contribuição nas aulas? Justifique.

9,0 pois tive papel que eu conversei no tema na explicação

3. Você conseguiu compreender os conteúdos lecionados? Restou alguma dúvida?

não restou dúvida

4. Deixe algum comentário ou sugestão sobre as aulas dirigidas pelas estagiárias.

não tenho sugestão



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Nara Caetano Rodrigues

AUTO-AVALIAÇÃO:

Aluno (a): Rafael V. Jeremias Turma 1C - Data: 31/05/12

1. O que você achou das aulas sobre o gênero “Relato de Viagem”, lecionadas pelas estagiárias?

Achei que ajudou bastante para o meu
compreendimento.

2. Atribua uma nota de 0 a 10 para sua participação e contribuição nas aulas? Justifique.

9, pois participei e contribuí o
necessário para um bom aprendizado.

3. Você conseguiu compreender os conteúdos lecionados? Restou alguma dúvida?

Bom parte. Sem dúvidas!

4. Deixe algum comentário ou sugestão sobre as aulas dirigidas pelas estagiárias.

Menos textos e tarefas.


9.5.20 Textos dos alunos publicados no Blog da turma

relatodeviagem.blogspot.com.br/2012/05/conhecendo-outro-lugar.html

Conhecendo outro lugar

Por Camila Maia

Cheguei a Minas Gerais de manhã cedinho, mal dormida porque para mim não é fácil dormir em ônibus. Foi uma viagem longa para um passeio escolar, mas comparado com um livro que li, chamado "Comer, Rezar, Amar", na verdade, a viagem seria apenas um passeio. No livro, a personagem relatava uma viagem que fez por alguns lugares específicos e que teve duração de um ano. O passeio que fiz para Minas Gerais durou menos de uma semana: apenas cinco dias, contando com o tempo que levamos para chegar lá, e o tempo de volta para casa, e os dois dias que dormimos nas cidades históricas de Tiradentes, Mariana, Ouro Preto, e São João Del Rey.



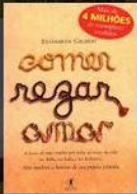
No mesmo livro que citei antes, a personagem Elizabeth viaja para três países diferentes: Itália, Indonésia e Índia. De outro lado, eu e meus colegas apenas conhecemos um dos Estados do nosso país, o qual foi cenário de muitos fatos históricos, portanto sendo muito importante para o que o Brasil é hoje.

A viagem que realizei teve objetivos diferentes (fazer uma pesquisa em campo), já que foi realizada pelo Projeto "Pés na Estrada do Conhecimento", do Colégio de Aplicação da UFSC, do qual tínhamos a atividade permanente de Iniciação Científica na 8ª série, que no meu caso foi ano passado. Na ocasião visitamos antigas Minas de Ouro, museus, casas e monumentos históricos.


A culinária local é um pouco diferente da comida de onde moro, pois são mais pesadas, têm gosto forte e característico, mas ainda assim, são gostosas.

Um "torresminho", um "tutu", doce de leite, e o famoso pão de queijo mineirinho completavam o cardápio das refeições mais típicas da região. Isso me fez lembrar da viagem de Elizabeth, na qual ela experimenta comidas como a típica macarronada italiana, e mesmo parecendo ter outro gosto, às vezes, gostamos muito delas.

Na minha viagem, tirei várias fotos, fiz entrevistas, conheci as cidades; Igrejas bem adornadas, casas simples, ruas de pedra, e um clima não muito estável, descrevem a paisagem das cidades que visitei.



Toda viagem feita tem um objetivo, seja por prazer, trabalho, ou como no livro "Comer, Rezar, Amar", cujo intuito é voltar a sentir uma "vontade de viver". Na viagem que realizei, consegui melhores informações para elaborar meu projeto de Iniciação Científica, além de ter sido muito legal, divertida, e descontraída.



Primeiro ano C. Colégio de Aplicação UFSC

Visualizar meu perfil completo

Arquivo do blog

- 2012 (10)
 - Junho (5)
 - Maio (5)
 - Entre terras e mares
 - Conhecendo outro lugar
 - OXENTI
 - Lages Espera Você
 - Entrando nesta viagem...

Receba notificações em seu email quando um novo post for publicado!

Email address: Submit

Inscreva-se e comente nosso blog!

Postagens

Comentários

Seguidores

Participar deste site

Google Friend Connect

Membros (1)

Já é um membro? [Fazer login](#)

Pesquisar este blog

relatodeviagem.blogspot.com.br


quinta-feira, 7 de junho de 2012

São Joaquim aos Pólos

Por Rabiel Jeremias

Quando eu tinha doze anos, viajei com meu irmão e o meu pai para São Joaquim, Santa Catarina. Nós fomos de carro, um meio não tão confortável, mas penso eu que foi melhor que o de Amyr Klink que viajou durante 22 meses com seu barco *Paratit* entre o polo sul e o norte.


Pelo nosso percurso, paramos em alguns pontos turísticos de Santa Catarina como a Serra do Rio do Rastro, Cascata Veu da Noiva, entre outros.



Cascata Veu da Noiva em Urubici - SC

Após quatro horas sentados no carro, já sentindo o frio da cidade, chegamos ao hotel fazenda. Tive uma boa impressão do lugar, bastante rural e a recepção foi bem gentil. Fomos para o quarto nos acomodar para passar o final de semana e logo fomos andar a cavalo. Depois de uma hora de passeio, com a bunda dolorida, voltamos e fomos jantar em uma pizzaria próxima. Em seguida voltamos para descansarmos.

Com o sol entrando pela janela e os galos cantando, acordamos às 7 horas da manhã para aproveitar bem o dia com as atividades programadas oferecidas pelo hotel. Saimos para começar a programação pelo café da manhã junto aos outros hóspedes, diferente de Klink que suportava o tédio sozinho ou na companhia de pinguins e outros animais.





Sua paisagem em São Joaquim - SC

O que me faz lembrar a viagem é um imã de geladeira e um casaco que hoje já não me serve mais, mas guardo como recordação, como Amyr fez recolhendo pedras nos pólos.

No domingo, arrumamos as malas que ao meio dia a nossa estadia iria acabar, voltamos a Florianópolis e só quando cheguei em casa percebi que o "recreio" tinha acabado.

Livro: "Paratit, Entre Dois Pólos", de Amyr Klink



sexta-feira, 8 de junho de 2012

Viagens e Viagens

Minha viagem começou no dia 29 de agosto de 2011. Demorei 24 horas para chegar ao meu destino, Minas Gerais. Staden iniciou em 1548 sua viagem que durou sete anos e meio. Enquanto eu dormi com o balanço do ônibus na estrada, Staden viajou pelo mar em caravela, de Portugal a Espanha rumo ao novo mundo da América.

Minha viagem tem um pouco a ver com a vida de Hans Staden, pois foi na época das descobertas do tal "novo mundo" que os escravos



as tantas igrejas tanto de São João del Rey, de Ouro Preto, Tiradentes e Mariana, as quais visitei para minha pesquisa de projeto de iniciação científica.

Em meio aos trabalhos da minha viagem, ocorreram muitas brincadeiras, banho de piscina em Tiradentes, muita comilança, muitos micos, etc. Mas também tive medo, tanto no hotel na hora de dormir, quanto no ônibus indo para Ouro Preto, pois os professores contaram histórias morreram e ninguém nunca soube deles,

de um grupo de alunos que, indo para Ouro Preto, nem eles próprios sabiam que tinham morrido.

Staden naufragou na costa de São Paulo e, um dia, ele fora capturado e levado cativo por uma tribo tupinambá. Desde o início, ele tinha percebido que a intenção dos tupinambás era de devorá-lo. Segundo ele conta no livro, era constantemente ameaçado de morte.

Minas Gerais era muito diferente da minha cidade, tanto no modo de vida, a geografia (tinha muitos morros), e também, uma coisa diferente é o sotaque bem carregado que eu achava até bonitinho. As casas eram todas diferentes e de construções antigas.

Staden, quando chegou no "novo mundo", descreveu os nativos como nus e devoradores de homem. O livro que li mostra as questionáveis formas de colonizar empregadas na conquista de outros continentes, mostrando o inevitável choque cultural entre os chamados "selvagens" e "civilizados".



Quem sou eu



Primeiro anio C Colégio de Aplicação UFSC

[Visualizar meu perfil completo](#)

Arquivo do blog

▼ 2012 (10)

▼ Junho (5)

[Viagens e Viagens](#)

[Diferentes formas de se preocupar Por Maria Eduarda...](#)

[São Joaquim aos Pólos](#)

[Viagem escolar para Blumenau](#)

[Uma viagem diferente](#)

► Maio (5)

Receba notificações em seu email quando um novo post for publicado!

Email address: Submit

Inscreeva-se e comente nosso blog!

Postagens

Comentários

Seguidores

[Participar deste site](#)

Google Friend Connect

Membros (1)



9.5.21 Atividade 1 feita pelos alunos da Estagiária Cecília – Turma da
Recuperação de estudos

☺
São Gabriel. 6^ªC

Atividades

- 1- A distração que o lobo usa, e como o caçador o mata.
- 2- Uma menina boa e carinhosa, que usava um chapéu vermelho.
- 3- Para que Amãe a disse para seguir em seu caminho mas ela não seguiu pois obedeceu o que o lobo lhe disse.
- 4- Um bolo e uma garrafa de vinho.
- 5- Chapeuzinho disse ao lobo onde a casa ficou a casa da vovó,
- 6- Pois o lobo comenceu ela.
- 7- Ela não a encontrou, ela encontrou o lobo, que estava deitado vestido com as roupas da vovó.
- 8- O lobo a comeu.
- 9- O caçador.
- 10- Aflix a barriga do lobo enquanto ele dormiu e retirar as duas.
- 11- O caçador salvou as duas e matou o lobo



11- Pondo pedras na barriga do lebre.

12- Ela não deu brabo para o lebre.

13- Não confias em estranhos.

14-



Nome: Valentina



7°C



Dia: 02/05/12






Atividade de texto

Chapeuzinho vermelho

1. A diferença é que na minha versão  que eu conto a chapeuzinho vai ca-
tando para a casa de sua avózin-
 e também que o lobo morre
de outra forma que esta versão.

2. A descrição da personagem principal  é que ela é uma menina boa
e carinhosa e todos querem se lembrar
 dela.

3. O conselho da mãe era para a
menina levar o bolo e uma 
garrafa de vinho para a avó da me-
nina que estava doente e não se
 afastava da estrada.

4. A chapeuzinho estava levando bolo
e vinho 



Nome: Ladislau

- 1- Na minha versão a vizinha e a chapeuzinho vermelho não são engolidos pelo lobo
- 2- Era uma menina tão boa e carinhosa que todos, só de olhá-la, lhe ficavam querendo bem.
- 3- "Quando estiveres lá fora, anda direitinho e não te afaste da estrada; poderás cair e quebrar a garrafa e estragar o lobo". Não.
- 4- Um lobo e uma garrafa de vinho.
- 5- É que a Chapeuzinho vermelho diz como chegar a casa da Vizinha. Assim se a Chapeuzinho vermelho seguir em frente e não falar com o lobo isto não teria acontecido
- 6- Por que o lobo diz para ele ir pelo outro caminho seria mais rápido.
- 7-

///

8- Ela foi engolida pelo lobo.

9- O caçador.

10- Cobrir a barriga do lobo e tirar Chapeuzinho Vermelho e a Vovozinha.

11- O lobo mal morreu

12- Não lhe deu ouvidos e seguindo enfrente

13-

14-

9.5.22 Atividade 2 feita pelos alunos da Estagiária Cecília – Turma da
Recuperação de estudos

maia Clara
6^a série
4

1→ Nessa história tem mais diálogo,
e na outra tem mais texto (menos
diálogo, tem mais comédia, a comida
é diferente

2→ Não.

3→ Mais ou menos pois as perguntas
são iguais mas as respostas são
muito diferentes.

4→ Sim da mãe da chapeuzinho
vermelho, lobo e o caçador.

5→ A avó ficou brava e falou:

"você veio aqui hoje pra me
criticar!"

6→ É mais ou menos, porque quem
ficou mais brava foi a avó.

7→ Seria mais ou menos ou um

Julia

1- É que a história já começa com a voró, e a comida é diferente.

2- Não, a história é totalmente diferente.

3- Mais ou menos mais as respostas são totalmente diferente

4- O caçador e o lobo

5- A voró pula da cama e fala se a chapeuzinho vai criticar a voró

6- Mais ou menos porque a voró que fica brava.

7- O lobo não comeu a voró e o caçador não corta a barriga e brata pedra



Nome: Valentina

Dia: 09/05/12



Problema

de



leitura.

1. A diferença do texto da aula passada é que este texto é ilustrado, animado e também que este texto a no fica com raiva, peluda e que a orelhas dela cresceu de raiva e a chapeuzinho neste texto vai de ~~ab~~ilotando uma moto vez de ir ape.

2. Não pais chapeuzinho vai de moto a casa de sua mãe e também sua mãe tem raiva porque sua melinha da uma guitarra que faz muito barulho a sua mãe.

3. Não porque a ligação do texto é diferente e se passa num local diferente do outro texto.

4. Sim o lobo, caçador e a mãe.

★ 5. Acontece que a mãe coloca a mão na cintura com raiva e a chapeuzinho pulou para traz.

6. Não por que a mãe ficou com raiva e não a chapeuzinho.

7. O caçador entrou na casa da



nó au nez que tornou um
 ranco da nó para ajudala a
 sair do corpo do lobo a
 chapuzinho e a ruvo.

8. gosta da metinha mais critica
 dela de raiva

...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...

...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...

...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...

...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...

9.5.23 Atividade 3 feita pelos alunos da Estagiária Cecília – Turma da Recuperação de estudos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Prática de Ensino do Português II
PROFESSORA: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
ESTAGIÁRIAS: Cecília Augusta Vieira Pinto e Gabriella Ligocki Pedro
ESCOLA: Colégio de Aplicação
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSORA REGENTE: Rafaela Marques Rafael

ATIVIDADE AULA 3

Aluno (a): Edmilson de Souza Lavoura

Recuperação da sexta série - Data: 16/05/12

COMPREENDENDO O TEXTO LIDO

- Após ter lido o conto “Fita Verde no Cabelo”, de Guimarães Rosa, responda as questões abaixo:

1. O que essa história tem de diferente das versões lidas em aulas anteriores? *Tinha um lobo*
2. De acordo com o texto, qual a descrição da personagem principal? *Era linda e tinha uma fita verde*
3. O que a personagem principal estava levando para a vovozinha? *doce em calda*
4. Por que a personagem alterou sua rota? Teve a influência de algum personagem?
5. Assim que a menina chegou à casa da avó, como a encontrou? *Enxima da cama rebuçada e*
6. No diálogo entre Fita-Verde e a vovozinha, as perguntas eram as mesmas das realizadas nas histórias lidas anteriormente? *Não*
7. O que o diálogo entre Fita-Verde e a vovozinha nos leva a pensar? *a uma outra versão de Chapeu Vermelho*
8. O que aconteceu com a vovozinha? *morreu*
9. Você sentiu falta de algum personagem? Qual? *Sim, o lobo*
10. A história confirma a escolha do título? Justifique. *Não, por que não. Tem mais coisa*
11. Que mensagem você pode extrair da leitura deste conto? *Nada não*
12. Houve um final feliz como na versão escrita pelos irmãos Grimm? *Não*
13. Vamos montar um glossário: liste as palavras desconhecidas e tente atribuir um sentido, de acordo com o contexto da história. *ferrolho, encovado e deliquioso*

Referência:

ROSA, Guimarães. *Fita Verde no Cabelo*. In: _____. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

Nome: João Gabriel Ulmer Barbosa da Silva. 6º

1- Não existe lobo, ela usa uma fita verde e o avô morre.

2- Ela usa uma fita verde no cabelo e como o autor diz ela é linda.

3- Um pote com doce em calda.

4- Não teve influência de ninguém.

5- Encontrou a sua avó fraca, com braços finos, lábios arroxeados e estava pálida.

6- Elas são parecidas, mas não são as mesmas.

7- Que a avó está a beira de sua morte, fraquinha e rezinha.

8- A novejinha morre.

9- O lobo e o caçador.

10- ~~Sim~~ Sim; pois ela realmente prova uma fita verde no cabelo, e na parte (nova velha estória) o autor fala que é uma nova versão de uma história (ou estória) antiga.



11- Pelo que eu vejo, se ela fosse pelo caminho
mais curto ela poderia aproveitar mais o outo.

- 1 → A vó não foi comida pelo lobo ^{umavez clara} ~~em~~ 6^o A a cha-
reijinho também.
- 2 → Ela tinha uma fita verde no cabelo,
e tinha juizo.
- 3 → Um doce em calda (num pote) e uma
corta rozea para opomhar framboesas.
- 4 → Porque ela quis, ela não foi imphy-
ciada.
- 5 → Doente.
- 6 → Não.
- 7 → Não pensei que o diálogo me
levar-se a pensar que era o
lobo.
- 8 → Morreu.
- 9 → Do lobo.
- 10 → Sim.
- 11 → Para não ir para o
caminho errado.
- 12 → Não pensava morrer.
- 13 - Não heii

Julia

1- Ela era pta verde e o lobo não
aparece na história. -11

2- Ela não temba juizo e ela temba
pta verde. -51

3- Doe em cautela e semo certa razão
para pegu fomeleuzas

4- Pequeno alca quizz

5- Coleta de adreclora e rozeilha.

6- Não.

7- Eu temba medo do lobo (morte)
Não era o lobo

8- Morreu.

9- Lobo

10- Confiança.

silu

11- Não se distraia e ficar
um tempo só a coisa.

12- Não pegue a coisa inteira.

9.5.24 Atividade 1 feita pelos alunos da Estagiária Gabriella – Turma da Recuperação de estudos

2/05/22

Nome: Gabriel Geolay Andrade

- 1- Nada a conto não tem diferença de que eu contego.
- 2- A personagem usa um chapéu vermelho que sua mãe lhe deu de presente.
- 3- Para ela ir a caminho antes do sol fonte e ir andando direito e não afastar da estrada, a menina não seguir o caminho de mãe.
- 4- Estava levando um bolo e vinho.
- 5- O lobo encontrou a casa da avó conversando com a chapeuzinho e se a mãe ela sussurrou a sua mãe não teve acontecido aquilo.
- 6- A chapeuzinho se ~~deu~~ distraiu porque o lobo fez a cabeça dela.
- 7- A ~~avó~~ encontrou diferente.
- 8- O lobo conversou com ela como se ele fosse a vovó e conseguiu derrotá-la.
- 9- O contador ele que descobriu que a avó e a chapeuzinho estava na cozinha do lobo.
- 10- Logo como resolveu a cortar a cozinha do lobo e tirar eles do estômago.
- 11- Eles ficaram felizes para sempre.
- 12- Ela encontrou o lobo e a mãe deu valor a ela e seguiu sua mãe.

tilibra

13- que não dese obedecer e não confiar nos desconhecidos.

14- não interesse, e intente todas as palavras

02/05/12 - Lauiza Lopes Rosa ♥

Respostas do texto

1. Nada.

2. A personagem principal era bondosa e carinhosa, a avó dela deu um chapéu vermelho para ela, ela gostou tanto que não largava daquele chapéu. Com isso passou a ser chamada de chapeuzinho vermelho.

3. A mãe dela falou pra ela não se afastar da estrada, mas chapeuzinho não seguiu o conselho de sua mãe.

4. Bolo e vinho.

5. Porque a chapeuzinho disse a ele onde ficava. Sim, ela poderia ter seguido o conselho da mãe dela e não dar bolo para o lobo.

6. Porque o lobo falou para ela pegar flores para a vovózinha.

7. Encontrou ela toda esquisita, estava com olhos grandes, boca grande, etc.

8. Chapeuzinho Vermelho foi comida pelo lobo.

9. O coelho.

10. Escutar os roncões da "vovozinha".

11. Os dois lobos morrem, Chapeuzinho e sua avó saem da barriga do lobo e vivem felizes para sempre.

12. Ela sequeu em frente e não deu ouvidos ao lobo.

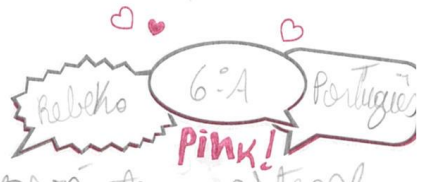
13. Que não devemos confiar em estranhos.

14. Gamela: Um tipo de caldeirão.

D
S
T
Q
Q
S
S

9.5.25 Atividade 2 feita pelos alunos da Estagiária Gabriella – Turma da Recuperação de estudos

1- Isso é mais moderno. Chapeuzinho tem moto e no riu de seu avô tem estrada no outro lado não tem.



2)- hã, pã, Chapeuzinho cresceu e seu avô brigou com ela.

3)- hã, tinha coisas mais modernas.

4)- abra a mãe e o casador.

5)- seu vó abra a mãe na cintura e brega com ela.

6)- hã, porque mãe foi o chapeuzinho que ficou logo foi seu vó.

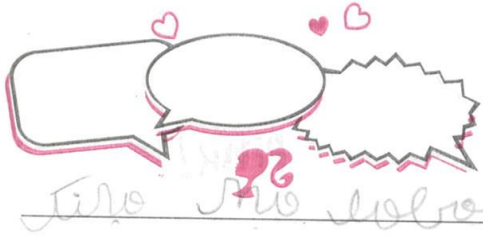
7)- Chapeuzinho vai visitar seu vó, quando chegou lá, vó perguntou:

- O que é isso dentro do cesto?
- A mamãe mandou trazer para o senhor. Logo depois chegou o lobo:
- Quero comer seu vó!
- Porque?

- Porque ele está com o barriga bem grande, com o bico enorme e o dente muito grande.



Chapeuzinho foi até lá e encontrou seu vó.



me sim operou o
colado e deu um

Tiro no lobo.

8) - Que mudou todo a vida de
ello no.

Pretty! Barbie Pink! 
Beautiful! Pretty!



09/05/2012

Recuperação de Português!

Greicy Leicia da Costa.

1. Na outra a história é mais séria e essa é mais engraçada.

2. Que no final a vovó não fica brava e sim come todo mundo.

3. Não, porque no final a vovó faz uma pergunta mas no filme não fala e no filme ela não tem moto e na história ela já tem.

4. Sim, da mãe, dos caçadores e etc.

5. A vovó ficou brava, levantou de cama e perguntou se a chapeuzinho só foi lá para criticar ela.

6. Não, porque quem fica com raiva é a vovó não a chapeuzinho.

7. Seria muito confuso, pois o texto normal não tem muita narração, apenas falas se botar mais falas ficaria muito confuso.

8. Que as vezes mesmo sendo ja grande **Sweetness** ser um pouco sobre esses contos de fadas.





... porque o conto pode ser engraçado,
divertido...

9. Não há palavras desconhecidas.

Sweetness



9.5.26 Atividade 3 feita pelos alunos da Estagiária Gabriella – Turma da Recuperação de estudos

Andri

Fita Verde no cabelo

- 1) Essa história é triste, e acontecimento das sustras.
- 2) Ela não usa chapéu vermelho ela usa uma fita verde.
- 3) Doce em calda, e o cisto estava regio, que busca framboesa.
- 4) Ela preferiu ficar ficando.
- 5) Quase morrendo.
- 6) foi tudo falado acontecimento.
- 7) foi bastante triste.
- 8) Ela morreu
- 9) O lobo e a mãe
- 10) Sim, Ela usava uma fita verde de inseto um capote vermelho.
- 11) Que e pra escolher os caminhos melhor
- 12) Não
- 13) Ferrolho, incruado, velharom,

tilibra



Compreender o texto lido:

- 1- Nessa história não tem lobo, e no final a vovozinha morre e o lugar que se passa a história não é o mesmo
- 2- Ela tinha uma fita verde no seu cabelo e umaoplexia
- 3- Ela está lavando um rosto com um pote que tinha doce em calda
- 4- Ela mudou por que quis e ninguém influenciou ela
- 5- Ela encontrou sua mãe com defluo, fezes e isso
- 6- mais ou menos
- 7- Ela vai morrer e tem subito que morre de repente ela não vai conseguir mais falar com sua netinha
- 8- Ela morre de repente
- 9- Sim o lobo e o caçador
- 10- Sim Porque ela usava uma fita verde

1. Éssa a vovó morre no final e nas outras não.

2. Que ela tinha uma fita verde.

3. Uma cesta vazia e um pote com doces.

4. A mamãe em que mandou.

5. Com os olhos para dentro, os braços magros, a boca pálida (morrendo)

6. Não, porque a anterior a vovó levanta bravo e beta a mão na cintura e pergunta se ela tinha ido lá para critica-la

7. Morte da avó.

8. morreu

9. Sim, caçadores, lobo...

10. Sim

11. nenhuma

12.

13. sobejadamente; arreçados; encorado.

Sweetness